FLORES PARA ALGERNON



DANIEL KEYES

DANIEL KEYES

FLORES PARA ALGERNON

Tradução:
Luisa Geisler



Para minha mãe
e em memória de meu pai.

Sobre Algernon e Charlie

Publicado pela primeira vez em 1959 na forma de um conto e em 1966 como um romance epistolar, *Flores para Algernon*, de Daniel Keyes, foi um sucesso de público e crítica – o conto ganhou o prêmio Hugo e o romance, o prêmio Nebula.

Keyes teve sua primeira inspiração para *Flores para Algernon* na época em que escrevia roteiros de histórias em quadrinhos para Stan Lee. Mas algo lhe disse que ele deveria guardar aquela ideia para seu sonho de escrever um livro. Ele levou anos para reunir todas as inspirações para este romance, que vão desde artigos acadêmicos até a *Poética*, de Aristóteles.

O incentivo final, entretanto, veio de um de um aluno. Keyes lecionava inglês em uma turma especial de jovens com baixo Q.I. quando um estudante lhe procurou perguntando se, caso se esforçasse o bastante, poderia se tornar inteligente.

A pergunta do garoto e sua vontade de ser inteligente comoveram Keyes da mesma forma que Charlie Gordon comove seus leitores. Os avanços intelectuais e emocionais do personagem são visíveis até na forma como ele escreve os relatórios de progresso – a princípio repletos de erros de grafia, seus textos vão progressivamente ganhando uma escrita mais normativa. Não apenas o aspecto formal, mas também os pensamentos e a maneira de se expressar do personagem vão mostrando as mudanças em sua sorte e em seu destino, em uma história que nos envolve em uma série de reflexões existenciais e sociais.

Flores para Algernon já foi adotado como leitura obrigatória em diversas escolas nos Estados Unidos e adaptado para uma peça musical da Broadway (*Charlie and Algernon*, 1978) e para o filme *Charly*, de 1968, que rendeu a Cliff Robertson o Oscar de Melhor Ator. É um clássico da literatura norte-americana e um marco da ficção científica contemporânea, com questionamentos perturbadores e duradouros.

Os editores

“Quem quer que seja dotado de um pouquinho de senso, continuei, há de lembrar que de dois modos e por duas causas perturba-se a visão: na passagem do claro para a escuridão e vice-versa: das trevas para a luz. Refletindo que a mesma coisa se dá com a alma, sempre que a vir debater-se em tais dificuldades e incapaz de discernir seja o que for, em vez de rir à toa, procurará saber se é por acabar de sair de uma vida mais luminosa e por falta de hábito que as trevas a dominam, ou se na passagem da ignorância para a luz fica ofuscada pelo efeito da claridade muito intensa. No primeiro caso, felicitará a alma pelas dificuldades presentes e por sua maneira de viver; no outro, a lastimará; e se tiver vontade de rir à sua custa, menos fora do propósito seria a gargalhada nesse caso do que com referência à alma que acabara de descer da luz...”

Platão, *A República* [tradução de Benedito Nunes]

RELATORIO DE PROGRESO 1

3 de marsso – Dotor Strauss diz que eu deveria iscrever o que eu penso e mi lembra de tudo que acontese de agora endiante. Não sei por que mas ele diz que é importante e então eles vão poder ver se vão mi usar. Quero que eles mi usem porque a professora Kinnian disse que tal vez eles possão mi fazer intelijente. Eu quero ser intelijente. Eu mi chamo Charlie Gordon, trabalho na padaria Donners onde o senhor Donner mi dá 11 dolares por semana e pão e bolu se eu quero. Tenho 32 anos de idade e fasso aniversario mes que vem. Eu avizei o dotor Strauss e o professor Nemur que não sei iscrever certo mas eles mi dizem que não importa eles mi dizem que eu só deveria iscrever como falo e como escrevo as redassões da aula da professora Kinnian no instituto beekmin pra adultos retardados onde eu vou e estudo treis vezes na semana depois do servisso. Dotor Strauss diz pra mim iscrever muinto tudo que aconteser com migo mas eu não sei pensar em mais detalies porque eu não tenho nada pra iscrever então vou deichar assim por enquanto... atensiosamente Charlie Gordon.

RELATORIO DE PROGRESO 2

4 de marsso – Fis um teste hoje. Acho que fui mal e tal vez agora não poçam mi usar. Acontese que fui no escritorio do professor Nemur no horario de almoço como mi mandaram e a secretária dele mi levou pra um lugar que dizia depto psiquiatria na porta com um corredor grandi e muintas salas, cada uma com só uma mesa e diversas caderas. E tinha um senhor simpático em uma das salas e ele tinha uns cartões brancos com uns borrões encima. Ele disse pode senta Charlie fica comfortável e relacha. Ele tinha um casaco branco como um dotor mas eu não acho que ele era dotor. Porque ele não mandou abri a boca e falar ah. Tudo que ele tinha eram os cartões brancos. Ele si chamava Burt. Eu esqueci do sobrenome dele porque não mi lembro muito certo.

Eu não sabia o que ele queria faze e mi sigurei firme na cadera quinem quando as vezes eu vou no dentista só que o Burt não era dentista mas ficava mi falando pra relachar e isso mi assusta porque sempre quer dize que vai due.

Daí o Burt disse Charlie o que você ve neste cartão. Eu via a tinta borada e eu mi assustei bastante mesmo que eu tenha o meu pede coelio porque quando eu era mais novo eu sempre ia mau nas provas da escola e eu borava a tinta da caneta também.

Eu disse pro Burt que via tinta borada numa carta branca. O Burt disse que sim e sorriu e aquilo mi tranquilisou. Ele mostrou todos os cartões e eu disse nossa alguém derrubou tinta vermelha e preta por todos os lados. Eu achei que era um teste bem faciu mas quando eu mi levantei o Burt mi xamou e disse pode si senta Charlie ainda falta um poco. Tem mais coisa pra faze com essas ilustrassões. Eu não entendi muito bem mas mi lembro do dotor Strauss dizendo pra mim fazer tudo o que o especia lista mandase mesmo que parecese doido porque testes são desse geito.

Eu não mi lembro muito certo o que o Burt disse mas eu mi lembro que ele queria que eu disese o que tinha na tinta. Eu não via nada na tinta mas o Burt disse que tinha imajens ali. Eu não via nenhuma imajem. Eu tentei enchergar deverdade. Eu levantei os cartões e aprossimei e afastei do meu rosto bem diperto e bem dilonge. Aí eu avizei que os meus óculos tal vez ajudasem a ver. No diadia só uso meus óculos no cinema ou pra ver televisão mas eu falei que pode se que ajudem a enchergar as tais imajems na tinta. Coloquei os óculos e falei então agora vou ver esse cartão denovo aposto que agora eu discubro.

Eu tentei muito mas ainda não conseguia ver as imajens eu só via a tinta. Eu esspliquei pro Burt que pode ser que eu precize de óculos novos. Ele anotou trossos num papel dele e eu fiquei com medo de ir mau na prova. Daí eu disse que era um cartão bonito com uns pingos coloridos por todos us cantus mas ele fes que não com a cabeça e eu intendi que não era o que ele queria. Eu perguntei se outras peçoas viam alguma coiza na tinta e ele disse que sim elas imajinam um quadro apartir dos borrões di tinta. Ele essplicou que as manxas no cartão se xamavam borrão de tinta.

O Burt é muito simpático e ele fala de vagar quinem a Kinman fas na aula dela aonde eu vou aprender leitura e escrita pra adultos de vagares. Ele essplicou que a prova era um teste de Rô Shaque. Ele disse que as peçoas veem coizas na tinta. Eu disse mi mostra onde. Ele não mostrou ele só insistiu Charlie *pensa* um poco usa a imajinação como si ouvesse algo difato no cartão. Eu falei que imajino uma sujeira borrada. Ele fes que não com a cabeça e ficou claro qui eu

tinha errado denovo. Ele disse no que isso te fas pensar finge que é algo. Eu fexei os olhos por um bom tempo pra fingi então eu disse isso mi fas pensar num pote de tinta que derramaram numa pilha de papel branco. Ele quebrou a ponta do lapiz meio cem quere então ele si levantou e saiu.

Eu axo quinao passei no teste de Rô Shaque.

RELATORIO DE PROGRESO 3

5 de marsso – Dotor Strauss e o professor Nemur disseram que a tinta nas cartas não importa. Eu tentei avizar que não fui eu quem sujou as cartas e eu sincera mente não consegui ver nada. Eles disseram que tal ves ainda mi usem. Eu avizei o dotor Strauss que a professora Kinnian nunca tinha feito uma prova daquele geito oseja eu só fazia provas de leitura e escrita. Ele falou que a professora Kinnian insisstiu muito pra mim ser avaliado porque eu era o melhor aluno dela no Instituto Beekman pra adultos retardados e eu fiz o melhor que eu pudia porque eu quero muito ser uma peçoa menos inbesil e aprender e eu inclusive quero mais que os colegas que sabem mais do que eu.

O dotor Strauss mi perguntou como é que você chegou no Instituto Beekman sozinho Charlie. Como você discubriu. Aí eu disse que não mi lembrava.

Aí o professor Nemur disse mas por que você quiz aprender a le e escreve pra comesso de com versa. Eu disse que toda minha vida eu quiz ser intelijente e não burro e minha mãe sempre falou pra mim tentar e mi esforçar quinem a professora Kinnian fala mais é muinto difícil ser intelijente e mesmo quando eu aprendo algo na aula da professora Kinnian no instituto eu mi esqueço bastante.

O dotor Strauss anotou umas coizas num formulario e o professor Nemur mi olhou com muinta seriedade. Ele disse sabe Charlie nós não temos serteza de como esse isperimento vai resulta nas peçoas porque nós apenas tentamos até agora com mamiferos menoris bixos mesmo. Eu disse que foi isso que a professora Kinnian mi disse mas eu não mimporto se duer ou qualquer coisa porque eu sou forte e mi esforsso.

Eu quero mi torna intelijente se eu puder. Eles disserão que precisam pegar as permissões com a minha familia mas o meu tio Herman que costumava cuida de mim já morreu e eu nem mi lembro muito da minha familia. Eu não vejo minha

mãe ou pai ou minha irmã menor a Norma des di muito tempo. Tal vez eles tenhão morrido também. O dotor Strauss quiz sabe onde eles costumavam mora. Eu acho qui viviam no Brooklin. Ele disse que ia checar si conseguiria entrar incontato.

Espero que não mi façam escreve esses relatorios de progreso por muito tempo porque demora bastante e eu acabo indo durmi muito de pois do horário normal e eu fico cem energia no serviço amanhã toda. O Gimpy gritou com migo porque eu derrubei uma bandeja xeia de paezinhos crus que eu levava pro forno. Esses paezinhos sujarão e ele teve que limpar com um pano antes di botar pra cusinhar. O Gimpy sempre grita com migo quando eu faço alguma coisa poco certa, mas ele gosta bastante de mim porque ele é meu amigo. Nossa se eu ficar intelijente ele vai si surprender de mais.

RELATORIO DE PROGRESO 4

6 de marsso – Eu tive mais provas malucas hoje pra caso eles mi usem. O lugar era o mesmo, mas mudaram a sala de teste. A senhora simpática que mi deu o teste mi disse o nome dele e eu perguntei como si escrevia pra mim poder por no meu relatorio de progreso. TESTE DE PERCEPÇÃO TEMÁTICA. Eu não entendi bem as duas palavras do final mas eu sei o que é um teste. Você tem que passar sinão você tira nota baicha.

O teste parecia faciu porque eu pudia ve as fotos. Isso mi deixo confuzo. Só que dessa ves ela não queria que eu dissessi o que eu via nas fotos. Eu esspliquei pra ela que ontem o Burt mi mando dize o que eu via nos borrões. Ela disse que não importava porque esse teste era pra otra informassão. Agora você tem que inventar istórias sobre as peçoas nas imajens Charlie.

Daí eu disse como é que eu vou contar istórias de peçoas que eu não conheço. Ela falou pra faze de conta mas eu já avizei que não era mimtiroso. Eu não conto mimtiras porque quando eu era menor eu inventava mimtiras e apanhava muito porcausa disso. Eu tenho uma foto na cartera de mim com a Norma e com o tio Herman que trabalhava de fachinero na padaria Donners antes de falece.

Eu falei que pudia inventar istórias sobre eles porque eu morei com o tio Herman por bastante tempo mais a senhora não queria sabe deles. Ela disse que

esse teste e o otro de Rô Chaque são pra personalidade. Eu ri. Eu perguntei como é que você discobre uma coisa dessa de umas cartas sujas e umas fotos de jente qui você nem conhece. Ela paresia braba quando pegou as fotos de volta. Eu não mimporto.

Axo que fui mau nesse teste também.

Eu dezenhei umas imajens pra ela mas eu não dezenho muito certo. Depois o outro especia lista Burt do casaco branco voltou o nome dele é Burt Selden e ele mi levou a um lugar diferente que dizia LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA na porta e ainda era no quarto andar da Universidade Beekman. Burt esplicou que PSICOLOGIA quer dizer mentes e LABORATÓRIO é um lugar onde são feitus muitos isperimentos. Eu axava que ele quiria dize o lugar onde se inventa novos sabores de balas e xicletes mais agora eu sei que é um lugar com jogos tipo quebra cabessas porque foi isso que a gente fes.

Eu não arrumei o quebra cabessa muito certo porque stava tudo raxado e as partes quebradas de um não sincaixavam nas entradas dos otros. Um dos jogos era um papel com linhas retas em todas as direções e um monte de cuadrados. Em um lado dizia COMEÇO e nuotro lado dizia FIM. O Burt mi disse que aquilo também era um *quebra cabessa* mas um desses com lapiz então eu deveria partir de onde dizia COMEÇO até chegar aonde dizia FIM cem atravessar nenhuma das linhas.

Eu não entendi bem esse quebra cabessa e nós usamos muintas folhas de papel. Então o Burt mi disse olha vou te mostrar uma coiza vem com migo pro laboratório essperimental pode se que você entenda a ideia. Nós subimus pro quinto andar em outra sala com muintas jaulas com bixos tipo muitos macacos e ratos. O cheiro era esquisito tipo um monte de lixo e restos de cumida. E tinha mais peçoas com cazacos brancos brincando com os bixos então eu achei que era tipo uma clinica veterinária mais não tinha nenhum cachorro. Burt pegou um rato branco de uma jaula e mi mostrou. Burt disse esse daqui é o Algernon e ele pode fazer o quebra cabessas du labirinto muito certo. Eu disse pra ele nossa mi mostra como é que ele fas.

Bom mais qui surpriendente ele colocou Algernon numa caicha grandi qui nem uma meza mas com um monte de voltas e reviravoltas tipo com um monti de murus e paredis e um COMEÇO e um FIM quinem tinha no papel. Mais a

deles tinha uma protessaum de tela por cima da meza grande. E Burt pegou o relógio e levantou uma portinha dicorre e disse vamo lá Algernon e o rato xeirou 2 ou 3 veses e comessou a corre. Primeiro ele avançou por um grandi coredor e aí quando ele viu que não pudia mais seguir ele voltou onde comessou e ficou parado ali por um instanti ajitando u bigode. Daí ele saiu numa outra diressão e comessou a corre denovo.

Era quaze comu si ele estivesse fazendu a mesma coiza que o Burt queria que eu fizesse com as linias no papel. Eu fiquei rindo por que pensei qui ia ser uma coiza difisel pra um rato. Mas daí o Algernon continuou indo por todo caminho daquelhi trosso escoliendo as rotas certas até que saiu onde dizia FIM e ele solto um xiado. Burt dis qui quer diser que ele tinha ficado feliz por que fes uma coiza certa.

Noça eu disse quirrato esperto. Burt disse você gostaria de conpetir com o Algernon. Eu disse claru e ele disse que tinha um otro tipo de quebra cabessas feito de madera com fileiras marcadas nele e um bastão elétrico comu um lapiz. E eli pudia fazer o quebra cabessas du Algernon ficar igual aquele daí nós dois pudiamos fazer o mêsmo tipo.

Ele mecheu todazas taboas da meza do Algernon porque elas si separam e ele pudia monta de vários geitos. E daí ele colocou a protessaum encima di novo pro Algernon não pular nenhuma fileira pra xegar no FIM. Daí ele mideu o bastão elétrico e mi mostrou como coloca entre as fileiras e esplicou como colocar em diferentes fileiras e disse qui não pudia levanta du tabuleiro era só siguir as partes marcadas até o lapiz não poder se mecher mais ou eu ia levar um levichoque.

Ele pegou seu relójio e paresia tentar esconder aquilo. Daí eu tentei não olhar muito pra ele e isso mi deichou bem nervouso.

Quando ele disse vai eu tentei ir mas não sabia praonde ir. Eu não sabia qual caminho pegar. Daí ouvi Algernon xiando da caicha na mesa com os pezinhus aranhando comu si ele já estivesse correndo. Comesei a avansar mas peguei o caminho errado e fiquei prezo e levei um choquinho nos dedos daí voltei para o COMEÇO mas todazaz vezes que eu ia por uma outra diressão eu ficava prezo e um xoque. Não duia nem nada mas mi fasia pular e Burt disse que era pra mi mostra qui eu tinha escolhidu errado. Eu tinha chegado na metade do tabulero

quando ouvi Algernon xiar como si estivesse felis di novo e isso quer dizer qui ele ganhou a corrida.

E as outras dez vezes que repitimus Algernon ganhou todas as veses por que eu não cunseguia axar as fileiras certas pra chegar onde dizia FIM. Eu não mi senti mal porque eu vi Algernon e aprendi como terminar o quebra cabessas mesmo que demori muito tempo.

Eu não sabia que ratos eram tão intelijentes.

RELATORIO DE PROGRESO 5

6 de marsso – Encontraram minha irmã Norma qui vivi com minha mãe no Brooklin e ela autorizou a operassão. Daí eles vão mi usar. Eu mi sinto tão empolgado que mal consigo iscrever. Mas professor Nemur e dotor Strauss tiveram uma discução sobri isso antes. Eu tava sentado no escritório do professor Nemur quando dotor Strauss e Burt Selden entraran. Professor Nemur si preocupava com mi usar mas o dotor Strauss disse qui eu paresia o melhor que já aviam testado. Burt disse que professora Kinnian mi recomendou comu o melhor de todas as pessoas que ela encinava no centro pra adultos retardados. Onde estudo.

O dotor Strauss disse que eu tinha algo que era muito bom. Ele disse que eu tinha uma boa motorvasão. Eu nunca soube qui tinha isso. Eu mi sinti bem quando ele disse que nem todo mundo com um QI de 68 tinha esse trosso comu eu tinha. Eu não sei o que era ou onde eu tinha consiguido mais ele disse que Algernon também tinha. A motorvasão de Algernon era o quejo que colocavam na caicha dele. Mas não podi ser só isso por que eu não comi nada de quejo essa semana.

Professor Nemur se preocupava se o meu QI ficaria muito alto pelo fato de ele ser muito baicho e eu ficaria duente. E dotor Strauss esplicou ao professor Nemur alguma coiza que não entendi então in quanto eles falavam eu anotei algumas das palavras no caderno para atualisar meu relatorio de progreso.

Ele disse Harold e esse é o primeiro nome do professor Nemur eu sei que Charlie não é o que você tinha em mente comu o primeiro de sua nova gera ação de super-homens ***não consegui pegar a palavra *** intelec**. Mais a maioria

das peçoas com niveis tão baichos são host** e não cooperat** eles são geralmente lentos e apat** e difiseis de a ceçar. Charlie tem uma boa naturesa e intereçe além de estar ancioso pra agradar.

Daí o professor Nemur disse lembre ele será o primero serumano na istoria a ter a intelijensia ampliada por meios sirurgicos. O dotor Strauss disse é exatamente isso que quis diser. Ondi é que vamos incontrar um outro adulto retardado com essa tremenda motorvasão pra aprender. Olie como ele aprendeu bem a ler e iscrever pra sua baicha idade mental. Uma conqui*** imen**.

Não consegui pegar todas as palavras e eles falavam muito de pressa mas parecia que o dotor Strauss e Burt estavam do meu lado e o professor Nemur não.

Burt ficou disendo que Alice Kinnian axa que ele tem uma ismaga** vontade de aprender. Ele inclusive implorou pra ser uzado. E isso é verdade por que eu quiria ser isperto. Dotor Strauss si levantou e caminhou pela sala e disse eu digo que uzemos Charlie. E Burt fes que sim com a cabessa. Professor Nemur cossou a cabessa e esfregou o naris com o dedão e disse tal ves vocês tenham rasão. Vamos uzar Charlie. Mas temos que faselo entender que muitas coizaz podem dar errado com o isperimento.

Quando ele disse isso fiquei tão felis e animado que mi levantei num pulo e apertei a mão dele por ser tão bom com migo. Acho que ele se açustou quando fis isso.

Ele disse Charlie nós trabaliamos nisso por muito tempu mas apenas com animais como Algernon. Temos certesa de que não averá danu fisicu pra você mas há outras coizas que não podemos afirmar até tentar. Quero que você entenda que podi faliar e então nada aconteceria. Ou até podi ter êzito temporariamente e depois deichalo pior do que agora. Você intende o que isso quer diser? Si isso aconteser nós vamos ter de envialo de volta pra vive na residensia pública Warren.

Eu disse qui não mimportava por que não tenhu medo de nada. Sou muito forte e sempre faço o ben e além disso tenho o meu pede coelio e nunca quebrei um espelio na vida. Eu derrubei umas louças uma ves mas isso não conta pra má sorti.

Daí o dotor Strauss disse Charlie mesmo que isso falie você estará fasendo

uma imença contribuisão a ciênsia. Esse isperimento foi ben sucedido em muitos animais mas nunca foi testado em seres umanos. Você será o primeiru.

Eu disse brigado dotor você não vai si arepender por mi dar minha sigunda xance como diz a professora Kinnian. E eu falava sério. Depois da operasão vou tentar ser esperto. Vou tentar com toda minha força.

RELATORIO DE PROGRESO 6

8 de marsso – Tô com medo. Muinta jente que trabalia na faculdadi e as peçoas da iscola di medicina vieram mi desejar sorti. Burt mi trousse umas flores e disse que eram das peçoas do departamento de psicologia. Ele mi desejou sorti. Espero que eu tenha sorti. Tenho meu pede coelio e minha mueda da sorti e minha feradura. O dotor Strauss disse não seja tão superticiozo Charlie. Isso é ciensia. Eu não sei o que é ciensia mas todo mundo fica falandu dela então devi ser algo qui ajuda a ter sorti. De qualquer forma vou ficar com meu pede coelio na mão e minha mueda da sorti na outra mão com um buracu. A mueda, quer dizer. Eu quiria poder levar minha feradura junto mas ela é pezada então vou deixar no meu cazaco.

Joe Carp da padaria mi trousse um bolo de chocolate do senhor Donner e o peçoal da padaria e eles esperam qui eu meliore logo. Na padaria eles pensam que estou duente por que é isso que o professor Nemur disse que eu divia contar pra eles e nada sobre a sirugia pra ficar intelijente. Isso é segredo até depois cazo não funsione ou algo de errado.

Então a professora Kinnian veio mi ve e ela trousse umas revistas pra ler e ela paresia um pouco nervoza e assustada. Ela ageitou as flores na minha meza e colocou tudo bonito e limpo não bagunssado como eu deicho. E ela arumou o travisseiru de baixo da minha cabessa. Ela gosta muito de mim porque eu tento muito aprender tudo ao contrário de muinta jente no centro pra adultos retardados que não simportam muito. Ela quer que eu fique esperto. Eu sei.

Daí o professor Nemur disse que eu não pudia ter mais nenhuma visita por que tenho que descansar. Perguntei ao professor Nemur se puderia venser Algernon na corrida depois da sirugia e ele disse tal ves. Se a sirugia funcionar vou mostrar praquele rato que posso ser tão intelijente quanto ele até mais. Então

vou poder ler melhor e iscrever as palavras bem e saber um monte de coizas e ser que nem as outras peçoas. Nossa isso ia surprender todo mundo. Se a operassão der serto e eu ficar esperto tal ves eu poça encontrar minha mãe e pai e irmã e mostrar pra eles. Nossa eles iam ficar muito surprendidos de mi ver intelijente que nem eles e minha irmã.

O professor Nemur disse que si funcionar e for permanente eles também vão fazer outras peçoas espertas como eu. Tal ves peçoas de todos os lugares do mundu. E ele disse que isso quer diser que istou fazendo algo incrivel pra ciensia e vou ser famozo e meu nomi vai aparecer em livros. Não mimporto muito em ser famoso. Só quero ser esperto como as outras peçoas para poder ter amigus que gostam de mim.

Não mi deram nada pra comer hoje. Não sei o que comer tem a ver com ficar intelijente e tenho fome. Professor Nemur levou em bora meu bolo de chocolate. Esse professor Nemur é um maumorado. O dotor Strauss disse que podem mi devolver depois da operassão. Você não pode comer antes de uma operassão. Nem quejo.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 7

11 de março – A sirugia não dueu. O dotor Strauss fes tudo em quanto eu dormia. Não sei como porque não vi mais acontece que tinha curativos nos olhos e na cabessa por uns 3 dias então não pudi fazer nenhum RELATÓRIO DE PROGRESSO até hoje. A infermera magrinha que mi olhou iscrever disse que iscrevi PROGRESSO errado e minsinou como iscrever RELATÓRIO também e MARÇO. Tenho que lembra disso. Tenho uma memória ruim pra iscrita. De qualquer forma eles tiraram os curativos dos meus olhos hoje então posso fazer um RELATÓRIO DE PROGRESSO agora. Mas ainda tem uns curativos na minha cabessa.

Eu tive medu quando entraram e mi disseram que era ora de ir pra operassão. Eles mi fiseram sair da cama pra outra cama que tinha rodas e eles mi pucharam pra fora do quarto passando pelo coredor pra uma porta que dis sirugia. Nossa eu fiquei muito surpreso que era uma sala jigante com paredes verdes e muitos medicos sentados lá encima entorno da sala assistindo a operassão. Eu não sabia

que ia ser como uma aprezentassão.

Um homem veio até minha meza todo vestido de branco e com um panu branco no rosto como em programas de televizão e luvas de borraxa e disse relaxa Charlie sou eu dotor Strauss. Eu disse oi dotor tenio medo. Ele disse não a nada pra ter medo Charlie ele disse você só vai durmir. Eu disse é disso que tenho medo. Ele fes carinho na minha cabessa e então 2 outros omens também de mascara branca vieram e prenderam meus brassos e pernas daí eu não pudia mexer eles e isso mi deu muito medo e meu stomagu si apertou como si eu fosse mi moliar ali mesmo mais eu não moliei nada nenhum pouquinho e ia comessar a chorar mais colocaram um trosso de borracha no meu rosto pra respirar dele e tinha um xeiro engrassado. O tempo todo eu ouvia o dotor Strauss falando em vos alta da sirugia contando pra todo mundo o que ele ia faser. Mas eu não intendi nada daquilo e fiquei pensando que tal ves depois da operassão eu vou ser intelijente e vou intender todas essas coizas que ele fala. Daí respirei fundo e daí acho que eu estava muito cansado por que peguei no sono.

Quando acordei já tinha voltado pra minha cama e estava muito escuro. Eu não consiguia ver nada mas ouvi jente falando. Era a infermeira e Burt e eu disse qual o problema por que vocês não ligam a lus e quando vão operar. E eles riram e Burt disse Charlie já acabou. E está escuro por que você tem curativos sobre os olhos.

É uma coisa engrasada. Fizeram tudo em quanto eu durmia.

Burt vem mi ver todos os dias pra iscrever todas as coizas como minha temperatura e preção e as outras coizaz sobre mim. Ele disse que é por cauza do método sientifico. Eles tem que registrar o que acontese pra que poçam repetir o procedimento quando quiserem. Não em mim mais nas outras peçoas como eu que não são intelijentes.

É por isso que tenho que fazer esses relatórios de ~~pogersso~~ progresso. Burt diz que é parte do isperimento e que vão fazer cópias dos relatórios pra estudar e saber o que está acontesendo na minha cabessa. Não intendo como vão saber o que está acontecendo na minha cabessa olhando esses relatórios. Eu leio e releio um monte de vezes pra ver o que iscrivi e eu não sei o que está acontesendo na minha cabessa então como é que eles vão fazer isso.

Mas de qualquer forma isso é siencia e tenho que tentar ser intelijente como

as outras peçoas. Daí quando eu ficar intelijente eles vão falar comigo e vou poder sentar e ouvir como Joe Carp e Frank e Gimpy fasem quando eles falam e tem discuções sobre coizas importantes. Enquanto trabalham eles comessam a falar de coizas como deus ou sobre o problema que é o prezidenti gastar tanto dinhero ou sobre os republicanos e democratas. Eles ficam ben ouro içados como si fossem briga daí o senhor Donner tem que ir e mandar todo mundo volta a cozinhar ou vão todos pra rua com ou sem sindicato. Eu quero falar de coisas assim.

Se você é intelijente você podi ter muitos amigos pra conversar e você nunca fica solitário sosinho o tempo todo.

O professor Nemur dis que não tem problema contar das coizas que acontesen comigo nos relatórios de progresso mas ele dis que eu devia iscrever mais sobre o que sinto e o que penso e mi lembrar do passado. Eu disse pra ele que não sei como pensar ou lembrar e ele disse só tente.

O tempo todo que os curativos ficaram nos meus olhos tentei pensar e mi lembrar mas nada aconteseu. Não sei sobre o que pensar ou lembrar. Tal ves si eu perguntar pra ele ele vai mi diser como eu posso pensar agora quieu deveria ficar intelijente. Sobre o que pensam ou si lembram as peçoas intelijentes. Coizas chiques aposto. Eu queria já saber umas coizas chiques.

12 de março – Não tenho que iscrever RELATÓRIO DE PROGRESSO no topo de cada dia quando comesso uma nova fornada depois do professor Nemur levar as antigas em bora. Só tenho que por a data no topo. Isso economisa tempo. É uma boua ideia. Posso mi sentar na cama e olhar pela janela pra grama e pras árvores do lado de fora. O nome da infermeira magrinha é Hilda e ela é muito gentiu comigo. Ela mi tras coizas pra comer e ageita minha cama e ela dis que fui um omem muito corajoso de deichar fazerem coizas na minha cabeça. Ela dis que ela nunca deixaria que fisessem isso na cabeça dela nem por todo o xa na China. Eu disse que não era pelo xa da China. Era pra mi deichar intelijente. E ela dis que eles não tem direito de mi deichar intelijente porque si deus mi quizesse intelijente ele teria mi feito nascer intelijente. E não sisqueça de Adão e Eva e o pecado com a árvore do coniecimento e comer a masã e a queda. E tal ves o professor Nemur e o dotor Strauss estivessem sintrometendo em coisas que não tinham direito de sintrometer.

Ela é bem magra e quando ela fala o rosto dela fica todo vermelho. Ela diz que tal vez eu devesse orar a deus e pedir que ele perdoe o que mi fizeram. Eu não cumi nenhuma masã ou fiz nada de pecado. E agora tenho medo. Tal vez eu não devesse ter deichado operarem no meu cérebro como ela disse si é contra deus. Não quero deichar deus brabo.

13 de março – Trocaram minha infermeira hoje. Essa é bunita. O nome dela é Lucille ela mi mostrou como iscrever para os meus relatórios de progresso e ela tem cabelo amarelo e olhos asuis. Perguntei onde estava Hilda e ela disse que Hilda não trabalhava mais naquela parti do hospital. Só na maternidade perto dos bebes onde não importa si ela fala de mais.

Quando perguntei pra ela sobre o que era maternidade ela disse que era a parte onde ficavam os bebes mais quando perguntei de onde eles vinham ela ficou com o rosto vermelho que nem a Hilda e disse que tinha que tirar a tem peratura de alguém. Ninguém nunca mi conta dos bebes. Tal vez si esse trosso funsionar vou ficar intelijente e discobrir.

A professora Kinnian veio mi ver hoje e disse Charlie você está ótimo. Contei pra ela que mi sentia ben mas não mi sentia intelijente ainda. Eu pensava que quando a sirugia acabasse e tirassem os curativos dos meus olhos eu já seria intelijente e saberia muintas coisas então eu poderia ler e falar de coisas importantes como todo mundo.

Ela disse não é assim que funsiona Charlie. Vem bem de vagar e você tem que si esforçar muito pra ficar intelijente.

Eu não sabia disso. Si eu tinha que mi esforçar muito de qualquer forma por que é que eu fiz a sirugia então. Ela disse que não tinha certesa mas a sirugia era pra fazer com que quando eu mi esforçasse de fato eu iria gravar as coizas ao contrário de antes quando eu não gravava muito ben.

Bom eu disse pra ela isso fez eu mi sentir meio mal porque eu pensava que iria ser intelijente dimediato e eu iria poder voltar e mostrar pro peçoal da padaria como eu estava intelijente e falar com eles sobre coizas e tal vez até ser um assistente de padeiro. Daí eu iria tentar encontrar minha mãe e pai. Eles ficariam surprezos de ver como fiquei intelijente por que minha mãe sempre quis que eu fosse intelijente também. Tal vez eles não mi mandassem em bora mais se

enxergassem como fiquei intelijente. Contei pra professora Kinnian que iria mi esforçar muito pra ser intelijente o máximo que conseguia. Ela fes carinho na minha mão e disse eu sei que vai. Eu acredito em você Charlie.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 8

15 de março – Já saí do ospital mas não voltei a trabalha. Nada está acontesendo. Tive muitos testes e diferentes tipos de corridas com Algernon. Odeio aquele rato. Ele sempre mi vense. O professor Nemur dis que tenho que jogar esses jogos e tenho que fazer esses testes várias e várias vezes.

Os quebra cabessas são istupidos. E as imajens são istupidas também. Gosto de dezenha fotos de um omem e uma mulher mas não vou inventar mintiras sobre as peçoas.

E ainda não consigo fazer os quebra cabessas direito.

Tenho dor de cabessa de tentar pensar mi lembrar de tanta coiza. O dotor Strauss prometeu que ia mi ajudar mas ele não ajuda. Ele não mi conta o que pensar ou quando vou ficar intelijente. Ele só mi faz deitar num sofá e falar.

A professora Kinnian vem mi ver na universidadi também. Eu disse pra ela que nada estava acontesendo. Quando vou ficar intelijente. Ela disse você tem de ter pasiencia Charlie essas coisas demoram um tempo. Vai aconteser tão lentamenti que você não vai notar que está acontesendo. Ela disse que Burt contou a ela que eu estava meliorando ben.

Eu ainda acho que as corridas e os testes são istupidos e axo que iscrever esses relatórios de progresso é istupido também.

16 de março – Almoçei hoje com Burt no restaurante da universidadi. Eles tem todos os tipos de comida gostosa e eu não tenho que pagar por nada. Gosto de sentar e olhar os alunos e alunas. Eles fazem bagunça as vezes mas na maior parte do tempo falam de todos os tipos de coisa como os padeiros da padaria Donners. Burt diz que falam de arte e pulitica e relijião. Não sei sobre o que são essas coizas mas sei que relijião é deus. Minha mãe costumava mi contar tudo dele e das coisas que ele tinha arranjadu para faser o mundo. Ela disse que eu sempre deveria amar deus e orar pra ele. Eu não mi lembro de como orar pra ele

mas axo que minha mãe mi fazia orar muito pra ele quando eu era criança que ele deveria faser eu ficar melhor e não doente. Eu não mi lembro de como eu estava doente. Eu acho que tinha a ver com eu não ser intelijente.

De qualquer forma Burt dis que se o isperimento funsionar vou poder intender todas essas coisas que os istudantes discutem e eu disse você axa que vou ser intelijente como eles e ele riu e disse essa garotada não é tão intelijente assim você vai ultrapassalos como se estivessem parados.

Ele mi aprezentou pra muitos dos istudantes e alguns deles mi olharam engraçado como si eu não deve si estar na universidadi. Quase misqueci e comecei a contar pra eles que logo iria ser muito intelijente como eles mas Burt mi interrompeu e disse pra eles que eu estava limpando o laboratório do departamento de psicologia. Mais tarde ele esplicou que não pode a ver nenhuma publisidade. Isso quer diser que é um segredu.

Eu não intendi muito bem por que tenho que guardar isso como segredu. Burt dis que é pra caso aja alguma falia o professor Nemur não quer todo mundo rimdo dele ispecialmente as peçoas da fundassão Welu Berg que deu dinhero pro projeto. Eu disse que não ligo si as peçoas rirem de mim. Muinta jente ri de mim e eles são meus amigos e a gente si diverte. Burt colocou o brasso entorno dos meus ombros e disse não é com você que Nemur está preucupado. Ele não quer que as peçoas riam dele.

Eu não achava qui as peçoas ririam do professor Nemur por que ele é um sientista em uma universidadi mas Burt dis que nenhum sientista é um omem notavel pros seus colegas e alunos da após graduação. Burt é um studante de após graduação no campu de psicologia qui nem o nome na porta do laboratório. Eu não sabia que pisicologia podia ter campo. Axei qui era só em fasenda.

De qualquer forma espero ficar intelijente logo porque quero aprender tudo que eziste no mundo como os garotos da universidadi sabem. Tudo sobre arte, pulitica e deus.

17 de março – Ao acorda esta manhã dimediato pensei qui já estaria intelijente mais não estou. A cada manhã axo que vou estar intelijente mas nada acontese. Tal vez o isperimento não tenha funsionado. Tal vez eu não va ficar intelijente e vou ter que viver na residência Warren. Odeio os testes e odeio os quebra

cabessas e odeio Algernon.

Eu nunca soube antis que era mais burro que um rato. Não quero mais iscrever relatórios de progresso. Eu misqueço das coisas e mesmo quando iscrevo no meu caderno as vezes não consigu ler minha própria letra e é muito difisel. Professora Kinnian diz que tenho que ter pasiencia mas mi sinto cansado e sem vontade. E tenho dores de cabessa o tempo todo. Quero voltar a trabaliar na padaria e não quero mais iscrever relatórios de ~~pregr~~ progresso.

20 de março – Vou voutar a trabaliar na padaria. O dotor Strauss disse pro professor Nemur que era melhor eu voltar a trabaliar mais eu ainda não posso esplicar pra ninguém sobre o que foi a sirugia e eu tenho que ir pro laboratório duas horas depois do trabalio todas as noites pros testes e pra iscrever esses relatórios inbecis. Eles vão mi pagar toda a semana como um trabalho de meio turno por que isso fasia parte do acordo quando pegaram o dinhero da fundassão Welberg. Ainda não sei o que esse trosso Welberg é. Professora Kinnian mi explicou mas eu ainda não intendi. Então se eu não fiquei intelijente por que é que estão mi pagando pra iscrever essas coisas idiotas. Se eles vão mi pagar eu vou faser. Mas é muito difícil iscrever.

Estou felis de voltar a trabaliar porque sinto fauta do meu trabalho na padaria e todos os meus amigos e de como a gente se diverte.

O dotor Strauss dis que eu deveria manter um caderno no bolsu pra cazo eu lembre de augo. E não tenho que faser os relatórios de progresso todos os dias só quando eu mi lembrar de augo ou augo espessial aconteser. Eu disse pra ele que nada de espessial acontesia comigo e não pareçe que esse isperimento espessial vai aconteser também. Ele dis não fique dizanimado Charlie porque demora muito tempo e você não vai notar inmediatamente. Ele explicou como demorou muito tempo com Algernon antes de ele ficar três vezes mais intelijente do que era antes.

É por isso que Algernon mi vence todas as vezes naquele quebra cabessa porque ele teve a sirugia também. Ele é um rato espessial o primeiro animal a ficar intelijente tanto tempo depois da sirugia. Eu não sabia que ele era um rato espessial. Isso muda as coizas. Eu provavelmenti poderia faser aquele quebra cabessas mais rápido que um rato normal. Talvez um dia eu vensa o Algernon.

Nossa isso ia ser imcrivel. O dotor Strauss dis que até agora Algernon paresi que seguirá intelijente permanentementi e ele diz que é um bon sinal por que nós dois tivemos o mesmo tipo de operassão.

21 de março – Nós nos divertimos muito na padaria hoje. Joe Carp disse ei olha onde o Charlie fez a sirugia o que é que eles fizeram Charlie colocaram um cérebro finalmente. Eu ia contar pra ele sobre ficar intelijente mas lembrei que o professor Nemur disse que não. Então Frank Reilly disse o que é que você fez Charlie abriu a porta do geito mais difícil. Isso mi fez rir. Eles são meus amigos e eles realmente gostam de mim.

Teim muito trabalio pra recuperar. Eles não tinham ninguém pra limpar o lugar por que esse era o meu trabalho mas eles contrataram um novo garoto Ernie pra faser as entregas que eu sempre fasia. Senhor Donner disse que decidiu não demitir o garoto por enquanto pra mi dar a oportunidadi de descansar e não fazer tanto esforsso. Eu disse pra ele que estava bem e eu posso fazer minhas entregas e limpar tudo como sempre fis mas senhor Donner dis que vamos ficar com o garoto.

Eu disse então o que é que vou fazer. E senhor Donner mi deu um tapinha no ombro e disse Charlie quantos anos você tem. Eu disse 32 anos e faço 33 no meu próximo aniversário. E faz quanto tempo que você está aqui ele disse. Eu disse que não sabia. Ele disse você veio pra cá dezessete anos atrás. Seu tio Herman deus o tenha era meu melior amigo. Ele trousse você pra cá e pidiu que eu deixasse você trabaliar aqui e cuidasse de você o melior que eu pudia. E quando ele morreu dois anos depois e sua mãe internou você na residência Warren eu fiz eles liberarem você por contratu de trabalio izterno. Já faz dezessete anos Charlie e quero que você saiba que a industria de pani ficassão não está tão bem mas como sempre disse você tem um trabalho aqui por toda a sua vida. Então não si preocupe com a chegada de novas peçoas pra tomar o seu lugar. Você nunca vai precisar voltar pra aquela residência Warren.

Eu não mi preocupo com isso só com pra que ele precisa de Ernie pra intregar e trabalhar por aqui quando eu sempre intregava os pacotes direito. Ele dis o garoto precisa do dinhero Charlie então vou ficar com ele como aprendis pra ensinalo a ser padeiro. Você pode ser seu açistente e ajudar nas intregas quando ele precisar.

Eu nunca tinha sido açistenti antes. Ernie é muito isperto mas as outras peçoas da padaria não gostam muito dele. Eles são todos bons amigos meus e nós contamos muintas piadas e nos divertimos aqui.

As vezes alguém vai diser ei olha só Frank, ou Joe ou até Gimpy. Ele realmente deu uma de Charlie Gordon aquela vez. Eu não sei por que disem isso mas eles sempre riem e eu riu também. Hoje de manhã Gimpy ele é o padeiro principal e ele tem um pé ruim e ele manca ele usou meu nome quando gritou com Ernie porque Ernie perdeu um bolu dianiversário. Ele disse Ernie pelamor de deus você está tentando virar um Charlie Gordon. Eu não sei por que ele disse isso. Eu nunca perdi nenhuma intrega.

Perguntei pro senhor Donner se eu puderia aprender pra ser um aprendis de padeiro como Ernie. Eu disse que puderia aprender se ele mi desce uma chance.

Senhor Donner olhou pra mim por muito tempo engrassado porque axo que eu não falo muito na maior parte do tempo. E Frank mi ouviu e ele riu e riu até o senhor Donner mandar calar a boca e cuidar do forno. Daí senhor Donner mi disse tem muito tempo pra isso Charlie. O trabalio de um padeiro é muito importanti e complicadu e você não divia si preocupar com coisas assim.

Eu quiria poder contar pra ele e pras outras peçoas sobre minha sirugia de verdade. Eu quiria que ela já estivesse funsionando pra eu ser intelijente que nem todo mundo.

24 de março – O professor Nemur e o dotor Strauss vieram no meu quarto na noite de hoje pra saber por que eu não vou ao laboratório como eu divia. Eu disse pra eles que não quiria mais competir com Algernon. O professor Nemur disse que não preciso por um tempo mas eu divia ir de qualquer forma. Ele mi troxe um presenti só que não era um presenti era só emprestado. Ele disse é uma máquina dinsinar que funsiona como uma televizão. Ela fala e fas imajens e eu tenho que ligar antes de ir durmir. Eu disse você está de brincadeira. Por que eu divia ligar a televizão antes de ir durmir. Mas o professor Nemur disse que se eu quero ficar intelijente eu tenho que fazer o que ele dis. Daí eu disse pra ele que não achava que ia ficar intelijente de qualquer forma.

Daí o dotor Strauss se aprossimou e pos a mão no meu ombro e disse Charlie você não sabe ainda mas você está ficando mais intelijente o tempo todo. Você

não vai obi ser var por um tempo como você não nota quando o ponteiro da hora de um relógio se move. É assim que são essas mudanças em você. Elas estão acontesendo tão lentamente que você não consegue notar. Mas nós conseguimos acompanhala pelos testes e pela maneira que você fala e age e pelos seus relatórios de progresso. Ele disse Charlie você tem de ter confiansa em nós e em você mesmo. Não podemos ter certeza si será permanente mas temos confiansa que em breve você vai ser um rapaz muito intelijente.

Eu disse tudo bem e o professor Nemur mi mostrou como operar a televizão que não era uma televizão de verdadi. Eu perguntei pra ele o que é que ela fasia. Primeiro ele pareceu azedo denovo porque eu pidi pra ezplicar e ele disse que eu divia simplismente fazer o que ele dizia. Mas o dotor Strauss disse que ele divia mi explicar porque eu estava comessando a questionar autor idade. Não sei o que isso quer dizer mas professor Nemur parecia prestes a arrancar o próprio lábio a mordidas. Daí ele explicou muito de vagar que a máquina fazia muintas coisas na minha mente. Algumas coizas ela fazia logo antes de eu pegar no sono como mi ensinar coisas quando eu estivesse muito sonolento e um pouco depois que eu começasse a pegar no sono eu ainda ouço as falas mesmo se não enchergo mais as imajens. Outras coizas que ela divia faser é mi faser sonhar e mi lembrar de coizas que aconteceram muito tempo atrás quando eu era uma criancinha.

É açustador.

Ah é eu mi esqueci. Perguntei ao professor Nemur quando posso voltar pra aula da professora Kinnian no centro pra adultos e ele disse que em breve a professora Kinnian viria ao centro de testes da universidadi pra minsinar particular. Fico feliz com isso. Eu não vi ela muito desde a sirugia mas ela é legal.

25 de março – Aquela televizao maluca mi deichou acordado a noite toda. Como posso dormir com um troço gritando um monte de coisas doidas nos meus ouvidos a noite toda. E as imajens isquisitas. Uau. Eu não intendo o que ela diz quando estou acordado então como vou intender dormindo. Falei com Burt sobre isso e ele dis que não tem problema. Ele dis que meu cerebru aprendi logo antes de eu pegar no sono e isso vai mi ajudar quando a professora Kinnian começar minhas aulas no centro de testes. O centro de testes não é um ospital pra bixos como pensei antes. É um laboratório pra siencia. Não sei bem o que é siencia

esseto que estou ajudando ela com esse isperimento.

De qualquer forma não sei não com essa televizão. Acho maluquisse. Se você podi ficar intelijente quando vai dormir por que as peçoas vão pra escola. Não acho que esse trosso vai funcionar. Eu costumava ver programas de entrevista tarde da noite e bem tarde da noite na televizão o tempo todo antes de durmir e nunca mi deichou intelijente. Tal vez só alguns filmes façam você intelijente. Tal vez só programas de perguntas e respostas.

26 de março – Como vou trabalhar durante o dia se aquele trosso fica mi acordando durante a noite. No meio da noite acordei e não consigui pegar no sono denovo porque ela ficava falando *lembrisse*... *lembrisse*... *lembrisse*... Então axo que mi lembrei de algo. Não mi lembro ezatamente mas tinhaver com a senhora Kinnian e a escola onde aprendi a ler. E como fui pra lá.

Muito tempo atrás eu perguntei ao Joe Carp como ele tinha aprendidu a ler e será que eu pudia aprender também. Ele riu como ele sempre fas quando digo algo engrassado e ele mi dis Charlie por que disperdissar seu tempo eles não podem melhorar um cerrebru de quem não tem nenhum. Mas Fanny Birden mi ouviu e ela pidiu pro primo dela que é um istudante na universidadi Beekman e ela mi contou sobre o centro de adultos pra peçoas retardadas na universidadi de Beekman.

Ela iscreveu o nome num papel e Frank riu e disse não fique todo cultu que depois você não vai fala com seus velhos amigos. Eu disse não si preocupe vou sempre lembrar dos meus velhos amigos mesmo quando eu puder ler e iscrever. Ele estava rindo e Joe Carp estava rindo mas Gimpy entrou e os mandou voltar a fazer rolos. Eles são todos bons amigos meus. Depois do trabalho caminhei seis quadras até a escola e estava com medo. Estava tão felis que ia aprender a ler que comprei um jornau pra levar pra caza comigo e ler depois de aprender.

Quando cheguei lá tinha um corredor grande e comprido cheio de jente. Fiquei com medo de diser algo errado pra alguém daí comessei a voltar pra caza. Mas não sei por que eu mi virei e entrei dinovo.

Esperei até a maioria das peçoas ir em bora esseto algumas peçoas que caminhavam perto de um relójio de ponto como o que temos na padaria e perguntei pra moça si eu poderia aprender a ler e iscrever porque eu quiria ler

todas as coisas do jornal e eu mostrei pra ela. Ela era a professora Kinnian mas eu não sabia disso. Ela disse si você vier amanha e si registrar eu vou começar a ensinar você a ler. Mas você tem que entender que vai demorar tempo tal vez anos pra aprender a ler. Eu disse pra ela que não sabia que demorava tanto mas eu quiria aprender de qualquer forma porque eu fingia muintas vezes. Quer dizer eu finjia pras peçoas que sabia ler mas não é verdade e eu quiria aprender.

Ela apertou minha mão e disse prazer em conhecelo senhor Gordon. Vou ser sua professora. Pode mi chamar de professora Kinnian. Então é ali que fui aprender e é ali que conheci a professora Kinnian.

Pensar e mi lembrar é difisel e agora eu não durmo tão bem mais. Aquela televizão é muito barulhenta.

27 de março – Agora que comessei a ter esses sonhos e mi lembrar das coizas o professor Nemur diz que tenho que ir a seções de terapia com dotor Strauss. Ele diz que seções de terapia é como quando você se sente mal você fala pra ficar melhor. Eu disse a ele que não mi sentia mal e já falava muito o dia inteiro então por que eu tenho que ir a seções de terapia mas ele ficou azedo e disse que tenho que ir de qualquer forma.

Terapia é ter que deitar em um sofá e o dotor Strauss se senta numa cadeira perto de mim e eu falo de qualquer coisa que mi vem a cabessa. Por muito tempo eu não disse nada porque não consiguia pensar em nada pra dizer. Então eu contei a ele sobre a padaria e sobre as coisas que fazem lá. Mas é inbecil que eu tenha que ir ao escritório dele e mi deitar no sofá pra falar porque eu iscrevo nos relatórios de progresso de qualquer forma e ele pode ler. Então hoje eu trousse os relatórios de progresso comigo e disse a ele que quem sabe ele podia só ler tudo e eu iria tirar uma soneca no sofá. Eu estava muito cansado porque a televizão mi deichou acordado a noite toda mas ele disse não não é assim que funsiona. Eu tenho que falar. Então eu falei mas então eu peguei no sono no sofá de qualquer jeito – bem no meio.

28 de março – To com dor de cabessa. Não é da televizão dessa vez. O dotor Strauss mi mostrou como deixar a televizão num volume baixo então agora posso dormir. Não ouço nada. E eu ainda não entendo o que ela diz. Algumas

vezes eu a ligo de manhã pra discobrir o que aprendi antes de pegar no sono e em quanto eu estava dormindo e eu nem entendo as palavras. Talvez seja outro indioma ou algo assim. Mas na maior parte das vezes soa americano normal mesmo. Mas ela fala muito rápido.

Perguntei ao dotor Strauss pra que servia ficar intelijente no sono se eu queria ser intelijente acordado. Ele diz que é tudo a mesma coisa e eu tenho duas mentes. Existe a INCONSCIENTE *e a* CONSCIENTE (é assim mesmo que se escreve) e uma não dis a outra o que está fazendo. Elas nem se falam. É por isso que sonho. E nossa eu tenho tido uns sonhos malucos. Uau. Desde essa televizão noturna. Os programas de televizão bem bem bem bem tardes.

Esqueci de perguntar ao dotor Strauss se era só eu ou se todo mundo tinha duas mentes assim.

(Acabei de procurar a palavra no dissionario que o dotor Strauss mi deu. INCONSCIENTE. *adj. Referente à natureza de operações mentais, mas não presente na consciência; p.e. um conflito inconsciente de desejos*.) Tem mais mas eu ainda não sei o que quer diser. Esse não é um dissionario muito bom pra peçoas como eu.

De qualquer forma a dor de cabessa é da festa. Joe Carp e Frank Reilly mi convidaram pra ir com eles depois do trabalho ao Hallorans Bar pra tomar uns drinques. Não gosto de beber uísque mas eles disseram que a gente ia se divertir muito. Eu mi diverti. Nós brincamos umas brincadeiras em que eu tinha que dançar encima do balcão do bar com a parte de cima de um abajur na cabessa e todo mundo ria.

Daí Joe Carp disse que eu divia mostrar pras garotas como eu limpava o banheiro na padaria e mi deu um esfregão. Eu mostrei pra eles e todo mundo riu quando eu contei que o senhor Donner disse que eu era o melhor fachineiro e garoto de entregas que ele já tinha tido porque eu gosto do meu trabalho e faço tudo direito e nunca mi atraso ou falto um dia esseto pela minha sirugia.

Eu disse que a professora Kinnian sempre falou Charlie se orgulhe do seu trabalho porque você faz seu trabalho muito direito.

Todo mundo riu e Frank disse que a professora Kinnian deve ser muito engrassada se ela gosta do Charlie e Joe disse ei Charlie você está se pegando com ela. Eu disse que não sabia o que aquilo quiria dizer. Eles mi deram muintas

bebidas e Joe disse Charlie é uma figura quando fica doidão. Acho que isso quer dizer que gostam de mim. Nós nos divertimos bastante mas mal posso esperar pra ser intelijente como meus melhores amigos Joe Carp e Frank Reilly.

Eu não mi lembro de como a festa acabou mas eles mi pediram pra ir até a isquina ver se estava chovendo e quando voltei não tinha ninguém. Talvez eles tenham ido mi procurar. Procurei por eles por todos os lados até ficar tarde. Mas mi perdi e mi senti mal por mi perder porque aposto que Algernon consiguiria subir e descer essas ruas umas miu vezes e não se perder como eu fiz.

Daí eu não mi lembro muito direito mas a senhora Flynn diz que um pulicial gentil mi trouxe de volta pra casa.

Naquela mesma noite sonhei com minha mãe e meu pai só que eu não consiguia ver o rosto dela era todo branco e ela estava borrada. Eu chorava porque nós estávamos numa grande loja de departamentos e eu estava perdidu e não consiguia achalos e eu corria pra cima e pra baixo pelas prateleiras e por todos os grandes balcões da loja. Então um omem veio e mi levou pra uma grande sala com bancos e mi deu um pirulitu e mi disse que um garotão como eu não divia xorar porque minha mãe e meu pai viriam mi buscar.

De qualquer forma foi esse o sonho e eu tenho uma dor de cabessa e um grande caroço na cabessa e marcas azuis e pretas pelo corpo todo. Joe Carp dis que tal vez o pulicial tenha mi dado uma lição ou mi atropelado. Eu não acho que puliciais façam coisas assim. Mas de qualquer forma eu acho que nunca mais vou beber uísque.

29 de março – Derotei Algernon. Eu nem sabia que o tinha derotado até Burt Selden mi dizer. Então perdi na segunda vez porque fiquei tão empolgado. Mas depois disso eu vensi ele mais oito vezes. Eu devo estar ficando intelijente pra vencer um rato esperto desses como Algernon. Mas eu não mi sinto mais intelijente.

Eu queria competir um pouco mais mas Burt disse que por hoje chega. Ele mi deichou pegar Algernon um pouquinho. Algernon é um bom rato. Macio como algodão. Ele pisca e quando ele abre os olhos eles são pretus com roza nas bordas.

Perguntei se pudia alimentalo porque mi sentia mal de telo derrotado e queria

ser legal e fazer amigos. Burt disse não Algernon é um rato muito especial que fez uma sirugia como a minha. Ele era o primeiro dos animais a permanecer intelijente por tanto tempo e ele disse que Algernon é tão intelijente que tem que solucionar um problema com uma fexadura que muda a cada vez que ele vai comer de maneira que ele tenha que aprender algo novo pra conseguir comida. Isso mi deichou triste porque se ele não pudesse aprender ele não comeria e ficaria com fomi.

Não acho certo ter que fazer um teste pra comer. Será que o Burt ia gostar de ter que passar num teste sempre que quisesse comer. Acho que Algernon e eu seremos amigos.

Isso mi lembra de uma coiza. O dr. Strauss dis que eu divia iscrever todos os meus sonhos e coizas que penso pra quando eu for ao seu escritório eu possa contalas. Eu disse a ele que não sabia como pensar ainda mas ele diz que coisas como o que escrevi sobre meus pais e como comecei a ir a escola com a professora Kinnian ou qualquer coisa que tenha acontecido antes da cirurgia isso é pensar e eu escrevi nos relatórios de progresso.

Eu não sabia que estava pensando e mi lembrando. Talvez isso queira dizer que algo está acontesendo comigo. Eu não mi sinto diferente mas estou tão empolgado que não consigo dormir.

O dr. Strauss mi deu umas pílulas cor de rosa pra mi fazer dormir direito. Ele dis que tenho que dormir muito porque é quando a maior parte das mudanssas acontece na minha menti. Deve ser verdade porque tio Herman costumava dormir no sofá velho da sala de estar lá na nossa casa o tempo todo quando ele não tinha imprego. Ele era gordo e era difícil pra ele conseguir um emprego porque ele costumava pintar as casas das peçoas e ele ficou muito devagar subindo e descendo a escada.

Uma vez quando contei a minha mãe que queria ser pintor como tio Herman minha irmã Norma disse é claro Charlie vai ser o artista da família. E meu pai deu um tapa no rostu dela e disse pra ela não ser tão groça com o próprio irmão. Eu não sei o que um artista é mas se Norma levou um tapa por dizer isso axo que não deve ser algo bom. Eu sempre mi sintia mal quando Norma apanhava por ser cruel comigo. Quando eu ficar intelijente vou vizitala.

30 de março – Hoje a noite depois do trabalho a professora Kinnian foi a sala de aula próxima ao laboratório. Ela paresia felis de mi ver mas nervoza. Ela parece mais jovem do que eu mi lembrava. Eu disse a ela que estava mi esforçando muito para ser intelijente. Ela disse eu tenho confiansa em você Charlie a maneira como você sisforçou tanto pra ler e iscrever melhor que todos os outros. Eu sei que você consegue. Na pior das ipoteses você vai ser o rei do mundo por um tempinho e você está fazendo algo pra outras peçoas retardadas.

Começamos a ler um livro bem difisel. Eu nunca tinha lido um livro tão complicado antes. Ele se chama Robinson Crusoe sobre um homem que é abandonado numa ilia deserta. Ele é intelijente e discobre todos os tipos de coisa pra poder ter uma casa e comida e ele nada muito bem. Só que eu tenho pena dele porque ele está todo sozinho e não tem amigos. Mas eu acho que deve ter outra peçoa na ilia porque tem uma foto dele com o guarda-chuva engraçado dele olhando pegadas. Espero que ele consiga um amigo e não fique tão sozinho.

31 de março – A professora Kinnian mi insina a iscrever melhor. Ela dis olhe essa palavra e feche seus olhos e repita denovo e denovo até se lembrar. Tenho muinta dificuldade com palavras como *exceção* que você diz ECESSÃO e como *exemplo* e *enxerido* que você não diz eCEmplo ou enCErido. Você tem que dizer eZEmplo e enXErido. É assim que eu costumava iscrever antes de começar a ficar intelijente. Eu ainda mi confundo mas a professora Kinnian diz não se preocupe ortografia não faz muito sentido mesmo.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 9

1º de abril – Todo mundo na padaria veio me ver hoje onde eu começava meu novo trabalho como misturador de massa. Aconteseu assim. Oliver que trabalha misturando se demitiu ontem. E eu costumava ajudalo antes de trazer os sacos de farinha pra ele colocar na batedeira industrial. De qualquer forma eu não sabia que sabia operar a batedeira. É muito difícil e Oliver foi para a escola de padeiros por um ano antes de aprender como ser um assistente de padeiro.

Mas Joe Carp ele é meu amigo ele disse Charlie por que você não fica com o trabalho do Oliver. Todo mundo do andar se ~~aprosi~~ aproximou e estavam rindo e

Frank Reilly disse isso Charlie você já está aqui a tempo ~~sufisi~~ suficiente. Vá em frente. Gimpy não está por perto e ele não vai saber que você tentou. Eu estava com medo porque Gimpy é o padeiro principal e ele me disse pra nunca chegar perto da batedeira porque eu iria me machucar. Todo mundo disse vá em frente exceto Fanny Birden que disse parem com isso por que vocês não deixam o pobre homem em paz.

Frank Reilly disse cala a boca Fanny é primeiro de abril e se Charlie mexer na batedeira ele pode dar um geito direitinho pra todo mundo ter o dia de folga. Eu disse que não pudia arrumar a máquina mas eu pudia operala porque eu tinha observado Oliver desde que voltei.

Eu operei a batedeira de massa e todo mundo ficou surpreso especialmente Frank Reilly. Fanny Birden ficou empolgada porque ela disse que Oliver demorou dois anos pra aprender a misturar direito a massa e isso que ele tinha ido pra escola de padeiros. Bernie Bate que ajuda com a máquina disse que eu misturei mais rápido e melhor que Oliver. Ninguém riu. Quando Gimpy voltou e Fanny contou o que aconteceu ele ficou azedo comigo por mexer na batedeira.

Mas ela disse pode ver e olha como ele faz. Eles estavam pregando uma peça de primeiro de abril mas foi ele quem pregou a peça neles. Gimpy me assistiu e eu sabia que ele estava azedo comigo porque ele não gosta quando as peçoas não fazem o que ele manda que nem o professor Nemur. Mas ele viu como eu operava a máquina e coçou a cabeça e disse estou vendo mas não acredito. Então ele chamou o senhor Donner e me mandou operar a máquina de novo pro senhor Donner poder ver.

Eu tinha medo que ele fosse ficar furioso e gritasse comigo então depois que terminei eu perguntei será que posso voltar pro meu próprio trabalho agora. Eu tenho que varrer a frente da padaria atrás do balcão. Senhor Donner olhou engraçado pra mim por muito tempo. Então ele disse isso deve ser algum tipo de peça de primeiro de abril que vocês estão pregando em mim. Qual é a pegadinha.

Gimpy disse foi o que eu pensei que era algum tipo de truque. Ele mancou em torno de toda a máquina e disse ao senhor Donner eu também não entendo mas Charlie sabe lidar com a máquina e tenho que admitir que ele faz um trabalho melhor que Oliver.

Todo mundo estava amontoado em torno e falando disso e eu fiquei com

medo porque todo mundo olhava engraçado pra mim e estavam todos empolgados. Frank disse eu disse que tinha algo diferemte no Charlie ultimamente. E Joe Carp disse é entendi o que você quer dizer. Senhor Donner mandou todo mundo voltar a trabalhar e me levou pra frente da loja com ele.

Ele disse Charlie eu não sei como você consiguiu mas parece que você finalmente aprendeu algo. Quero que tome cuidado e faça o melhor que conseguir. Você conseguiu um novo emprego com um almento de 5 dolares.

Eu disse eu não quero um emprego novo porque gosto de limpar e varrer e entregar e fazer coisas pros meus amigos mas senhor Donner disse não importam seus amigos eu preciso de você pra esse trabalho. Eu não tenho muito respeito por um homem que não quer avançar.

Eu disse como assim avançar. Ele coçou a cabeça e me olhou por cima dos óculos. Deixa pra lá isso Charlie. De agora em diante você opera a batedeira. Isso é avançar.

Então agora ao invés de intregar encomendas e lavar os banheiros e levar o lixo pra fora, eu sou o novo misturador de massa. Isso é avançar. Amanhã vou contar a professora Kinnian. Acho que ela ficará feliz mas não sei por que Frank e Joe estão bravos comigo. Perguntei a Fanny e ela disse esses idiotas não importam. Hoje é primeiro de abril e a piada saiu pela culatra e fez eles parecerem os idiotas em vez de você.

Pedi a Joe que me contasse qual era a piada que saiu pela culatra e ele me mandou saltar da ponte. Axo que estão bravos comigo porque operei a máqina mas eles não tiveram o dia de folga como pensaram. Será que isso quer dizer que estou mais inteligente.

3 de abril – Terminei Robinson Crusoe. Quero descobrir mais sobre o que acontece com ele mas a professora Kinnian disse que é só isso que existe. POR QUÊ.

4 de abril – A profª. Kinnian diz que estou aprendendo rápido. Ela leu alguns dos meus relatórios de progresso e me olhou com uma expressão engraçada. Ela disse que sou uma boa pessoa e vou mostrar pra todo mundo. Eu perguntei por quê. Ela disse pouco importa isso mas eu não deveria me sentir mal se

descobrisse que nem todo mundo é bom como eu penso. Ela disse que para uma pessoa a quem Deus deu tão pouco você fez muito mais do que muita gente com cérebros que nunca usaram. Eu disse que todos os meus amigos são pessoas inteligentes e eles são bons. Eles gostam de mim e nunca fizeram algo que não fosse bom. Então alguma coisa entrou no olho dela e ela teve de correr para o banheiro.

Em quanto eu estava sentado na sala de aula esperando por ela eu me perguntei se a profª. Kinnian era uma mulher gentil como minha mãe costumava ser. Eu acho que me lembro da minha mãe me dizendo pra sempre ser bom e amigável com o próximo. Ela disse mas sempre tome cuidado porque algumas pessoas não entendem e podem pensar que você está tentando criar problemas.

Isso me lembra de quando mamãe teve de ir embora e eles me colocaram pra ficar na casa da senhora Leroy que vivia ao lado. Mamãe foi para o hospital. Papai disse que ela não estava doente nem nada mas ela foi pro hospital me trazer uma irmãzinha ou irmãozinho. (Eu ainda não sei como fazem isso.) Eu disse a eles que queria um irmãozinho com quem brincar e não sei por que em vez disso me trouxeram uma irmã mas ela era boazinha como uma boneca. Só que ela xorava o tempo todo.

Eu nunca machuquei ela nem nada assim.

Eles colocaram ela em um berço no quarto deles e uma vez ouvi papai dizer não se preocupe Charlie não faria mal a ela.

Ela era como uma trouxa toda cor de rosa e gritava tanto que às vezes eu não conseguia dormir. E quando eu ia dormir ela me acordava durante a noite. Uma vez quando foram pra cozinha e eu estava na minha cama ela estava chorando. Eu me levantei para pegala e segurala no colo como mamãe faz. Mas então mamãe entrou gritando e levou ela embora. E ela me deu um tapa tão forte que eu caí na cama.

Então ela começou a gritar. Nunca mais toque nela. Você vai machucar sua irmã. Ela é um bebê. Você não tem nada que encostar nela. Eu não sabia na época mas acho que sei agora que ela pensava que eu machucaria a bebê porque era burro demais para saber o que estava fazendo. Agora isso faz eu me sentir mal porque eu nunca machucaria a bebê.

Quando for ao escritório do dr. Strauss tenho que contar isso pra ele.

6 de abril – Hoje, eu aprendi, a *vírgula*, isso, é, a, vírgula (,), um ponto, final, com uma cauda, profª. Kinnian, diz, que é, importante porque melhora, a escrita, ela disse, alguém, poderia perder, muito, dinheiro, se uma vírgula, não estiver no, lugar, certo, eu tenho, algum dinheiro, que eu, economizei, do meu, trabalho, e o que, a fundação, me paga, mas não, muito e, eu não, vejo como, uma vírgula, te ajuda, a, não perdelo,

Mas, ela diz, todo mundo, usa vírgulas, então eu vou, usalas, também,,,,

7 de abril – Usei a vírgula errado. É uma *pontuação*. A profª. Kinnian me disse para olhar palavras compridas no dicionário para aprender a soletralas. Eu perguntei qual é a diferença se você consegue ler de qualquer forma. Ela respondeu é parte da sua educação então de agora em diante vou olhar todas as palavras que não tiver certeza de como escrever. Demora um bom tempo pra escrever dessa forma mas acho que estou me lembrando cada vez mais.

De qualquer forma foi assim que acertei a palavra *pontuação*. Está assim no dicionário. A profª. Kinnian diz que um ponto final é pontuação também, e há muitos outros sinais de pontuação a aprender. Eu disse a ela que pensei que ela queria dizer que todos os pontos finais tinham que ter caudas e se chamar vírgulas. Mas ela disse que não.

Ela disse; Você, tem de. misturar? todos! eles: Ela mi? mostrou” como, misturar! todos; eles, e agora! Eu consigo. misturar (todos os? tipos de pontuação– na, minha, escrita! Há” muitas, regras; a aprender? mas. estou entendendo elas na minha cabeça:

Uma coisa? que, gosto: na, cara profª. Kinnian: (assim~ que se? escreve; numa carta formal, de negócios (se eu algum dia for! um homem-de negócios?) é que, ela: sempre; me-dá uma resposta quando eu-lhe pergunto. Ela é” um gênio! Eu queria? ser inteligente como ela;

Pontuação, é? divertido!

8 de abril – Que idiota que sou! Eu sequer entendi o que ela estava dizendo. Eu li o livro de gramática ontem à noite e ele explica tudo. Então percebi que era a mesma coisa que a profª. Kinnian estava tentando me ensinar, mas eu não entendi. Acordei no meio da noite e a coisa toda ficou clara na minha mente.

A profª. Kinnian disse que a televisão ligada, logo antes de eu pegar no sono à noite, ajudou. Ela disse que cheguei a um *platô*. Isso é como a parte plana de um morro.

Depois de entender como pontuação funcionava, reli todos os meus relatórios de progresso antigos desde o começo. Nossa, eu tinha uma ortografia e pontuação malucas! Contei à profª. Kinnian que eu deveria revisar as páginas e corrigir todos os erros, mas ela disse:

– Não, Charlie, o prof. Nemur quer as páginas como estão. É por isso que ele deixa você guardá-las depois que são copiadas: para ver seu próprio progresso. Você está se desenvolvendo rápido, Charlie.

Isso fez eu me sentir bem. Depois da lição, desci e brinquei com Algernon. Nós não competimos mais.

10 de abril – Eu me sinto doente. Não para ver um médico, mas por dentro, meu peito parece vazio, como se sentisse azia e tivesse levado um soco ao mesmo tempo.

Eu não ia escrever a respeito, mas acho que tenho de fazer isso, porque é importante. Hoje foi o primeiro dia que faltei ao trabalho e fiquei em casa de propósito.

Ontem à noite Joe Carp e Frank Reilly me convidaram para uma festa. Havia muitas garotas e Gimpy estava lá e Ernie também. Eu me lembrei de como me senti mal da última vez que bebi demais, então eu disse a Joe que não queria beber nada. Em vez disso, ele me deu uma Coca-Cola normal. Tinha um gosto engraçado, mas pensei que era só um gosto ruim que eu tinha na boca.

Nós nos divertimos muito por um tempo.

– Dance com Ellen – Joe disse. – Ela vai te ensinar os passos. – Então ele piscou para ela como se tivesse algo nos olhos. Ela disse:

– Por que você não deixa o garoto em paz?

Ele me deu um tapinha nas costas.

– Esse é Charlie Gordon, meu amigo, meu parceiro. Ele não é um cara comum, ele foi promovido a trabalhar na máquina de misturar massa. Tudo o que eu fiz foi pedir para você dançar com ele e deixar que ele se divertisse um

pouco. Qual o problema nisso?

Ele me empurrou para perto dela. Então ela dançou comigo. Eu caí três vezes e não conseguia entender o porquê, já que ninguém mais estava dançando além de Ellen e eu. E durante todo o tempo eu estava tropeçando porque sempre tinha alguém colocando o pé no meu caminho.

Todo mundo estava em torno da gente olhando e rindo do jeito que estávamos dançando os passos. Eles riam muito mais alto quando eu caía, e eu ria junto porque era muito engraçado. Mas, na última vez que aconteceu, eu não ri. Eu me levantei, e Joe me empurrou de volta no chão.

Então eu vi a expressão no rosto de Joe e me deu uma sensação engraçada no estômago.

– Ele é muito divertido! – uma das garotas disse. Todo mundo estava rindo.

– Ah, você tinha razão, Frank – Ellen se engasgava. – Ele é sem igual. – Então ela disse: – Aqui, Charlie, coma uma fruta.

Ela me deu uma maçã, mas, quando eu a mordi, era de cera. Então Frank começou a gargalhar e disse:

– Eu disse que ele ia comer. Dá pra imaginar alguém burro o suficiente pra comer fruta de decoração?

– A última vez que eu ri tanto foi quando nós mandamos Charlie ir até a esquina ver se estava chovendo – Joe disse –, naquela noite que o largamos no Halloran's.

Então vi uma imagem que me lembrei na minha mente de quando eu era criança, e as crianças da vizinhança me deixavam brincar com elas, esconde-esconde, e era sempre eu quem pegava. Depois de eu contar até dez várias e várias vezes nos meus dedos, eu ia procurar os outros. Eu ficava procurando até ficar escuro e frio e eu ter que ir para casa.

Mas eu nunca encontrava nenhum deles e nunca soube por quê.

O que Frank disse me lembrou. Aquilo foi a mesma coisa que aconteceu no Halloran's. E era isso que Joe e o resto deles estavam fazendo. Rindo de mim. E as crianças brincando de esconde-esconde estavam me enganando e estavam rindo de mim também.

As pessoas na festa eram um bando de vultos, todos me desprezando e rindo

de mim.

– Olha pra ele. Ele está vermelho.

– Ele está corando. Charlie está corando.

– Ei, Ellen, o que você fez com Charlie? Eu nunca o vi agir dessa maneira.

– Nossa, a Ellen realmente empolgou o garoto.

Eu não sabia o que fazer ou para onde me virar. Ela se encostando em mim fez eu me sentir engraçado. Todo mundo estava rindo de mim e subitamente eu me senti nu. Eu queria me esconder para que não me enxergassem. Eu saí correndo do apartamento. Era um edifício grande com um monte de corredores e eu não conseguia achar o caminho até as escadas. Eu esqueci totalmente do elevador. Então, depois, encontrei as escadas e saí correndo para a rua e caminhei por muito tempo até ir para o meu quarto. Eu nunca soube antes que Joe e Frank e os outros só gostavam de mim por perto para rir de mim.

Agora sei o significado de dizer “dar uma de Charlie Gordon”.

Eu me sinto envergonhado.

E outra coisa. Sonhei com aquela menina Ellen dançando e se encostando em mim e quando acordei os lençóis estavam molhados e bagunçados.

13 de abril – Ainda não voltei ao trabalho na padaria. Pedi à sra. Flynn, a proprietária, que ligasse e dissesse ao sr. Donner que eu estava doente. A sra. Flynn olha para mim ultimamente como se sentisse medo de mim.

Acho que é uma coisa boa descobrir como todo mundo ri de mim. Pensei muito sobre isso. É porque eu sou tão estúpido que nem sei quando estou fazendo algo estúpido. As pessoas acham engraçado quando alguém estúpido não consegue fazer as coisas do mesmo jeito que elas.

De qualquer forma, agora estou ficando um pouco mais inteligente todos os dias. Sei pontuação e tenho uma ortografia boa. Gosto de procurar todas as palavras difíceis no dicionário e me lembro delas. Tento escrever esses relatórios de progresso bem direito, mas ainda é difícil. Estou lendo muito agora, e a profª. Kinnian diz que leio muito rápido. E até entendo muitas das coisas que leio, e elas ficam na minha cabeça. Há momentos em que consigo fechar os olhos e pensar numa página e tudo me vem à mente como uma foto.

No entanto, outras coisas me vêm à mente também. Às vezes, fecho os olhos e vejo uma imagem clara. Como na manhã de hoje depois que acordei, estava deitado na cama com os olhos abertos. Foi como se um grande buraco se abrisse nas paredes da minha mente e eu pudesse atravessar. Eu acho que é de muito tempo atrás... muito tempo atrás quando eu comecei a trabalhar na padaria Donner. Vejo a rua onde a padaria fica. É inicialmente borrado, depois desigual com algumas coisas tão reais que estão bem ali na minha frente, e outras coisas seguem borradas, e não tenho certeza...

Um pequeno senhor com um carrinho de bebê adaptado em um carrinho de mão com uma panela de ferro, e o cheiro de castanhas torradas, e neve no chão. Um jovem rapaz magricela com olhos enormes e uma expressão assustada no rosto olhando para a placa da loja. O que ele diz? Letras borradas de um jeito que não faz muito sentido. *Agora* eu sei que a placa diz PADARIA DONNER, mas, olhando para minha memória da placa, não consigo ler as palavras por meio dos seus olhos. Nenhuma das placas faz sentido. Acho que o garoto com uma expressão assustada no rosto sou eu.

Luzes brilhantes de neon. Árvores de Natal e vendedores ambulantes na calçada. Pessoas empacotadas em casacos com o colarinho erguido e cachecóis em torno do pescoço. Mas ele não tem luvas. Ele sente frio nas mãos e coloca no chão um pesado pacote de sacolas de papel marrom. Ele está parando para assistir os brinquedinhos mecânicos em que o vendedor ambulante dá corda: o urso que dá cambalhota, o cachorro saltitante, a foca que gira uma bola no nariz. Cambalhotas, pulos, giros. Se ele tivesse todos esses brinquedos para si, ele seria a pessoa mais feliz do mundo.

Ele quer perguntar ao ambulante de cara vermelha, com os dedos atravessando as luvas marrons de algodão, se ele pode segurar por um instante o urso que dá cambalhotas, mas ele tem medo. Ele ergue o pacote de sacolas de papel e o coloca no ombro. Ele é magricela, mas é forte dos muitos anos de trabalho árduo.

– Charlie! Charlie!... sempre toma um baile!

Crianças se reúnem em torno dele rindo e provocando-o como cachorrinhos atacando seus pés. Charlie sorri para elas. Ele gostaria de largar seu pacote e

brincar com elas, mas, quando ele pensa nisso, a pele nas costas dele se revira e ele sente a maneira como os garotos mais velhos jogam coisas nele.

Voltando para a padaria, ele vê alguns garotos na entrada de um beco escuro.

– Ei, olha, lá vem o Charlie!

– Ei, Charlie. O que você tem aí? Quer apostar nos dados?

– Vem cá. A gente não vai te machucar.

Mas tem algo esquisito sobre aquela entrada: o beco escuro, as gargalhadas, que faz a pele dele se revirar de novo. Ele tenta se lembrar do que é, mas tudo que vem é a sujeira e mijo cobrindo as roupas dele, e tio Herman gritando quando ele veio para casa todo coberto de lixo, e como tio Herman saiu correndo com um martelo para encontrar os garotos que fizeram isso com ele. Charlie se afasta dos garotos rindo no beco, derruba o pacote. Ele pega o pacote de volta e corre por todo o caminho até a padaria.

– Por que demorou tanto, Charlie? – grita Gimpy, na entrada, para o fundo da padaria.

Charlie empurra as portas de vaivém nos fundos da padaria e deixa o pacote em um dos calços. Ele se encosta na parede enterrando as mãos nos bolsos. Ele queria ter seu rodopio.

Ele gosta dos fundos da padaria, onde os chãos são brancos de farinha, mais brancos que as paredes e os tetos com fuligem. As solas grossas de seus sapatos estão incrustadas com branco e há branco nas costuras e nas entradas dos cadarços, e sob as suas unhas e nas rachaduras de frio em suas mãos.

Ele relaxa ali, agachado contra a parede, encostando-se de maneira que vira o boné de beisebol com o *D* para a frente de seus olhos. Ele gosta do cheiro de farinha, massa doce, de pão e bolos e rolos cozinhando. O forno está estalando, e isso o deixa sonolento.

Doce... quente... sono.

Subitamente, caindo, torcendo, cabeça batendo contra a parede. Alguém lhe dando uma rasteira.

É só disso que me lembro. Consigo ver tudo claramente, mas não sei por que aconteceu. É quando eu costumava ir ao cinema. A primeira vez eu nunca

entendia porque era muito rápido, mas, depois de ver o filme três ou quatro vezes, eu costumava entender o que estavam dizendo. Tenho que perguntar ao dr. Strauss sobre isso.

14 de abril – O dr. Strauss diz que o mais importante é continuar trazendo memórias como a que eu tive ontem e anotá-las. Então, quando eu vou ao escritório dele, nós podemos falar sobre elas.

O dr. Strauss é psiquiatra e neurocirurgião. Eu não sabia disso. Eu achei que ele era só um médico normal. Mas, quando fui ao seu escritório na manhã de hoje, ele me contou sobre como é importante que eu aprenda sobre mim, para entender meus problemas. Eu disse que não tinha nenhum problema.

Ele riu e então se levantou de sua cadeira e andou até a janela.

– Quanto mais inteligente você se tornar, mais problemas você terá, Charlie. Seu crescimento intelectual vai ultrapassar seu crescimento emocional. E acho que você observará que, ao progredir, haverá muitas coisas sobre as quais você vai querer falar comigo. Eu só quero que se lembre de que este é o lugar para vir quando precisar de ajuda.

Eu ainda não entendi o que isso quer dizer, mas ele disse que, mesmo que eu não entenda meus sonhos ou memórias ou por que os tenho, em algum momento do futuro, todos eles vão se conectar, e vou aprender mais sobre mim mesmo. Ele disse que o mais importante é descobrir o que essas pessoas nas memórias estão dizendo. É tudo sobre quando eu era um garoto e eu tenho que me lembrar do que aconteceu.

Eu nunca soube dessas coisas antes. É como se, caso eu fique inteligente o suficiente, eu fosse entender todas as palavras na minha mente, e soubesse desses garotos em pé na entrada do beco, e do meu tio Herman e dos meus pais. Mas o que ele quer dizer é que então vou me sentir mal sobre tudo isso e posso ficar doente da cabeça.

Portanto, agora tenho que ir ao escritório dele duas vezes na semana falar das coisas que me incomodam. Nós só ficamos sentados lá, e eu falo, e dr. Strauss ouve. Chama-se terapia, e isso quer dizer que falar sobre as coisas vai fazer eu me sentir melhor. Eu contei a ele que uma das coisas que me incomoda tem a ver com mulheres. Como quando dancei com aquela garota Ellen e fiquei todo

empolgado. Então falamos disso e eu senti algo engraçado enquanto falava, com frio e suando, e um zumbido na minha cabeça e pensei que fosse vomitar. Talvez porque eu sempre pensei que era sujo e errado falar disso. Mas dr. Strauss disse que o que houve comigo depois da festa foi um sonho molhado, e é uma coisa natural que acontece com garotos.

Então, mesmo que eu esteja ficando inteligente e aprendendo um monte de coisas novas, ele pensa que eu ainda sou um garoto em relação a mulheres. É confuso, mas vou descobrir tudo sobre a minha vida.

15 de abril – Tenho lido muito ultimamente, e quase tudo está ficando na minha mente. Além de história e geografia e aritmética, a profª. Kinnian diz que eu deveria começar a aprender idiomas estrangeiros. O prof. Nemur me deu algumas fitas a mais para tocar enquanto durmo. Eu ainda não sei como a mente consciente e a inconsciente funcionam, mas o dr. Strauss diz para não me preocupar ainda. Ele me fez prometer que, quando eu começar a aprender matérias universitárias em algumas semanas, eu não vou ler nenhum livro sobre psicologia, quer dizer, até ele me dar permissão. Ele diz que vai me confundir e me fazer pensar sobre teorias psicológicas em vez de sobre meus próprios sentimentos e ideias. Mas tudo bem ler romances. Essa semana li *O grande Gatsby*, *Uma tragédia americana* e *Look Homeward, Angel*. Eu nunca soube que homens e mulheres faziam coisas assim.

16 de abril – Eu me sinto muito melhor hoje, mas ainda estou bravo com todas as vezes que as pessoas estavam rindo e fazendo piadas de mim. Quando eu ficar inteligente do jeito que o prof. Nemur fala, com muito mais do que duas vezes meu Q.I. de 70, então talvez as pessoas vão gostar de mim e ser minhas amigas.

De qualquer forma, não tenho certeza do que é Q.I. O prof. Nemur diz que é algo que mediu quão inteligente eu era, como uma balança na farmácia mede quilos. Mas o dr. Strauss teve uma grande discussão com ele e disse que Q.I. não *media* inteligência de maneira alguma. Ele disse que um Q.I. mostrava quão inteligente você poderia ficar, como os números do lado de fora de um copo de medidas. Você ainda tinha que encher o copo com alguma coisa.

Quando perguntei para Burt Selden, que me dá meus testes de inteligência e

trabalha com Algernon, ele disse que algumas pessoas diriam que os dois estavam errados e, segundo o que ele tem lido ultimamente, o Q.I. mede um monte de coisas diferentes, inclusive algumas que as pessoas já aprenderam, e não é uma boa medida de inteligência.

Então eu ainda não sei o que é Q.I., e todo mundo diz que é algo diferente. O meu está em torno de 100 agora e vai ficar em torno de 150 logo, mas eles ainda vão ter que me preencher com alguma coisa. Eu não queria dizer nada, mas não entendo como, se eles não sabem *o que* é, ou não sabem *onde* fica, como eles sabem *o quanto* disso você tem.

O prof. Nemur diz que preciso fazer outro *teste de Rorschach* depois de amanhã. Eu me pergunto o que é isso.

17 de abril – Tive um pesadelo noite passada e nesta manhã, depois de acordar, fiz livre associação do jeito que o dr. Strauss me disse para fazer quando eu me lembrasse dos sonhos. Pensar sobre o sonho e deixar minha mente vagar até outros pensamentos emergirem. Eu sigo fazendo isso até minha mente ficar em branco. O dr. Strauss diz que isso quer dizer que cheguei a ponto de meu inconsciente tentar bloquear meu consciente de me lembrar. É um muro entre o presente e o passado. Às vezes, o muro segue erguido e, às vezes, ele se quebra e eu consigo me lembrar do que está por trás dele.

Como na manhã de hoje.

O sonho era sobre a profª. Kinnian lendo meus relatórios de progresso. No sonho, eu me sento para escrever, mas não sei mais escrever ou ler. Foi tudo embora. Eu sinto medo, então peço ao Gimpy da padaria que escreva para mim. Mas, quando a profª. Kinnian lê os relatórios, ela fica furiosa e rasga as páginas porque está cheio de palavrões nelas.

Quando chego em casa, o prof. Nemur e o dr. Strauss estão esperando por mim e me dão uma surra por escrever palavrões nos relatórios de progresso. Quando eles me deixam, eu recolho as páginas rasgadas, mas elas se tornam fitas de renda com corações cobertas de sangue.

Foi um sonho horrível, mas eu saí da cama e escrevi tudo e então comecei a livre associar.

Padaria... assar... a urna... alguém me chutar... cair... sangue espalhado por

tudo... escrito... lápis grande em uma fita de renda com corações... um pequeno coração dourado... um medalhão... uma corrente... tudo coberto de sangue... e ele está rindo de mim...

A corrente é de um medalhão... girando... refletindo a luz do sol em meus olhos. E eu gosto de observá-lo girar... olhar a corrente... toda amontoada e se revirando e girando... e uma garotinha está me assistindo.

O nome dela é profª. Kin... quer dizer Harriet.

– *Harriet... Harriet... todos nós amamos Harriet.*

E então não tem nada. Está tudo vazio de novo.

A profª. Kinnian lendo meus relatórios de progresso por cima do meu ombro.

Então, estamos no Centro para Adultos Retardados, e ela está lendo por cima do meu ombro enquanto escrevo minhas ~~redassões~~ redações.

A escola se transforma na Escola Pública 13, e eu tenho 11 anos de idade e a profª. Kinnian tem 11 anos também, mas agora ela não é a profª. Kinnian. Ela é uma menininha com covinhas no rosto e cabelos ondulados e o nome dela é Harriet. Todos nós amamos Harriet. É Dia dos Namorados.

Eu me lembro...

Eu me lembro do que houve na Escola Pública 13 e por que tiveram que me mudar de escola e me enviar para a Escola Pública 222. Foi por causa de Harriet.

Eu vejo Charlie, 11 anos de idade. Ele tem um pequeno medalhão dourado que achou uma vez na rua. Não tem corrente, mas há uma cordinha, e ele gosta de girar o medalhão para amontoar a corda, e, logo em seguida, ele observa a corda desenrolar, girando com o sol brilhando em seus olhos.

Às vezes, quando as crianças brincam de queimada, elas o deixam ficar no meio e ele tenta pegar a bola antes que alguma delas pegue. Ele gosta de ficar no meio – mesmo que ele nunca pegue a bola – e uma vez, quando Hymie Roth a deixou cair por engano e Charlie a pegou de volta, não o deixaram jogar a bola, e ele teve que voltar para o meio de novo.

Quando Harriet passa, os garotos param de jogar e olham para ela. Todos os garotos amam Harriet. Quando ela balança a cabeça, as ondas do cabelo pulam para cima e para baixo, e ela tem covinhas. Charlie não sabe por que fazem tanto rebuliço nem por que sempre querem falar com ela (ele preferiria jogar bola ou

pega-pega ou chutar umas latinhas), mas todos os garotos são apaixonados por Harriet, então, ele também é apaixonado por ela.

Ela nunca o provoca como as outras crianças, e ele faz truques para ela. Ele caminha sobre as carteiras quando a professora não está. Ele joga borrachas pela janela, rabisca na lousa e nas paredes. E Harriet sempre ri e dá gritinhos de empolgação:

– Oh, olha esse Charlie. Ele não é engraçado? Ah, ele não é um bobão?

É Dia dos Namorados, e os garotos estão falando sobre o que vão dar de presente para Harriet, então Charlie diz:

– Vou dar um presente para Harriet também.

Eles riem, e Barry diz:

– De onde você vai tirar um presente?

– Eu vou dar algo bem bonito para ela. Vocês vão ver.

Mas ele não tem nenhum dinheiro para um presente, então, ele decide dar para Harriet seu medalhão, que é em forma de coração, como muitos cartões nas vitrines das lojas. Naquela noite, ele pega papel de seda da gaveta de sua mãe e demora muito tempo embrulhando e amarrando o presente com uma fita vermelha. Então ele leva o presente para Hymie Roth no dia seguinte durante o horário do almoço da escola e pede que Hymie escreva no papel para ele. Ele pede a Hymie que escreva:

“Querida Harriet, eu acho você a menina mais lindíssima do mundo inteiro. Gosto muito de você e amo você. Quero que você seja minha namorada. Seu amigo, Charlie Gordon.”

Hymie escreve muito cuidadosamente em letras grandes no papel, rindo o tempo todo, e ele diz a Charlie:

– Nossa, ela vai ficar besta. Espera só ela ver isso.

Charlie tem medo, mas ele quer dar o medalhão para Harriet, então ele a segue até em casa depois da aula e a espera entrar. Então ele se esgueira para dentro da sala de estar e pendura o pacote no lado de dentro da maçaneta. Ele toca a campainha duas vezes e corre para o outro lado da rua para se esconder atrás de uma árvore.

Quando Harriet atende, ela olha em torno para ver quem tocou a campainha.

Então ela vê o pacote. Ela o pega e sobe as escadas. Charlie vai para casa e leva uma surra porque pegou papel de seda e fita da gaveta da mãe sem falar com ela. Mas ele não liga. Amanhã Harriet vai usar o medalhão e contar a todos os garotos que ele deu o medalhão a ela. Aí eles vão ver.

No dia seguinte, ele corre todo o caminho até a escola, mas está cedo demais. Harriet não está lá ainda, e ele está empolgado.

No entanto, quando Harriet chega, ela nem olha para ele. Ela não está usando o medalhão. E ela parece azeda.

Ele faz todos os tipos de coisas quando a profª. Janson não está olhando: ele faz caretas. Ele gargalha. Ele se ergue na cadeira e balança o bumbum. Ele até joga um pedaço de giz em Harold. Mas Harriet não olha para ele sequer uma vez. Talvez ela tenha esquecido. Talvez ela use amanhã. Ela passa por ele no corredor, mas, quando ele se aproxima para perguntar, ela o empurra para longe sem dizer uma palavra.

No pátio da escola, os dois irmãos mais velhos dela esperam por ele. Gus o empurra:

– Seu desgraçado, foi você quem escreveu esse bilhete imundo para minha irmã?

Charlie diz que não escreveu nenhum bilhete imundo:

– Eu só dei um presente de Dia dos Namorados.

Oscar, que estava no time de futebol antes de terminar o ensino médio, puxa Charlie pela camisa e arranca dois botões.

– Fique longe da minha irmã, seu pervertido. Você não devia estar nesta escola de qualquer forma.

Ele empurra Charlie para Gus, que o segura pela garganta. Charlie sente medo e começa a chorar.

Então eles começam a machucá-lo. Oscar dá socos no nariz dele, e Gus o atira no chão e o chuta nas laterais, e os dois começam a chutá-lo, um depois do outro, e algumas das crianças no pátio, amigos de Charlie, vêm correndo gritando e batendo palmas:

– Briga! Briga! Estão batendo no Charlie!

Suas roupas estão rasgadas e o nariz sangra e um dos seus dentes está

quebrado, e, depois de Gus e Oscar irem embora, ele se senta na calçada e chora. O sangue tem gosto amargo. As outras crianças só riem e gritam:

– Charlie levou uma sova! Charlie levou uma sova!

E então o sr. Wagner, um dos zeladores da escola, se aproxima e os espanta. Ele leva Charlie até o banheiro dos meninos e o manda lavar o sangue e a sujeira do rosto e das mãos antes de ir para casa...

Acho que eu era bem estúpido porque acreditava no que as pessoas me falavam. Eu não devia ter confiado em Hymie nem em ninguém.

Eu nunca me lembrei de nada disso antes de hoje, mas voltou para mim depois de pensar sobre o sonho. Tem algo a ver com meus sentimentos em relação ao fato de a profª. Kinnian ler meus relatórios de progresso. De qualquer forma, estou feliz agora que não preciso pedir a ninguém que escreva coisas para mim. Agora posso fazer sozinho.

Mas acabei de perceber algo: Harriet nunca devolveu meu medalhão.

18 de abril – Descobri o que é um Rorschach. É o teste com as manchas de tinta, o que fiz antes da cirurgia. Assim que vi o que era, fiquei com medo. Eu sabia que Burt ia me pedir para achar as imagens, e eu sabia que não iria conseguir. Eu fiquei pensando, seria tão bom se houvesse um jeito de saber que tipo de figuras estavam escondidas ali. Talvez não houvesse imagem nenhuma. Talvez fosse só um truque para ver se eu era estúpido o suficiente para procurar por algo que não estava ali. Só o fato de pensar nisso já me deixou azedo com ele.

– Certo, Charlie – ele disse –, você já viu estas cartas antes, lembra?

– Claro que sim, eu lembro.

Do jeito que falei, ele soube que eu estava bravo e me olhou com surpresa:

– Algum problema, Charlie?

– Não, nenhum problema. Essas manchas de tinta me incomodam.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Nada pra se incomodar. Esse é só um dos testes de personalidade padronizado. Agora quero que você olhe para este cartão. O que pode ser isto? O que você vê neste cartão? As pessoas veem todo tipo de coisa nestas manchas.

Conte o que pode ser para você, no que isto te faz pensar.

Eu fiquei chocado. Olhei para o cartão e então para ele. Aquilo não era nada do que eu esperava que ele fosse dizer.

– Você quer dizer que não tem nenhuma figura escondida nessas manchas?

Burt franziu a testa e tirou os óculos:

– O quê?

– Figuras! Escondidas nas manchas! Na outra vez, você me disse que todo mundo conseguia vê-las e você queria que eu as encontrasse também.

– Não, Charlie. Eu não posso ter dito isso.

– Como assim? – gritei para ele. Sentir medo das manchas de tinta tinha me deixado bravo comigo mesmo e com Burt também. – Foi isso que você disse para mim. Só porque você é inteligente o suficiente pra ir à faculdade não quer dizer que você tem que rir da minha cara. Estou cansado de todo mundo rindo de mim.

Eu não me lembro de alguma vez ter me sentido tão furioso. Eu não acho que foi o Burt em si, mas subitamente tudo explodiu. Eu atirei os cartões Rorschach na mesa e saí. O prof. Nemur estava passando pelo corredor e, quando eu passei por ele com pressa e sem dar oi, ele soube que algo estava errado. Ele e Burt me alcançaram quando eu estava prestes a descer no elevador.

– Charlie – disse o prof. Nemur, segurando meu braço. – Espere um minuto. O que está acontecendo?

Eu me soltei e apontei para Burt.

– Estou cansado das pessoas rindo de mim. Só isso. Talvez antes eu não entendesse, mas eu entendo agora e não gosto.

– Ninguém está rindo de você aqui, Charlie – afirmou Nemur.

– Mas e as manchas de tinta? Na última vez, Burt disse que havia imagens na tinta, que todo mundo conseguia ver, e eu...

– Escuta, Charlie, você gostaria de ouvir as exatas palavras que Burt disse a você, e as suas respostas também? Nós temos uma fita, uma gravação daquela sessão de teste. Podemos repetir e deixar você ouvir exatamente o que foi dito.

Ainda incerto, voltei com eles para o escritório de psicologia. Eu estava certo de que eles tinham feito piadas comigo e me enganado quando eu era ignorante

demais para perceber. Minha raiva era um sentimento empolgante, e eu não a abandonaria facilmente. Eu estava pronto para brigar.

Enquanto Nemur buscava a fita entre os arquivos, Burt explicou:

– Na última vez, usei quase as mesmas palavras que usei hoje. É um pré-requisito desses testes que o procedimento seja o mesmo sempre que ele é administrado.

– Só acredito ouvindo.

Os dois se entreolharam. Senti o sangue subir no meu rosto de novo. Estavam rindo de mim. Mas então eu percebi o que tinha acabado de ouvir, e, me ouvindo, percebi o motivo do olhar. Eles não estavam rindo. Eles sabiam o que estava acontecendo comigo. Eu tinha chegado a um novo nível, e a raiva e a desconfiança eram minhas primeiras reações para o mundo ao meu redor.

A voz de Burt ressoou no gravador:

“Agora quero que olhe para este cartão, Charlie. O que poderia ser isto? O que você vê neste cartão? As pessoas veem todo tipo de coisa nestas manchas. Conte o que pode ser para você...”

As mesmas palavras, quase exatamente o mesmo tom de voz que ele tinha usado minutos atrás no laboratório. E então ouvi minhas respostas: coisas infantis, impossíveis. E despenquei molengo na cadeira ao lado da mesa do prof. Nemur.

– Era eu mesmo?

Voltei ao laboratório com Burt, e prosseguimos com o Rorschach. Passamos lentamente pelos cartões. Dessa vez minhas respostas eram diferentes. Eu “vi” coisas nas manchas de tinta. Um par de morcegos lutando. Dois homens duelando com espadas. Imaginei todo tipo de coisa. Mas, ainda assim, notei que não mais confiava completamente em Burt. Fiquei virando as cartas, conferindo o verso para ver se havia algo ali que eu deveria notar.

Enquanto ele fazia as anotações, eu espiei, mas estava tudo em código que parecia com isto:

WF + A DdF-Ad orig. WF-A SF + obj

O teste ainda não faz sentido. Tenho a sensação de que qualquer um poderia

inventar mentiras sobre coisas que não via de verdade. Como eles saberiam se eu não estava enganando todo mundo ao dizer coisas que eu não imaginava de verdade?

Talvez eu entenda quando dr. Strauss me deixar ler sobre psicologia. Tem se tornado cada vez mais difícil para mim escrever todos os meus pensamentos e sentimentos, porque sei que haverá pessoas os lendo. Talvez fosse melhor se eu pudesse manter alguns desses relatórios privados por um tempo. Vou perguntar ao dr. Strauss. Por que isso poderia subitamente começar a me incomodar?

RELATÓRIO DE PROGRESSO 10

21 de abril – Descobri um jeito de programar as batedeiras industriais da padaria para acelerar a produção. O sr. Donner diz que vai economizar custos de mão de obra e aumentar lucros. Ele me deu um bônus de 50 dólares e um aumento de 10 dólares por semana.

Eu queria levar Joe Carp e Frank Reilly para almoçar e celebrar, mas Joe tinha que comprar umas coisas para a esposa, e Frank ia encontrar o primo no almoço. Acho que vai demorar um pouco até eles se acostumarem com as mudanças em mim.

Todo mundo parece sentir medo de mim. Quando fui ao Gimpy e dei um tapinha no seu ombro para perguntar uma coisa, ele deu um salto e derrubou toda a xícara de café em si mesmo. Ele me encara quando acha que não estou olhando. Ninguém mais no lugar fala comigo, nem faz brincadeiras como costumava. Deixa o trabalho um pouco solitário.

Pensar nisso faz eu me lembrar da vez em que peguei no sono em pé e Frank me deu uma rasteira. O cheiro doce e quente, as paredes brancas, o rugido do forno quando Frank abre a porta para virar os pães.

Subitamente caindo... me virando... sem apoio algum e minha cabeça batendo na parede.

Sou eu, e ainda assim é como se fosse outra pessoa atirada ali – outro Charlie. Ele está confuso... esfregando a cabeça... erguendo a cabeça para olhar Frank, alto e magro, e então Gimpy por perto, maciço, cabeludo, o rosto pálido, Gimpy

com sobrancelhas cabeludas que quase escondem seus olhos azuis.

– Deixe o garoto em paz – diz Gimp. – Jesus, Frank, por que você sempre tem que implicar com ele?

– Não foi nada – ri Frank. – Ele não se machuca. Ele não entende mesmo. Ou entende, Charlie?

Charlie esfrega a cabeça e se aninha com medo. Ele não sabe o que fez para merecer essa punição, mas sempre existe a possibilidade de haver mais.

– Mas você entende – diz Gimpy, mancando em sua bota ortopédica –, então por que diabos você sempre implica com ele? – Os dois homens se sentam à longa mesa, o alto Frank e o pesado Gimp, modelando a massa para os rolos que têm de ser assados para os pedidos da tarde.

Eles trabalham em silêncio por algum tempo, e então Frank para e vira seu boné branco:

– Ei, Gimp, será que Charlie aprenderia a assar rolos?

Gimp coloca um cotovelo na mesa.

– Por que não deixamos o garoto em paz?

– Não, falo sério, Gimp: sério mesmo. Aposto que ele conseguiria aprender algo simples como fazer rolinhos. – A ideia parece agradar a Gimpy, que se vira para observar Charlie.

– Talvez você tenha descoberto algo. Ei, Charlie, venha cá um instante.

Como ele normalmente faz enquanto as pessoas falam dele, Charlie vinha mantendo a cabeça baixa, encarando os cadarços. Ele sabe como atar e desatá-los. Ele poderia fazer rolinhos. Ele poderia aprender a bater, enrolar, torcer e modelar a massa em pequenos formatos redondos.

Frank olha para ele incerto:

– Talvez não devêssemos, Gimp. Talvez seja errado. Se um imbecil não consegue aprender nada, talvez não devêssemos tentar ensinar.

– Você deixe isso comigo – diz Gimpy, que agora assumira a ideia de Frank. – Acho que ele talvez consiga aprender. Agora escute, Charlie. Quer aprender uma coisa? Quer que eu te ensine a fazer rolinhos como eu e Frank estamos fazendo?

Charlie olha para ele, o sorriso se dissipando de seu rosto. Ele entende o que

Gimpy quer e se sente encurralado. Ele quer agradar ao Gimpy, mas existe algo nas palavras *aprender* e *ensinar*, alguma coisa a se lembrar sobre ser severamente punido, mas ele não se lembra do que é: apenas uma magra mão branca erguida, batendo nele para fazê-lo aprender algo que ele não conseguia entender.

Charlie se afasta, mas Gimpy pega o seu braço.

– Ei, garoto, fique calmo. Não vamos machucar você. Olha só ele tremendo como se fosse desmontar. Olha, Charlie. Eu tenho um amuleto da sorte brilhante novinho em folha pra você brincar. – Ele estende a mão e revela uma corrente de latão com um disco dourado brilhante de latão que diz POLIMENTO DE METAL STA-BRITE. Ele segura a corrente pelo final e o disco cintilante gira lentamente, refletindo a luz das lâmpadas fluorescentes. O cordão tem um raiar do qual Charlie se lembra, mas não sabe o que nem por quê.

Ele não pega o cordão. Ele sabe que será punido por pegar as coisas dos outros. Se alguém colocar na sua mão, não tem problema. Mas, de outra forma, é errado. Quando ele vê que Gimpy está oferecendo para ele, ele assente e sorri de novo.

– Isso ele sabe – ri Frank. – Dê a ele alguma coisa brilhante e reluzente. – Frank, que deixara Gimpy assumir o experimento, se inclina para a frente empolgado. – Se ele quiser muito esse pedaço de lixo e você disser que ele vai ganhar se aprender a modelar a massa em rolos, talvez funcione.

Enquanto os padeiros organizam a tarefa de ensinar Charlie, outros do resto da loja se reúnem ao redor. Frank limpa uma área entre eles na mesa, e Gimpy separa um pedaço de massa de tamanho médio com o qual Charlie pode trabalhar.

– Observe com atenção – diz Gimpy, colocando a corrente ao lado dele na mesa, onde Charlie pode ver. – Olhe e faça tudo que fizermos. Se você aprender a fazer rolos, vai ganhar esse amuleto brilhante.

Charlie se debruça na mesa, atentamente observando Gimpy pegar a faca e cortar uma fatia de massa. Ele estuda cada movimento enquanto Gimpy enrola a massa em um rolo comprido, quebra-o e revira os pedaços em um círculo, pausando de vez em quando para atirar um pouco de farinha.

– Agora me veja fazer – diz Frank, e ele repete a performance de Gimpy.

Charlie está confuso. Há diferenças. Gimpy estende os cotovelos enquanto rola a massa, como asas de um pássaro, mas Frank mantém os braços grudados no corpo. Gimpy mantém os polegares juntos do resto dos dedos enquanto modela a massa, mas Frank trabalha com a palma da mão, afastando os polegares dos outros dedos, todos levantados para cima.

A preocupação com essas coisas faz com que Charlie não consiga se mover quando Gimpy diz:

– Vá em frente, tente. – Charlie balança a cabeça. – Olha só, Charlie, vou fazer de novo, devagar. Agora você observe tudo que faço e faça cada parte junto comigo. Tudo bem? Mas tente se lembrar de tudo pra poder fazer sozinho depois. Agora vamos, assim.

Charlie franze a testa enquanto assiste a Gimpy arrancar um pedaço de massa e modelá-lo em uma bola. Ele hesita, mas então ergue a faca e corta um pedaço de massa e o coloca no centro da mesa. Lentamente, mantendo os cotovelos para fora exatamente como Gimpy faz, ele modela a massa em uma bola.

Ele olha das próprias mãos para as de Gimpy e toma cuidado para manter os dedos do mesmo jeito, polegares juntos com os outros dedos, levemente em concha. Ele tem que fazer do jeito certo, do jeito que Gimpy quer que ele faça. Existem ecos dentro dele que dizem faça direito e eles vão gostar de você. E ele quer que Gimpy e Frank gostem dele.

Quando Gimpy termina de modelar a massa em uma bola, ele se afasta um pouco, e Charlie também.

– Ei, ficou ótimo. Veja, Frank, ele conseguiu, em uma bola.

Frank concorda com a cabeça e sorri. Charlie suspira e todo o seu corpo treme enquanto a tensão aumenta. Ele não está acostumado com raros momentos de sucesso.

– Tudo bem – diz Gimpy. – Agora nós fazemos um rolo. – Desajeitada, mas cuidadosamente, Charlie copia cada movimento de Gimpy. Ocasionalmente, uma contração da mão atrapalha o que ele está fazendo, mas em pouco tempo ele consegue arrancar um pedaço da massa e modelá-lo em um rolo. Trabalhando ao lado de Gimpy, ele faz seis rolinhos e, jogando um pouco de farinha por cima, ele os coloca cuidadosamente ao lado dos rolinhos de Gimpy em uma grande fôrma coberta de farinha.

– Muito bem, Charlie. – O rosto de Gimpy está sério. – Agora, vamos ver você fazer isso sozinho. Lembre-se de tudo que fizemos desde o início. Agora, vá em frente.

Charlie encara o imenso pedaço de massa e a faca que Gimpy colocou em sua mão. E, mais uma vez, o pânico toma conta dele. O que ele fez primeiro? Como é a posição da mão? E os dedos? Para que lado se modela a bola?... Milhares de ideias confusas explodem em sua mente ao mesmo tempo, e ele fica lá sorrindo. Ele quer fazer, deixar Frank e Gimpy orgulhosos e fazer que gostem dele e ganhar o amuleto da sorte brilhante que Gimpy prometeu. Ele vira e revira o pedaço de massa pesado e macio pela mesa, mas não consegue começar. Ele não consegue cortá-lo porque sabe que vai falhar e sente medo.

– Ele já esqueceu – disse Frank. – Ele não pega.

Ele quer pegar. Ele franze a testa e tenta se lembrar: primeiro, você começa a cortar um pedaço. Então você o modela em uma bola. Mas como viram rolinhos como os da fôrma? Isso é outra coisa. Ele só precisa de tempo para lembrar. Assim que a confusão passar, ele vai se lembrar. Só mais alguns segundos e ele vai saber. Ele quer guardar o que aprendeu, só por um tempinho. Ele quer tanto.

– Certo, Charlie – suspira Gimpy, tirando a faca de sua mão. – Não tem problema. Não se preocupe com isso. De qualquer forma, não é o seu trabalho.

Mais um minuto e ele vai se lembrar. Se eles parassem de apressá-lo. Por que tudo tem que ser com tanta pressa?

– Vá em frente, Charlie. Vá se sentar e olhar seus quadrinhos. Nós temos que voltar a trabalhar.

Charlie assente e sorri, e puxa uma revista em quadrinhos do bolso de trás. Ele a endireita e a coloca na cabeça como um chapéu imaginário. Frank gargalha, e Gimpy finalmente sorri.

– Vá lá, seu bebezão – bufa Gimpy. – Vá se sentar ali até o sr. Donner precisar de você.

Charlie sorri para ele e volta para os sacos de farinha no canto próximo às batedeiras. Ele gosta de apoiar as costas nelas enquanto está sentado no chão de pernas cruzadas olhando as figuras de sua revista em quadrinhos. À medida que vira as páginas, sente vontade de chorar, mas não sabe por quê. Por que ele estaria triste? A nuvem de confusão vem e vai, e agora ele antecipa o prazer de

ver as imagens de cores brilhantes na revista que ele já viu trinta, quarenta vezes. Ele conhece todas as figuras nos quadrinhos, perguntou seus nomes várias e várias vezes (para todos que ele conhece) e entende que as formas estranhas das letras e palavras nos balões brancos querem dizer que estão falando algo. Será que um dia ele aprenderia a ler o que estava nos balões? Se eles lhe dessem tempo suficiente, se não o apressassem ou fossem muito rápidos com ele, ele iria entender. Mas ninguém tem tempo.

Charlie puxa as pernas para cima e abre a revista em quadrinhos na primeira página, onde Batman e Robin estão subindo na lateral de um prédio com uma longa corda. Algum dia, ele decide, ele vai ler. E então ele conseguirá ler a história. Ele sente uma mão no ombro e olha para cima. É Gimpy, segurando a corrente com disco de latão, deixando-o balançar e girar para que reflita a luz.

– Aqui – diz ele asperamente, atirando-a no colo de Charlie, então ele manca para longe...

Nunca pensei nisso antes, mas foi algo gentil dele. Por que fazer isso? De qualquer forma, essa é a minha memória dessa ocasião, mais clara e mais completa que qualquer coisa que já experimentei. Como olhar para fora da janela da cozinha cedo da manhã quando a luz do dia ainda está cinza. Eu progredi muito desde aquela época e devo tudo ao dr. Strauss e ao prof. Nemur e às outras pessoas aqui em Beekman. Mas o que será que Frank e Gimpy sentem agora, vendo que mudei?

22 de abril – As pessoas na padaria estão mudando. Não apenas me ignorando. Consigo sentir a hostilidade. Donner está planejando que eu entre no sindicato dos padeiros, e recebi outro aumento. O problema é que todo o prazer foi embora, porque os outros se ressentem de mim. De certa forma, não posso culpá-los. Eles não entendem o que houve comigo, e não posso contar. As pessoas não estão orgulhosas de mim do jeito que esperava, de jeito nenhum.

Ainda assim, tenho alguém com quem falar. Vou convidar a profª. Kinnian para ir ao cinema comigo amanhã à noite para comemorar meu aumento. Se conseguir arranjar coragem.

24 de abril – O prof. Nemur finalmente concordou comigo e com o dr. Strauss que vai ser impossível escrever tudo se eu souber que será imediatamente lido por pessoas no laboratório. Tentei ser completamente honesto sobre tudo, sem me importar com quem eu estivesse falando, mas existem coisas que não posso colocar no papel se não puder mantê-las privadas, pelo menos por enquanto.

Agora sou autorizado a ficar com alguns desses relatórios mais pessoais, mas, antes de o relatório final ir à Fundação Welberg, o prof. Nemur vai ler tudo para decidir quais partes serão publicadas.

O que aconteceu hoje no laboratório foi perturbador.

Passei pelo escritório mais cedo, no final da tarde, para perguntar ao dr. Strauss ou ao prof. Nemur se eles achavam que haveria algum problema se eu convidasse a Alice Kinnian para ir ao cinema comigo, mas, antes que eu pudesse bater na porta, ouvi ambos discutindo. Eu não deveria ter ficado, mas é difícil parar com o hábito de ouvir os outros, porque as pessoas sempre falaram e agiram como se eu não estivesse ali, como se não se importassem se eu entreouvisse.

Ouvi alguém bater na mesa, então o prof. Nemur gritou:

– Eu já informei ao comitê do congresso que vamos apresentar o artigo em Chicago.

Então ouvi a voz do dr. Strauss:

– Mas você está errado, Harold. Seis semanas é muito perto. Ele ainda está mudando.

E então Nemur:

– Nós previmos o padrão corretamente até agora. Temos justificativa para fazer um relatório temporário. Estou dizendo, Jay, não temos motivo para ter medo. Foi um sucesso. Tudo é positivo. Nada pode dar errado agora.

Strauss: – Isso é muito importante para todos nós para trazer a público prematuramente. Você está assumindo o controle...

Nemur: – Você está esquecendo que sou o membro sênior deste projeto.

Strauss: – E você está esquecendo que não é o único com uma reputação a considerar. Se reivindicarmos muito agora, nossa hipótese inteira vai ser criticada.

Nemur: – Não tenho mais medo de regressões. Eu conferi e reconferi tudo. Um relatório temporário não causará dano. Tenho certeza de que nada pode dar errado agora.

A discussão seguiu dessa maneira, com Strauss dizendo que Nemur estava de olho na Coordenação de Psicologia em Hallston, e Nemur dizendo que Strauss estava na carona da pesquisa psicológica dele. Então Strauss afirmou que o projeto tinha tanto a ver com suas técnicas em psicocirurgia e padrões de injeção de enzimas quanto com as teorias de Nemur, e que algum dia milhares de neurocirurgiões ao redor do mundo usariam os métodos *dele*, mas naquele momento Nemur o lembrou de que aquelas novas técnicas jamais teriam surgido sem a teoria original dele.

Eles se xingaram – *oportunista, cínico, pessimista* –, e me assustei. Subitamente, percebi que não tinha mais o direito de ficar do lado de fora do escritório ouvindo sem que soubessem. Eles poderiam não se importar quando eu tinha uma mentalidade muito débil para saber o que estava acontecendo, mas agora, que eu conseguia entender, não iriam querer que ouvisse. Saí sem esperar pelo desenrolar.

Estava escuro, e caminhei por um bom tempo tentando entender por que eu sentia tanto medo. Eu os via claramente pela primeira vez: não deuses ou heróis, mas apenas dois homens preocupados com tirar algo do próprio trabalho. Ainda assim, se Nemur tiver razão e o experimento for um sucesso, o que importa? Há muito a ser feito, tantos planos a fazer.

Vou esperar até amanhã para perguntar-lhes sobre levar a profª. Kinnian ao cinema para celebrar meu aumento.

26 de abril – Sei que não devia ficar pela universidade quando finalizo no laboratório, mas ver esses jovens homens e mulheres indo e vindo carregando livros e ouvi-los falar sobre tudo que aprendem nas aulas me empolga. Queria me sentar com eles na lanchonete Campus Bowl e trocar ideias tomando café quando eles se juntam para discutir livros e política e ideologias. É empolgante ouvi-los falando de poesia e ciência e filosofia – de Shakespeare e Milton; Newton e Einstein e Freud; de Platão e Hegel e Kant, e todos os outros nomes que ecoam como incríveis sinos de igreja na minha mente.

Às vezes entreouço as conversas nas mesas em torno de mim e finjo ser um estudante universitário, por mais que eu seja bem mais velho que eles. Carrego livros por aí e comecei a fumar cachimbo. É bobo, mas, já que sou parte do laboratório, sinto como se também fosse parte da universidade. Odeio ir para casa naquele quarto solitário.

27 de abril – Fiz amizade com alguns garotos no Campus Bowl. Eles estavam discutindo se Shakespeare realmente escreveu as peças de Shakespeare. Um dos garotos – um gordo de rosto suado – disse que Marlowe escreveu todas as peças de Shakespeare. Mas Lenny – o garoto mais baixo com óculos escuros – não acreditava nessa história de Marlowe e disse que todo mundo sabia que Sir Francis Bacon tinha escrito as peças porque Shakespeare nunca havia ido à universidade e nunca tinha obtido a educação que transparece nas peças. Foi aí que o calouro disse que ouviu alguns rapazes no banheiro falando que na verdade as peças de Shakespeare haviam sido escritas por uma mulher.

E falaram de política e de arte e de Deus. Eu nunca antes tinha ouvido alguém dizer que talvez não existisse um Deus. Aquilo me deu medo, porque pela primeira vez comecei a pensar no que Deus significa.

Agora entendo que um dos motivos importantes para ir à universidade e obter uma educação é aprender que as coisas em que você acreditou a vida toda não são verdade, e nada é o que parece ser.

Durante todo o tempo que eles falaram e discutiram, eu sentia o entusiasmo borbulhar dentro de mim. É isso que eu queria fazer – ir à faculdade e ouvir pessoas falando de coisas importantes.

Passo a maior parte do meu tempo livre na biblioteca agora, lendo e absorvendo o que consigo de livros. Não estou me concentrando em nada em particular, só lendo um monte de ficção – Dostoiévski, Flaubert, Dickens, Hemingway, Faulkner –, tudo em que consigo colocar as mãos, alimentando uma fome insaciável.

28 de abril – Em um sonho na noite passada, ouvi mamãe gritando com papai e com a professora na Escola Pública 13 (minha primeira escola antes de me transferirem para Escola Pública 222)...

– Ele é normal! Ele é normal! Ele vai crescer que nem os outros. Melhor que os outros. – Ela estava tentando arranhar a professora, mas meu pai a segurava. – Ele vai pra faculdade algum dia. Ele vai ser *alguém*. – Ela continuava gritando isso, unhando meu pai para que ele a soltasse. – Ele vai pra faculdade um dia e vai ser alguém.

Nós estávamos na sala do diretor, e havia muita gente parecendo envergonhada, mas o diretor assistente sorria e virava a cabeça para que ninguém o visse.

O diretor no meu sonho tinha uma barba longa e estava flutuando pela sala e apontando para mim:

– Ele vai ter que ir para uma escola especial. Coloquem o garoto na Residência Pública e Centro de Treinamento Warren. Nós não podemos tê-lo aqui.

Papai estava puxando mamãe para fora da sala do diretor, e ela gritava e chorava também. Eu não via o rosto dela, mas as lágrimas grandes e vermelhas ficavam pingando em mim...

Na manhã de hoje, eu conseguia me lembrar do sonho, mas agora tem mais do que isso – consigo me lembrar além do borrão, voltando para quando eu tinha 6 anos de idade e tudo isso aconteceu. Logo antes de Norma nascer. Vejo mamãe, uma mulher magra de cabelos escuros, que fala muito rápido e usa demais as mãos. Como sempre, o rosto dela está borrado. O cabelo está amarrado em um coque, e a mão dela o toca e alisa, como se precisasse se certificar de que ainda estava ali. Eu me lembro de que ela estava sempre se agitando como um grande pássaro branco em torno do meu pai, e ele cansado e pesado demais para escapar das bicadas dela.

Vejo Charlie em pé no centro da cozinha, brincando com seu rodopio, pedras e anéis brilhantes e coloridos presos em um cordão. Ele segura o cordão parado em uma mão e vira os anéis para que eles se enrolem e se desenrolem em luminosos movimentos de rotação. Passa longas horas observando seu rodopio. Não sei quem o fez para ele ou o que aconteceu com ele, mas o vejo ali em pé fascinado enquanto o cordão se desenrola e observa as luzes girando....

Ela está gritando com ele, gritando com o pai dele:

– Eu não vou levá-lo. Não tem nada de errado com ele!

– Rose, não faria bem continuar fingindo que nada está errado. É só olhar para ele, Rose. Seis anos de idade e...

– Ele não é burro. Ele é normal. Ele vai ser que nem todos.

Ele olha com tristeza para o filho com o rodopio, e Charlie sorri, erguendo-o para mostrar que bonito que ele é de todos os lados.

– Larga isso! – berra a mãe e subitamente ela derruba o rodopio da mão de Charlie, e ele tomba no chão da cozinha. – Vai brincar com suas letras do alfabeto.

Ele fica lá, assustado pela explosão súbita. Ele se encolhe, sem saber o que ela fará. O corpo dele começa a tremer. Eles estão discutindo, e as vozes indo e vindo causam uma pressão dentro dele e uma sensação de pânico.

– Charlie, vá para o banheiro. Não ouse fazer nas calças.

Ele quer obedecer a ela, mas suas pernas estão muito moles para se mover. Seus braços se erguem automaticamente para se defender de pancadas.

– Pelo amor de Deus, Rose. Deixe ele em paz. Você apavora o garoto. Você sempre faz isso, e o pobre garoto...

– Então por que você não me ajuda? Tenho que fazer tudo sozinha. Todos os dias eu tento ensinar, para ajudar, para ele alcançar os outros. Ele é só lento, só isso. Mas ele pode aprender como todo mundo.

– Você está se enganando, Rose. Não é justo conosco ou com ele. Fingir que ele é normal. Tratando ele como se fosse um animal que pode aprender a fazer truques. Por que você não deixa ele em paz?

– Porque eu quero que ele seja que nem todo mundo.

Enquanto discutem, o sentimento que sufoca o interior de Charlie aumenta. Suas entranhas parecem prestes a explodir, e ele sabe que deveria ir ao banheiro como a mãe mandou tantas vezes. Mas não consegue caminhar. Ele sente vontade de se sentar ali mesmo na cozinha, mas é errado, e ela vai bater nele.

Charlie quer seu rodopio. Se ele tiver seu rodopio e observá-lo girando e girando, ele conseguirá se controlar e não fará tudo nas calças. Mas o rodopio está por toda a cozinha, com alguns pedaços sob a mesa e alguns sob a pia e o cordão perto do forno.

É muito estranho que, embora eu consiga me lembrar das vozes claramente, os rostos ainda estejam borrados, e eu apenas consiga ver linhas gerais. Papai é maciço e atarracado. Mamãe, magra e ágil. Ouvi-los agora, discutindo entre si através dos anos, me dá o impulso de gritar para eles:

– Olhem para ele! Ali, ali embaixo! Olhem para Charlie. Ele tem que ir ao banheiro!

Charlie está parado, agarrando e puxando sua camisa xadrez vermelha enquanto discutem sobre ele. As palavras são faíscas furiosas entre os dois: uma raiva e uma culpa que ele não consegue identificar.

– Em setembro, ele vai voltar para a Escola Pública 13 e refazer o trabalho do semestre.

– Por que você não se permite ver a verdade? A professora disse que ele não consegue fazer o trabalho na aula normal.

– Aquela vaca de professora? Ah, eu tenho nomes melhores pra ela. Espera só ela começar a implicar comigo de novo e vou fazer mais do que escrever para o Conselho de Educação. Eu vou arrancar os olhos daquela vadia podre. Charlie, por que você está se revirando assim? Vá pro banheiro. Vá sozinho. Você sabe ir.

– Não consegue ver que ele quer que você o leve? Ele está assustado.

– Fique fora disso. Ele é perfeitamente capaz de ir ao banheiro sozinho. O livro diz que isso dá confiança e sentimento de realização.

O terror que o aguarda naquele cômodo de azulejos gelados o esmaga. Ele sente medo de ir lá sozinho. Ele ergue o braço e alcança a sua mãe, soluçando:

– Banhe-Banhe... – E ela afasta a mão dele com um tapa.

– Agora chega – ela diz severamente. – Você é um menino grande. Consegue ir sozinho. Agora vá pra dentro daquele banheiro e baixe as calças do jeito que ensinei. Já aviso você que, se fizer nas calças, vai apanhar.

Consigo quase sentir isso agora, o retorcer dos intestinos enquanto os dois o observam de cima, esperando o que Charlie fará. Os soluços dele se tornam um choro leve conforme ele não consegue mais se controlar, e ele choraminga e cobre o rosto com as mãos enquanto se suja.

É suave e quente, e ele sente a confusão de alívio e medo. Isso pertence a Charlie, mas ela vai tomá-lo dele como sempre faz. Ela vai levar aquilo embora

e ficar com aquilo pra ela. E ela o castigará com palmadas. Ela se aproxima dele, gritando que é um menino mau, e Charlie corre para o pai em busca de ajuda.

Subitamente, eu me lembro de que o nome dela é Rose, e o nome dele é Matt. É estranho ter esquecido o nome dos pais. E Norma? Esquisito não ter pensado neles por muito tempo. Queria ver o rosto de Matt agora, saber no que estava pensando naquele momento. Tudo o que me lembro é de que, enquanto ela começava a me bater, Matt Gordon se virou e saiu do apartamento.

Eu queria ver os rostos deles mais claramente.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 11

1º de maio – Por que nunca notei quão linda é Alice Kinnian? Ela tem olhos castanhos doces como de um pombo e cabelo castanho plumoso que se estende até o vazio de seu pescoço. Quando sorri, seus lábios cheios parecem fazer beicinho.

Fomos assistir a um filme e então jantamos. Não vi muito do primeiro filme porque estava bastante preocupado com ela sentada ao meu lado. Duas vezes o braço dela tocou no meu sobre o apoio da poltrona, e nas duas vezes o medo de que ela fosse se incomodar fez eu me afastar. Tudo no que eu conseguia pensar era na pele macia dela a centímetros de distância. Então vi, duas fileiras na nossa frente, um rapaz com o braço em torno de sua garota, e eu quis pôr o braço em torno da profª. Kinnian. Apavorante. Mas, se eu fizesse devagar... primeiro, descansaria meu braço atrás da cadeira dela... levantando... de pouco em pouco... para descansar a mão próximo dos ombros e do pescoço dela... casualmente...

Não ousei.

O melhor que consegui fazer foi descansar meu ombro atrás do assento dela, mas, ao conseguir chegar lá, tive de mudar de posição para limpar o suor de meu rosto e pescoço.

Uma vez, a perna dela acidentalmente tocou a minha.

Aquilo se tornou tamanha provação – tão dolorosa – que me forcei a parar de pensar nela. O primeiro filme havia sido de guerra, e tudo que peguei foi o final, em que o soldado volta à Europa para se casar com a mulher que salvou sua

vida. O segundo filme me interessou. Um drama psicológico sobre um homem e uma mulher aparentemente apaixonados, mas, na verdade, se destruindo mutuamente. Tudo sugere que o homem vai matar a mulher, mas, no último momento, alguma coisa que ela grita durante um pesadelo faz com que ele se lembre de algo que lhe aconteceu na infância. A memória súbita lhe mostra que seu ódio está direcionado, na verdade, a uma governanta depravada que o aterrorizara com histórias assustadoras e deixara uma falha em sua personalidade. Empolgado com a descoberta, ele grita de alegria para acordar a esposa. Ele a toma nos braços, e a implicação é a de que todos os seus problemas estão resolvidos. Era oportuno e desprezível, e devo ter transparecido minha raiva, porque Alice queria saber o que havia acontecido.

– É uma mentira! – expliquei, enquanto caminhávamos para a saída. – As coisas não são simples assim.

– Claro que não. – Ela riu. – É um mundo de faz de conta.

– Ah, não! Isso não é resposta – insisti. – Até no mundo de faz de conta tem de haver regras. As partes precisam ser consistentes e se encaixar. Esse tipo de filme é uma mentira. As coisas são forçadas a se adaptar porque o autor ou diretor ou alguém queria algo que não encaixava. E a história parece errada.

Ela olhou para mim pensativamente enquanto caminhávamos entre as brilhantes e deslumbrantes luzes noturnas da Times Square.

– Você está se desenvolvendo rápido.

– Estou confuso. Não sei mais o que sei.

– Isso não importa – ela insistiu. – Você está começando a ver e entender coisas. – Ela acenou com a mão como se para absorver todo o neon e glitter em torno de nós enquanto atravessávamos para a Sétima Avenida. – Você está começando a ver o que está por trás da superfície das coisas. O que você diz das partes precisarem se encaixar, isso foi um raciocínio muito bom.

– Ah, por favor. Não sinto como se estivesse realizando alguma coisa. Eu não entendo nada sobre mim ou meu passado. Nem sei onde estão meus pais ou qual a aparência deles. Você sabia que, quando eu os vejo em instantes de memória ou em sonho, os rostos estão borrados? Quero ver as expressões deles. Não consigo entender o que está acontecendo se não puder ver os rostos deles...

– Acalme-se, Charlie. – As pessoas se viravam para encarar. Ela deslizou o

braço no meu e me puxou para perto para me reter. – Tenha paciência. Não se esqueça de que está realizando em semanas o que outros demoram uma vida inteira. Você é uma esponja gigante absorvendo conhecimento. Logo vai começar a conectar as coisas, como degraus em uma escada gigante. E você vai subir cada vez mais alto para ver cada vez mais do mundo ao seu redor.

Enquanto entrávamos numa cafeteria na 45ª Avenida e pegávamos nossas bandejas, ela falou animadamente:

– Pessoas normais – ela disse – apenas conseguem ver um pouco. Elas não conseguem mudar muito ou ir mais além de onde estão, mas você é um gênio. Você vai continuar subindo e subindo, e vai ver mais e mais. E cada passo vai revelar mundos que você nem sabia que existiam.

Pessoas na fila que a ouviram se viraram para me encarar, e apenas quando eu a cutuquei para parar, ela baixou a voz.

– Só espero, por Deus – ela sussurrou –, que você não se machuque.

Por algum tempo depois disso, eu não sabia o que dizer. Nós pedimos nossa comida no balcão, levamos para a mesa e comemos sem falar. O silêncio me deixou nervoso. Entendi o que ela queria dizer sobre seu medo, então brinquei a respeito:

– Como eu me machucaria? Eu não posso ficar pior do que estava antes. Até Algernon segue inteligente, não é? Enquanto ele continuar naquele patamar, vou estar em bom estado. – Ela brincava com a faca, fazendo depressões circulares em um pedaço de manteiga, e o movimento me hipnotizava. – E, além disso – contei a ela –, eu entreouvi uma coisa: o prof. Nemur e o dr. Strauss estavam discutindo, e Nemur disse que tem certeza absoluta de que nada pode dar errado.

– Espero que sim – ela disse. – Você não faz ideia de quanto medo tenho sentido de algo dar errado. Eu me sinto responsável em parte. – Ela me notou encarando a faca e a baixou cuidadosamente ao lado do prato.

– Eu nunca teria feito isso se não fosse por você – eu afirmei.

Ela riu, e isso me fez estremecer. Foi então que vi que seus olhos eram doces. Rapidamente, ela olhou para a toalha de mesa e corou.

– Obrigada, Charlie – ela agradeceu e pegou minha mão.

Era a primeira vez que alguém fazia isso, o que me deixou mais ousado. Eu

me inclinei para a frente, segurando a mão dela, e as palavras saíram:

– Gosto muito de você. – Depois que falei, tive medo que ela fosse rir, mas a profª. Kinnian assentiu e sorriu.

– Gosto de você também, Charlie.

– Mas é mais que gostar. Quero dizer que... ah, inferno! Eu não sei o que quero dizer. – Eu sabia que estava corando e não sabia para onde olhar ou o que fazer com as mãos. Derrubei um garfo e, ao buscá-lo, derrubei um copo que derramou água no vestido dela. Subitamente, eu tinha me tornado desastrado e desajeitado de novo e, quando tentei me desculpar, minha língua estava grande demais para a minha boca.

– Não tem problema, Charlie – ela tentou me assegurar. – É só água. Não deixe que isso te incomode tanto.

No táxi a caminho de casa, ficamos em silêncio por muito tempo, e então ela abaixou a bolsa e arrumou minha gravata e também ajeitou meu lenço do bolso do peito.

– Você ficou bem chateado esta noite, Charlie.

– Estou me sentindo ridículo.

– Eu te incomodei falando disso. Deixei você envergonhado.

– Não é isso. O que me incomoda é que não consigo descrever com palavras como me sinto.

– Esses sentimentos são novos para você. Nem tudo tem que ser... descrito em palavras.

Eu me aproximei dela e tentei segurar sua mão de novo, mas ela se afastou.

– Não, Charlie. Não acho que isso seja bom pra você. Eu chateei você e acho que isso pode ter um efeito negativo.

Quando ela se afastou, eu me senti desajeitado e ridículo ao mesmo tempo. Isso me deixou furioso comigo mesmo, então me distanciei para o meu lado do carro e fiquei olhando pela janela. Eu a odiava mais do que já havia odiado alguém, com essas respostas fáceis e exagero maternal. Queria dar um tapa na sua cara, fazê-la rastejar e depois segurá-la em meus braços e beijá-la.

– Charlie, sinto muito se chateei você.

– Esquece.

– Mas você tem que entender o que está acontecendo.

– Eu entendo e prefiro não falar a respeito.

Quando o táxi chegou ao apartamento dela na 77ª Avenida, eu me sentia completamente miserável.

– Olha – ela disse –, isso é minha culpa. Eu não deveria ter saído com você esta noite.

– Sim, agora eu sei disso.

– O que quero dizer é que não temos o direito de levar isso pro pessoal... pro emocional. Você tem tanto a fazer. Eu não tenho o direito de entrar na sua vida agora.

– Mas isso é problema meu, não é?

– É? Isso não é mais um assunto pessoal, Charlie. Você tem obrigações agora: não apenas com o prof. Nemur e o dr. Strauss, mas com os milhões que podem seguir o seu caminho.

Quanto mais ela falava daquela maneira, pior eu me sentia. Ela ressaltava minha inabilidade, minha falta de conhecimento sobre as coisas certas a dizer e fazer. Eu era um adolescente disparatado aos olhos dela, e ela estava tentando me dispensar gentilmente.

Ao chegarmos à porta do apartamento, ela se virou e sorriu para mim, e por um momento pensei que fosse me convidar para entrar, mas ela só sussurrou:

– Boa noite, Charlie. Obrigada pela ótima noite.

Eu quis dar um beijo de boa noite. Eu tinha me preocupado com isso antes. Uma mulher espera que você faça isso, não? Nos romances que li e nos filmes que vi, é o homem quem faz os avanços. Eu tinha decidido na noite passada que iria beijá-la. Mas fiquei remoendo: e se ela me rejeitasse?

Eu me aproximei e tentei alcançar seus ombros, mas ela foi rápida demais para mim. Então me parou e tomou minha mão.

– É melhor só dizermos boa noite dessa maneira, Charlie. Não podemos deixar ficar pessoal. Ainda não.

E, antes que eu pudesse protestar ou perguntar o que queria dizer com *ainda não*, ela começou a falar de dentro do apartamento:

– Boa noite, Charlie, e de novo, muito obrigada pela adorável... adorável

ocasião. – E fechou a porta.

Eu estava furioso com ela, comigo e com o mundo, mas, até chegar em casa, percebi que ela estava certa. Agora, não sei se ela se importa comigo ou se só estava sendo gentil. O que ela poderia possivelmente ver em mim? O que torna isso mais esquisito é que nunca tive uma experiência assim com alguém antes. Como uma pessoa faz para aprender a agir em relação à outra? Como um homem aprende como se comportar com uma mulher?

Os livros não ajudam muito.

Mas, na próxima vez, vou dar um beijo de boa noite.

3 de maio – Uma das coisas que me confunde quando surge algo do meu passado é nunca saber se aquilo realmente aconteceu daquela maneira, se aquela era a maneira que parecia para mim naquele momento ou se estou inventando. Sou como um homem que passou a vida inteira semiadormecido, tentando descobrir como ele era antes de acordar. Tudo está estranhamente borrado e em câmera lenta.

Tive um pesadelo na noite passada e, quando acordei, me lembrei de algo.

Primeiro o pesadelo: estou correndo por um longo corredor, meio cego por redemoinhos de poeira. Às vezes corro para a frente e então começo a flutuar e corro para o outro lado, mas tenho medo porque estou escondendo algo no meu bolso. Não sei o que é ou onde consegui, mas sei que eles querem tomá-lo de mim e isso me assusta.

A parede se espatifa, e subitamente há uma garota ruiva de braços estendidos para mim: seu rosto é uma máscara vazia. Ela me toma nos braços, beijando-me e acariciando-me, e quero segurá-la perto de mim, mas tenho medo: quanto mais ela me toca, mais assustado fico porque sei que nunca devo tocar uma garota. Então, enquanto seu corpo se esfrega contra o meu, sinto dentro de mim um estranho efervescer e latejar que me aquece. Mas, quando olho para cima, vejo uma faca ensanguentada em suas mãos.

Tento gritar enquanto corro, mas nenhum som sai da minha garganta, e meus bolsos estão vazios. Procuro nos bolsos, mas não sei o que perdi nem por que estava escondendo. Sei apenas que não tenho mais, e há sangue em minhas mãos também.

Quando acordei, pensei em Alice e tive a mesma sensação de pânico como no sonho. Do que tenho medo? Algo sobre a faca.

Preparei uma xícara de café e fumei um cigarro. Eu nunca tivera um sonho como aquele antes e sabia que estava conectado à minha noite com Alice. Comecei a pensar nela de uma maneira diferente.

Livre associação ainda é difícil porque é difícil não controlar a direção dos pensamentos... apenas deixar a mente aberta e permitir que qualquer coisa circule nela... ideias emergindo na superfície como um banho de espuma... uma mulher se banhando... uma garota... Norma tomando banho... Estou assistindo pelo buraco da fechadura... e, quando ela sai da banheira para se secar, vejo que o corpo dela é diferente do meu. Alguma coisa está faltando.

Correndo pelo corredor... alguém me seguindo... não uma pessoa... apenas uma grande e brilhante faca de cozinha, e choro de medo, mas nenhuma voz sai porque meu pescoço foi cortado e estou sangrando...

– Mamãe, Charlie está me espiando pelo buraco da fechadura...

Por que ela é diferente? O que aconteceu com ela...? Sangue... sangramento... um pequeno armário...

Três ratos cegos... três ratos cegos.
Como correm! Como correm!
Atrás da mulher do agricultor,
que lhes cortou as caudas, que dor!
Alguma vez se viu algo assim,
como três... ratos... cegos?

Charlie, sozinho na cozinha cedo da manhã. Todos os outros estão dormindo, e ele se diverte brincando com seu rodopio. Quando ele se inclina, um dos botões de sua camisa cai e rola pela complicada estampa de linhas no linóleo da cozinha. Ele rola na direção do banheiro, e Charlie o segue, mas então o perde. Onde está o botão? Ele entra no banheiro para encontrá-lo. Há um armário onde fica a cesta de roupas sujas, e ele gosta de tirar todas as roupas de dentro e olhar para elas. As coisas do seu pai e de sua mãe... e os vestidos de Norma. Ele gostaria de experimentá-los e fingir que é Norma, mas uma vez fez isso, e sua

mãe lhe deu uma surra. Dentro do cesto de roupas sujas, ele encontra as roupas íntimas de Norma com sangue seco. O que ela fez de errado? Ele está apavorado. Quem quer que tenha feito aquilo poderia voltar procurando por ele...

Por que uma memória assim da infância permanece comigo com tanta força, e por que me assusta agora? É por causa dos meus sentimentos por Alice?

Pensando sobre isso agora, entendo por que fui ensinado a ficar longe de mulheres. Foi errado da minha parte expressar meus sentimentos para Alice. Não tenho direito de pensar em uma mulher dessa maneira – ainda não.

Mas, mesmo enquanto escrevo estas palavras, algo dentro de mim grita que existe mais. Sou uma pessoa. Eu era alguém antes de passar pelo bisturi do cirurgião. E tenho que amar alguém.

8 de maio – Mesmo agora que entendi o que vem acontecendo pelas costas do sr. Donner, acho difícil de acreditar. Inicialmente, notei que havia algo errado durante o horário de pico dois dias atrás. Gimpy estava atrás do balcão embrulhando um bolo de aniversário para um de nossos clientes regulares – um bolo que vende por 3,95 dólares. Mas, quando Gimpy registrou a compra, a máquina apontou apenas 2,95 dólares. Comecei a avisar que ele tinha cometido um erro, mas, no espelho atrás do balcão, vi uma piscadela e um sorriso que saiu do cliente para Gimpy, que respondeu com outro sorriso. E, quando o homem pegou seu troco, vi o brilho de uma grande moeda prateada deixada para trás na mão de Gimpy antes de seus dedos fecharem em torno dela, e o rápido movimento com o qual ele colocou os 50 centavos no bolso.

– Charlie – disse uma mulher atrás de mim –, tem mais algum desses éclairs com recheio de creme?

– Vou conferir nos fundos.

Fiquei feliz pela interrupção porque me deu tempo de pensar sobre o que tinha visto. Certamente, Gimpy não tinha cometido um erro. Ele deliberadamente cobrara a menos do consumidor, e havia um entendimento entre ambos.

Trêmulo, eu me apoiei contra a parede sem saber o que fazer. Gimpy vinha trabalhando para o sr. Donner por mais de quinze anos. Donner – que sempre

tratara seus funcionários como amigos próximos, como parentes – havia convidado a família de Gimpy para jantar em sua casa mais de uma vez. Ele frequentemente colocava Gimpy na gerência da padaria quando precisava sair, e eu tinha ouvido histórias sobre as vezes em que Donner dera dinheiro para Gimpy pagar as contas hospitalares da esposa.

Era incrível que qualquer um roubasse desse homem. Tinha de existir outra explicação. Gimpy realmente havia cometido um erro registrando a compra, e os 50 centavos foram uma gorjeta. Ou talvez o sr. Donner houvesse feito algum tipo de combinado para esse cliente específico que regularmente comprava bolos de creme. Qualquer coisa menos acreditar que Gimpy estava roubando. Gimpy sempre havia sido tão bom comigo.

Eu não queria mais saber. Mantive os olhos afastados da caixa registradora enquanto trazia outra bandeja de éclairs e organizava os biscoitos, pães e bolos.

Mas, quando a pequena mulher ruiva entrou – a que sempre beliscava minha bochecha e brincava sobre achar uma namorada para mim –, eu me lembrei de que ela vinha com mais frequência quando Donner saía para almoçar e deixava Gimpy atrás do balcão. Gimpy frequentemente me enviava para entregar pedidos na casa dela.

Involuntariamente, minha mente totalizou suas compras em 4,53 dólares. Mas eu me virei de costas para não ver quanto Gimpy colocava na caixa registradora. Eu queria saber a verdade, mas ainda tinha medo do que descobriria.

– Dois e quarenta e cinco, sra. Wheeler – ele disse.

O barulho da compra fechada. O contar do troco. O fechar do caixa.

– Obrigado, sra. Wheeler.

Eu me virei a tempo de vê-lo colocar a mão no bolso e ouvi o fraco som de moedas tinindo.

Quantas vezes ele *havia me usado* como intermediário, entregando os pacotes para ela e cobrando a menos para que depois pudessem dividir a diferença? Ele me usara todos esses anos para ajudá-lo a roubar?

Eu não conseguia tirar os olhos de Gimpy enquanto ele mancava atrás do balcão, o suor escorrendo debaixo da sua touca de papel. Ele parecia animado, de natureza boa, mas, ao olhar para o lado, cruzamos olhares e ele franziu a testa

e se virou.

Eu queria bater nele. Eu queria ir atrás do balcão e socar a cara dele. Não me lembro de ter odiado tanto alguém antes – mas, na manhã de hoje, odiei Gimpy com todo o coração.

Derramar tudo isso em papel no silêncio do meu quarto não ajudou. Cada vez que penso em Gimpy roubando do sr. Donner, quero quebrar algo. Felizmente, não acho que seja capaz de violência. Acho que nunca bati em ninguém em toda a vida.

Mas ainda tenho que decidir o que fazer. Contar para Donner que seu empregado de fé vem roubando dele por todos esses anos? Gimpy iria negar, e eu jamais poderia provar a verdade. E o que isso causaria no sr. Donner? Não sei o que fazer.

9 de maio – Não consigo dormir. Isso me afetou. Devo demais ao sr. Donner para ficar parado enquanto lhe assisto ser roubado. Eu seria tão culpado quanto Gimpy por meu silêncio. E, ainda assim, estou na posição de informar? O que mais me incomoda é que, quando ele me enviava em entregas, *me* usava para roubar de Donner. Sem saber disso, eu não poderia ser culpado. Mas agora que sei, por meu silêncio, sou tão culpado quanto ele.

Ao mesmo tempo, Gimpy é um colega de trabalho. Três filhos. O que ele vai fazer se Donner o demitir? Ele talvez não consiga outro emprego, especialmente com o pé torto.

É essa a minha preocupação?

O que é correto? É irônico que toda a minha inteligência não me ajude a resolver um problema assim.

10 de maio – Perguntei ao prof. Nemur sobre isso, e ele insiste que sou um espectador inocente e que não há necessidade de me envolver no que seria uma situação desagradável. O fato de que fui usado como intermediário não parece incomodá-lo nem um pouco. Se eu não entendia o que estava acontecendo à época, ele diz, então não importa. Sou tão culpado quanto uma faca num assassinato ou um carro em uma colisão.

– Mas eu não sou um objeto inanimado – argumentei. – Sou uma *pessoa*.

Ele pareceu confuso por um instante e então riu.

– É claro que sim, Charlie. Mas não me referia a agora. Quis dizer antes da operação.

Presunçoso, pomposo: quis bater nele também.

– Eu era uma pessoa antes da operação, caso você tenha esquecido.

– Sim, claro, Charlie. Não me entenda mal. Mas era diferente... – E então ele se lembrou de que precisava checar algumas tabelas no laboratório.

O dr. Strauss não fala muito durante nossas sessões de psicoterapia, mas hoje, quando trouxe o assunto à tona, ele disse que eu era moralmente obrigado a contar para o sr. Donner. No entanto, quanto mais eu pensava a respeito, menos simples se tornava. Eu precisava de alguém mais para desfazer o empate, e a única pessoa em quem podia pensar era Alice. Finalmente, às 22h30, não consegui me segurar mais. Disquei três vezes, desliguei antes de ela atender em todas as vezes, mas, na quarta vez, consegui ficar na linha até ouvir a voz dela.

Inicialmente, ela não achava que deveria me ver, mas eu implorei para vê-la na cafeteria onde havíamos jantado.

– Eu te respeito. Você sempre me deu bons conselhos. – E, quando ela ainda hesitou, insisti. – Você *tem* que me ajudar. Você é parcialmente responsável. Você mesma disse. Se não fosse por você, eu jamais teria passado por isso para começo de conversa. Não pode apenas se livrar de mim agora.

Ela deve ter sentido a urgência porque concordou em me encontrar. Desliguei e encarei o telefone. Por que para mim era tão importante saber o que *ela* pensava, como se sentia? Por mais de um ano no Centro de Adultos a única coisa que importava era agradar a ela. Foi por isso que concordei com a cirurgia para começo de conversa?

Fiquei caminhando em frente à cafeteria até um policial começar a me espiar com desconfiança. Então entrei e comprei café. Felizmente, a mesa que tínhamos usado da última vez estava vazia. Ela pensaria em me procurar ali, mais ao fundo.

Quando me viu, acenou, mas parou no caixa para pedir um café antes de vir à mesa. Ela sorriu, e eu sabia que era porque eu tinha escolhido a mesma mesa. Um gesto tolo e romântico.

– Sei que está tarde – desculpei-me –, mas juro que estava enlouquecendo. Tinha que falar com você.

Ela bebericou o café e ouviu calmamente enquanto eu explicava como havia descoberto a trapaça de Gimpy, minha reação e os conselhos conflitantes que recebera no laboratório. Quando terminei, ela se recostou na cadeira e balançou a cabeça.

– Charlie, você me surpreende. De certas formas, você é tão avançado, mas, quando se trata de tomar uma decisão, ainda é uma criança. Não posso decidir por você, Charlie. A resposta não pode ser encontrada em livros ou ser resolvida trazendo o problema para outras pessoas. A menos que você queira continuar uma criança durante a vida inteira. Você precisa encontrar a resposta dentro de você, *sinta* a coisa certa a fazer. Charlie, você tem que aprender a confiar em si mesmo.

No começo, fiquei incomodado com o sermão, mas, subitamente, começou a fazer sentido.

– Quer dizer que *eu tenho* que decidir? – Ela assentiu. – Na verdade – eu disse –, agora que penso a respeito, acho que já decidi um pouco! Acho que Nemur e Strauss estão errados!

Ela me observava de perto animadamente:

– Alguma coisa está acontecendo com você, Charlie. Se ao menos você pudesse ver sua expressão.

– Pode acreditar que algo está acontecendo! Uma nuvem de fumaça pairava na frente dos meus olhos, e, com um sopro, você a afastou. Uma ideia simples. Confiar em *mim mesmo*. E nunca me ocorreu antes.

– Charlie, você é incrível.

Eu peguei a mão dela e a segurei:

– Não, você é. Você toca meus olhos e me faz ver.

Ela corou e puxou a mão de volta.

– Na última vez que estivemos aqui – eu disse –, falei que gostava de você. Eu deveria ter confiado em mim para dizer que amo você.

– Não, Charlie. Ainda não.

– *Ainda não?* – gritei. – Foi o que você disse da última vez. Por que ainda

não?

– Shhhh... Espere um pouco, Charlie. Termine seus estudos. Veja para onde eles o levam. Você está mudando rápido demais.

– O que isso tem a ver? Meus sentimentos por você não vão mudar porque estou me tornando inteligente. Eu só vou te amar mais.

– Mas você está mudando emocionalmente também. De um jeito estranho, sou a primeira mulher de quem você tomou consciência, dessa maneira. Até agora, fui sua professora, alguém a quem se voltar para ajuda e conselhos. Você está inclinado a achar que está apaixonado por mim. Conheça outras mulheres. Dê mais tempo para si mesmo.

– Você está dizendo que garotinhos estão constantemente se apaixonando por suas professoras, e que, emocionalmente, eu ainda sou um garotinho.

– Você está colocando palavras na minha boca. Não, eu não enxergo você como um garotinho.

– Emocionalmente retardado, então.

– Não.

– Então por quê?

– Charlie, não me pressione. Eu não sei. Você já ultrapassou meu alcance intelectual. Em alguns meses, ou até semanas, será uma pessoa diferente. Quando você amadurecer intelectualmente, nós talvez não consigamos nos comunicar. Quando amadurecer emocionalmente, você pode nem me querer. Tenho que pensar em mim também, Charlie. Vamos esperar e ver. Tenha paciência.

O que ela falava fazia sentido, mas eu não me permitia ouvir.

– Na outra noite – sufoquei –, você não sabe quanto ansiei por aquele encontro. Eu estava maluco me perguntando como me comportar, o que dizer, querendo deixar a melhor impressão e com medo de dizer algo que deixasse você brava.

– Você não me deixou brava. Eu me senti lisonjeada.

– Então quando posso ver você de novo?

– Não tenho direito de deixar você se envolver.

– Mas eu *estou* envolvido! – gritei e, ao ver outras pessoas se virando para

olhar, baixei minha voz até tremer de raiva. – Sou uma pessoa, um homem, e não consigo viver só com livros e fitas e labirintos eletrônicos. Você diz “conheça outras mulheres”. Como faço isso se não conheço nenhuma outra mulher? Alguma coisa dentro de mim queima, e só sei que me faz pensar em você. Estou no meio de uma página e vejo seu rosto nela, não borrada como as do meu passado, mas clara e viva. Toco na página, e seu rosto se foi, e quero rasgar o livro e jogá-lo fora.

– Por favor, Charlie...

– Deixe-me ver você de novo.

– Amanhã no laboratório.

– Você sabe que não é isso que quero dizer. Longe do laboratório. Longe da universidade. Sozinhos.

Eu conseguia ver que ela queria dizer sim. Estava surpresa com minha insistência. Eu mesmo estava surpreso. Eu só sabia que não conseguia parar de pressioná-la. Mas ainda assim havia um terror na minha garganta enquanto eu implorava. As palmas das minhas mãos estavam encharcadas. Eu tinha medo de que ela dissesse *não* ou medo de que dissesse *sim*? Se ela não tivesse quebrado a tensão ao me responder, acho que eu teria desmaiado.

– Tudo bem, Charlie. Longe do laboratório e da universidade, mas não sozinhos. Não acho que deveríamos estar juntos sozinhos.

– Onde você disser – arquejei. – Só para que eu possa estar com você sem pensar em testes... estatísticas... questões... respostas...

Ela franziu a testa por um momento.

– Tudo bem. Tem concertos de primavera gratuitos no Central Park. Semana que vem você pode me levar a um deles.

Quando chegamos à entrada do edifício dela, ela se virou rapidamente e me deu um beijo na bochecha:

– Boa noite, Charlie. Estou feliz por ter me ligado. Vejo você no laboratório. – Ela fechou a porta, e eu fiquei do lado de fora do prédio, olhando para a luz na janela de seu apartamento até apagar.

Agora, não há nenhuma dúvida. Estou apaixonado.

11 de maio – Depois de tanto pensar e me preocupar, percebi que Alice tinha razão. Eu precisava confiar na minha intuição. Na padaria, observei Gimpy com mais cuidado. Três vezes hoje, eu o vi cobrar a menos de clientes e então embolsar sua porção da diferença quando passavam dinheiro para ele. Ele fazia isso apenas com certos clientes regulares, e me ocorreu que essas pessoas eram tão culpadas quanto ele. Sem o acordo entre ambos, isso jamais aconteceria. Por que Gimpy deveria ser o bode expiatório?

Foi então que decidi pelo acordo. Talvez não fosse a decisão perfeita, mas era minha decisão, e, dadas as circunstâncias, parecia a melhor resposta. Eu contaria a Gimpy o que sabia e avisaria para parar.

Fiquei sozinho com ele na parte de trás do lavatório e, quando me aproximei, ele começou a se afastar.

– Tenho algo importante para falar com você – eu disse. – Quero seu conselho para um amigo com um problema. Ele descobriu que um dos colegas de trabalho está enganando o chefe e não sabe o que fazer. Ele não gosta da ideia de entregá-lo e deixar o homem em apuros, mas não quer assistir a tudo e deixar o chefe, que é muito bom para os dois funcionários, ser roubado.

Gimpy me olhou asperamente.

– O que esse seu amigo planeja fazer?

– É esse o problema. Ele não quer fazer nada. Acha que, se os roubos parassem, não ganharia nada com denúncias. Ele esqueceria tudo.

– Seu amigo devia enfiar o nariz apenas onde é chamado – disse Gimpy, tirando o peso de seu pé torto. – Ele deveria fechar os olhos para coisas assim e saber quem são *seus* amigos de verdade. Um chefe é um chefe, e funcionários têm que se proteger.

– Meu amigo não vê dessa forma.

– Não é da sua conta.

– Ele acha que, sabendo disso, ele é responsável em parte. Então decidiu que, se a coisa parar, não tem mais nada a dizer. De outra forma, ele vai contar a história toda. Queria pedir sua opinião. Você acha que, nessas circunstâncias, os roubos vão parar?

Tomou muita força dele esconder a raiva. Eu conseguia ver que Gimpy queria

me bater, mas ele apenas fechou o punho.

– Diga ao seu amigo que o homem parece não ter escolha.

– Tudo bem – eu falei. – Isso deixará meu amigo muito contente.

Gimpy começou a caminhar e então pausou e olhou para trás.

– Seu amigo, pode ser que esteja interessado em uma parte? É esse o motivo?

– Não, ele só quer que a coisa toda pare.

Ele me olhou fixamente.

– Posso dizer, você vai se arrepender de se meter. Eu sempre defendi você. Eu é que deveria fazer exames da cabeça. – E então mancou para fora.

Talvez eu devesse ter contado a história toda para Donner e feito Gimpy ser demitido. Não sei. Fazer dessa forma tem seus méritos. Está terminado e acabou. Mas quantas pessoas assim existem no mundo, que usam os outros dessa forma?

15 de maio – Meus estudos vão bem. A biblioteca da universidade é minha segunda casa agora. Tiveram de me arranjar uma sala privada, porque demoro apenas um segundo para absorver as informações na página, e estudantes curiosos invariavelmente se reúnem em torno de mim enquanto passo as folhas.

Meus interesses mais fascinantes no momento são etimologias de idiomas antigos, novos trabalhos no cálculo de variáveis e história hindu. É incrível a maneira como assuntos, aparentemente sem ligação, se conectam. Atingi mais um platô e, desde então, as correntes das diferentes disciplinas parecem mais próximas umas das outras, como se saíssem de uma única fonte.

Estranho como, quando estou na cafeteria da universidade e ouço os estudantes discutindo história ou política ou religião, tudo parece tão infantil.

Não encontro mais prazer em discutir ideias em um nível tão elementar. As pessoas se ressentem quando alguém lhes mostra que elas não abordam as complexidades do problema do qual conhecem apenas ondas superficiais. É igualmente ruim em níveis superiores, e já desisti de qualquer tentativa de discutir esses assuntos com professores em Beekman.

Na cafeteria docente, Burt me apresentou a um professor de economia bastante conhecido por seu trabalho nos fatores econômicos que afetam taxas de juros. Por muito tempo, quis falar com um economista sobre algumas das ideias

que encontrei durante minhas leituras. Os aspectos morais de um bloqueio militar como arma em tempos pacíficos têm me incomodado. Eu lhe perguntei sua opinião sobre sugestões feitas por senadores de que comecemos a usar essas táticas como maneira de pôr nações em listas negras, além de reforçar os controles náuticos que vínhamos exercendo na Primeira e Segunda Guerras Mundiais contra algumas nações menores que agora nos opõem.

Ele ouviu silenciosamente, com o olhar fixo no ar, e imaginei que ele estivesse organizando os pensamentos para uma resposta, mas, alguns minutos depois, ele limpou a garganta e balançou a cabeça. Aquilo, ele explicou, desculpando-se, estava fora de sua área de especialização. Seu interesse estava em taxas de juros, e ele não havia pensado muito sobre economia militar. Sugeriu, então, que eu visitasse o dr. Wessey, que uma vez escreveu um artigo sobre Acordos de Comércio de Guerra durante a Segunda Guerra Mundial. Ele poderia me ajudar.

Antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, o homem pegou minha mão e a apertou. Ele estava feliz em me conhecer, mas havia algumas anotações que precisava organizar para uma palestra. E então foi embora.

A mesma coisa aconteceu quando tentei discutir Chaucer com um especialista em literatura americana, questionei um orientalista sobre as Ilhas Trobriand e tentei me focar nos problemas relacionados ao desemprego causado por automatização com um psicólogo social que se especializava em pesquisas de opinião pública sobre comportamento adolescente. Todos esses especialistas encontravam desculpas para escapar, com medo de revelar a limitação de seus conhecimentos.

Como eles me parecem diferentes agora. E quão tolo fui de algum dia pensar que professores eram gigantes intelectuais. Eles são pessoas, e sentem medo de que o resto do mundo descubra. E Alice é uma pessoa também – uma mulher, não uma deusa – e vou levá-la ao concerto amanhã à noite.

17 de maio – Quase amanhece e não consigo pegar no sono. Tenho que entender o que me aconteceu ontem à noite no concerto.

A noite começou bem o suficiente. A alameda no Central Park se encheu cedo, e Alice e eu tivemos de procurar por um lugar entre casais estendidos na

grama. Finalmente, bastante longe da rota principal, encontramos uma árvore disponível onde – fora do alcance da luz das lâmpadas – a única evidência de outros casais era o solene riso feminino e o brilho das pontas de cigarros.

– Aqui está bom – ela disse. – Não há motivo para ficar em cima da orquestra.

– O que é isso que estão tocando agora? – perguntei.

– É *La Mer*, de Debussy. Você gosta?

Eu me ajeitei ao lado dela:

– Eu não sei muito sobre esse tipo de música. Tenho que pensar a respeito.

– Não pense – ela sussurrou. – Sinta. Deixe que ela te leve como o oceano, sem tentar entender. – Ela se deitou na grama e virou o rosto na direção da música.

Eu não tinha como saber o que ela esperava de mim. Isso estava longe das linhas claras de resolução de problemas e da sistemática aquisição de conhecimento. Fiquei dizendo a mim mesmo que a palma das mãos suando, o aperto no meu peito, o desejo de colocar os braços em torno dela eram apenas reações bioquímicas. Eu inclusive delineei o modelo de estímulo e reação que causava meu nervosismo e empolgação. No entanto, tudo estava vago e incerto. Eu deveria colocar o braço em torno dela ou não? Ela estava esperando que eu fizesse isso? Ela ficaria brava? Eu conseguia ver que ainda me comportava como um adolescente, e isso me enfurecia.

– Aqui – engasguei –, por que você não fica mais confortável? Descanse no meu ombro. – Ela me deixou passar o braço em torno dela, mas não me olhou. Parecia muito absorta na música para perceber o que eu fazia. Ela queria que eu a abraçasse daquela forma ou estava apenas tolerando? Enquanto escorregava o braço para sua cintura, eu a senti tremer, mas ela seguiu encarando na direção da orquestra. Ela fingia se concentrar na música para não ter de me responder. Ela não queria saber o que estava acontecendo. Enquanto olhasse para longe e ouvisse, poderia fingir que minha proximidade, meus braços em torno dela, foi sem seu conhecimento ou consentimento. Queria que eu fizesse amor com seu corpo ao mesmo tempo que ela mantinha a mente em temas mais elevados. Eu me inclinei bruscamente e virei seu queixo:

– Por que você não olha para mim? Está fingindo que não existo?

– Não, Charlie – ela sussurrou. – Estou fingindo que eu não existo.

Quando toquei em seu ombro, seu corpo endureceu e tremeu, mas eu a puxei na minha direção. Então aconteceu. Começou como um zumbido surdo nos meus ouvidos... uma serra elétrica... muito longe. Então o frio: braços e pernas formigando, e meus dedos dormentes. Subitamente, tive a sensação de estar sendo observado.

Uma súbita mudança de perspectiva. Eu vi, de algum ponto na escuridão atrás de uma árvore, nós dois deitados abraçados.

Eu me virei para olhar um garoto de 15 ou 16 anos, agachado nas proximidades.

– Ei! – gritei. Enquanto ele se levantava, vi que suas calças estavam abertas, e ele estava exposto.

– O que houve? – ela se sobressaltou.

Pulei para cima, e ele sumiu na escuridão.

– Você viu aquele garoto?

– Não – ela respondeu, ajeitando a saia nervosamente. – Não vi ninguém.

– Em pé aqui. Observando. Próximo o suficiente para tocar você.

– Charlie, onde está indo?

– Ele não pode ter ido longe.

– Deixe o garoto em paz, Charlie. Não importa.

Mas importava para mim. Corri na escuridão, tropeçando em casais surpresos, mas não havia maneira de saber para onde ele fora.

Quanto mais eu pensava nele, pior se tornava o sentimento de náusea que surge antes de desmaiar. Perdido e sozinho em uma grande vastidão. E então me centrei e achei o caminho de volta para onde Alice estava sentada.

– Você o encontrou?

– Não, mas ele estava ali. Eu vi.

Ela olhou para mim com estranheza:

– Você está bem?

– Eu vou ficar... em um minuto... é só esse zumbido nos meus ouvidos.

– Talvez nós devêssemos ir.

Durante todo o caminho para o apartamento dela, pensei que o garoto estava agachado na escuridão e, por um segundo, eu consegui espiar o que ele via: nós dois abraçados.

– Você gostaria de entrar? Posso fazer café.

Eu queria, mas algo me alertou contra isso.

– É melhor não. Tenho muito trabalho para fazer hoje à noite.

– Charlie, foi alguma coisa que eu fiz ou disse?

– Claro que não. Aquele garoto nos observando me incomodou.

Ela estava em pé perto de mim, esperando que eu a beijasse. Pus o braço em torno dela, mas aconteceu de novo. Se eu não me afastasse rápido, desmaiaria.

– Charlie, você parece nauseado.

– Você o viu, Alice? A verdade...

Ela balançou a cabeça:

– Não. Estava muito escuro. Mas tenho certeza...

– Tenho que ir. Vou te ligar. – E, antes que ela pudesse me parar, eu me afastei. Tinha que sair daquele edifício antes que tudo desmoronasse.

Pensando nisso agora, estou certo de que foi uma alucinação. O dr. Strauss pensa que ainda estou num estado adolescente em que estar próximo de uma mulher, ou pensar em sexo, desperta ansiedade, pânico, até alucinações. Ele conclui que meu rápido desenvolvimento intelectual me enganou a ponto de pensar que eu poderia viver uma vida emocional normal. Mas tenho de aceitar o fato de que medos e bloqueios despertados nessas situações sexuais revelam que emocionalmente ainda sou um adolescente – sexualmente retardado. Acho que ele quer dizer que não estou pronto para um relacionamento com uma mulher como Alice Kinnian. Ainda não.

20 de maio – Fui demitido do emprego na padaria. Sei que era bobo de mim me prender ao passado, mas havia algo naquele lugar, com suas paredes de tijolos brancos escurecidos pelo calor do forno... Era um lar para mim.

O que fiz para que me odiassem tanto?

Não consigo culpar Donner. Ele tem de pensar no seu negócio e nos seus outros empregados. E, ainda assim, ele é mais próximo de mim que um pai.

Ele me chamou no seu escritório, de uma cadeira solitária ao lado de sua escrivaninha alta, organizou as declarações e contas e, sem olhar para mim, ele disse:

– Queria falar com você. Agora é uma hora tão boa quanto qualquer outra.

Parece tolo agora, mas, enquanto eu ficava lá sentado, encarando-o – baixo, atarracado, com um esfarrapado bigode marrom-claro comicamente caindo sobre seu lábio superior –, era como se os dois de mim, o antigo Charlie e o novo, nos sentássemos naquela cadeira, assustados com o que o antigo sr. Donner diria.

– Charlie, seu tio Herman era um bom amigo meu. Eu mantive minha promessa a ele de manter você no emprego, nos bons e maus momentos, para que nunca te faltasse um dólar no bolso e um lugar onde deitar a cabeça sem ser colocado naquela residência.

– A padaria é meu lar...

– E eu tratei você como meu próprio filho, que deu a vida por este país. E, quando Herman morreu, quantos anos você tinha? Dezessete? Era mais como um garoto de 6 anos de idade, e eu jurei para mim... Eu disse, Arthur Donner, enquanto você tiver aquela padaria e um negócio sobre a cabeça, você vai cuidar de Charlie. Ele vai ter um lugar para trabalhar, uma cama onde dormir e pão para comer. E, quando te colocaram naquele lugar Warren, eu disse a eles que você iria trabalhar para mim, e eu iria cuidar de você. Você não passou nem uma noite naquele lugar. Eu te arranjei um quarto e cuidei de você. Agora, eu mantive aquela promessa solene?

Assenti, mas conseguia ver, pelo jeito como ele dobrava e desdobrava as contas, que ele tinha problemas. E, por mais que eu tentasse não saber, eu sabia.

– Eu dei o meu melhor para fazer um bom trabalho. Eu me esforcei...

– Eu sei, Charlie. Não há nada de errado com seu trabalho. Mas algo aconteceu com você, e não entendo o que quer dizer. Não só eu. Todo mundo tem falado sobre isso. Tenho recebido as pessoas aqui uma porção de vezes nas últimas semanas. Estão todos incomodados, Charlie. Tenho que deixar você ir.

Tentei pará-lo, mas ele balançou a cabeça.

– Havia uma delegação aqui ontem à noite para me ver. Charlie, eu tenho que manter meu negócio unido.

Ele encarava as próprias mãos, virando e revirando o papel, como se esperasse descobrir algo novo que não estava ali antes.

– Sinto muito, Charlie.

– Mas para onde vou?

Ele espreitou para cima pela primeira vez desde que entramos no seu escritório minúsculo.

– Você sabe tão bem quanto eu que não *precisa* trabalhar mais aqui.

– Sr. Donner, eu nunca trabalhei em nenhum outro lugar.

– Vamos encarar os fatos. Você não é o Charlie que começou aqui dezessete anos atrás, muito menos o Charlie de quatro meses atrás. Você não falou a respeito. São suas próprias coisas. Talvez algum tipo de milagre, quem sabe? Mas você se transformou em um jovem muito inteligente. E operar a batedeira de massa e entregar pacotes não é trabalho para um jovem muito inteligente.

Ele estava certo, é claro, mas algo dentro de mim queria que ele mudasse de ideia.

– Você tem que me deixar ficar, sr. Donner. Me dê outra chance. Você mesmo disse que prometeu ao tio Herman que eu teria um emprego aqui enquanto eu precisasse. Bom, ainda preciso dele, sr. Donner.

– Não precisa, Charlie. Se precisasse, eu diria a eles que não me importava com as delegações e petições, e eu defenderia você contra todos eles. Mas, como está agora, eles estão todos aterrorizados com você. Tenho que pensar na minha família também.

– E se eles mudarem de ideia? Deixe que eu tente convencê-los. – Eu estava dificultanto mais para ele do que o esperado. Eu sabia que deveria parar, mas não conseguia me controlar. – Eu vou fazê-los entender – implorei.

– Tudo bem – ele suspirou finalmente. – Pode tentar, vá lá. Mas você só vai se machucar.

Enquanto eu saía do escritório, Frank Reilly e Joe Carp passaram por mim, e eu soube que o que ele tinha dito era verdade. Ter que olhar para mim o tempo todo era demais para eles. Eu os deixava desconfortáveis.

Frank havia acabado de pegar uma fôrma de rolos, e tanto ele quanto Joe se viraram quando chamei.

– Olha, Charlie, estou ocupado. Talvez depois...

– Não – insisti. – Agora. Agora mesmo. Vocês dois têm me evitado. Por quê?

Frank, o mulherengo que falava rápido, o que dava um jeito em tudo, me estudou por um momento e colocou a fôrma na mesa.

– Por quê? Vou te dizer por quê. Porque subitamente você se acha importante, é espertalhão, um CDF! Agora você é um garoto irritante normal, um metido. Sempre com um livro, sempre com as respostas. Ora, vou te dizer uma coisa. Você pensa que é melhor que o resto de nós? Tudo bem, vá pra outro lugar.

– Mas o que eu fiz para vocês?

– O que ele fez? Escutou essa, Joe? Vou dizer o que você fez, *sr*. Gordon. Você chega invadindo o lugar com suas ideias e sugestões e faz a gente parecer um bando de idiotas. Mas vou te dizer uma coisa. Pra mim, você ainda é um imbecil. Talvez eu não entenda algumas das palavras difíceis ou os nomes dos livros, mas sou tão bom quanto você, melhor até.

– Isso. – Joe acenou com a cabeça, virando-se para enfatizar a observação para Gimpy, que tinha surgido atrás dele.

– Não estou pedindo que sejam meus amigos – eu disse – ou que tenham qualquer coisa a ver comigo. Só me deixem manter meu emprego. O sr. Donner disse que é a vontade de vocês.

Gimpy me encarou e então sacudiu a cabeça em nojo:

– Você tem uma cara de pau – gritou. – Vá pro inferno!

Então ele se virou e se afastou mancando pesadamente.

E assim foi. A maior parte deles achava o que Joe e Frank e Gimpy achavam. Estava tudo bem enquanto eles pudessem rir de mim e parecer inteligentes à minha custa, mas agora eles se sentiam inferiores ao imbecil. Comecei a ver que, por meio do meu surpreendente crescimento, eu os fiz encolher e enfatizei suas inadequações. Eu os havia traído, e eles me odiavam por isso.

Fanny Birden era a única que não achava que eu deveria ser forçado a sair, e, apesar das pressões e ameaças, ela tinha sido a única a não assinar a petição.

– O que não quer dizer – ela ressaltou – que eu não ache que tem algo bastante estranho com você, Charlie. A maneira como mudou! Eu não sei. Você costumava ser um homem bom, confiável, talvez não muito brilhante, mas

honesto, e quem sabe o que você inventou de fazer pra ficar tão inteligente de súbito. Como todo mundo vem falando, não está certo.

– Mas o que há de errado com uma pessoa que quer ser mais inteligente, que quer adquirir conhecimento, entender-se e entender o mundo?

– Se você lesse a sua Bíblia, Charlie, saberia que o homem não deve saber mais do que foi dado pelo Senhor, pra começo de conversa. O fruto daquela árvore era proibido pro homem. Charlie, se você fez algo que não deveria, sabe, como o diabo ou algo assim, talvez não seja tarde demais para sair disso. Talvez você pudesse voltar a ser o bom homem simples que costumava ser.

– Não tem volta, Fanny. Eu não fiz nada de errado. Sou como um homem que nasceu cego e recebeu a oportunidade de ver a luz. Isso não pode ser pecaminoso. Logo haverá milhões como eu no mundo inteiro. A ciência é capaz de fazer isso, Fanny.

Ela olhou para baixo em direção à noiva e ao noivo no bolo de casamento que estava decorando, e eu conseguia ver seus lábios mal se moverem enquanto ela sussurrava:

– Foi um pecado quando Adão e Eva comeram da *árvore do conhecimento*. Foi um pecado quando enxergaram que estavam nus e aprenderam sobre luxúria e vergonha. E eles foram expulsos do paraíso, e os portões foram fechados para eles. Se não fosse por isso, nenhum de nós teria de envelhecer e adoecer e morrer.

Não havia mais nada a dizer, para ela ou para o resto deles. Nenhum deles me olhava nos olhos. Eu ainda consigo sentir a hostilidade. Antes, riam de mim, desprezando-me por minha ignorância e estupidez; agora, eles me odiavam por meu conhecimento e compreensão. Por quê? O que, em nome de Deus, eles queriam de mim?

Essa inteligência tinha gerado uma cisão entre mim e todas as pessoas que conhecia e amava, me arrancando da padaria. Agora, estou mais sozinho que nunca. Eu me pergunto o que aconteceria se colocassem Algernon de volta na gaiola grande com alguns dos outros ratos. *Eles* se voltariam contra ele?

25 de maio – Então é assim que uma pessoa chega a se desprezar: sabendo que está fazendo a coisa errada sem conseguir parar. Contra minha vontade,

encontrei-me atraído ao apartamento de Alice. Ela se surpreendeu, mas me deixou entrar.

– Você está encharcado. Tem água escorrendo pelo seu rosto.

– Está chovendo. Bom para as flores.

– Entre. Vou buscar uma toalha. Você vai pegar pneumonia.

– Você é a única com quem consigo falar – eu disse. – Deixe-me ficar.

– Tenho um bule de café fresquinho no fogão. Vá em frente e se seque, então podemos conversar.

Olhei em torno enquanto ela buscava o café. Era a primeira vez que eu entrava em seu apartamento. Senti certo prazer, mas havia algo perturbador naquela sala.

Tudo estava organizado. As estatuetas de porcelana estavam alinhadas, retas, na borda da janela, todas encarando o mesmo lado. E as almofadas no sofá não haviam sido atiradas de qualquer jeito, mas estavam todas regularmente espaçadas sobre a capa plástica que protegia o estofamento. Duas das mesas de apoio tinham revistas, organizadamente empilhadas para que os títulos ficassem visíveis. Em uma mesa: *The Reporter*, *The Saturday Review*, *The New Yorker*, e na outra: *Mademoiselle*, *House Beautiful* e *Reader's Digest*.

Na parede mais distante, do outro lado do sofá, havia uma reprodução emoldurada de *Mãe e Filho*, de Picasso, e, diretamente do outro lado, sobre o sofá, uma pintura de um ousado cortesão renascentista, mascarado, espada em mãos, protegendo uma donzela de bochechas coradas. Levando tudo em consideração, estava errado. Como se Alice não conseguisse se decidir sobre quem era e em que mundo queria viver.

– Você não tem visitado o laboratório há alguns dias – ela disse, da cozinha. – O prof. Nemur está preocupado com você.

– Eu não consegui encará-los – confessei. – Sei que não há motivo para me envergonhar, mas é um sentimento vazio, não ir ao trabalho todos os dias, não ver a loja, os fornos, as pessoas. É demais. Ontem à noite e na noite anterior, tive pesadelos de que me afogava.

Ela pôs a bandeja no meio da mesa de centro, os guardanapos dobrados em triângulos, e os biscoitos posicionados em um formato circular.

– Você não deve levar tão a sério, Charlie. Não tem nada a ver com você.

– Não me ajuda pensar assim. Essas pessoas, por todos esses anos, foram minha família. Foi como ser expulso de minha própria casa.

– É só isso – ela disse. – Isso se tornou uma repetição simbólica de experiências que você teve quando criança. Ser rejeitado por seus pais... ser mandado para longe...

– Oh, Cristo! Pouco importa dar um rótulo bonito e preciso. Importa é que, antes de me envolver com o experimento, eu tinha amigos, pessoas que se importavam comigo. Agora eu tenho medo...

– Você ainda tem amigos.

– Não é a mesma coisa.

– Medo é uma reação natural.

– É mais que isso. Eu já senti medo antes. Medo de ser amarrado por não ceder a Norma, medo de passar pela rua Howells, onde aquela turminha costumava rir de mim e me empurrar. E sentia medo da professora da escola, profª. Libby, que amarrava minhas mãos para eu não me distrair com coisas na mesa. Mas esses eram medos reais, algo que eu tinha motivo em temer. O terror de ser mandado para fora da padaria é um medo vago que não entendo.

– Fique calmo.

– *Você* não sente o pânico.

– Mas, Charlie, é esperado. Você é um nadador iniciante forçado para fora de uma jangada afundando e sente medo de perder a madeira sólida sob os pés. O sr. Donner *era* bom pra você, e você *recebeu* abrigo durante todos esses anos. Sair da padaria dessa forma é um choque muito maior do que o esperado.

– Saber isso intelectualmente não ajuda. Não posso mais ficar sozinho no meu quarto. Eu caminho pelas ruas durante todas as horas do dia e da noite, sem saber o que procuro... caminho até me perder... descobrindo que estou do lado de fora da padaria. Noite passada, fiz todo o percurso da Washington Square até o Central Park e dormi no parque. O que diabos estou buscando?

Quanto mais eu falava, mais ela se chateava.

– O que posso fazer para ajudar, Charlie?

– Eu não sei. Sou como um animal que foi trancado do lado de fora de sua

jaula boa e segura.

Ela se sentou ao meu lado no sofá.

– Estão exigindo muito de você. Está confuso. Você quer ser um adulto, mas ainda há um garotinho aí dentro. Sozinho e assustado. – Ela pôs minha cabeça em seu ombro, tentando me confortar, enquanto acariciava meu cabelo. Eu sabia que ela precisava de mim do jeito que eu precisava dela. – Charlie – ela sussurrou depois de um tempo –, independentemente do que você queira... não tenha medo de mim.

Quis dizer a ela que estava esperando pelo pânico.

Uma vez, durante uma entrega que fazia para a padaria, Charlie quase desmaiou quando uma mulher de meia-idade, recém-saída do banho, se divertiu ao abrir o roupão de banho, expondo-se. Ele já tinha visto uma mulher sem roupas? Ele sabia como fazer amor? Seu terror, seus choramingos, isso a deve ter assustado, porque ela fechou o roupão de volta e lhe deu uma moeda para esquecer o que acontecera. A mulher o estava testando, ela avisou, para ver se ele seria um bom garoto.

Charlie disse a ela que tentava ser bom e não olhar para mulheres, porque sua mãe costumava espancá-lo sempre que aquilo acontecia em suas calças...

Agora ele tinha uma imagem clara da mãe, gritando para ele, um cinto de couro em mãos, e o pai tentando segurá-la.

– Já chega, Rose! Você vai matar o garoto! Deixe-o em paz!

Sua mãe se esticando para a frente a fim de atacá-lo, ele por pouco fora da área de alcance, as chibatadas do cinto errando seus ombros, enquanto ele se encolhia e retorcia para longe dela no chão.

– Olhe pra ele! – Rose grita. – Ele não consegue aprender a ler e escrever, mas sabe o suficiente para olhar para uma garota desse jeito. Vou espancar essa sujeira pra fora da cabeça dele.

– Ele não pode evitar uma ereção. É normal. Ele não fez nada.

– Ele não deve pensar em garotas dessa forma. Uma amiga da irmã vem visitá-la em casa e ele começa a pensar desse jeito! Vou ensinar pra ele nunca

esquecer. Você está ouvindo? Se você encostar numa garota, vou te colocar numa jaula, como um bicho, pelo resto da sua vida. Você está me ouvindo...?

Eu ainda a ouço. Mas talvez eu tenha sido libertado. Talvez o medo e a náusea não fossem mais um oceano para me afogar, mas apenas uma piscina de água refletindo o passado ao lado do presente. Eu estaria livre?

Se eu conseguisse chegar até a Alice dentro do tempo – sem pensar muito a respeito, antes de ser esmagado –, talvez o pânico não ocorresse. Se eu apenas conseguisse limpar minha mente. Consegui deixar escapar:

– Você... continue! Segure-me!

E, antes que eu soubesse o que ela estava fazendo, ela me beijava, me abraçando mais perto do que qualquer pessoa jamais havia feito. No entanto, naquele momento em que eu deveria ter me aproximado o máximo possível, começou: o zumbido, os arrepios e a náusea. Eu me virei de costas para ela.

Alice tentou me acalmar, dizer que não importava, que não havia motivo para me culpar. Mas, envergonhado e incapaz de conter minha angústia, comecei a soluçar. Ali em seus braços, chorei até pegar no sono e sonhei com o cortesão e a donzela de bochechas coradas. Em meu sonho, porém, era a donzela quem tinha a espada.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 12

5 de junho – Nemur está incomodado por eu não entregar nenhum relatório de progresso em quase duas semanas (e com motivos, pois a Fundação Welberg começou a me pagar um salário saído dos recursos financeiros totais da pesquisa, para que eu não precise procurar um emprego). Falta uma semana para a Convenção Internacional de Psicologia em Chicago. Ele quer que seu relatório preliminar esteja o mais completo possível, já que eu e Algernon somos as amostras centrais de sua apresentação.

Nossa relação está se desgastando cada vez mais. Eu me ressinto de Nemur constantemente se referir a mim como um espécime de laboratório. Ele faz com que eu sinta que, antes do experimento, eu não era realmente um ser humano.

Eu disse a Strauss que estava muito envolvido em pensar, ler e me descobrir,

tentando entender quem e o que eu era, e que escrever era um processo tão lento que me impacientava pôr ideias no papel. Segui sua sugestão de aprender a datilografar, e agora que consigo digitar quase 75 palavras por minuto, é mais fácil colocar todas as minhas ideias no papel.

Strauss de novo trouxe minha necessidade de falar e escrever de maneira simples e direta para que me compreendam. Ele me lembra de que a linguagem é muitas vezes usada como uma barreira em vez de uma ferramenta. É irônico me encontrar agora do outro lado do muro intelectual.

Vejo Alice ocasionalmente, mas não discutimos o que houve. Nosso relacionamento permanece platônico. No entanto, por três noites depois que saí da padaria, houve pesadelos. Difícil acreditar que ocorreu duas semanas atrás.

Durante a noite, sou seguido por figuras fantasmagóricas pelas ruas vazias. Apesar de eu sempre acabar na padaria, a porta está trancada, e as pessoas de dentro nunca se viram para me olhar. Pela janela, a noiva e o noivo no bolo de casamento apontam e riem de mim – o ar se preenche com suas gargalhadas até eu não aguentar mais –, e os dois cupidos apontam as flechas flamejantes. Grito. Esmurro a porta, mas não há nenhum som. Vejo Charlie me encarando de volta do lado de dentro. Seria apenas meu reflexo? Alguma coisa aperta minhas pernas e me leva para longe da padaria, para as sombras do beco, e, assim que começam a se infiltrar em mim, acordo.

Outras vezes, as janelas da padaria abrem para o passado e, olhando através delas, consigo ver outras coisas e outras pessoas.

É impressionante como meu poder de recordação se desenvolve. Não consigo controlá-lo completamente ainda, mas às vezes, quando estou ocupado ou trabalhando em um problema, tenho um sentimento de clareza intensa.

Sei que é algum tipo de aviso inconsciente e agora, em vez de esperar que a memória venha até mim, fecho os olhos e tento buscá-la. Em algum momento, vou conseguir dominar completamente essa habilidade de recordação e explorarei não apenas o somatório de experiências passadas, mas também todas as minhas habilidades mentais inexploradas.

Mesmo agora, enquanto penso nisso, sinto uma forte quietude. Vejo a janela da padaria... alcanço-a e a toco... vibrando fria, e então o vidro se torna quente... mais quente... dedos queimando. A janela refletindo minha imagem se torna

brilhante e, assim que se transforma num espelho, vejo o pequeno Charlie Gordon – 14 ou 15 anos – olhando para mim através da janela de casa, e é duplamente estranho perceber quão diferente ele era...

Ele tem esperado a irmã voltar da escola, e, quando a vê passar pela esquina da rua Marks, acena e a chama pelo nome e corre para a varanda a fim de encontrá-la.

Norma sacode um papel:

– Tirei A na minha avaliação de história. Eu sabia todas as respostas. A profª. Baffin disse que foi o melhor trabalho da turma toda.

Ela é uma garota bonita com cabelo castanho-claro cuidadosamente trançado e enrolado em torno da cabeça em uma coroa, e, enquanto olha para o irmão mais velho, o sorriso se transforma em uma carranca e ela se afasta, deixando-o para trás enquanto se lança pelas escadas e entra em casa.

Sorrindo, ele a segue.

A mãe e o pai estão na cozinha, e Charlie, explodindo de alegria com as notícias de Norma, despeja antes que ela possa:

– Ela tirou um *A*! Ela tirou um *A*!

– Não! – Norma guincha. – Você não. Você não conta. É minha nota, e eu vou contar.

– Espere um minuto, mocinha – Matt baixa o jornal e se dirige a ela severamente. – Isso não é jeito de falar com seu irmão.

– Ele não tinha o direito de contar!

– Não importa. – Matt olha para ela por cima de um dedo de aviso. – Ele não tinha más intenções, e você não deve gritar com ele assim.

Ela se dirige para a mãe em busca de apoio.

– Eu tirei um *A*, a melhor nota da turma. Agora posso ter um cachorro? Você prometeu. Você disse que podia se eu tirasse uma nota boa na avaliação. E eu tirei *A*. Um cachorro marrom com manchas brancas. Vou chamá-lo de Napoleão porque a questão sobre ele foi a que melhor respondi. Napoleão perdeu a batalha de Waterloo.

Rose acena com a cabeça:

– Vá para a varanda brincar com Charlie. Ele está esperando você voltar da escola faz mais de uma hora.

– Não quero brincar com ele.

– Vá para a varanda – diz Matt.

Norma olha para o pai e depois para Charlie:

– Eu não preciso fazer isso. Mamãe disse que não tenho que brincar com ele se não quiser.

– Escute aqui, mocinha – Matt se ergue da cadeira e se aproxima dela –, peça desculpas para o seu irmão.

– Eu não preciso fazer isso – ela solta um pio, apressando-se para trás da cadeira da mãe. – Ele parece um bebê. Ele não sabe jogar Monopoly, nem damas, nem nada... ele se confunde todo. Não vou mais brincar com ele.

– Então vá para o seu quarto!

– Posso ter um cachorro agora, mamãe?

Matt bate na mesa com o punho fechado:

– Não vai ter cachorro nesta casa enquanto você tiver essa atitude, mocinha.

– Eu prometi um cachorro se ela fosse bem na escola.

– Um marrom com manchas brancas! – acrescenta Norma.

Matt aponta para Charlie em pé próximo da parede:

– Você esqueceu que disse para o seu filho que ele não poderia ter um porque não tínhamos espaço e ninguém para cuidar dele? Lembra? Quando ele pediu um cachorro? Você vai retirar o que disse?

– Mas eu posso cuidar do meu próprio cachorro – Norma insiste. – Eu vou dar comida e banho e vou levar pra passear...

Charlie, que estava em pé próximo da mesa, brincando com o grande botão vermelho no fim de um barbante, subitamente fala:

– Eu ajudo a cuidar do cachorro! Ajudo a dar comida e escovar e não vou deixar os outros cachorros morderem ele!

Mas, antes que Matt ou Rose respondam, Norma guincha:

– Não! Vai ser meu cachorro. Só meu cachorro!

Matt acena com a cabeça:

– Está vendo?

Rose se senta ao lado dela e acaricia-lhe as tranças a fim de acalmá-la.

– Mas nós temos que dividir as coisas, querida. Charlie vai ajudar você a cuidar dele.

– Não! Vai ser só meu!... Fui eu que tirei A em história, não ele! Ele nunca tira notas boas como as minhas. Por que ele deveria ajudar com o cachorro? Daí o cachorro vai gostar mais dele do que de mim e vai ser o cachorro dele em vez de meu. Não! Se eu não posso ter só pra mim, eu não quero.

– Então está decidido – Matt diz, pegando o jornal e se ajeitando de volta na cadeira. – Sem cachorro.

De súbito, Norma pula para fora do sofá e agarra o teste de história que tinha trazido para casa tão animadamente poucos minutos antes. Ela o rasga e joga os pedacinhos na cara assustada de Charlie:

– Odeio você! Odeio você!

– Norma, pare com isso agora! – Rose a agarra, mas ela se afasta.

– E eu odeio a escola! Odeio! Vou parar de estudar e vou ser burra como ele. Vou esquecer tudo que aprendi e aí vou ser igualzinha a ele. – Ela corre para fora da sala, guinchando: – Já está acontecendo! Estou esquecendo tudo... estou esquecendo... eu não me lembro de nada do que aprendi!

Rose, apavorada, corre atrás dela. Matt se senta ali, encarando o jornal no colo. Charlie, assustado pela histeria e pelos gritos, se encolhe em uma cadeira soluçando lentamente. O que ele havia feito de errado? E, sentindo a umidade nas calças e as gotas escorrendo nas pernas, ele se senta esperando pelo tapa que sabe que virá quando a mãe voltar.

A cena se esvai, mas, desde aquele momento, Norma passou todo o tempo livre com amigas ou brincando sozinha no quarto. Ela mantinha a porta do quarto fechada, e eu era proibido de entrar sem permissão.

Eu me lembro de entreouvir minha irmã e uma de suas amigas brincando no quarto e Norma gritando:

– Ele não é meu irmão de verdade! Ele é só um garoto que adotamos porque tínhamos pena. Minha mãe que me contou, e disse que agora podemos contar

para todo mundo que ele não é meu irmão de verdade.

Queria que esse momento fosse uma foto para que eu pudesse rasgá-lo e jogá-lo de volta no rosto dela. Quero voltar todos esses anos e lhe dizer que nunca quis evitar que ela tivesse o cachorro. Norma poderia ter um só para ela, e eu não o teria alimentado ou escovado ou brincado com ele, e eu não o teria feito gostar mais de mim do que dela. Eu só queria que ela jogasse jogos comigo como de costume. Nunca quis fazer algo que a magoasse.

6 de junho – Tive meu primeiro desentendimento real com Alice hoje. Minha culpa. Queria vê-la. Frequentemente, depois de uma memória perturbadora ou sonho, falar com ela – ou só estar com ela – fazia eu me sentir melhor. Mas foi um erro ir até o Centro buscá-la.

Eu não havia estado no Centro para Adultos Retardados desde a cirurgia, e a ideia de ver o lugar me empolgava. Era na 23ª Avenida, leste da Quinta Avenida, em uma antiga escola que era utilizada pela Clínica da Universidade de Beekman pelos últimos cinco anos como um centro para educação experimental – aulas especiais para pessoas com deficiência. A placa do lado de fora, emoldurada pelos portões antigos, é apenas uma placa de vidro reluzente com os dizeres *Extensão Beekman C.A.R.*

A aula dela acabava às 20h, mas eu queria ver a sala onde – não fazia muito tempo – eu tivera dificuldade com leitura e escrita simples e aprendi a contar o troco de um dólar.

Entrei no prédio, empurrei a porta e, ficando fora de vista, olhei pela janela. Alice estava em sua escrivaninha, e, em uma cadeira ao seu lado, havia uma mulher de rosto magro que não reconheci. Ela exibia uma expressão de perplexidade, e eu me perguntei o que Alice tentava explicar.

Próximo ao quadro-negro, vi Mike Dorni em sua cadeira de rodas, e lá, em seu costumeiro lugar na primeira fila, estava Lester Braun, que, Alice disse, era o mais inteligente do grupo. Lester aprendera com facilidade coisas que eu tivera dificuldade, mas ele vinha quando tinha vontade ou ficava longe para ganhar dinheiro lustrando chãos. Acho que, se ele se importasse um mínimo – se fosse importante para ele como era para mim –, eles o teriam usado para esse experimento. Havia novos rostos, também, pessoas que eu não conhecia.

Finalmente, consegui coragem para entrar.

– É Charlie! – disse Mike, virando a cadeira de rodas.

Acenei para ele.

Bernice, a loira bonita com olhos vazios, olhou para cima e sorriu abobadamente:

– Onde você esteve, Charlie? Esse é um belo terno.

Os outros se lembraram de mim e acenaram, e acenei de volta. Subitamente, conseguia ver pela expressão de Alice que ela se sentia incomodada.

– São quase 20h – ela anunciou. – Hora de guardar as coisas.

Cada pessoa tinha uma tarefa determinada, guardar o giz, borrachas, papéis, livros, lápis, papel para anotações, tintas e materiais para demonstração. Cada um sabia seu trabalho e se orgulhava de fazê-lo bem. Todos eles começaram suas tarefas, exceto Bernice. Ela me encarava.

– Por que Charlie não volta para a escola? – pergunta ela. – Qual o problema, Charlie? Você vai voltar?

Os outros se viraram e me olharam. Olhei para Alice, esperando que ela respondesse por mim, e houve um longo silêncio. O que eu poderia dizer para eles que não os magoasse?

– Essa é só uma visita – eu disse.

Uma das meninas começou a dar risadinhas – Francine, com quem Alice sempre se preocupara. Ela tinha dado à luz três filhos até os 18 anos de idade, antes que seus pais arranjassem uma histerectomia. Ela não era bonita – nem chegava perto de Bernice –, mas tinha sido um alvo fácil para dúzias de homens que lhe compravam algo bonito ou pagavam seu ingresso de cinema. Ela vivia em uma pensão aprovada pela Residência Pública Warren para estagiários que trabalhavam e era autorizada para ir ao Centro à noite. Duas vezes, ela não havia aparecido – apanhada por homens no caminho da escola – e agora só podia sair com uma escolta.

– Ele fala como se fosse importante agora – ela riu.

– Tudo bem – disse Alice, interrompendo bruscamente. – Turma dispensada. Vejo vocês todos amanhã às seis.

Quando foram embora, eu conseguia ver, pela maneira que ela atirava as

próprias coisas no armário, que estava brava.

– Sinto muito – falei. – Eu ia esperar por você no térreo e então fiquei curioso com a sala antiga. Minha *alma mater*. Eu só queria olhar pela janela. E, antes que eu soubesse o que estava fazendo, entrei. O que está te incomodando?

– Nada... nada está me incomodando.

– Por favor. Sua raiva está fora de proporção com o que houve. Tem alguma coisa na sua mente.

Ela fechou com força um livro que segurava:

– Tudo bem. Você quer saber? Você está diferente. Você mudou. E não estou falando do seu Q.I. É sua atitude em relação às outras pessoas, você não é o mesmo ser humano.

– Ora, por favor! Não...

– Não me interrompa! – A raiva real na sua voz me empurrou para longe. – Falo sério. Havia algo em você antes. Não sei... um calor, uma abertura, uma gentileza que fazia todo mundo gostar de você e de ter você por perto. Agora, com toda a sua inteligência e conhecimento, tem diferenças que...

Não me permiti escutar:

– O que você esperava? Imaginou que eu seria para sempre um cachorrinho dócil, abanando a cauda e lambendo os pés que me chutam? Claro, tudo isso me mudou e mudou a maneira como penso sobre mim. Eu não preciso mais aguentar as bobagens que as pessoas me disseram a vida inteira.

– As pessoas não foram más com você.

– O que você sabe sobre isso? Escute, as melhores delas foram presunçosas e condescendentes, usando-me para parecer superiores e seguras em suas próprias limitações. Qualquer um pode se sentir inteligente ao lado de um imbecil.

Depois que disse isso, eu sabia que ela ia interpretar do jeito errado.

– Você me coloca nessa categoria também, suponho.

– Não seja ridícula. Você sabe perfeitamente bem que...

– Claro, de certa maneira, acho que você está certo. Ao seu lado, sou bastante obtusa. Agora, cada vez que nos vemos, depois que deixo você, vou para casa com um sentimento miserável de que sou lenta e estúpida sobre tudo. Repenso coisas que disse e arranjo respostas brilhantes e espirituosas que deveria ter dito

e tenho vontade de me chutar porque não as mencionei quando estávamos juntos.

– Essa é uma experiência comum.

– Eu me encontro querendo impressionar você de uma maneira que nunca pensei em fazer antes, mas estar com você debilitou minha autoconfiança. Eu questiono meus motivos agora, de tudo que faço.

Tentei fazê-la mudar de assunto, mas ela não desistiu.

– Olhe, eu não vim aqui discutir com você – eu disse finalmente. – Você me deixa acompanhá-la até em casa? Preciso de alguém com quem falar.

– Eu também. Mas, ultimamente, não consigo falar com você. Tudo o que consigo fazer é ouvir e acenar com a cabeça e fingir que entendo todas as variáveis culturais e álgebra booleana e lógica pós-simbólica e me sinto mais e mais estúpida e, quando você sai do apartamento, tenho que me olhar no espelho e gritar para mim: “Não, você não está ficando mais idiota a cada dia que passa! Você não está perdendo inteligência! Você não está ficando senil e obtusa. É Charlie indo tão além com tanta rapidez que faz parecer que você está ficando pra trás”. Eu digo isso pra mim mesma, Charlie, mas, sempre que nos encontramos e você me diz algo e olha para mim daquele jeito impaciente, sei que está rindo. E quando você explica algo para mim do qual não consigo me lembrar, você pensa que é porque não estou interessada e não quero me incomodar. Mas você não sabe como me torturo depois que você parte. Você não sabe com quais livros briguei, as palestras a que assisti em Beekman e ainda assim, sempre que falo sobre algo, vejo como você está impaciente, como se fosse tudo infantil. Eu queria que você fosse inteligente. Eu queria ajudar você e compartilhar com você, e agora você me fechou do lado de fora de sua vida.

Enquanto escutava o que ela dizia, a enormidade daquilo me ocorreu. Eu estava tão absorvido em mim mesmo e no que acontecia comigo que nunca pensara sobre o que acontecia com ela.

Ela chorava silenciosamente enquanto saíamos da escola, e me vi sem palavras. Durante toda a viagem de ônibus, pensei comigo mesmo quão invertida a situação se tornara. Ela estava apavorada comigo. O gelo quebrara entre nós, e o vão se ampliava enquanto as correntes da minha mente me levavam rapidamente para o mar aberto.

Ela estava certa em recusar se torturar por estar comigo. Nós não tínhamos mais nada em comum. Conversas simples se tornavam desgastantes. E tudo que havia entre nós agora era um silêncio acabrunhado e ânsias insatisfeitas em um quarto escuro.

– Você está muito sério – ela disse, subitamente mudando de humor e olhando para mim.

– Sobre nós.

– Isso não deveria deixar você tão sério. Não quero chateá-lo. Você está passando por um excelente processo. – Ela tentava sorrir.

– Mas chateou. No entanto, não sei o que fazer a respeito.

No caminho do ônibus até o apartamento dela, Alice disse:

– Não vou à convenção com você. Liguei para o prof. Nemur esta manhã e avisei. Haverá muito pra você fazer lá. Gente interessante, a empolgação dos holofotes por um tempo. Não quero me colocar no caminho.

– Alice...

– E não importa o que diga sobre isso agora, sei que é como vou me *sentir*, então, se você não se importar, vou cuidar do meu ego estilhaçado, obrigada.

– Mas você está exagerando as coisas. Tenho certeza de que se você só...

– Você *sabe*? Você *tem certeza*? – Ela se virou e me fuzilou com os olhos, em pé nos degraus da frente do seu edifício. – Ah, você ficou insuportável! Como *você* sabe o que sinto? Você toma liberdades com a mente alheia. Não dá pra você saber *como* me sinto, *o que* sinto ou *por que* sinto.

Ela correu para dentro e olhou de volta para mim, a voz trêmula:

– Estarei aqui quando você voltar. Estou chateada, só isso, e quero que nós dois tenhamos uma chance de pensar sobre isso enquanto estamos com uma boa distância entre nós.

Pela primeira vez em muitas semanas, ela não me convidou para entrar. Encarei a porta fechada com a raiva crescendo dentro de mim. Eu queria criar uma cena, bater na porta, quebrá-la. Eu queria que minha raiva consumisse o edifício.

Mas, enquanto caminhava para longe, senti uma espécie de fervura, então arrefecimento e finalmente alívio. Caminhei tão rápido que estava flutuando

pelas ruas, e a sensação que me acertava no rosto era uma brisa fria saída da noite de verão. Subitamente livre.

Percebo agora que meu sentimento por Alice nadava contra a corrente do meu aprendizado, de idolatria a amor, a afeto, a um sentimento de gratidão e responsabilidade. Meus sentimentos confusos por ela estavam me prendendo, e eu havia me apegado a ela por medo de ser forçado a me virar sozinho e lançado à deriva.

No entanto, com a liberdade, veio a tristeza. Eu queria estar apaixonado por ela. Eu queria superar meus medos emocionais e sexuais, casar com ela, ter filhos, me aquietar.

Agora isso é impossível. Estou tão distante de Alice com um Q.I. de 185 quanto estava quando tinha um Q.I. de 70. E, dessa vez, nós dois sabemos.

8 de junho – O que me faz sair do apartamento para vagar pela cidade? Atravesso as ruas sozinho, não com os passos relaxados de uma noite de verão, mas com a pressa tensa para chegar... aonde? Passando por becos, encarando entradas, espiando por janelas semicerradas, querendo que falem comigo, mas com medo de encontrar alguém. Subo uma rua e desço a outra, através de um labirinto infinito, arremessando-me contra a jaula de neon da cidade. Procurando... pelo quê?

Conheci uma mulher no Central Park. Ela estava sentada em um banco próximo ao lago, com um casaco apertado em torno do corpo, apesar do calor. Ela sorriu e fez um gesto para eu me sentar ao seu lado. Nós apreciamos o horizonte brilhante no Central Park South, a colmeia de lâmpadas contra a escuridão, e eu desejei absorvê-las todas.

Sim, eu disse a ela, eu era de Nova York. Não, eu nunca estivera em Newport News, Virgínia. Ela era desse lugar e lá havia se casado com um marinheiro que estava em alto-mar agora, e ela não o via há dois anos e meio.

Ela dobrava e dava nós em um lenço, usando-o de tempos em tempos para limpar as gotas de suor da testa. Mesmo na luz difusa refletida do lago, consegui ver que ela usava grande quantidade de maquiagem, mas parecia atraente com o liso cabelo negro sobre os ombros, exceto pelo rosto ofegante e inchado, como se tivesse recém-acordado do sono. Ela queria falar de si, e eu queria ouvir.

Seu pai lhe dera uma boa casa, educação, tudo que um construtor naval rico poderia dar à filha – mas nunca perdão. Ele nunca perdoara sua fuga com o marinheiro.

Ela segurava minha mão enquanto falava e descansava a cabeça em meu ombro:

– Na noite de núpcias – sussurrou –, eu era uma virgem aterrorizada. E Gary enlouqueceu. Primeiro, ele me estapeou e me bateu. E então ele me tomou sem nenhum carinho preliminar. Foi a última vez que ficamos juntos. Eu nunca deixei que ele me tocasse de novo.

Ela provavelmente notava, pelo tremor da minha mão, que eu estava impressionado. Era tudo muito violento e íntimo para mim. Sentindo o agito da minha mão, ela a segurou com mais força, como se precisasse terminar a história antes de me soltar. Era importante para ela, e eu me sentei em silêncio como alguém que se senta ante um pássaro que come da palma da mão.

– Não é que eu não goste de homens – ela me garantiu de olhos arregalados. – Eu estive com outros homens. Não ele, mas muitos outros. A maior parte dos homens é gentil e terna com uma mulher. Eles fazem amor lentamente, com carícias e beijos antes. – Ela olhou para mim significativamente e deixou a palma da mão se esfregar para a frente e para trás contra a minha.

Era sobre isso que eu ouvira, lera, sonhara. Eu não sabia seu nome, e ela não perguntou o meu. Ela apenas queria que eu a levasse para algum lugar onde pudéssemos estar a sós. Eu me perguntei o que Alice pensaria.

Eu a acariciei desajeitadamente e a beijei com tanta hesitação que ela se virou para mim:

– Qual o problema? – ela sussurrou. – No que está pensando?

– Em você.

– Você tem um lugar pra irmos?

Cada passo em frente era um cuidado. Em que ponto o chão cederia e me afundaria em ansiedade? Alguma coisa me manteve indo para a frente a fim de testar meus pés.

– Se você não tiver um lugar, o Mansion Hotel, na 53ª Avenida, não é muito caro. E eles não ligam pra bagagem, se você pagar adiantado.

– Tenho um quarto...

Ela olhou para mim com um novo respeito:

– Bom, então tá.

Ainda nada. E isso por si só era curioso. Até onde eu conseguiria ir sem ser esmagado pelos sintomas de pânico? Quando estivéssemos sozinhos no quarto? Quando ela se despisse? Quando eu visse seu corpo? Quando nos deitássemos juntos?

De súbito, era importante saber se eu seria como os outros homens, se eu conseguiria um dia pedir a uma mulher que dividisse a vida comigo. Ter inteligência e conhecimento não era suficiente. Eu queria isso também. O sentimento de libertação e relaxamento era forte, agora, com a sensação de que isso era possível. A empolgação que tomou conta de mim quando a beijei de novo se manifestou, e eu tinha certeza de que poderia ser normal com ela. Ela era diferente de Alice. Ela era o tipo de mulher que tinha experiência por aí.

Então a voz dela mudou, incerta:

– Antes de irmos... Só uma coisa... – Ela se levantou e deu um passo na minha direção sob a luz da lâmpada, abrindo o casaco, e pude ver o formato de seu corpo de uma maneira que não tinha imaginado de jeito nenhum durante todo o tempo em que estivemos sentados um ao lado do outro no escuro. – É só o quinto mês – ela disse. – Não faz nenhuma diferença. Você não se importa, não é?

Em pé ali com o casaco aberto, ela estava sobreposta como a exposição dupla na foto da mulher de meia-idade recém-saída da banheira, segurando o roupão de banho aberto para Charlie ver. E eu esperei, como um blasfemador espera pelo trovão. Olhei para longe. Era a última coisa que eu esperava, mas o casaco amarrado fortemente em torno dela em uma noite tão quente deveria ter me avisado que algo estava errado.

– Não é do meu marido – ela me garantiu. – Eu não menti sobre o que disse antes. Eu não o vejo há anos. Foi um vendedor que conheci cerca de oito meses atrás. Eu estava vivendo com ele. Não vou vê-lo mais, mas vou ficar com o bebê. Nós só temos de tomar cuidado, nada muito agressivo ou algo assim. Mas, além disso, você não tem que se preocupar.

A voz dela sumiu quando notou minha raiva.

– Isso é imundo! – gritei. – Você deveria ter vergonha!

Ela se afastou, fechando o casaco em torno de si para proteger o que estava dentro.

Assim que ela fez esse gesto protetor, vi a segunda imagem dupla: minha mãe, imensa com a minha irmã, nos dias em que estava me segurando menos, me aquecendo menos com sua voz e toque, me protegendo menos contra qualquer um que ousasse dizer que eu era anormal.

Acho que agarrei seu ombro – não tenho certeza, mas então ela estava gritando, e fui trazido bruscamente para a realidade pelo senso de perigo. Queria lhe dizer que não tinha más intenções e que jamais a machucaria, ou a qualquer outra pessoa.

– Por favor, não grite!

Mas ela gritava, e ouvi passos correndo no caminho escuro. Isso era algo que ninguém entenderia. Corri na escuridão, para procurar uma saída do parque, ziguezagueando entre uma rota e outra. Eu não conhecia o parque e subitamente colidi com algo que me jogou para trás. Um beco sem saída feito de uma cerca de tela metálica. Logo vi os balanços e escorregadores e percebi que era um parquinho infantil fechado durante a noite. Segui a cerca e continuei, meio correndo, tropeçando em raízes retorcidas. No lago que fazia uma curva perto do parquinho, eu me virei, encontrei outra rota, passei por uma pequena ponte, e então passei pelos lados e por baixo dela. Sem saída.

– O que está acontecendo? O que houve, senhora?

– Um maníaco?

– Você está bem?

– Pra que lado ele foi?

Eu havia andado em círculos para o lugar onde começara. Escorreguei atrás do gigantesco afloramento de uma pedra e uma tela de amoras e caí de barriga no chão.

– Chame um policial. Nunca tem um policial quando você precisa de um.

– O que houve?

– Um degenerado tentou estuprá-la.

– Ei, algum cara ali o está seguindo! Ali está ele!

– Vamos lá! Pegue esse filho da mãe antes que ele saia do parque!

– Cuidado. Ele tem uma faca e uma arma...

Era óbvio que a gritaria havia espantado outros suspeitos, porque o grito de “ali está ele!” ecoou por trás de mim e, olhando de trás da pedra, consegui ver um corredor solitário ser perseguido das rotas iluminadas para dentro da escuridão. Segundos depois, outro passou por mim na frente da pedra e desapareceu nas sombras. Eu me visualizei sendo agarrado por essa multidão ansiosa e apanhando deles. Eu merecia. Eu quase desejava isso.

Eu me levantei, limpei as folhas e a sujeira de minhas roupas e caminhei lentamente na rota da direção de onde viera. Eu esperava a cada segundo ser apanhado por trás e jogado na sujeira e na escuridão, mas logo vi as luzes brilhantes da 59ª Avenida e da Quinta Avenida e saí do parque.

Pensando nisso agora, na segurança de meu quarto, estou abalado com a crueza que me tocou. Lembrar a aparência da minha mãe antes de ela ter minha irmã é assustador. Mas ainda mais assustador é que eu queria que me capturassem e surrassem. Por que eu queria ser punido? Sombras do passado agarram minhas pernas e me puxam para baixo. Abro a boca para gritar, mas não tenho voz. Minhas mãos tremem, sinto frio e ouço um zumbido distante.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 13

10 de junho – Estamos em um Strato-jet prestes a decolar para Chicago. Devo este relatório de progresso a Burt, que teve a brilhante ideia de que eu o ditasse em um gravador transistor e depois fizesse um estenógrafo público em Chicago datilografar. Nemur gosta da ideia. Na verdade, ele quer que eu use o gravador até o último minuto. Ele sente que vai acrescentar à apresentação se tocarem a fita mais recente ao final da sessão.

Então aqui estou eu, sentado sozinho em nossa sessão privada de um jato a caminho de Chicago, tentando me acostumar a pensar em voz alta e ao som da minha voz. Suponho que o estenógrafo consiga se livrar de todos *uhms*, *ers* e *ahs* e fazer tudo soar natural no papel (não consigo evitar a paralisia que toma conta de mim ao pensar que centenas de pessoas vão escutar as palavras que digo agora).

Minha mente está em branco. Neste ponto, meus sentimentos são mais importantes do que qualquer outra coisa.

A ideia de voar me aterroriza.

Até onde me lembro, nos dias anteriores à cirurgia, nunca realmente entendi o que eram aviões. Nunca conectei os *close-ups* de aviões em televisão e filmes às coisas que passavam zunindo sobre minha cabeça. Agora que estamos prestes a decolar, apenas consigo pensar no que poderia acontecer se o avião caísse. Um sentimento frio, e o pensamento de que não quero morrer. Isso traz à mente todas aquelas discussões sobre Deus.

Nas últimas semanas, tenho pensado frequentemente sobre morte, mas não muito sobre Deus. Minha mãe me levava à igreja ocasionalmente – mas não me lembro de algum dia de fato conectar aquilo à ideia de Deus. Ela O mencionava com muita frequência, e eu tinha de rezar para Ele à noite, mas nunca pensei muito sobre isso. Eu me lembro Dele como um tio distante com barba longa, sentado em um trono (como o Papai Noel na loja de departamentos em sua grande cadeira, o qual coloca você no colo e pergunta se você se comportou e o que gostaria de ganhar de presente). Ela tinha medo Dele, mas, ainda assim, pedia favores. Meu pai nunca O mencionou – era como se Deus fosse um dos parentes de Rose com os quais ele não queria se envolver muito.

– Estamos prontos para decolar, senhor. Posso ajudá-lo a apertar o cinto de segurança?

– Eu tenho mesmo? Não gosto de ficar amarrado.

– Até atingirmos a altitude de cruzeiro.

– Eu não gostaria, a menos que seja necessário. Tenho medo de ficar amarrado. Provavelmente vai me deixar doente.

– São os regulamentos, senhor. Aqui, deixe-me ajudá-lo.

– Não! Eu mesmo faço.

– Não... Esse passa por aqui.

– Espere, uh... Okay.

Ridículo. Não há nada a temer. O cinto de segurança não está muito justo,

não machuca. Por que colocá-lo é tão aterrorizante? Isso e as vibrações do avião decolando. A ansiedade está toda fora de proporção com a situação... então deve ser algo... o quê? ... voar e atravessar nuvens escuras... apertem os cintos... amarrado... força para cima... cheiro de couro suado... vibrações e um som de rugidos nos meus ouvidos...

Pela janela – nas nuvens –, vejo Charlie. É difícil de dizer a idade, cerca de 5 anos. Antes de Norma...

– Vocês dois já estão prontos? – O pai entra pelo corredor, pesado, especialmente na corpulência flácida de seu rosto e pescoço. Ele exibe uma expressão cansada. – Eu disse, estão prontos?

– Só um minuto – Rose responde. – Estou colocando meu chapéu. Veja se a camisa dele está abotoada e amarre seus cadarços.

– Vamos lá, vamos terminar isso logo.

– Onde? – pergunta Charlie. – Onde... Charlie... ir?

Seu pai olha para ele e franze a testa. Matt Gordon nunca sabe como reagir às perguntas do filho.

Rose aparece na porta do quarto, ajustando o meio-véu de seu chapéu. Ela é uma mulher parecida com um pássaro, e os braços – erguidos na cabeça, os ombros para fora – assemelham-se a asas.

– Nós vamos ao médico que vai ajudar a deixar você inteligente.

O véu faz parecer como se ela o olhasse através de uma tela. Ele sempre tem muito medo quando se arrumam para sair dessa forma, porque sabe que vai ter de conhecer outras pessoas, e sua mãe ficará chateada e brava.

Ele quer correr, mas não tem para onde ir.

– Por que você tem que dizer isso pra ele? – Matt pergunta.

– Porque é a verdade. O dr. Guarino pode ajudar.

Matt caminha como um homem que desistiu da esperança, mas vai fazer um último esforço para argumentar.

– Como você sabe? O que você sabe sobre esse homem? Se tivesse algo que pudesse ser feito, os médicos teriam nos dito há muito tempo.

– Não diga isso – ela chia. – Não me diga que não há nada a fazer. – Ela pega

Charlie e pressiona a cabeça do garoto contra o próprio peito. – Ele vai ser normal, custe o que custar, faremos o que precisar.

– Não é algo que dinheiro possa comprar.

– Eu estou falando do Charlie. Seu filho... seu único filho. – Ela o embala de um lado para o outro, beirando a histeria. – Não vou ouvir essa conversa. Eles não sabem, então dizem que não há nada a ser feito. O dr. Guarino me explicou tudo. Eles não patrocinam a invenção dele porque vai provar que estão errados. Como foi com aqueles outros cientistas, Pasteur e Jennings e o resto deles. Ele me contou tudo sobre famosos médicos com medo do progresso.

Ao responder para Matt dessa forma, ela se sente relaxada e segura de si mesma mais uma vez. Quando solta Charlie, ele vai para um canto e encara a parede, assustado e tremendo.

– Olhe – ela diz –, você o deixou chateado de novo.

– Eu?

– Você sempre começa essas coisas na frente dele.

– Ah, Cristo! Vamos logo, vamos terminar logo com essa porcaria.

Durante o caminho para o consultório do dr. Guarino, eles evitam falar entre si. Silêncio no ônibus e silêncio enquanto caminham três quadras do ponto de ônibus até o prédio comercial no centro da cidade. Depois de cerca de quinze minutos, o dr. Guarino vai até a sala de espera para cumprimentá-los. Ele é gordo e careca e parece prestes a estourar seu jaleco branco. Charlie está fascinado com as grossas sobrancelhas e o bigode brancos que se contorcem de vez em quando. Às vezes, o bigode se contorce primeiro, seguido por uma levantada de ambas as sobrancelhas, mas às vezes as sobrancelhas se erguem primeiro, e uma contração do bigode segue.

O grande cômodo branco para o qual Guarino os guia cheira a tinta fresca e está quase vazio – duas escrivaninhas em um lado do consultório e, no outro, uma gigantesca máquina com fileiras de botões e quatro longos braços, como brocas de dentista. Ao lado, há uma mesa de exames de couro preto com grossas fivelas para prender.

– Bem, bem, bem – diz Guarino, erguendo as sobrancelhas –, então este é Charlie. – Ele segura firmemente os ombros do garoto. – Nós vamos ser amigos.

– Você realmente pode fazer algo por ele, dr. Guarino? – pergunta Matt. – Você já tratou esse tipo de coisa alguma vez? Nós não temos muito dinheiro.

As sobrancelhas descem como persianas quando Guarino faz uma carranca.

– Sr. Gordon, eu já disse alguma coisa sobre o que eu poderia fazer? Não tenho que examiná-lo primeiro? Talvez algo possa ser feito, talvez não. Primeiro, precisamos fazer testes físicos e mentais para determinar as causas da patologia. Haverá tempo suficiente mais tarde para falar de prognóstico. Na verdade, ando muito ocupado ultimamente. Apenas concordei em analisar esse caso porque estou fazendo um estudo especial sobre esse tipo de retardamento neurológico. Claro, se você se opõe, então talvez...

A voz do homem evanesce tristemente, e ele se vira, mas Rose Gordon cutuca Matt com o cotovelo.

– Meu marido não quis dizer isso, dr. Guarino. Ele fala demais. – Ela lança um olhar para Matt, advertindo-o para se desculpar.

Matt suspira.

– Se houver qualquer maneira de você ajudar Charlie, vamos fazer o que pedir. As coisas andam lentas ultimamente. Eu vendo suprimentos de barbearia, mas o que quer que tenha, eu com prazer posso...

– Apenas uma coisa em que preciso insistir – diz Guarino, franzindo os lábios como se tomasse uma decisão. – Uma vez que começarmos, o tratamento deve continuar até o final. Em casos como esse, os resultados com frequência vêm inesperadamente depois de longos meses sem nenhum sinal de melhora. Não que eu esteja prometendo sucesso, notem isso. Nada é garantido. Mas vocês têm que dar uma chance ao tratamento, ou, caso contrário, é melhor que nem comecem.

Ele franze o cenho e deixa que seu aviso seja absorvido, e suas sobrancelhas são sombras brancas debaixo das quais os olhos azuis brilhantes encaram.

– Agora, se vocês puderem se retirar para que eu examine o menino.

Matt hesita em deixar Charlie sozinho com ele, mas Guarino acena com a cabeça:

– Esta é a melhor maneira – ele afirma, encaminhando-os para a sala de espera. – Os resultados são sempre mais significativos se o paciente e eu estivermos sozinhos durante os testes de psicossubstanciação. Distrações

externas têm um efeito pernicioso nas pontuações ramificadas.

Rose sorri de modo triunfante para o marido, e Matt mansamente a segue para fora.

Sozinho com Charlie, o dr. Guarino bate de leve na cabeça dele. O homem tem um sorriso amável.

– Certo, garoto. Na mesa.

Quando Charlie não responde, ele o levanta com gentileza para a mesa forrada em couro e o prende seguramente com fivelas resistentes. A mesa cheira a suor profundamente arraigado e couro.

– Mãããã!

– Ela está lá fora. Não se preocupe, Charlie. Isso não vai doer nada.

– Quero mã! – Charlie está confuso por ser amarrado dessa maneira. Ele não tem noção do que está sendo feito com ele, mas houve outros doutores que não foram tão gentis depois que seus pais saíram do consultório.

Guarino tenta acalmá-lo.

– Fique calmo, garoto. Não há nada para temer aqui. Você vê essa máquina grande aqui? Sabe o que vou fazer com ela?

Charlie se aninha com medo, e então se lembra das palavras da mãe:

– Me fazer esperto.

– Isso mesmo. Pelo menos você sabe por que está aqui. Agora, só feche os olhos e relaxe enquanto ligo esses interruptores. Vai fazer muito barulho, como um avião, mas não vai te machucar. E vamos ver se podemos deixar você um pouco mais esperto que agora.

Guarino liga o interruptor que faz a máquina gigantesca zunir, luzes vermelhas e azuis piscando, e Charlie está apavorado. Ele se encolhe e treme, fazendo força nas fivelas que o seguram na mesa.

Ele começa a gritar, mas Guarino rapidamente enfia um pedaço de tecido em sua boca.

– Calma, calma, Charlie. Nada disso. Você se comporte direitinho. Eu disse que não ia doer.

Ele tenta gritar de novo, mas tudo que consegue é um ruído sufocado que o faz querer vomitar. Ele sente a umidade e a viscosidade nas pernas, e o cheiro

lhe diz que sua mãe vai puni-lo com palmadas e mandá-lo para o canto por fazer nas calças. Ele não conseguia controlar. Sempre que se sente preso e o pânico se estabelece, ele perde o controle e se suja. Sufocado... Cansado... Enjoado... E tudo fica preto...

Não há como saber quanto tempo passa, mas, quando Charlie abre os olhos, o pano não está na sua boca e as fivelas foram removidas. Dr. Guarino finge não sentir o cheiro:

– Ora, isso não doeu nem um pouco, doeu?

– N-não...

– Bom, então por que você está tremendo assim? Tudo que fiz foi usar aquela máquina para deixá-lo mais inteligente. Qual é a sensação de ser mais inteligente agora do que era antes?

Esquecendo seu terror, Charlie encara a máquina com olhos arregalados.

– Eu fiquei inteligente?

– Claro que sim. Uh, fique em pé ali daquele lado. Qual a sensação?

– É molhado. Eu fiz.

– Sim, bom, uh, você não vai fazer isso na próxima vez, vai? Você não vai ter mais medo, já que sabe que não dói. Agora quero que diga para sua mãe quão inteligente você se sente, e ela vai te trazer aqui duas vezes por semana para encefalorrecondicionamento por ondas curtas e você vai ficar mais e mais e mais inteligente.

Charlie sorri.

– Consigo andar para trás.

– Consegue? Vamos ver – diz Guarino, fechando sua pasta em falsa empolgação. – Deixe-me ver.

Lentamente, e com muito esforço, Charlie dá diversos passos para trás, esbarrando na mesa de exames. Guarino sorri e assente.

– Agora isso é o que eu chamo de resultado. Ah, pode esperar. Você vai ser o garoto mais inteligente de seu quarteirão antes mesmo de terminarmos.

Charlie cora em prazer com os elogios e a atenção. Não sorriem com frequência para ele e dizem que fez algo bem. Até o seu terror da máquina, e de ser amarrado na mesa, começa a sumir.

– Do quarteirão inteiro? – o pensamento o preenche como se ele não conseguisse colocar mais nenhum ar para dentro dos pulmões, não importa o quanto tente. – Mais esperto que Hymie?

Guarino sorri de novo e assente:

– Mais inteligente que Hymie.

Charlie olha para a máquina com surpresa e respeito novos. Ela o fará mais inteligente que Hymie, que mora a duas portas de distância e sabe ler e escrever e é um escoteiro.

– Essa máquina é sua?

– Ainda não. Ela pertence ao banco. Mas em breve será minha, e então poderei tornar muitos garotos como você inteligentes. – Ele afaga a cabeça de Charlie e diz: – Você é muito mais gentil que algumas das crianças normais que as mães trazem aqui, esperando que eu possa transformá-los em gênios ao trabalhar com o quociente de inteligência.

– Então você vira gênio se virar um cachorro? – Ele colocou as mãos no rosto para ver se a máquina transformara seu nariz em focinho. – Você vai me fazer um cão-ciente de inteligência?

A risada de Guarino é amistosa, enquanto ele pressiona o ombro de Charlie:

– Não, Charlie. Não há nada pra se preocupar. Só cachorros muito malvados viram cão-cientes de inteligência. Você vai ficar exatamente como está, um bom garoto. – E depois, pensando melhor, acrescenta: – É claro, um pouco mais inteligente do que agora.

Ele destranca a porta e acompanha Charlie até os pais.

– Aqui está ele, pessoal. Tudo certo, apesar de tudo. Um bom garoto. Acho que seremos bons amigos, não é, Charlie?

Charlie acena com a cabeça. Ele quer que o dr. Guarino goste dele, mas está aterrorizado ao ver a expressão no rosto da mãe:

– Charlie! O que você fez?

– Só um acidente, sra. Gordon. Ele estava assustado na primeira vez. Mas não o culpe ou puna. Eu não quero que ele conecte punição com vir aqui.

Mas Rose Gordon está morta de vergonha:

– É nojento. Não sei o que fazer, dr. Guarino. Até mesmo em casa ele

esquece, e, às vezes, quando temos visitas. Sinto tanta vergonha quando ele faz isso.

A expressão de desprezo no rosto da mãe o faz tremer. Por um instante, ele havia se esquecido de quão ruim ele era, de como fazia os pais sofrerem. Charlie não sabe como, mas o assusta quando ela diz que ele os faz sofrer, e quando ela chora e grita, ele vira o rosto para a parede e choraminga suavemente para si mesmo.

– Agora, não o chateie, sra. Gordon, e não se preocupe. Traga-o para mim todas as terças e quintas-feiras semanalmente no mesmo horário.

– Mas isso realmente vai ajudar? – pergunta Matt. – Dez dólares é muito...

– Matt! – Ela agarra a manga dele. – Existe alguma coisa pra se dizer num momento como esse? Sua própria carne e sangue, e talvez o dr. Guarino possa deixar Charlie como as outras crianças, com a ajuda de Deus, e você fala de dinheiro!

Matt Gordon começa a se defender, mas, então, pensando melhor nisso, ele saca a carteira.

– Por favor... – suspira Guarino, como se embaraçado ante a visão de dinheiro. – Meu assistente na recepção vai cuidar de todos os arranjos financeiros. Obrigado. – Ele faz uma meia reverência para Rose, aperta a mão de Matt e dá tapinhas nas costas de Charlie. – Bom garoto. Muito bom. – Então, sorrindo de novo, desaparece atrás da porta para os escritórios internos.

Eles discutem por todo o caminho de casa, Matt reclamando que as vendas de suprimentos para barbearia diminuíram e que as economias da família estão decaindo, Rose gritando de volta que tornar Charlie normal é mais importante que qualquer coisa.

Assustado com a desavença, Charlie soluça. O som de raiva nas duas vozes é doloroso para ele. Assim que entram no apartamento, ele se afasta e corre para o canto na cozinha, atrás da porta, e fica em pé, pressionando a testa contra a parede de azulejos, tremendo e gemendo.

Eles não prestam atenção nele. Esqueceram que Charlie tem que trocar de roupa e ser lavado.

– Não estou histérica. Só estou cansada de você reclamando todas as vezes que tento fazer algo pelo seu filho. Você não liga. Você simplesmente não liga.

– Isso não é verdade! Mas eu entendo que não há nada que possamos fazer. Quando você tem um filho como ele, é uma cruz que você carrega e ama. Bom, eu posso aguentar o Charlie, mas não os seus modos malucos. Você gastou quase todas as nossas economias em charlatões e impostores, dinheiro que eu poderia ter usado para estabelecer um bom negócio próprio. Sim. Não olhe para mim desse jeito. Com todo o dinheiro que você jogou pelo ralo para fazer algo que não pode ser feito, eu poderia já ter minha própria barbearia, em vez de comer o pão que o diabo amassou fazendo vendas por dez horas ao dia. Meu próprio negócio com gente trabalhando para *mim*!

– Pare de gritar. Olhe para ele, está assustado.

– Vá pro inferno. Agora eu sei quem é o imbecil por aqui. Eu! Por aguentar você. – Ele sai agressivamente, batendo a porta.

– Desculpe interrompê-lo, senhor, mas vamos aterrissar em poucos minutos. Você vai ter que apertar o cinto de segurança novamente... Ah, você já está usando. Ficou com ele por todo o caminho desde Nova York. Quase duas horas...

– Eu me esqueci totalmente dele. Vou apenas ficar usando até aterrissarmos. Não me incomoda mais.

Agora consigo ver de onde vem minha motivação incomum para me tornar *inteligente* que impressionou todos a princípio. Era algo com o que Rose Gordon vivia dia e noite. O medo, a culpa e a vergonha por Charlie ser um débil mental. O sonho de que algo poderia ser feito. A questão sempre urgente: de quem era a culpa, dela ou de Matt? Só depois de Norma provar que Rose era capaz de ter filhos normais, e que eu era a aberração, ela parou de tentar me consertar. Mas acho que nunca parei de querer ser o garotinho inteligente que ela queria que eu fosse, para que me amasse.

Uma coisa engraçada sobre Guarino. Eu deveria me ressentir pelo que ele fez comigo e por tirar vantagem de Rose e Matt, mas, de alguma forma, não consigo. Após aquele primeiro dia, ele foi sempre agradável comigo. Sempre havia a batidinha no ombro, o sorriso, a palavra encorajadora que me vinha tão raramente.

Ele me tratava – mesmo naquela época – como um ser humano.

Pode soar como ingratidão, mas essa é uma das coisas das quais me ressinto aqui – a atitude de que sou uma cobaia. As referências constantes de Nemur sobre ter *me feito o que sou* ou sobre algum dia haver outros como eu que *se tornarão seres humanos reais*.

Como posso fazê-lo entender que ele não me criou?

Ele comete o mesmo erro que os outros quando olham para uma pessoa de mente débil e riem porque não entendem que existem sentimentos humanos envolvidos. Ele não percebe que eu era uma pessoa antes de vir para cá.

Estou aprendendo a controlar meu ressentimento, a não ser tão impaciente, a esperar por coisas. Acho que estou crescendo. Cada dia aprendo mais e mais sobre mim, e as memórias, que começaram como pequenas ondulações na água, agora me inundam como tsunamis...

11 de junho – A confusão teve início no momento em que chegamos ao Chalmers Hotel em Chicago e descobrimos que, por uma falha, nossos quartos não estariam disponíveis até a noite seguinte e, até lá, teríamos de ficar nas proximidades, no Independence Hotel. Nemur estava furioso. Ele levou aquilo como uma afronta pessoal e discutiu com todas as pessoas na cadeia de comando do hotel, do carregador de malas ao gerente. Esperamos no lobby enquanto cada funcionário saía em busca de seu superior para averiguar o que poderia ser feito.

No meio de toda a confusão – bagagem à deriva se acumulando por todo o lobby, carregadores de mala indo e vindo apressados com seus carrinhos, membros da conferência que não se viam fazia um ano se reconhecendo e se cumprimentando –, ficamos lá parados nos sentindo cada vez mais envergonhados enquanto Nemur tentava pegar pela gola oficiais ligados à Associação Psicológica Internacional.

Finalmente, quando ficou claro que nada poderia ser feito a respeito, ele aceitou o fato de que teríamos de passar nossa primeira noite em Chicago no Independence.

Como viemos a descobrir, a maioria dos psicólogos jovens estava no Independence, e ali aconteceriam as grandes festas da primeira noite. Aqui, as pessoas tinham ouvido sobre o experimento, e a maioria delas sabia quem eu era. Onde quer que fôssemos, alguém surgia e perguntava minhas opiniões sobre

tudo, desde os efeitos de novos impostos até as mais recentes descobertas arqueológicas na Finlândia. Era desafiador, e meu depósito de conhecimentos gerais facilitou que eu falasse sobre praticamente qualquer tema. Mas, depois de algum tempo, notei que Nemur se sentia incomodado com toda a atenção que eu recebia.

Quando uma atraente jovem médica de Falmouth College me perguntou se eu poderia explicar algumas das causas do meu próprio retardamento, eu lhe disse que o prof. Nemur era o homem para responder.

Era a chance que ele esperava para mostrar sua autoridade, e, pela primeira vez desde que nos conhecemos, ele pôs a mão no meu ombro.

– Nós não sabemos exatamente o que causa o tipo de fenilcetonúria da qual Charlie sofria desde criança: algum tipo de ocorrência bioquímica ou genética, possivelmente radiação ionizante, radiação natural ou até um ataque de vírus ao feto; o que quer que seja resultou em um gene defeituoso que produz uma, digamos assim, "enzima dissidente" que cria reações bioquímicas defeituosas. E, é claro, aminoácidos recentemente produzidos competem com enzimas normais, causando dano neurológico.

A garota franziu a testa. Ela não esperara uma palestra, mas Nemur havia tomado conta do local e prosseguiu no mesmo tom.

– Eu chamo de *inibição competitiva de enzimas*. Deixe-me dar um exemplo de como funciona. Pense na enzima produzida pelo gene defeituoso como uma *chave errada* que entra na fechadura química do sistema nervoso central, *mas não gira*. Por ela estar lá, a chave verdadeira, a enzima certa, não consegue nem entrar na fechadura. Está bloqueada. O resultado? Destruição irreversível de proteínas no tecido cerebral.

– Mas, se é irreversível – intrometeu-se um dos outros psicólogos que se juntara à pequena audiência –, como é possível que o sr. Gordon aqui não seja mais retardado?

– Ah! – exultou Nemur. – Eu disse que a destruição feita ao tecido é irreversível, não o processo em si. Muitos pesquisadores têm sido capazes de reverter o processo por meio de injeções de químicos que combinam com as enzimas defeituosas, mudando o formato molecular da chave interferente, digamos assim. Isso é central para nossa técnica também. Antes, porém, nós

removemos as porções danificadas do cérebro e permitimos que o tecido cerebral implantado fosse quimicamente revitalizado para produzir proteínas cerebrais em um ritmo anormal.

– Só um instante, prof. Nemur – eu disse, interrompendo-o no clímax de sua performance. – E o trabalho de Rahajamati nesse campo?

Ele olhou para mim sem expressão:

– Quem?

– Rahajamati. O artigo dele ataca a teoria de Tanida de fusão de enzimas, o conceito de mudar a estrutura química da enzima que bloquearia o processo de caminho metabólico.

Ele franziu a testa.

– Onde esse artigo foi traduzido?

– Ele não foi traduzido ainda. Eu o li no *Jornal Hindu de Psicopatologia* alguns dias atrás.

Ele olhou para sua audiência e tentou afastar o assunto:

– Bom, não acho que temos com o que nos preocupar. Nossos resultados falam por si sós.

– Mas o próprio Tanida propôs a teoria de bloquear a enzima dissidente por meio de combinação, e agora ele aponta que...

– Ora, por favor, Charlie. Só porque um homem é o primeiro a propor uma teoria não quer dizer que ele é a palavra final no seu desenvolvimento experimental. Acho que todos aqui concordarão que a pesquisa feita nos Estados Unidos e no Reino Unido supera em muito os trabalhos feitos na Índia e no Japão. Nós ainda temos os melhores laboratórios e equipamentos no mundo.

– Mas isso não rebate a observação de Rahajamati de que...

– Esse não é o lugar ou a hora de entrar nisso. Tenho certeza de que lidaremos adequadamente com esses comentários durante a sessão de amanhã. – Ele se virou para falar com alguém sobre um velho amigo da universidade, excluindo-me completamente, e fiquei ali estupefato.

Consegui puxar Strauss para um lado e comecei a questioná-lo.

– Tudo bem, então. Você vem me dizendo que sou muito sensível com ele. O que eu disse que o chateou dessa forma?

– Você o está fazendo se sentir inferior, e ele não consegue lidar com isso.

– Estou falando sério, pelo amor de Deus. Diga-me a verdade.

– Charlie, você tem que parar de achar que todo mundo está rindo de você. Nemur não conseguiu discutir esses artigos porque ele não os leu. Ele não sabe ler nesses idiomas.

– Não ler hindi e japonês? Ora, por favor.

– Charlie, nem todo mundo tem seu talento para linguagem.

– Mas então como ele pode rebater o ataque de Rahajamati nesse método e o desafio de Tanida sobre a fundamentação desse tipo de controle? Ele deve saber sobre esses...

– Não... – cortou Strauss pensativamente. – Esses artigos são recentes. Não houve tempo para fazer as traduções.

– Quer dizer que você não os leu também?

Ele deu de ombros.

– E eu sou um linguista pior do que ele. Mas tenho certeza de que, antes de os relatórios finais serem revelados, todos os jornais acadêmicos serão vasculhados em busca de dados adicionais.

Eu não sabia o que dizer. Ouvi-lo admitir que os dois eram ignorantes de áreas inteiras em seus próprios campos era aterrorizante.

– Que idiomas você sabe? – perguntei.

– Francês, alemão, espanhol, italiano e sueco o suficiente para me entender.

– Nada de russo, chinês, português?

Strauss me lembrou que, como um psiquiatra atuante e neurocirurgião, ele tinha muito pouco tempo para idiomas. E as únicas línguas clássicas que ele sabia ler eram latim e grego. Nada das antigas linguagens orientais.

Eu conseguia ver que ele queria terminar a discussão naquele momento, mas, de alguma forma, eu não conseguia desistir. Eu precisava descobrir o quanto ele sabia.

E eu descobri.

Física: nada além da teoria quântica de campos. Geologia: nada sobre geomorfologia e estratigrafia ou sequer petrologia. Nada sobre a teoria macro ou microeconômica. Pouco em matemática além do nível elementar de cálculo de

variações, e nada mesmo sobre álgebra de Banach ou variedades riemannianas. Foi o primeiro vislumbre das revelações que me aguardavam nesse final de semana.

Não consegui ficar na festa. Escapei para caminhar e pensar sobre isso. Fraudes – os dois. Haviam fingido ser gênios. No entanto, eram apenas homens comuns trabalhando cegamente, fingindo ser capazes de trazer luz à escuridão. Por que é que todo mundo mente? Ninguém que conheço é quem parece ser. Enquanto virava a esquina, consegui ver Burt vindo atrás de mim.

– Qual o problema? – perguntei assim que ele me alcançou. – Você está me seguindo?

Ele deu de ombros e riu desconfortavelmente.

– Amostra A, estrela do show. Não podemos deixar você ser atropelado por um desses caubóis motorizados de Chicago ou assaltado e jogado na rua State.

– Não gosto de ser mantido em custódia.

Ele evitou meu olhar enquanto caminhava ao meu lado, as mãos socadas nos bolsos.

– Pegue leve, Charlie. O velho está no limite. Essa convenção significa muito pra ele. A reputação dele está em jogo.

– Eu não sabia que você era tão próximo de Nemur – eu o provoquei, relembrando todas as vezes que Burt reclamara sobre as limitações do professor, além de suas exigências.

– Não sou próximo de Nemur. – Ele me lançou um olhar desafiador. – Mas ele colocou a vida inteira nisso. Ele não é nenhum Freud, Jung, Pavlov ou Watson, mas está fazendo algo importante, e respeito sua dedicação, talvez até mais porque ele é simplesmente um homem comum tentando fazer o trabalho de um grande homem, enquanto todos os grandes homens estão ocupados fazendo bombas.

– Gostaria de ver você o chamar de comum na frente dele.

– Não importa o que ele pensa de si mesmo. Claro, ele é egoísta, e daí? É necessário esse tipo de ego para fazer um homem tentar algo assim. Eu vi homens como ele o suficiente pra saber que o que está misturado nessa pomposidade e arrogância é uma boa dose de insegurança e medo.

– E falsidade e superficialidade – acrescentei. – Eu os vejo agora como realmente são, impostores. Eu suspeitei de Nemur. Ele sempre parecia ter medo de algo. Mas Strauss me surpreendeu.

Burt pausou e soltou um longo suspiro. Nós fomos a uma lanchonete para um café, e, embora eu não tenha olhado em seu rosto, o som revelava exasperação.

– Você acha que estou errado?

– É só que você chegou longe rápido demais – ele respondeu. – Você tem uma mente soberba agora, inteligência que não pode realmente ser calculada, mais conhecimento absorvido até agora do que a maioria das pessoas aprende durante uma vida inteira. Mas você está desigual. Você sabe coisas. Vê coisas. Mas não desenvolveu discernimento ou, tenho que usar a palavra, tolerância. Você os chama de impostores, mas quando é que qualquer um dos dois afirmou ser perfeito ou super-humano? Eles são pessoas comuns. Você é o gênio.

Ele pausou desajeitadamente, de súbito consciente de que estava me dando uma lição de moral.

– Vá em frente.

– Já conheceu a esposa de Nemur?

– Não.

– Se você quer entender por que ele está sob tanta tensão o tempo todo, mesmo quando tudo vai bem no laboratório e nas aulas, tem que conhecer Bertha Nemur. Você sabia que foi ela quem conseguiu a vaga de professor pra ele? Sabia que ela usou a influência do pai pra conseguir os fundos da Fundação Welberg? Bom, ela o empurrou pra essa apresentação prematura na convenção. Enquanto você não tiver uma mulher como ela no seu pescoço, não pense que pode entender o homem que tem.

Eu não disse nada e consegui ver que ele queria voltar para o hotel. Ficamos em silêncio durante todo o caminho da volta.

Sou um gênio? Acho que não. Ainda não, de qualquer forma. Como Burt diria, rindo dos eufemismos do jargão educacional, sou *excepcional* – um termo democrático usado para evitar os malditos rótulos de *talentoso* e *incapaz* (que costumavam dizer *brilhante* e *retardado*), e, assim que *excepcional* começar a significar algo para alguém, vão mudá-lo. A ideia parece ser: use uma expressão

enquanto ela não significar nada para ninguém. *Excepcional* se refere aos dois finais do espectro, então eu fui excepcional a vida inteira.

Estranho sobre aprender; quanto mais longe eu vou, mais vejo o que nunca soube que sequer existia. Algum tempo atrás, tolamente imaginei que poderia aprender tudo – todo o conhecimento existente. Agora espero apenas ser capaz de saber de sua existência e entender um mínimo disso.

Há tempo?

Burt está incomodado comigo. Ele me acha impaciente, e os outros devem pensar o mesmo. Mas eles me prendem para trás e tentam me segurar onde estou. O que é esse lugar? Quem e o que sou agora? Eu sou a soma da minha vida ou apenas dos últimos meses? Ah, quão impacientes ficam quando tento discutir isso com eles. Não gostam de admitir que não sabem. É paradoxal que um homem comum como Nemur presuma se devotar a tornar os outros gênios. Ele gostaria de ser visto como o inventor de novas maneiras de aprendizado, o Einstein da psicologia. E ele tem o medo de um professor, de ser ultrapassado por seu aluno, o pavor do mestre de seu discípulo descreditar seu trabalho. (Não que eu seja de uma forma real um aluno ou discípulo de Nemur, mas Burt é.)

Acho que o medo de Nemur de ser revelado como um homem caminhando em pernas de pau entre gigantes é compreensível. Falhar nesse ponto o destruiria. Ele está velho demais para recomeçar tudo.

Mesmo que tenha sido chocante descobrir a verdade sobre homens que eu respeitara e admirara, acho que Burt tem razão. Não devo ser muito impaciente com eles. Seus trabalhos e ideias brilhantes tornaram o experimento possível. Preciso atentar a essa tendência natural de olhá-los de cima agora que os ultrapassei.

Tenho de perceber que, quando eles continuamente me incomodam para falar e escrever apenas para que as pessoas que leem esses relatórios me entendam, eles falam de si mesmos também. Mas é assustador compreender que meu destino está nas mãos de homens que não são os gigantes que um dia imaginei, homens que não têm todas as respostas.

13 de junho – Estou ditando isso sob grande estresse emocional. Abandonei a coisa toda. Estou em um avião de volta para Nova York sozinho e não tenho

ideia do que vou fazer quando chegar lá.

De início, admito, eu estava deslumbrado com a ideia de uma convenção internacional de cientistas e acadêmicos, reunidos para uma troca de ideias. Aqui, pensei, era onde tudo realmente acontecia. Aqui seria diferente das discussões improdutivas na universidade, porque esses eram os homens nos mais altos níveis de pesquisa e educação psicológica, os cientistas que escreviam os livros e davam as aulas, as autoridades que as pessoas citavam. Se Nemur e Strauss eram homens comuns trabalhando além das próprias habilidades, eu tinha certeza de que seria diferente com os outros.

Quando chegou a hora da reunião, Nemur nos conduziu pelo gigantesco lobby com suas pesadas mobílias barrocas e gigantescas escadarias de mármore, e atravessamos uma pesada multidão de apertos de mãos, acenos de cabeça e sorrisos. Dois outros professores de Beekman que haviam chegado de Chicago pela manhã se juntaram a nós. Os professores White e Clinger caminhavam um pouco à direita, um passo ou dois atrás de Nemur e Strauss, enquanto Burt e eu seguíamos no final.

A plateia se dividiu para abrir caminho para nós no Salão Principal, e Nemur acenou para os repórteres e fotógrafos que vieram ouvir em primeira mão sobre os procedimentos surpreendentes que foram feitos com um adulto retardado em pouco mais de três meses.

Nemur tinha, obviamente, enviado notas antecipadas à imprensa.

Alguns dos artigos psicológicos apresentados no encontro eram impressionantes. Um grupo do Alasca demonstrara como estímulos de várias porções do cérebro causavam um desenvolvimento significativo em habilidades de aprendizado, e um grupo da Nova Zelândia mapeara porções do cérebro que controlavam a percepção e a retenção de estímulos.

Mas havia outros tipos de estudos também – o estudo de P. T. Zellerman sobre a diferença da quantidade de tempo que ratos levavam para atravessar um labirinto quando os cantos eram curvos em vez de angulares ou o artigo de Warfel sobre o efeito do nível de inteligência no tempo de reação de macacos-rhesus. Estudos assim me deixavam bravo. Dinheiro, tempo e energia desperdiçados em análises detalhadas do trivial. Burt estava certo ao elogiar Nemur e Strauss por se devotarem a algo importante e incerto em vez de algo

insignificante e seguro.

Se ao menos Nemur me enxergasse como um ser humano.

Depois de o moderador anunciar a apresentação da Universidade de Beekman, tomamos nossos assentos na plataforma atrás de uma longa mesa – Algernon em sua gaiola entre Burt e mim. Nós éramos a atração principal da noite e, depois de nos arrumarmos, o moderador começou sua introdução. Eu já esperava ouvi-lo começar a falar: *Senhoraaaaaaaaaaaaaa e senhoreeee

Algernon. Isso seria seguido de uma demonstração de Algernon do passo a passo para resolver um problema a fim de ganhar sua refeição (algo que nunca parei de ressentir!).

Não que eu tivesse qualquer coisa contra Burt. Ele sempre fora aberto comigo – mais do que a maioria dos outros –, mas, enquanto descrevia o ratinho branco que recebera inteligência, ele soava pomposo e artificial como os outros. Como se provasse as responsabilidades de seus professores. Deixar Algernon sair da gaiola iria lançar o encontro a um caos, e, afinal de contas, essa era a estreia de Burt na corrida de ratos da nomeação acadêmica.

Eu tinha o dedo no dispositivo de abertura da gaiola, e, enquanto Algernon observava o movimento de minha mão com os olhos cor-de-rosa brilhantes, tenho certeza de que ele sabia o que eu tinha em mente. Naquele momento, Burt pegou a gaiola para sua demonstração. Explicou a complexidade do dispositivo de abertura e da solução de problemas requerida cada vez que a gaiola fosse aberta. (Pequenos parafusos plásticos caíam no lugar em padrões variados e tinham de ser controlados pelo rato, que pressionaria uma série de alavancas na mesma ordem.) Enquanto a inteligência de Algernon aumentava, sua velocidade de resolução de problemas melhorava – tudo isso era óbvio. Mas então Burt revelou algo que eu *não* soubera.

No pico de sua inteligência, a performance de Algernon se tornara variável. Houvera momentos, segundo o relatório de Burt, em que Algernon se recusou totalmente a trabalhar, mesmo quando aparentemente com fome, e em outras vezes ele solucionava o problema, mas, em vez de pegar sua recompensa de comida, se arremessava contra as paredes da gaiola.

Quando alguém da plateia perguntou a Burt se ele estava sugerindo que esse comportamento errático era diretamente causado por inteligência aumentada, Burt desviou da pergunta.

– No que me diz respeito – ele esclareceu –, não há evidência suficiente para corroborar essa conclusão. Há outras possibilidades. É possível que tanto a inteligência aumentada quanto o comportamento errático tenham sido criados pela mesma cirurgia original, em vez de um estar em função do outro. Também é possível que esse comportamento errático seja exclusivo de Algernon. Não o encontramos em nenhum dos outros ratos; no entanto, nenhum dos outros atingiu

um nível de inteligência tão alto ou o manteve por tanto tempo quanto Algernon.

Percebi imediatamente que essa informação me tinha sido retida. Eu vislumbrei o motivo e estava incomodado, mas isso não era nada em comparação com a raiva que senti quando trouxeram os vídeos.

Eu nunca havia sido informado de que minhas performances iniciais no laboratório foram filmadas. Lá estava eu, na mesa ao lado de Burt, confuso e de boca aberta, tentando correr pelo labirinto com o estilete elétrico. Cada vez que eu recebia um choque, minha expressão mudava para um olhar arregalado absurdo, e então aquele sorriso tolo novamente. Cada vez que aquilo acontecia, a audiência berrava. Corrida após corrida, isso se repetia, e cada vez achavam mais engraçado que na anterior.

Eu disse a mim mesmo que não eram basbaques em busca de curiosidades, mas cientistas em busca de conhecimento. Eles não conseguiam evitar achar essas imagens engraçadas – mas, ainda assim, quando Burt pegou o espírito e fez comentários divertidos nos filmes, fui tomado por um senso de traição. Seria ainda mais engraçado ver Algernon escapar da gaiola e ver todas aquelas pessoas se espalhando e rastejando de quatro tentando encontrar um pequeno gênio branco em fuga.

Mas me controlei e, quando Strauss tomou o pódio, o impulso havia passado.

Strauss lidou majoritariamente com a teoria e as técnicas de neurocirurgia, descrevendo detalhadamente como pioneiros que estudaram o mapeamento de centros de controle hormonais permitiram que ele isolasse e estimulasse esses centros e, ao mesmo tempo, removesse a porção que produzia hormônios inibidores da região. Além disso, explicou a teoria de bloqueio de enzimas e prosseguiu para descrever minha condição física antes e depois da cirurgia. Fotos (eu não sabia que eram tiradas) foram passadas e comentadas, e eu conseguia ver, pelos acenos de cabeça e sorrisos, que a maioria das pessoas ali concordava que a “expressão facial vazia e parada” se transformara em uma “aparência alerta e inteligente”. Ele também discutiu em detalhes os aspectos pertinentes de nossas sessões de terapia – especialmente minhas mudanças de atitudes em relação à livre associação no divã.

Eu estava ali como parte de uma apresentação científica e esperava ser posto em exibição, mas todos seguiram falando de mim como se fosse uma espécie de

coisa recentemente criada que apresentavam ao mundo científico. Ninguém naquela sala me considerava um indivíduo – um ser humano. A constante justaposição de “Algernon e Charlie” e “Charlie e Algernon” deixava claro o que pensavam de nós dois, um par de animais experimentais que nunca existiram fora do laboratório. No entanto, além de minha raiva, eu não conseguia tirar da cabeça que havia algo de errado.

Finalmente, era a vez de Nemur falar – para resumir tudo como o líder do projeto –, de tomar o holofote como o autor de um experimento brilhante. Esse era o dia pelo qual ele esperara.

Ele estava imponente ao se levantar ali na plataforma e, enquanto falava, eu me encontrei acenando com a cabeça, concordando com coisas que eu sabia serem verdadeiras. Os testes, o experimento, a cirurgia e meu desenvolvimento mental subsequente foram descritos detalhadamente, e sua fala era avivada com citações dos meus relatórios de progresso. Mais do que uma vez, eu me peguei ouvindo algo tolo ou pessoal sendo lido para a audiência. Ainda bem que eu havia tomado o cuidado de deixar todos os detalhes sobre Alice e eu de fora mesmo, no meu arquivo pessoal.

Então, em algum ponto em sua síntese, ele disse:

– Nós, que trabalhamos nesse projeto da Universidade de Beekman, temos a satisfação de saber que pegamos um dos erros da natureza e, com nossas novas técnicas, criamos um ser humano superior. Quando Charlie veio até nós, ele estava excluído da sociedade, sozinho em uma imensa cidade, sem amigos ou parentes que cuidassem dele, sem o equipamento mental para viver uma vida normal. Sem passado, sem contato com o presente, sem esperança para o futuro. Pode ser dito que Charlie Gordon na verdade não existia antes desse experimento...

Não sei por que me ressenti tão intensamente disso, de eles pensando em mim como uma nova aquisição em seu tesouro particular, mas eram – tenho certeza – ecos daquela ideia que vinha cercando as câmaras da minha mente desde que chegamos a Chicago. Eu quis me levantar e mostrar a todos quão tolo ele era, gritar para ele:

– Eu sou um ser humano, uma pessoa, com pais e memórias e história, e eu era antes de vocês me levarem para aquela sala de cirurgia!

Ao mesmo tempo, se forjou profundamente, no calor da minha raiva, uma percepção esmagadora do que me incomodara quando Strauss falou e novamente quando Nemur amplificou seus dados. Eles cometeram um erro – é claro! A avaliação estatística do período de espera para provar a permanência da mudança havia sido baseada em experimentos anteriores no campo de desenvolvimento e aprendizagem mental, em períodos de espera com animais normalmente burros ou normalmente inteligentes. Mas era óbvio que o período de espera teria de ser estendido nos casos em que a inteligência do animal aumentara duas ou três vezes.

As conclusões de Nemur haviam sido prematuras. Tanto para mim quanto para Algernon, levaria mais tempo para ver se a mudança permaneceria. Os professores cometeram um erro, e ninguém mais havia notado. Eu queria me levantar e contar a todos, mas não podia me mover. Como Algernon, eu me encontrava atrás da armadilha da gaiola que construíram em torno de mim.

Então haveria um período para perguntas, e, antes que fosse possível receber minha refeição, eu deveria fazer uma performance ante esse ajuntamento distinto. Não. Eu tinha que sair dali.

– ... de certa forma, ele foi o resultado de experimentação psicológica moderna. Em vez de uma casca com mente fraca, um peso para a sociedade que deve temer seu comportamento irresponsável, temos agora um homem com dignidade e sensibilidade, pronto para tomar seu lugar como um membro participante da sociedade. Eu gostaria que todos vocês ouvissem algumas palavras de Charlie Gordon...

Maldito. Ele não sabia do que estava falando. Naquele ponto, a compulsão tomou conta de mim. Assisti em fascinação à minha mão se mover, independente da minha vontade, e puxar a alavanca da gaiola de Algernon. Assim que a abri, ele olhou para cima, para mim e pausou. Então se virou, disparou para fora da gaiola e galopou pela longa mesa.

No início, ele estava perdido sobre um tecido de cor adamascada, um borrão branco sobre branco, até uma mulher da mesa gritar, derrubando sua cadeira para trás ao saltar. Atrás dela, jarros de água viraram, e então Burt gritou:

– Algernon está solto!

Algernon pulou para fora da mesa, para a plataforma e então para o chão.

– Peguem-no! Peguem-no! – Nemur guinchou enquanto a audiência, dividida em objetivos, se tornou um emaranhado de pernas e braços. Algumas das mulheres (não experimentalistas?) tentaram subir em cadeiras dobráveis, enquanto outras, tentando ajudar a encurralar Algernon, as derrubavam.

– Fechem as portas dos fundos! – gritou Burt, que percebera que Algernon era inteligente o suficiente para ir naquela direção.

– Corra! – eu me ouvi gritar. – A porta lateral!

– Ele saiu pela porta lateral – alguém avisou.

– Peguem-no! Peguem-no! – implorou Nemur.

A multidão surtou para fora do Salão Principal e no corredor enquanto Algernon galopava pela entrada de carpete castanho-avermelhado e liderava a animada perseguição. Sob mesas estilo Luís XIV, entre vasos de palmeiras, sobre escadarias, em torno de cantos, por baixo de escadarias, no lobby principal, acrescentando pessoas à corrida conforme seguíamos. Vê-los todos indo e vindo no lobby, seguindo um rato branco mais inteligente que muitos deles ali, era a coisa mais engraçada que acontecera fazia muito tempo.

– Vá em frente, ria! – bufou Nemur, que quase esbarrou em mim. – Mas, se não o encontrarmos, o experimento inteiro está em perigo!

Fingi procurar Algernon embaixo de uma lixeira:

– Sabe de uma coisa? – falei. – Você cometeu um erro. E, de qualquer modo, depois de hoje talvez não importe.

Segundos depois, meia dúzia de mulheres saiu aos berros do toalete, saias apertadas freneticamente em torno das pernas.

– Ele está ali dentro – alguém gritou. Mas, por um momento, a multidão à procura foi parada pela placa na parede: *Damas*. Fui o primeiro a atravessar a barreira invisível e adentrar os portões sagrados.

Algernon estava empoleirado no topo de um dos lavatórios, encarando o próprio reflexo no espelho.

– Vamos lá – eu disse. – Vamos sair daqui juntos.

Ele me deixou pegá-lo e colocá-lo no bolso do meu paletó.

– Fique aqui em silêncio até eu avisar.

Os outros entraram num estouro pela porta de vaivém – exibiam expressões

culpadas como se esperassem ver mulheres nuas gritando. Saí caminhando enquanto eles reviravam o toalete e ouvi a voz de Burt:

– Tem um duto para ventilação. Talvez ele tenha subido lá.

– Descubra onde desemboca – disse Strauss.

– Você, suba até o segundo andar – ordenou Nemur, acenando para Strauss. – Vou pro porão.

Nesse ponto, eles eclodiram do toucador feminino, e as forças se separaram. Eu segui o contingente de Strauss até o segundo andar, enquanto eles tentavam descobrir onde o duto desembocava. Quando Strauss e White e sua meia dúzia de seguidores viraram à direita para o Corredor B, eu virei à esquerda no Corredor C e tomei um elevador para o meu quarto.

Fechei a porta atrás de mim e dei dois tapinhas no bolso. Um focinho rosado e uma penugem branca saíram e espiaram.

– Vou só fazer minhas malas – eu disse –, e nós vamos embora, só eu e você, um par de gênios feitos pelo homem, em fuga.

Pedi ao carregador que colocasse as malas e o grava-fitas em um táxi que nos aguardava, paguei minha conta do hotel e saí pela porta giratória com o objeto da busca descansando no bolso do meu paletó. Usei minha passagem de retorno para Nova York.

Em vez de voltar para minha casa, planejo ficar em um hotel aqui na cidade por uma ou duas noites. Vamos usar isso como uma base de operações enquanto procuro por um apartamento mobiliado em algum lugar central. Quero ficar perto da Times Square.

Falar tudo isso faz eu me sentir muito melhor, até um pouco bobo. Realmente não sei por que fiquei tão incomodado ou o que estou fazendo em um avião rumo a Nova York com Algernon numa caixa de sapatos sob o meu assento. Não devo entrar em pânico. O erro não significa necessariamente algo sério. Apenas que as coisas não estão definidas como Nemur acreditava. Mas para onde vou daqui?

Antes de tudo, tenho que ver meus pais. O quanto antes.

Eu talvez não tenha todo o tempo que imaginava ter...

RELATÓRIO DE PROGRESSO 14

15 de junho – Nossa fuga chegou aos jornais ontem, e os tabloides reviraram a cidade. Na segunda página do *Daily Press*, havia uma foto minha antiga e o esboço de um rato branco. A manchete dizia: *Imbecil-gênio e rato somem do mapa*. Nemur e Strauss são citados por terem dito que eu estava sob tensão tremenda e que eu indubitavelmente retornaria em breve. Ofereceram uma recompensa de 500 dólares por Algernon, sem perceber que estávamos juntos.

Quando li a próxima história na quinta página, fui aturdido ao encontrar uma foto de minha mãe e minha irmã. Algum repórter havia obviamente feito o seu trabalho.

IRMÃ DESCONHECE O PARADEIRO
DE IMBECIL-GÊNIO
(*Exclusivo do Daily Press*)

Brooklyn, N.Y., 14 de junho – A srta. Norma Gordon, que mora com a mãe, Rose Gordon, na rua Marks, número 4136, no Brooklyn, N.Y., negou ter qualquer conhecimento do paradeiro do irmão. A srta. Gordon disse:

“Não o vemos ou temos notícias dele há mais de dezessete anos.”

Ela ainda diz que acreditava que o irmão estava morto até março passado, quando o chefe do departamento de psicologia da Universidade de Beekman a abordou em busca de permissão para usar Charlie em um experimento.

“Minha mãe me disse que ele tinha sido enviado para Warren [a Residência Pública e Centro de Treinamento Warren, em Warren, Long Island]”, declarou a srta. Gordon, “e que havia morrido lá alguns anos depois. Eu não tinha ideia de que ele ainda estava vivo.”

A srta. Gordon pede a qualquer um que tenha notícias sobre o paradeiro do irmão, que comunique a família no endereço residencial.

O pai, Matthew Gordon, que não vive mais com a esposa e a filha, agora dirige uma barbearia no Bronx.

Encarei a notícia por algum tempo e depois me virei e olhei para a foto

novamente. Como descrevê-las?

Não posso dizer que me lembro do rosto de Rose. Apesar de a foto recente estar clara, ainda a vejo com os óculos da infância. Eu a conhecia e não a conhecia. Se tivéssemos nos cruzado na rua, eu não a haveria reconhecido, mas agora, sabendo que é minha mãe, consigo notar os pequenos detalhes – sim!

Magra, com feições exageradas. Nariz e queixo pontiagudos. E quase a consigo ouvir tagarelar e guinchar. O cabelo amarrado em um coque severo. Atravessando-me com olhos negros. Quero que ela me tome nos braços e me diga que sou um bom garoto e, ao mesmo tempo, quero me virar e evitar um tapa. A sua foto me faz tremer.

E Norma – de rosto magro também. Traços não tão pontiagudos, bonita, mas muito semelhante à minha mãe. O cabelo na altura do ombro suaviza a imagem. As duas estão sentadas no sofá da sala de estar.

Foi o rosto de Rose que trouxe de volta as memórias assustadoras. Ela era duas pessoas para mim, e eu nunca tinha como saber qual delas ela seria. Talvez revelasse aos outros com um gesto da mão, uma sobrancelha erguida, um franzir de cenho – minha irmã conhecia os anúncios da tempestade e estava sempre fora de alcance quando o humor da minha mãe piorava –, mas sempre me pegava desprevenido. Eu me aproximava dela para confortá-la, e sua raiva irrompia em mim.

Em outros momentos, haveria ternura e carinhos – quase como um banho morno, mãos fazendo carinho no meu cabelo e em minha testa e as palavras gravadas sobre a catedral da minha infância:

Ele é como as outras crianças.
Ele é um bom garoto.

Consigo ver o passado através da foto esvaída, meu pai e eu nos inclinando sobre um berço de vime. Ele segura minha mão e diz:

– Ali está ela. Você não deve tocá-la, porque é muito pequena, mas, quando ela crescer, você vai ter uma irmã pra brincar com você.

Vejo minha mãe na cama gigantesca, pálida e de jeito seboso, braços flácidos sobre a manta de lã com estampas de orquídeas, erguendo a cabeça

ansiosamente:

– Fique de olho nele, Matt.

Isso foi antes de ela mudar em relação a mim, e agora percebo que ela não podia saber ainda se Norma seria como eu ou não. Foi depois, quando ela teve certeza de que suas preces haviam sido ouvidas, que a voz de minha mãe começou a soar diferente. Não apenas a voz, mas o toque, a aparência, a mera presença – tudo mudou. Foi como se seus polos magnéticos tivessem sido invertidos e, onde eles antes se atraíam, agora se repeliam. Vejo agora que, quando Norma floresceu em nosso jardim, eu me tornei uma erva daninha, autorizado a existir apenas onde não fosse visto, em cantos e partes escuras.

Ao ver seu rosto no jornal, eu subitamente a odiei. Teria sido melhor se ela tivesse ignorado os médicos e professores e outros que tinham tanta pressa em convencê-la de que eu era um imbecil, afastando-a de mim para que me desse menos amor quando eu precisava de mais.

O que de bom poderia vir de vê-la agora? O que ela poderia me contar sobre mim mesmo? E, ainda assim, estou curioso. Como ela reagiria?

Vê-la e traçar meu passado para descobrir o que eu era? Ou esquecê-la? Vale a pena conhecer o passado? Por que é tão importante para mim dizer a ela: “Mãe, olhe pra mim. Não sou mais retardado. Sou normal. Sou melhor que normal. Sou um gênio”?

Mesmo que eu tente tirá-la da minha mente, as memórias inundam do passado e contaminam o aqui e agora. Outra memória – de quando eu era muito mais velho.

Uma discussão.

Charlie deitado na cama, com as cobertas por cima. O quarto escuro, exceto pela fina linha de luz que saía de uma porta entreaberta, penetrando a escuridão para unir ambos os mundos. E ele ouve coisas, não entendendo, mas sentindo, porque a irritação em suas vozes está conectado às suas conversas sobre ele. Mais e mais, a cada dia, ele começa a associar o tom com uma carranca quando falavam dele.

Ele estava quase adormecido quando, através da barra de luz, as vozes suaves se ergueram para o nível de discussão: a da mãe, aguda com a ameaça de um tom

usado para se fazer obedecer por meio da histeria.

– Ele tem que ser mandado pra uma instituição. Eu não quero mais esse garoto na casa com ela. Chame o dr. Portman e avise que queremos mandar Charlie para a Residência Pública Warren.

A voz de meu pai é firme, estabilizante:

– Mas você sabe que Charlie não a machucaria. Não deve fazer muita diferença pra ela nessa idade.

– Como podemos saber? Talvez tenha um efeito ruim em uma criança crescer com... com alguém como ele em casa.

– O dr. Portman disse...

– Portman disse! Portman disse! Eu não ligo para o que ele disse! Pense em como será pra ela ter um irmão assim. Eu estava errada todos esses anos, tentando acreditar que ele cresceria como as outras crianças. Eu admito agora. É melhor pra ele ser mandado pra longe.

– Agora que você tem Norma, decidiu que não quer mais ele...

– Você acha que isso é fácil? Por que está dificultando pra mim? Todos esses anos, todo mundo me dizendo que ele deveria ir pra uma instituição. Bom, eles estavam certos. Mandem ele pra outro lugar. Talvez nessa Residência, com gente do seu tipo, ele vá ter alguma coisa. Eu não sei mais o que é certo ou errado. Tudo o que sei é que agora não vou sacrificar minha filha por ele.

E, apesar de Charlie não entender o que acontecia entre eles, ele está assustado e se afunda sob as cobertas, olhos abertos, tentando penetrar a escuridão que o cerca.

Do jeito que o vejo agora, ele não está realmente assustado, apenas se excluindo, como um pássaro ou um esquilo se afasta dos movimentos bruscos do comedouro, involuntário, instintivo. A luz da porta entreaberta chega a mim novamente em uma visão luminosa. Ao ver Charlie encolhido sob as cobertas, queria dar conforto a ele, explicar-lhe que não fez nada de errado, que está além dele mudar a atitude da mãe para como ela era antes de sua irmã chegar. Ali na cama, Charlie não entendia o que diziam, mas, agora, isso o machuca. Se pudesse alcançar no passado de minhas memórias, eu a faria ver quanto ela me magoava.

Esse não é o momento de encontrá-la. Não até eu ter tempo para resolver isso para mim mesmo.

Felizmente, como precaução, saquei minhas economias do banco assim que cheguei a Nova York. Oitocentos e oitenta e seis dólares não durarão muito, mas me darão tempo para organizar minhas tarefas.

Eu me hospedei no Camdem Hotel na 41ª Avenida, uma quadra da Times Square. Nova York! Todas as coisas sobre as quais li! Gotham... Centro efervescente... Bagdá no Hudson. Cidade de luz e cor. É incrível eu ter vivido e trabalhado minha vida toda a apenas algumas estações de metrô de distância e só ter estado na Times Square uma vez – com Alice.

É difícil conter o impulso de ligar para ela. Comecei e me parei diversas vezes. Tenho que ficar longe dela.

Tantos pensamentos confusos para pôr em ordem. Digo a mim mesmo que, enquanto continuar gravando os relatórios de progresso, nada será perdido; a gravação estará completa. Que fiquem no escuro por um tempo; eu fiquei no escuro por mais de trinta anos. Mas estou cansado agora. Não consegui dormir no avião ontem e não consigo ficar de olhos abertos. Vou retomar deste ponto amanhã.

16 de junho – Liguei para Alice, mas desliguei antes que ela atendesse. Hoje, encontrei um apartamento mobiliado. Noventa e cinco dólares por mês é mais do que eu planejara gastar, mas localiza-se entre a 43ª e a Décima Avenida, e consigo chegar à biblioteca em dez minutos, para manter o ritmo de leituras e estudos. O apartamento fica no quarto andar, com quatro quartos e um piano alugado. A proprietária diz que o serviço de aluguel vai levá-lo embora um dia desses, mas talvez, até lá, eu aprenda a tocar.

Algernon é uma companhia agradável. Na hora da refeição, ele toma seu lugar na pequena mesa de armar. Ele gosta de pretzels e hoje tomou um gole de cerveja enquanto assistíamos a um jogo de beisebol na televisão. Acho que ele torcia para os Yankees.

Vou tirar a maior parte da mobília do segundo cômodo e usá-lo como um quarto para Algernon. Planejo construir um labirinto tridimensional com sucata

de plástico, que consigo a preços baratos no centro da cidade. Há algumas variações complexas de labirintos que eu gostaria que ele experimentasse para garantir que fique em forma. Mas vou ver se consigo encontrar outra motivação além de comida. Devem existir outras recompensas que o induzirão a resolver problemas.

A solidão me dá uma chance de ler e pensar, e agora que as memórias estão voltando de novo, de redescobrir meu passado, de descobrir quem e o que realmente sou. Se algo der errado, pelo menos terei isso.

19 de junho – Conheci Fay Lillman, minha vizinha do outro lado do corredor. Quando voltei com o braço cheio de sacolas de compra, descobri que tinha me trancado do lado de fora e me lembrei de que a escada de incêndio da frente conectava a janela da minha sala de estar e o apartamento logo à frente do meu.

O volume do rádio estava alto e espalhafatoso, então bati suavemente no começo, e depois com mais força.

– Pode entrar! A porta está aberta!

Empurrei a porta e congelei, porque em pé em frente a um cavalete, pintando, estava uma loira magra de calcinha e sutiã rosa.

– Desculpe! – engasguei, fechando a porta novamente. Do lado de fora, gritei: – Sou seu vizinho do outro lado do corredor. Eu me tranquei do lado de fora e queria usar sua saída de incêndio para chegar à minha janela.

A porta se abriu, e ela me encarou, ainda nas roupas íntimas, um pincel em cada mão e as mãos nos quadris.

– Não me ouviu falar pra entrar? – Ela acenou me mandando para dentro, empurrando uma caixa cheia de lixo. – Só passe por cima dessa pilha de lixo ali.

Pensei que ela deveria ter esquecido – ou não percebido – que estava sem roupa e fiquei sem saber para que lado olhar. Mantive os olhos afastados, direcionados às paredes, ao teto, a qualquer lugar, menos a ela.

O lugar estava uma bagunça. Havia dúzias de mesinhas de dobrar para lanches, todas cobertas com tubos de tinta retorcidos, a maioria deles com crostas secas como cobras ressecadas, mas algumas ainda vivas e vazando. Tubos, pincéis, latas, pedaços de pano e partes de molduras e telas estavam atirados por todos os lados. O lugar tinha um cheiro grosso de tinta, óleo de

linhaça e terebintina – e, depois de alguns momentos, o odor sutil de cerveja velha. Três cadeiras lotadas e um sofá verde sarnento estavam cobertos com pilhas altas de roupas descartadas e, no chão, estendiam-se sapatos, meias-calças e roupas íntimas, como se ela tivesse o hábito de se despir enquanto caminhava, atirando as roupas conforme andava. Uma fina camada de poeira cobria tudo.

– Bom, você é o sr. Gordon – ela disse, analisando-me de cima a baixo. – Estava morta de curiosidade para dar uma espiada em você desde que se mudou. Sente-se. – Ela apanhou uma pilha de roupas de uma das cadeiras e as despejou no sofá lotado. – Então finalmente decidiu visitar os vizinhos. O que você bebe?

– Você é uma pintora – gaguejei, por falta do que dizer. Eu me sentia incomodado pela ideia de que, a qualquer momento, ela perceberia que estava sem roupas e gritaria e correria para dentro do quarto. Tentei manter os olhos em movimento, direcionando-os para tudo, exceto para ela.

– Cerveja lager ou ale? Não tem mais nada neste lugar agora, exceto xerez para cozinhar. Você não quer xerez para cozinhar, quer?

– Não posso ficar – informei, controlando-me e fixando meu olhar na pinta no lado esquerdo de seu queixo. – Eu me tranquei do lado de fora do meu apartamento. Quero ir pela escada de incêndio. Conecta nossas janelas.

– Sempre que precisar – ela afirmou. – Essas malditas trancas são um pé no saco. Eu me tranquei do lado de fora deste lugar três vezes na minha primeira semana, e uma vez fiquei no hall de entrada completamente nua por meia hora. Saí para pegar o leite, e a maldita porta bateu bem atrás de mim. Arranquei minha tranca e não coloquei outra na porta desde então.

Eu devo ter feito uma careta porque ela riu.

– Bom, você vê o que as malditas trancas fazem. Trancam você do lado de fora e não protegem muito, não é mesmo? Quinze assaltos neste maldito edifício no ano passado e cada um deles em apartamentos trancados. Ninguém nunca entrou aqui, apesar de a porta estar sempre aberta. De qualquer forma, eles teriam uma experiência terrível tentando encontrar algo de valor por aqui.

Quando ela insistiu novamente que eu tomasse uma cerveja com ela, aceitei. Enquanto ela a buscava na cozinha, olhei para o quarto novamente. O que eu não notara antes era a parte da parede que fora liberada atrás de mim – toda a mobília empurrada para um lado da sala ou para o centro, a fim de que a parede mais

distante (cujo gesso tinha sido removido para exibir os tijolos) servisse como uma galeria de arte. Havia pinturas reunidas até o teto e outras estavam empilhadas no chão. Muitas delas eram autorretratos, incluindo dois nus. A pintura em que ela trabalhava quando entrei, a que estava no cavalete, era um nu dela de meio-corpo, revelando o cabelo longo (não do jeito que ela o usava naquele momento, em tranças loiras enroladas em torno da cabeça como uma coroa) até os ombros, com parte das longas tranças entrelaçadas na sua frente e pousando entre seus seios. Ela havia pintado os próprios peitos erguidos e firmes com os mamilos em um irreal vermelho-pirulito. Quando a ouvi retornar com a cerveja, girei para longe do cavalete rapidamente, tropecei em alguns livros e fingi interesse em uma pequena paisagem de outono na parede.

Senti-me aliviado de ver que ela colocara um leve robe esfarrapado – mesmo que tivesse buracos em todos os lugares errados – e eu poderia olhar para ela diretamente pela primeira vez. Não era exatamente bonita, mas os olhos azuis e o ousado nariz arrebitado lhe conferiam um ar felino que contrastava com seus movimentos robustos e atléticos. Tinha cerca de 35 anos, era magra e de boas proporções. Ela colocou as cervejas no chão de madeira de lei, sentou-se ao lado delas na frente do sofá e gesticulou para que eu fizesse o mesmo.

– Eu acho o chão mais confortável que cadeiras – ela disse, tomando goles da cerveja diretamente da lata. – Você não?

Eu lhe respondi que não pensara a respeito, e ela riu e disse que eu tinha uma expressão honesta. Ela estava com vontade de falar de si mesma. Evitava Greenwich Village, segundo ela, porque lá, em vez de pintar, passaria todo o tempo em bares e cafeterias.

– É melhor aqui, longe dos impostores e diletantes. Aqui posso fazer o que quero e ninguém vem zombar de mim. Você não vai fazer isso, vai?

Dei de ombros, tentando não notar a poeira arenosa em minhas calças e mãos.

– Acho que todos zombam de algo. Você está zombando dos impostores e diletantes, não está?

Depois de um tempo, eu disse que deveria ir para o meu apartamento. Ela puxou uma pilha de livros para longe da janela e escalei sobre jornais e sacolas de papel cheias de garrafas de cerveja semivazias.

– Um dia desses – ela suspirou – tenho que trocar essas garrafas.

Escalei pelo peitoril da janela e cheguei à saída de incêndio. Quando abri minha janela, retornei para pegar minhas compras, mas, antes que pudesse agradecer e me despedir, ela havia me seguido nas escadas de incêndio.

– Vamos ver onde você mora. Nunca estive aqui. Antes de você se mudar, as duas irmãs Wagner não me davam nem bom dia. – Atrás de mim, ela se espremeu na janela e se sentou na elevação.

– Pode entrar – falei, colocando as compras na mesa. – Não tenho cerveja, mas posso fazer uma xícara de café. – Ela, porém, olhava além de mim, os olhos arregalados em incredulidade.

– Meu Deus! Eu nunca vi um lugar arrumado assim. Quem sonharia que um homem morando sozinho conseguiria manter um lugar tão em ordem?

– Eu nem sempre fui assim – expliquei. – É só desde que me mudei para cá. Estava arrumado quando vim e tive a compulsão de mantê-lo assim. Agora me incomoda se alguma coisa está fora do lugar.

Ela desceu da elevação da janela para explorar.

– Ei – ela disse, de súbito –, você gosta de dançar? Sabe... – Ela estendeu um braço e fez um passo complicado enquanto cantarolou um ritmo latino. – Diga que você dança e vou explodir.

– Só o foxtrote – respondi –, e não sou muito bom.

Ela deu de ombros:

– Sou maluca por dança, mas ninguém que conheço, e que gosto, dança bem. Tenho que me emperiquitar toda de vez em quando para ir ao centro, no Stardust Ballroom. Quase todos os caras que ficam por lá são esquisitões, mas conseguem dançar.

Ela suspirou enquanto analisava os entornos:

– Vou te dizer o que não gosto em um lugar tão desgraçadamente organizado assim. Como uma artista... são as linhas que me incomodam. Todas as linhas retas nas paredes, no chão, os cantos que se transformam em caixas, como caixões. Só consigo me livrar das caixas tomando uns drinques. Então todas as linhas ficam onduladas e serpenteadas, e eu me sinto muito melhor sobre o mundo inteiro. Quando as coisas estão todas retas e alinhadas como aqui, eu me sinto mórbida. Argh! Se eu vivesse aqui, teria que estar bêbada o tempo inteiro.

De repente, ela se virou e me encarou:

– Diz aí, você não poderia me emprestar cinco dólares até o dia vinte? É quando chega meu cheque da pensão alimentícia. Eu normalmente não fico sem, mas tive um problema semana passada.

Antes que eu pudesse responder, ela guinchou e correu para o piano no canto.

– Eu costumava tocar piano. Ouvi você mexer nele algumas vezes e disse pra mim mesma: “Esse cara é bom pra caramba”. Foi assim que soube que queria conhecer você antes mesmo de te ver. Eu não toco faz tempo pra caralho. – Ela pressionava teclas soltas no piano enquanto fui à cozinha fazer café.

– Você é bem-vinda pra praticar nele quando quiser – eu disse. Não sei por que subitamente me tornei tão livre com minha casa, mas havia algo nela que demandava completo desprendimento. – Eu ainda não deixo a porta da frente aberta, mas a janela não está trancada, e, se eu não estiver aqui, tudo o que tem que fazer é vir pela escada de incêndio. Creme e açúcar no café?

Quando ela não respondeu, espiei a sala de estar. Ela não estava ali e, enquanto me dirigia para a janela, ouvi sua voz do quarto de Algernon.

– Ei, o que é isso? – Ela examinava o labirinto de plástico tridimensional que eu construíra. Estudou-o e depois soltou outro gritinho: – Escultura moderna! Só quadrados e linhas retas!

– É um labirinto especial – expliquei. – Um dispositivo de aprendizagem complexo para Algernon.

Ela, no entanto, o cercava, empolgada:

– Eles vão surtar com isso no Museu de Arte Moderna.

– Não é uma escultura – insisti. Abri a porta da gaiola de Algernon, adjunta ao labirinto e o deixei entrar nele.

– Meu Deus! – ela sussurou. – Uma escultura com um *elemento vivo*. Charlie, é a coisa mais incrível desde *junkmobiles* e *tincannia*.

Tentei explicar, mas ela insistiu que o elemento vivo colocaria a escultura na história. Só quando vi o riso em seus olhos selvagens foi que percebi que ela estava me provocando.

– Poderia ser arte autoperpetuadora – ela prosseguiu –, uma experiência criativa para o amante das artes. Você arranja outro rato e, quando tiverem filhos,

você sempre guarda um para reproduzir o elemento vivo. Seu trabalho de arte atinge a imortalidade, e todas as pessoas da moda compram cópias para falar a respeito. Como vai chamar isso?

– Tudo bem – suspirei. – Eu me rendo...

– Não – ela bufou, batendo na cúpula plástica onde Algernon havia descoberto o caminho até a caixa-objetivo. – *Eu me rendo* é muito clichê. Que tal: *a vida é apenas uma caixa de labirintos*?

– Você é maluca! – exclamei.

– Naturalmente! – Ela virou-se e fez uma reverência. – Estava me perguntando quando você notaria.

Naquele momento, o café ferveu.

Na metade da xícara de café, ela se sobressaltou e disse que precisava sair correndo porque tinha um encontro meia hora antes com alguém que conhecera numa exposição de arte.

– Você queria dinheiro – eu disse.

Ela alcançou minha carteira parcialmente aberta e tirou uma nota de 5 dólares:

– Até semana que vem – falou –, quando recebo o cheque. Muitíssimo obrigada. – Ela amassou o dinheiro, mandou um beijo para Algernon e, antes que eu dissesse algo, saiu pela janela na escada de incêndio, fora de vista. Eu fiquei lá toscamente parado, observando-a.

Tão desgraçadamente bonita. Tão cheia de vida e empolgação. Sua voz, seus olhos – tudo nela era um convite. E ela vivia a uma janela e escada de incêndio de distância.

20 de junho – Talvez eu devesse ter esperado para ir ver Matt; ou sequer o tivesse visitado. Não sei. Nada acontece da maneira como espero. Com a dica de que Matt tinha aberto uma barbearia em algum lugar do Bronx, era simplesmente uma questão de encontrá-lo. Eu me lembrei de que ele vendia para uma empresa de suprimentos de barbearia em Nova York. Isso me levou à loja de suprimentos de barbearia Metro, que tinha uma conta de uma empresa sob o nome de *Gordons Barber Shop* na rua Wentworth no Bronx.

Matt frequentemente falara sobre abrir a própria barbearia. Como odiava vender! Quantas batalhas tiveram sobre o assunto! Rose gritando que um vendedor era pelo menos uma ocupação digna, mas que jamais teria um barbeiro como marido. E, ah, como Margaret Phinney ia rir da “mulher do barbeiro”. E Lois Meiner, cujo marido era um analista de reivindicações para a Alarm Casualty Company? Imagine quanto ela não riria de pernas para o ar!

Durante os anos em que trabalhara como vendedor, odiando cada dia daquilo (especialmente depois de ver a versão em filme de *A morte do caixeiro viajante*), Matt sonhava que um dia seria o próprio chefe. Isso deveria estar em sua cabeça naqueles dias em que falava em economizar dinheiro e cortava meu cabelo no porão. Eram bons cortes de cabelo também, ele se vangloriava, muito melhores do que os que faziam na barbearia barata da Avenida Scales. Quando ele abandonou Rose, também abandonou as vendas, e eu o admirava por isso.

Eu me sentia empolgado com a ideia de vê-lo. As memórias eram quentes. Matt tivera a disposição de me aceitar como eu era. Antes de Norma: as discussões que não versavam sobre dinheiro ou sobre impressionar os vizinhos eram sobre mim – que eu deveria ser deixado em paz em vez de ser forçado a fazer o que as outras crianças faziam. E depois de Norma: que eu tinha o direito a uma vida própria, mesmo que não fosse como outras crianças. Sempre me defendendo. Eu mal podia esperar para ver a expressão em seu rosto. Ele era alguém com quem poderia compartilhar isso.

A Avenida Wentworth localizava-se em uma seção precária do Bronx. A maior parte das lojas na rua tinha placas de “Aluga-se” nas janelas, e muitas estavam fechadas. No entanto, da parada de ônibus, na metade da quadra, um poste de barbearia refletia uma luz como um bastão de caramelo na janela.

A loja encontrava-se vazia exceto pelo barbeiro, que lia uma revista na cadeira mais próxima da janela. Quando ergueu os olhos para mim, eu reconheci Matt – atarracado, de bochechas vermelhas, muito mais velho e praticamente careca, com um resquício de cabelo cinza nas laterais da cabeça –, mas ainda Matt. Ao me ver na porta, ele jogou a revista para o lado:

– Sem esperar. É sua vez.

Hesitei, e ele entendeu mal.

– Normalmente, não estamos abertos a essa hora, senhor. Tinha um horário

marcado com um dos regulares, mas ele não veio. Estava prestes a fechar. Sorte a sua que me sentei para descansar os pés. A melhor barba e o melhor corte de cabelo do Bronx.

Enquanto permiti ser levado para dentro da barbearia, ele se agitava, puxando tesouras e pentes e um lenço de pescoço fresco.

– Tudo higiênico, como você pode ver, o que é mais do que posso dizer sobre a maior parte das barbearias da vizinhança. Cabelo e barba?

Deslizei para a cadeira. Incrível ele não me reconhecer quando eu o via tão nitidamente. Tive de me lembrar que ele não me via há mais de quinze anos e que minha aparência havia mudado ainda mais nos últimos meses. Ele me estudou no espelho agora que me cobrira com o lenço de pescoço, e vi um franzir de testa de leve reconhecimento.

– Completo – falei, apontando com a cabeça para a lista de preços do sindicato –, corte, barba, shampoo, bronzeamento...

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Tenho que encontrar alguém que não vejo há muito tempo – garanti. – E quero estar com minha melhor aparência.

Era uma sensação assustadora, senti-lo cortar meu cabelo de novo. Mais tarde, enquanto ele afiava a navalha contra couro, o ruído áspero me deu arrepios. Inclinei a cabeça sob a gentil pressão de sua mão e senti a lâmina raspar cuidadosamente meu pescoço. Fechei os olhos e esperei. Era como se estivesse na sala cirúrgica outra vez.

Senti um puxão no pescoço e, sem aviso, o músculo se contraiu. A lâmina me perfurou bem acima do pomo-de-adão.

– Ei! – ele gritou. – Jesus... vá com calma. Você se mexeu. Olha, sinto muito mesmo.

Ele se apressou para molhar uma toalha na pia. No espelho, observei a bolha brilhante e vermelha e a linha fina escorrendo por minha garganta. Nervoso e ainda se desculpando, ele conteve o sangue antes que chegasse no lenço de pescoço.

Observá-lo se mover, ágil para um homem tão baixo e pesado, fez eu me sentir culpado por mentir. Queria contar quem eu era e pedir que passasse os

braços em torno dos meus ombros, para que pudéssemos falar dos bons e velhos tempos. No entanto, esperei enquanto ele salpicava o corte com pó hemostático.

Ele terminou o barbear silenciosamente, e então trouxe a lâmpada de bronzeamento artificial até a cadeira e colocou bolsinhas brancas de algodão embebidas em hamamélis sobre meus olhos. Ali, na escuridão escarlate, eu vi o que aconteceu na noite em que ele me tirou de casa pela última vez...

Charlie está dormindo no outro quarto, mas acorda com o som da mãe guinchando. Ele aprendeu a pegar no sono durante brigas – são ocorrências cotidianas na casa. Naquela noite, porém, há algo de muito errado naquela histeria. Ele se encolhe no travesseiro e ouve.

– Eu não aguento! Ele tem que ir! Nós temos que pensar nela. Não vou permitir que ela volte da escola todos os dias chorando porque as outras crianças riem dela. Não podemos destruir a chance de uma vida normal por causa dele.

– O que você quer fazer? Largar o garoto na rua?

– Mandar para longe. Mandar para a Residência Pública Warren.

– Vamos falar sobre isso de manhã.

– Não. Tudo o que você faz é falar, falar e não faz nada. Eu não quero ele aqui nem mais um dia. Agora, hoje à noite.

– Não seja tola, Rose. Está muito tarde para fazer qualquer coisa... hoje à noite. Você está gritando tão alto que todo mundo vai te ouvir.

– Eu não ligo. Ele vai embora hoje à noite. Eu não aguento mais olhar pra ele.

– Você está impossível, Rose. O que está fazendo?

– Estou avisando você. Tire o garoto daqui.

– Largue essa faca.

– Eu não vou permitir que a vida dela seja destruída.

– Você está louca. Largue a faca.

– Ele é mais útil morto. Nunca vai conseguir viver uma vida normal. Ele ficará melhor assim.

– Você está fora de si. Pelo amor de Deus, controle-se!

– Então tire ele daqui. Agora, hoje à noite.

– Tudo bem. Vou levar ele a Herman hoje à noite e amanhã descobrimos como levar ele para a Residência Pública Warren.

Silêncio. Da escuridão, sinto o estremecimento atravessar a casa, e então a voz de Matt, menos apavorada que a dela.

– Eu sei pelo que passou com ele e não posso culpar você por ter medo. Mas você precisa se controlar. Vou levar ele até Herman. Isso deixa você feliz?

– É tudo que peço. Sua filha tem o direito de ter uma vida também.

Matt entra no quarto de Charlie e o veste, e, apesar de o garoto não entender o que está acontecendo, ele sente medo. A mãe olha para longe enquanto saem pela porta. Talvez ela esteja tentando se convencer de que ele já partiu de sua vida, de que ele não existe mais. A caminho da saída, Charlie vê na mesa da cozinha a longa faca de trinchar com a qual ela corta carne assada e sente vagamente que a mãe queria machucá-lo. Ela queria tirar algo dele e dar a Norma.

Quando ele olha de volta para ela, Rose já pegou um pano para lavar a pia da cozinha...

Quando o corte, a barba, o bronzeamento artificial e o resto foram concluídos, fiquei hesitantemente sentado na cadeira, sentindo-me leve, liso e limpo, e Matt recolheu o pano de pescoço em uma sacudidela e me ofereceu um segundo espelho para ver o reflexo da parte de trás da cabeça. Ver-me no espelho da frente olhando para o espelho de trás enquanto ele o segurava para mim criou um ângulo que produzia a ilusão de profundidade; infinitos corredores de mim mesmo... olhando para mim mesmo... olhando para mim mesmo... olhando para mim mesmo... olhando...

Qual deles? Quem era eu?

Pensei em não contar. Que benefício ele teria em saber? Apenas iria embora sem revelar quem eu era. Então me lembrei de que queria que ele soubesse. Ele precisava admitir que eu estava vivo, que eu era alguém. Eu queria que ele se gabasse de mim para os clientes amanhã, enquanto fazia barbas e cortava cabelos. Isso tornaria tudo real. Se ele soubesse que eu era filho dele, então eu seria uma pessoa.

– Agora que você tirou o cabelo do meu rosto, talvez me reconheça – eu disse

enquanto me levantava, esperando por um sinal de identificação.

Ele franziu a testa:

– O que é isso? Uma brincadeira?

Garanti que não era uma brincadeira e que, se ele olhasse e pensasse com força o suficiente, iria me reconhecer. Ele deu de ombros e se virou para guardar os pentes e as tesouras.

– Não tenho tempo pra jogos de adivinhação. Tenho que fechar a loja. Custou 3,50.

E se ele não se lembrasse de mim? E se isso fosse apenas uma fantasia absurda? Sua mão estava estendida para o dinheiro, mas não me movi na direção da carteira. Ele tinha que se lembrar de mim. Ele tinha que me conhecer.

Mas não, claro que não, assim que senti o sabor amargo na minha boca e o suor nas palmas das mãos, eu sabia que, em um minuto, eu ficaria enjoado. Mas eu não queria isso na frente dele.

– Ei, você está bem?

– Sim... apenas... espere. – Cambaleei até uma das cadeiras cromadas e me inclinei para a frente em busca de ar, esperando que o sangue retornasse à cabeça. Meu estômago se agitava. Ah, Deus, não me deixe desmaiar agora. Não me deixe parecer ridículo na frente dele.

– Água... um copo de água, por favor... – Não pedi tanto pela bebida, mas para fazê-lo se afastar. Não queria que ele me visse daquele jeito depois de todos esses anos. Quando ele retornou com um copo, eu me sentia um pouco melhor.

– Aqui, beba isso. Descanse um instante. Você vai ficar bem. – Ele me encarou enquanto eu bebericava a água fria, e eu conseguia vê-lo se digladiando com memórias meio esquecidas. – Eu realmente conheço você de algum lugar?

– Não... Estou bem. Vou embora em um minuto.

Como eu poderia contar a ele? O que deveria dizer? Aqui, olhe para mim, sou Charlie, o filho que você apagou da memória? Não que eu o culpe por isso, mas aqui estou eu, todo arrumado, melhor do que nunca. Pode testar. Faça perguntas. Eu falo vinte idiomas, vivos e mortos; sou um gênio matemático e estou escrevendo um concerto para piano que fará com que se lembrem de mim por muito tempo depois que eu partir.

Como poderia contar a ele?

Que absurdo era o fato de eu estar sentado em sua barbearia, esperando que ele me afagasse a cabeça e dissesse:

– Bom garoto.

Eu queria sua aprovação, o velho brilho de satisfação que cobriu seu rosto quando aprendi a amarrar meus próprios cadarços e abotoar meu suéter. Eu tinha vindo até aqui por essa expressão em seu rosto, mas eu sabia que não a receberia.

– Quer que eu chame um médico?

Eu não era o filho dele. Aquele era outro Charlie. Inteligência e conhecimento haviam me modificado, e ele se ressentiria de mim, assim como os outros da padaria se ressentiam porque meu crescimento os diminuía. Eu não queria isso.

– Estou bem – respondi. – Desculpe pelo incômodo. – Eu me levantei e testei as pernas. – Algo que comi. Vou deixá-lo fechar agora.

Enquanto eu me dirigia para a porta, sua voz me chamou rispidamente:

– Ei, espere um minuto! – Seus olhos confrontaram os meus com suspeita. – O que está tentando fazer?

– Não entendi.

Ele tinha estendido a mão, esfregando o polegar e o indicador juntos:

– Você me deve 3,50.

Desculpei-me enquanto pagava, mas pude ver que ele não acreditava. Eu lhe dei 5 dólares, pedi que ficasse com o troco e me apressei para fora da barbearia sem olhar para trás.

21 de junho – Acrescentei sequências de tempo com complexidade crescente ao labirinto tridimensional, e Algernon as aprende com facilidade. Não há necessidade de motivá-lo com comida ou água. Ele parece aprender motivado pela resolução do problema, sucesso parece ser seu prêmio.

No entanto, conforme Burt apontou na convenção, seu comportamento é errático. Às vezes depois, ou até mesmo durante um desafio, ele fica furioso, joga-se contra as paredes do labirinto ou se enrola e se recusa a trabalhar.

Frustração? Ou algo mais profundo?

17h30 – Aquela Fay doida entrou pela saída de incêndio hoje à tarde com uma rata branca de aproximadamente metade do tamanho de Algernon, para fazer companhia, ela disse, nessas noites solitárias de verão. Ela rapidamente derrotou todas as minhas objeções e me convenceu de que faria bem a Algernon ter alguma companhia. Depois que me assegurei de que a pequena "Minnie" encontrava-se em boa saúde e tinha bom caráter moral, concordei. Estava curioso para ver o que ele faria quando confrontado por uma fêmea. No entanto, uma vez que colocamos Minnie na gaiola de Algernon, Fay segurou meu braço e me puxou para fora do quarto.

– Onde está sua noção de romance? – ela insistiu. Em seguida, ligou o rádio e avançou na minha direção ameaçadoramente. – Vou te ensinar os passos mais recentes.

Como seria possível se irritar com uma garota como Fay?

De qualquer forma, sinto-me feliz por Algernon não estar mais sozinho.

23 de junho – Tarde na noite de ontem, ouvi o som de risadas no corredor e pancadinhas na minha porta. Eram Fay e um homem.

– Oi, Charlie. – Ela riu ao me ver. – Leroy, conheça Charlie. Ele é meu vizinho do outro lado do corredor. Um artista incrível que faz esculturas com um elemento vivo.

Leroy conseguiu segurá-la para que ela não colidisse com a parede. Ele olhou para mim nervosamente, e murmurei um cumprimento.

– Conheci Leroy no Stardust Ballroom – explicou. – Ele é um dançarino formidável. – Ela começou a entrar no próprio apartamento, mas então o puxou de volta. – Ei – ela ria –, por que não convidamos Charlie para tomar um drinque e fazemos uma festinha?

Leroy não achava uma boa ideia.

Inventei uma desculpa e me afastei. Atrás da porta, eu os ouvi rindo ao entrar no apartamento dela e, mesmo tentando ler, as imagens se forçavam para dentro de minha mente: uma grande cama branca... lençóis brancos e frios, e um nos braços do outro.

Quis ligar para Alice, mas não consegui. Por que me atormentar? Eu mal conseguia visualizar o rosto dela. Eu conseguia ver Fay, vestida ou nua, à vontade, com seus vivos olhos azuis e seu cabelo loiro trançado e enrolado em torno da cabeça como uma coroa. Fay estava clara, mas Alice encontrava-se envolta em neblina.

Cerca de uma hora depois, ouvi gritaria no apartamento de Fay, então um grito dela e o barulho de coisas sendo atiradas, mas, ao me levantar da cama para ver se ela precisava de ajuda, ouvi a porta bater – Leroy praguejando enquanto saía. Logo, alguns minutos depois, ouvi batidinhas na janela da sala de estar. Estava aberta, e Fay deslizou para dentro e sentou-se na beirada, um quimono preto de seda revelando belas pernas.

– Oi – ela sussurrou –, tem um cigarro?

Eu lhe entreguei um, e ela deslizou da beirada da janela para o sofá.

– Uau! – suspirou –, normalmente eu consigo tomar conta de mim mesma, mas tem um tipo que tem tanta fome que isso é tudo o que você pode fazer para afastá-lo.

– Ah – eu disse –, você o trouxe aqui para afastá-lo.

Ela notou meu tom e olhou para mim bruscamente:

– Você não aprova?

– Quem sou eu pra desaprovar? Mas, se você pega um rapaz em um salão de baile público, tem que esperar avanços. Ele tinha o direito de dar em cima de você.

Ela balançou a cabeça.

– Eu vou para o Stardust Ballroom porque gosto de dançar e não acho que, só porque trouxe um cara pra casa, eu tenho que ir pra cama com ele. Você não acha que fui pra cama com ele, acha?

Minha imagem dos dois abraçados surgiu em minha mente como uma bolha de sabão.

– Agora, se você fosse o cara – ela disse –, seria diferente.

– O que isso quer dizer?

– Exatamente o que eu disse. Se você me pedisse, eu iria pra cama com você.

Tentei manter a compostura:

– Obrigado – agradeci. – Vou manter isso em mente. Posso te trazer uma xícara de café?

– Charlie, não consigo desvendar você. A maioria dos homens ou gosta de mim ou não, e eu descubro isso imediatamente. Mas você parece ter medo de mim. Você não é homossexual, é?

– Caramba, não!

– Quer dizer, você não tem que esconder de mim se for, porque então nós poderíamos ser apenas bons amigos. Mas eu precisaria saber.

– Eu não sou homossexual. Hoje, quando você foi pra casa com aquele cara, eu quis que fosse eu.

Fay inclinou-se para a frente, e a abertura do quimono no pescoço revelava seu peito. Deslizou os braços em torno de mim, esperando que eu fizesse algo. Eu sabia o que era esperado de mim e me disse que não havia motivo para não fazer. Eu tinha a sensação de que não haveria pânico agora, não com ela. Afinal de contas, não era eu quem fazia os avanços. E Fay era diferente de qualquer mulher que eu já havia conhecido. Talvez ela fosse ideal para mim nesse nível emocional.

Passei os braços em torno dela.

– Isso é diferente – ela murmurou. – Estava começando a pensar que você não se importava.

– Eu me importo – sussurrei, beijando seu pescoço. Mas, enquanto fazia isso, vi nós dois, como se houvesse uma terceira pessoa em pé na porta. Eu assistia a um homem e uma mulher um nos braços do outro. Mas me ver daquela forma, de certa distância, me deixou sem reação. Não havia pânico, era verdade, mas não havia empolgação, nenhum desejo.

– Na sua ou na minha? – ela perguntou.

– Espere um instante.

– Qual o problema?

– Talvez nós não devêssemos. Não estou me sentindo bem hoje.

Ela olhou para mim com ares de espanto.

– Tem alguma outra coisa? ... Alguma coisa que você quer que eu faça...? Eu não me importo...

– Não, não é isso – respondi rispidamente. – Só não estou me sentindo bem. – Eu me sentia curioso em relação às maneiras que ela usava para deixar um homem excitado, mas não era um bom momento para começar a experimentar. A solução do problema estava em outro lugar.

Eu não sabia o que mais dizer a ela. Desejei que partisse, mas não queria mandá-la embora. Ela me estudava e, então, finalmente disse:

– Olha, você se importa se eu passar a noite aqui?

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Gosto de você. Não sei. Leroy pode voltar. Muitos motivos. Se você não quiser que... – Ela me pegou desprevenido outra vez. Eu poderia ter encontrado uma dúzia de desculpas para me livrar dela, mas cedi.

– Você tem gim? – ela perguntou.

– Não, eu não bebo muito.

– Tenho um pouco no meu apartamento. Vou trazer. – Antes que eu pudesse pará-la, ela havia saído pela janela e, alguns minutos depois, retornava com uma garrafa cerca de dois terços cheia e um limão. Pegou dois copos da minha cozinha e colocou um pouco de gim em cada um. – Aqui – continuou ela –, isso fará você se sentir melhor. Vai tirar o formalismo das suas linhas retas. É isso que está incomodando você. Tudo está muito arrumado e reto, e você está todo encaixotado. Como Algernon na escultura dele lá.

No começo, eu não ia ceder, mas me sentia tão sujo que acabei cedendo. Não era capaz de piorar as coisas e possivelmente poderia entorpecer a sensação de que eu assistia a mim mesmo por olhos que não entendiam o que eu estava fazendo.

Ela me embebedou.

Eu me lembro do primeiro drinque e de deitar na cama, e de ela se esgueirar para o meu lado com a garrafa nas mãos. E isso foi tudo até a tarde de hoje, quando acordei com uma ressaca.

Ela continuava adormecida, virada para a parede, o travesseiro amontoado sob o pescoço. Na mesa de cabeceira, ao lado do cinzeiro transbordando com bitucas amassadas, erguia-se uma garrafa vazia, mas a última coisa de que me

lembro antes do descer das cortinas era me assistir bebendo o segundo drinque.

Ela se espreguiçou e rolou em minha direção – nua. Eu me movi para trás e caí da cama. Agarrei um lençol para enrolar ao redor do corpo.

– Oi – ela bocejou. – Sabe o que quero fazer uma hora dessas?

– O quê?

– Pintar você nu. Como o Davi de Michelangelo. Você seria lindo. Está se sentindo bem?

Assenti.

– Exceto pela dor de cabeça. Eu... uh... bebi demais na noite passada?

Ela gargalhou e se apoiou em um cotovelo.

– Você estava doido. E, caramba, parecia uma criança assustada... não quero dizer assustado como uma *fadinha*... mas estranho.

– O que – falei, batalhando para colocar o lençol ao redor do corpo para que eu pudesse caminhar – isso quer dizer? O que eu fiz?

– Eu já vi caras ficarem felizes, ou tristes, ou com sono, ou sensuais, mas nunca vi ninguém agir do jeito que você agiu. É bom que não beba com frequência. Ah, meu Deus, eu queria ter uma câmera. Você seria um ótimo assunto para um curta.

– Bem, pelo amor de Deus, o que eu fiz?

– Não o que eu esperava. Nada de sexo, nem nada assim. Mas você estava fenomenal! Que atuação! A mais esquisita. Você seria ótimo num palco. Impressionaria todos no Palace. Você ficou todo confuso e bobo. Sabe, como se um homem adulto começasse a agir como uma criança. Falando sobre como você queria ir pra escola e aprender a ler e escrever, pra ficar inteligente como todo mundo. Coisas malucas assim. Você era uma pessoa diferente, como atores que seguem uma atuação, e ficou falando sobre como não podia brincar comigo porque sua mãe ia tirar seus amendoins de você e colocar você numa jaula.

– Amendoins?

– Sim! Eu juro! – ela riu, coçando a cabeça. – E você ficou falando que eu não podia pegar seus amendoins. Umas coisas doidas. Mas, deixa eu falar, o jeito que você falava! Como aqueles imbecis que ficam nas esquinas, que ficam excitados só *de olhar* para uma garota. Um cara totalmente diferente. No

começo, achei que só estava brincando, mas agora acho que você é compulsivo ou algo assim. Toda a organização e preocupação com tudo.

Não me incomodou, apesar de eu ter imaginado que me incomodaria. De certo modo, ficar bêbado havia momentaneamente quebrado as barreiras de consciência que mantêm o velho Charlie Gordon escondido nas profundezas da minha mente. Como eu já suspeitava, ele não tinha ido embora. Nada nas nossas mentes realmente vai embora. A operação o cobrira com um véu de educação e cultura, mas emocionalmente ele estava ali assistindo e esperando.

Pelo que ele esperava?

– Você está bem agora?

Eu lhe disse que sim.

Ela agarrou o lençol em que eu me enrolara e me puxou de volta para a cama. Antes que eu pudesse pará-la, ela deslizou os braços em torno de mim e me beijou.

– Eu estava assustada ontem à noite, Charlie. Achei que você tivesse surtado. Já ouvi sobre caras impotentes, como isso subitamente os atinge, e eles se tornam maníacos.

– E por que você ficou?

Ela deu de ombros.

– Bom, você parecia uma criancinha assustada. Eu tinha certeza de que não iria me ferir, mas pensei que pudesse se machucar. Então imaginei que deveria ficar. Eu senti pena. De qualquer forma, deixei isso à mão... – Ela puxou um livro pesado que havia guardado entre a cama e a parede.

– Acho que não precisou usar.

Ela balançou a cabeça.

– Gente, você gostava muito de amendoins quando era criança.

Ela saiu da cama e começou a se vestir. Fiquei deitado por alguns instantes, observando-a. Ela se movia na minha frente sem timidez ou inibição. Seus seios eram cheios como ela os pintara no autorretrato. Desejei me aproximar dela, mas sabia que era fútil. Apesar da cirurgia, Charlie ainda estava comigo.

E Charlie tinha medo de perder seus amendoins.

24 de junho – Hoje, parti em um estranho tipo de farra anti-intelectual. Se eu ousasse, teria ficado bêbado, mas, depois da experiência com Fay, sei que seria perigoso. Então, em vez disso, fui para a Times Square, de cinema em cinema, imergindo em filmes de caubói e de terror – como costumava fazer. Cada vez, sentado assistindo aos filmes, eu me sentia tomado por culpa. Saía no meio do filme e entrava em outro. Disse a mim mesmo que estava procurando, no mundo das telas de faz de conta, algo que faltava na minha nova vida.

Então, em uma intuição súbita, do lado de fora do Keno Amusement Center, soube que não eram os filmes o que eu queria, mas *as audiências*. Eu queria estar com as pessoas em torno de mim no escuro.

As paredes entre as pessoas são finas aqui, e, se escutar silenciosamente, ouço o que está acontecendo. Greenwich Village é assim também. Não só por ser próximo – porque não sinto isso em um elevador lotado ou no metrô no horário de pico –, mas em uma noite quente, quando todo mundo sai para caminhar, ou sentado no teatro, há um farfalhar, e por um momento roço em alguém e sinto a conexão entre o galho e o tronco e a raiz mais profunda. Em momentos assim, minha pele se torna fina e justa, e o anseio insuportável de ser parte disso me guia em busca das esquinas escuras e becos cegos da noite.

Normalmente, quando estou exausto de caminhar, volto para o apartamento e desmorono em um sono profundo, mas hoje, em vez de ir para a minha casa, fui a um restaurante. Havia um novo lavador de louça, um garoto de cerca de 16 anos, e notei algo de familiar nele, seus movimentos, o olhar que tinha. E então, ao limpar uma mesa atrás de mim, ele derrubou alguns pratos.

Espatifaram-se no chão, rachando e lançando pedaços de porcelana branca para baixo das mesas. O menino ficou parado lá, atordoado e confuso, segurando uma bandeja vazia nas mãos. Os assobios e comentários dos clientes (berros de “ei, lá vão os lucros”... “*Mazel Tov*”... e “bom, *ele* não durou muito por aqui”... que invariavelmente parecem seguir a quebra de louça em um restaurante aberto) o confundiam.

Quando o dono veio conferir o motivo da baderna, o garoto se encolheu: juntou os braços como se para se proteger de um soco.

– Tudo bem! Tudo bem, seu tapado – gritou o homem –, não fique parado aí! Pegue a vassoura e varra essa bagunça. Uma vassoura... uma vassoura! Seu

idiota! Está na cozinha. Varra todos os pedacinhos.

Quando o garoto viu que não seria punido, sua expressão assustada desapareceu e ele sorriu e cantarolou ao voltar com a vassoura. Alguns dos clientes mais barulhentos continuaram com os comentários, divertindo-se à custa dele.

– Aqui, filhinho, bem aqui. Tem um pedaço grande atrás de você...

– Vamos lá, faça de novo.

– Ele não é tão burro assim. É mais fácil quebrar do que lavar...

Enquanto os olhos vazios do garoto cruzavam a multidão de espectadores entretidos, ele lentamente espelhou seus sorrisos e, por fim, dividiu-se em um sorriso incerto para a piada que ele não entendia.

Eu me senti mal por dentro enquanto olhava para seu sorriso baço e vazio – os olhos grandes e brilhantes de uma criança, incerta, mas ansiosa por agradar, e percebi o que eu reconhecia nele. Eles riam do menino porque ele era retardado.

E, em princípio, eu estivera entretido junto com o resto.

Subitamente, senti-me furioso comigo mesmo e com todos aqueles que sorriam para ele. Eu queria pegar os pratos e jogá-los. Queria quebrar aquelas caras sorridentes. Levantei-me num salto e gritei:

– Calem a boca! Deixem-no em paz! Ele não consegue entender. Ele não consegue evitar ser quem é... mas, pelo amor de Deus, tenham algum respeito! *Ele é um ser humano*!

O restaurante ficou em silêncio. Amaldiçoei-me por perder o controle e criar uma cena e tentei não olhar para o garoto enquanto pagava a conta e saía sem tocar na comida. Eu sentia vergonha por nós dois.

Que estranho é o fato de pessoas de sensibilidade e sentimentos honestos, que não tirariam vantagem de um homem que nasceu sem braços ou pernas ou olhos, não verem problema em maltratar um homem com pouca inteligência. Enfureci-me ao lembrar que não fazia muito tempo que eu, como esse garoto, tinha sido o tolo que fazia o papel de palhaço.

E eu quase me esquecera.

Apenas pouco tempo atrás aprendi que as pessoas riam de mim. Agora consigo ver que inconscientemente me juntei a eles, rindo de mim mesmo. Isso

dói mais que tudo.

Tenho relido com frequência meus primeiros relatórios de progresso e notei o analfabetismo, a ingenuidade infantil, a mente de baixa inteligência espiando de um quarto escuro pelo buraco da fechadura para a luz impressionante do lado de fora. Em meus sonhos e memórias, eu via Charlie sorrindo alegre e inseguramente em relação ao que diziam em torno dele. Até em minha burrice, eu sabia que era inferior. As outras pessoas tinham algo que me faltava, alguma coisa que me era negada. Na minha cegueira mental, eu havia acreditado que o que me faltava estava, de alguma forma, conectado a saber ler e escrever, e tinha certeza de que, se dominasse essas habilidades, eu teria inteligência também.

Até um homem de mente fraca quer ser como os outros homens.

Uma criança pode não saber como se alimentar, ou o que comer, mas ela conhece a fome.

Esse dia foi bom para mim. Tenho que parar com essas preocupações infantis sobre mim mesmo – *meu* passado e *meu* futuro. Devo me permitir dar algo de mim para os outros. Preciso usar meu conhecimento e minhas habilidades para trabalhar no campo do aumento da inteligência humana. Quem está mais bem equipado? Quem mais viveu em ambos os mundos?

Amanhã, vou contatar o conselho de diretores da Fundação Welberg e pedir permissão para fazer algum trabalho independente no projeto. Se me autorizarem, talvez consiga ajudá-los. Tenho algumas ideias.

Há tanto que pode ser feito com essa técnica caso seja aperfeiçoada. Se pude ser transformado em gênio, o que se dirá das mais de 5 milhões de pessoas mentalmente retardadas nos Estados Unidos? Que níveis fantásticos podem ser atingidos por meio dessa técnica em pessoas normais? E em gênios?

Há tantas portas a abrir que me sinto impaciente para aplicar meu próprio conhecimento e minhas habilidades ao problema. Tenho que fazer todos verem que isso é algo importante para eu fazer. Tenho certeza de que a Fundação me concederá autorização.

No entanto, não posso mais ficar sozinho. Tenho que contar a Alice sobre isso.

25 de junho – Liguei para Alice hoje. Estava nervoso e devo ter soado

incoerente, mas foi bom ouvir sua voz, e ela parecia feliz de ouvir notícias minhas. Ela concordou em me ver, e peguei um táxi para a cidade alta, impaciente com a lentidão com a qual nos movíamos.

Antes que eu pudesse bater, ela abriu a porta e jogou os braços em torno de mim.

– Charlie, estávamos tão preocupados. Tive visões terríveis de você morto em um beco ou vagando por aí com amnésia. Por que não nos avisou que estava bem? Você podia ter feito isso.

– Não fique dando lição. Tive que ficar sozinho por um tempo para encontrar respostas.

– Venha para a cozinha. Vou fazer café. O que você tem feito?

– Durante os dias... Tenho pensado, lido e escrito; à noite, tenho vagado à procura de mim mesmo. E descobri que Charlie está me observando.

– Não fale assim. – Ela estremeceu. – Essa história de ser observado não é real. Você criou isso na sua mente.

– Não consigo evitar o sentimento de que não sou eu. Usurpei o lugar dele e o tranquei do lado de fora do jeito que me trancaram do lado de fora da padaria. O que quero dizer é que Charlie Gordon existe no passado, e o passado é real. Você não pode construir um novo edifício em uma área até destruir o que existia antes, e o antigo Charlie não pode ser destruído. Ele existe. No começo, eu estava procurando por ele: fui ver o seu, o meu pai. Tudo o que eu desejava era provar que Charlie existira como uma pessoa no passado, para que eu justificasse minha existência. Eu me senti insultado quando Nemur disse que me criou. Mas descobri que Charlie não existe apenas no passado, ele existe agora. Em mim e em torno de mim. Ele tem se colocado entre nós por todo esse tempo. Pensei que minha inteligência criava a barreira, meu orgulho tolo e pomposo, o sentimento de que nós não tínhamos nada em comum porque eu ultrapassara você. Você colocou essa ideia na minha cabeça. Mas não é isso. É Charlie, o garotinho, que tem medo de mulheres por causa de coisas que a mãe dele lhe fez. Você não entende? Todos esses meses que passei crescendo intelectualmente, eu ainda tinha a linha emocional do Charlie infantil. E a cada momento que me aproximava de você, ou pensava em fazer amor com você, havia um curto-circuito.

Eu estava empolgado, e minha voz a martelava até que ela começou a tremer. Seu rosto ficou corado.

– Charlie – ela sussurrou –, eu não posso fazer nada? Não posso ajudar?

– Acho que mudei durante essas semanas longe do laboratório – respondi. – Em princípio, eu não conseguia entender como fazer, mas hoje à noite, enquanto vagava pela cidade, me ocorreu. A coisa tola era tentar resolver o problema sozinho. Mas, quanto mais me aprofundava nesse emaranhado bagunçado de sonhos e memórias, mais eu percebia que problemas emocionais não podem ser resolvidos como problemas intelectuais. É isso que descobri sobre mim mesmo na noite passada. Eu me disse que estava caminhando como uma alma perdida, mas então vi que eu *estava* perdido. De alguma maneira – segui –, eu me separei emocionalmente de todas as pessoas e coisas. E o que eu realmente estava procurando lá fora nas ruas escuras, no último maldito lugar onde encontraria, era uma maneira de me integrar emocionalmente com as pessoas de novo, enquanto ainda mantenho minha liberdade intelectual. Tenho que crescer. Para mim, isso significa tudo.

Segui falando, vomitando para fora todas as dúvidas e os medos que borbulhavam na superfície. Ela era minha caixa de ressonância e ficou lá hipnotizada. Senti meu próprio calor, febril, até pensar que meu corpo estava em chamas. Eu estava explodindo, e na frente de alguém de quem eu gostava, e isso fez toda a diferença.

Mas foi demais para ela. O que começara com tremor se transformou em lágrimas. A pintura sobre o sofá chamou minha atenção: a donzela encolhida, com as bochechas coradas, e me perguntei o que Alice sentia naquele momento. Eu sabia que ela se entregaria a mim, e eu a queria, mas o que aconteceria com Charlie?

Charlie talvez não interferisse se eu quisesse fazer amor com Fay. Ele provavelmente apenas ficaria na porta e assistiria. Mas, no momento em que eu me aproximava de Alice, ele entrava em pânico. Por que ele tinha medo de me deixar amar Alice?

Ela se sentou no sofá, olhando para mim, esperando para ver o que eu faria. E o que eu poderia fazer? Eu queria tomá-la em meus braços...

Assim que comecei a pensar nisso, veio o aviso.

– Você está bem, Charlie? Está muito pálido.

Sentei-me no sofá ao lado dela.

– Só um pouco tonto. Vai passar. – Mas eu sabia que só ficaria pior enquanto Charlie sentisse que havia o perigo de eu fazer amor com ela.

E então tive a ideia. Ela me enojou no início, mas subitamente percebi que a única maneira de superar essa paralisia era ser mais esperto que ele. Se, por algum motivo, Charlie estava com medo de Alice, mas não de Fay, eu apagaria as luzes e fingiria estar fazendo amor com Fay. Ele jamais notaria a diferença.

Era errado – nojento –, mas, se funcionasse, quebraria o estranho poder que Charlie tinha sobre minhas emoções. Eu saberia que estivera com Alice, e essa seria a única saída.

– Estou bem agora. Vamos nos sentar no escuro por um tempo – eu disse, apagando as luzes e esperando para organizar meus sentimentos. Não seria fácil. Eu tinha de me convencer, visualizar Fay, me hipnotizar para acreditar que a mulher sentada ao meu lado era ela. E, mesmo se ele se separasse de mim para assistir de fora do meu corpo, não adiantaria nada, porque o quarto estaria escuro.

Esperei por algum sinal de suspeita – os sintomas alarmantes de pânico. Mas nada. Eu me sentia alerta e calmo. Coloquei o braço em torno dela.

– Charlie, eu...

– *Não fale!* – exclamei, e ela se encolheu. – Por favor – eu pedi –, não diga nada. Só me deixe segurá-la em silêncio no escuro. – Eu a aproximei de mim e ali, sob a escuridão de minhas pálpebras fechadas, invoquei uma imagem de Fay, com o longo cabelo loiro e a pele clara. Fay, como eu a tinha visto pela última vez ao meu lado. Beijei o cabelo de Fay, o pescoço de Fay e finalmente busquei alívio nos lábios de Fay. Senti os braços dela acariciando os músculos das minhas costas, meus ombros, e o aperto dentro de mim se fortaleceu de uma maneira que nunca acontecera com uma mulher. Eu a acariciei lentamente no começo e, então, com empolgação impaciente e crescente que em breve me denunciariam.

Os pelos na minha nuca começaram a formigar. Alguém mais estava no cômodo, espiando através da escuridão, tentando ver. E fervorosamente pensei no nome de novo e de novo para mim mesmo. Fay! Fay! FAY! Imaginei seu

rosto nítida e claramente, para que nada pudesse se colocar entre nós. E, então, enquanto ela me agarrava para mais perto, eu gritei e a afastei.

– Charlie! – Eu não conseguia ver Alice, mas o seu sobressalto espelhava o choque.

– Não, Alice! Eu não posso. Você não entende.

Levantei-me do sofá e acendi a luz. Eu quase esperava vê-lo em pé ali. Mas claro que não. Nós estávamos sozinhos. Estava tudo na minha cabeça. Alice continuava deitada ali, a blusa aberta onde eu a havia desabotoado, o rosto corado, olhos arregalados em incredulidade.

– Eu amo você – as palavras estouraram de dentro de mim –, mas não posso fazer isso. Alguma coisa que não consigo explicar, mas, se eu não tivesse parado, eu teria me odiado pelo resto da minha vida. Não me peça para explicar, ou você vai me odiar também. Tem a ver com Charlie. Por alguma razão, ele não me deixa fazer amor com você.

Ela olhou para longe e abotoou a blusa:

– Foi diferente hoje à noite – ela disse. – Você não teve náusea ou pânico, nem nada assim. Você me queria.

– Sim, eu queria você, mas eu não estava realmente fazendo amor com *você*. Eu ia usar você, de certa forma, mas não consigo explicar. Eu mesmo não entendo. Vamos dizer que não estou pronto ainda. E não posso fingir ou trapacear ou agir como se estivesse tudo bem quando não está. É só mais um beco sem saída.

Levantei-me para ir embora.

– Charlie, não fuja de novo.

– Eu cansei de fugir. Tenho trabalho a fazer. Diga a eles que voltarei ao laboratório em alguns dias, assim que conseguir me controlar.

Deixei o apartamento em frenesi. No térreo, em frente ao edifício, fiquei parado, sem saber para que lado ir. Não importava que caminho eu tomasse, eu levava um choque que significava outro erro. Todos os caminhos estavam bloqueados. Mas, Deus... tudo o que eu fazia, em todos os lados que escolhia, portas estavam fechadas para mim.

Não havia lugar para entrar. Nenhuma rua, nenhum cômodo, nenhuma

mulher.

Finalmente, dei por mim ao tropeçar na entrada do metrô e o peguei até a 49ª Avenida. Não havia muitas pessoas, mas uma loira de cabelos longos me lembrou Fay. A caminho do ônibus que atravessava a cidade, passei por uma loja de bebidas e, sem pensar muito a respeito, entrei e comprei uma garrafa de gim. Enquanto esperava pelo ônibus, abri a bebida na sacola, como já tinha visto mendigos fazendo, e tomei um longo e profundo gole. Queimou enquanto descia, mas de um jeito bom. Tomei mais um, só um golinho, e, até o ônibus chegar, eu estava embebido de uma poderosa sensação de formigamento. Não bebi mais. Não queria ficar bêbado naquele momento.

Quando cheguei ao apartamento, bati na porta de Fay. Não houve resposta. Abri a porta e olhei para o interior. Ela não havia chegado ainda, mas todas as luzes estavam acesas. Ela não dava a mínima para nada. Por que eu não podia ser daquele jeito?

Voltei para casa para esperar. Tirei a roupa, tomei um banho e coloquei um robe. Rezei para que não fosse uma das noites em que alguém vinha com ela.

Cerca de 2h30 da manhã, eu a ouvi subir as escadas. Peguei minha garrafa, saí pela saída de incêndio e deslizei até a janela dela, chegando a tempo de ver a porta da frente abrir. Não tinha a intenção de me agachar ali e ficar assistindo. Eu ia bater na janela. Mas, assim que ergui a mão para me fazer presente, eu a vi lançar os sapatos e girar alegremente. Ela foi até o espelho e lentamente, peça por peça, começou a tirar a roupa em um striptease privado. Tomei outro gole. Mas eu não podia deixá-la saber que estava espiando.

Voltei para o meu apartamento sem ligar as luzes. A princípio, pensei em convidá-la para minha casa, mas tudo estava muito limpo e organizado – muitas linhas retas para apagar –, e eu sabia que não daria certo aqui. Então fui até o corredor. Bati na porta, gentilmente no começo, e depois mais alto.

– Está aberta! – ela gritou.

Ela estava de roupas íntimas, deitada no chão, braços estendidos e pernas apoiadas para cima do sofá. Virou a cabeça para trás e olhou para mim de cabeça para baixo:

– Charlie, querido! Por que você está de ponta-cabeça?

– Não importa – respondi, puxando a garrafa para fora do saco de papel. – As

linhas e caixas estão muito retas, e pensei que você se juntaria a mim para apagar algumas.

– Melhor solução do mundo para isso – ela disse. – Se você se concentrar no pontinho quente que se inicia no fundo do estômago, todas as linhas começam a derreter.

– É isso que está acontecendo.

– Incrível! – Ela levantou num salto. – Eu também. Dancei com muitos quadrados hoje à noite. Vamos derreter todos eles. – Fay pegou um copo, e eu o enchi para ela.

Enquanto bebia, passei o braço em torno dela e brinquei com a pele nua de suas costas.

– Ei, peraí, garoto! Uau! O que é isso?

– Eu. Eu estava esperando você chegar em casa.

Ela se afastou:

– Ah, espera aí, Charlie. Nós já passamos por isso tudo antes. Você sabe que não faz bem nenhum. Quer dizer, você sabe que eu penso muito em você e eu arrastaria você para a cama em um minuto se pensasse que existe uma chance. Mas não quero ficar toda empolgada pra nada. Não é justo, Charlie.

– Vai ser diferente hoje à noite. Eu juro. – Antes que ela protestasse, eu a tinha em meus braços, beijando-a, acariciando-a, oprimindo-a com toda a excitação acumulada prestes a me despedaçar. Tentei soltar o seu sutiã, mas puxei com força demais e ele rasgou.

– Pelo amor de Deus, Charlie, meu sutiã...

– Não se preocupe com o sutiã... – sufoquei, ajudando-a a tirá-lo. – Compro um novo pra você. Vou compensar pelas outras vezes. Vou fazer amor com você a noite inteira.

Ela se afastou de mim.

– Charlie, nunca ouvi você falar desse jeito. E pare de olhar pra mim como se quisesse me engolir inteira. – Ela puxou uma blusa de uma das cadeiras e a segurou em frente do corpo. – Agora você está fazendo eu me sentir nua.

– Quero fazer amor com você. Hoje à noite eu consigo. Eu sei... eu sinto. Não me mande embora, Fay.

– Aqui – ela sussurrou –, beba mais um pouco.

Peguei mais um drinque e servi outro para ela, e, enquanto ela bebia, eu cobria seus ombros e pescoço com beijos. Ela começou a respirar pesadamente enquanto minha empolgação se mostrava a ela.

– Deus, Charlie, se você me fizer começar e me desapontar de novo, eu não sei o que vou fazer. Sou humana também, sabe.

Eu a puxei para o meu lado no sofá, no topo da pilha de suas roupas e peças íntimas.

– Não aqui no sofá, Charlie – ela disse, lutando para ficar em pé. – Vamos para a cama.

– Aqui – insisti, tirando a blusa dela.

Fay olhou para mim, colocou o copo no chão e tirou a roupa íntima em pé. Ela ficou parada ali na minha frente, nua.

– Vou apagar as luzes – sussurrou.

– Não – eu disse, puxando-a de volta para o sofá. – Quero olhar para você.

Ela me beijou profundamente e me segurou com força nos braços.

– Só não me desaponte desta vez, Charlie. É bom não fazer isso.

Seu corpo se movia lentamente, se aproximando do meu, e eu sabia que dessa vez nada interferiria. Eu sabia o que e como tinha que fazer. Ela arfou e suspirou e me chamou pelo nome.

Por um instante, tive a sensação gélida de que ele estava assistindo. Sobre o braço do sofá, tive um vislumbre de seu rosto me encarando de volta no escuro através da janela, onde apenas alguns minutos antes eu estivera agachado. Uma mudança de percepção, e eu me encontrava fora, na saída de incêndio, assistindo a um homem e uma mulher do lado de dentro, fazendo amor no sofá.

Então, com um violento esforço de determinação, eu estava de volta no sofá com ela, consciente de seu corpo e de minha própria urgência e potência, e vi o rosto contra a janela, assistindo avidamente. E pensei: vá em frente, seu pobre imbecil, assista. Não dou mais a mínima.

E ele arregalou os olhos enquanto assistia.

29 de junho – Antes de voltar ao laboratório, vou concluir os projetos que iniciei

desde que abandonei a convenção. Liguei para Landsoff no Novo Instituto para Estudos Avançados a fim de perguntar sobre a possibilidade de utilizar o fotoefeito nuclear com produção de par para trabalho exploratório em biofísica. No começo, ele pensou que eu estava doido, mas, depois que apontei as falhas em seu artigo no *Jornal do Novo Instituto*, ele me segurou no telefone por quase uma hora. Quer que eu vá ao Instituto discutir minhas ideias com seu grupo. Eu talvez faça isso depois de terminar meu trabalho no laboratório – se houver tempo. Esse é o problema, é claro. Não sei quanto tempo mais tenho. Um mês? Um ano? O resto da minha vida? Isso depende do que eu descobrir sobre os efeitos colaterais psicofísicos do experimento.

30 de junho – Parei de perambular pelas ruas agora que tenho Fay. Dei-lhe uma chave do meu apartamento. Ela tira sarro do meu hábito de trancar a porta, e tiro sarro da bagunça que a casa dela está. Ela me advertiu que não devo tentar mudá-la. Seu marido se divorciou dela cinco anos atrás porque Fay não se dava o trabalho de ajeitar as coisas e cuidar do lar.

Ela é assim com a maioria das coisas que lhe parecem triviais. Ela simplesmente não se importa ou não se incomoda. No outro dia, descobri uma pilha de multas de trânsito em um canto atrás de uma cadeira, devia haver quarenta ou cinquenta. Quando ela chegou com a cerveja, perguntei-lhe por que estava colecionando.

– Isso aí! – ela riu. – Assim que meu ex-marido me mandar meu maldito cheque, tenho que pagar algumas. Você não faz ideia de quão mal eu me sinto sobre essas multas. Eu guardo todas atrás da cadeira porque, se não, tenho um ataque de culpa sempre que olho para elas. Mas o que é que vou fazer? Em todos os lugares aonde vou, eles colocam placas: não estacione aqui! Não estacione ali! Eu não posso parar e ler todas as placas cada vez que quero sair do carro.

Então prometi que não vou tentar mudá-la. É empolgante estar junto dela. Um ótimo senso de humor. Mas, acima de tudo, ela é um espírito livre e independente. A única coisa que pode se tornar cansativa depois de um tempo é sua obsessão por dançar. Saímos todas as noites desta semana até duas ou três da manhã. Não me sobra muita energia.

Não é amor – mas ela é importante para mim. Eu me pego tentando ouvir

seus passos pelo corredor sempre que ela está fora de casa.

Charlie parou de nos observar.

5 de julho – Dediquei meu primeiro concerto no piano a Fay. Ela estava empolgada com a ideia de ter algo dedicado a si, mas não acho que ela de fato gostou do concerto. Isso apenas prova que você não pode ter tudo o que quer em uma mulher. Mais um argumento para a poligamia.

O importante é que Fay é brilhante e tem bom coração. Hoje me dei conta de por que ela ficou sem dinheiro tão cedo no mês. Na semana antes de me conhecer, ela fez amizade com uma garota que conhecera no Stardust Ballroom. Quando a garota contou a Fay que não tinha família na cidade, estava sem dinheiro e não tinha lugar para dormir, Fay a convidou para morar com ela. Dois dias depois, a garota encontrou os 232 dólares que Fay guardava na gaveta da cômoda e desapareceu com o dinheiro. Fay não relatou à polícia – acabou que ela nem sabia o sobrenome da garota.

– Pra que notificar a polícia? – ela queria saber. – Quer dizer, essa pobre vadia deve ter precisado muito do dinheiro pra fazer isso. Não vou arruinar a vida dela por causa de uns 200 dólares. Não sou rica nem nada assim, mas não vou arrancar o couro dela, se é que você me entende.

Eu a entendia.

Nunca conheci alguém tão aberto e com tanta confiança nos outros como Fay. Ela é o que eu mais preciso agora. Estou faminto de mero contato humano.

8 de julho – Estou sem muito tempo para trabalhar, com as visitas noturnas aos clubes e as ressacas matinais. Foi com muita aspirina e alguma invenção de Fay que consegui terminar minha análise linguística das formas verbais do urdu e enviar o artigo para o *Boletim de Linguística Internacional*. Ele vai enviar os linguistas de volta para a Índia com seus gravadores, porque debilita a superestrutura de sua metodologia.

Não consigo evitar a admiração por linguistas estruturais que construíram para si mesmos uma disciplina linguística baseada na deterioração da comunicação escrita. Outro caso de homens devotando suas vidas a estudar mais e mais – preenchendo volumes e bibliotecas com a sutil análise linguística do

grunhido. Nada de errado nisso, mas não deveria ser usado como desculpa para destruir a estabilidade da linguagem.

Alice ligou hoje para saber quando voltarei ao trabalho no laboratório. Eu lhe disse que queria terminar os projetos que começara e que esperava conseguir permissão da Fundação Welberg para o meu próprio estudo especial. No entanto, ela está certa: tenho de levar o tempo em consideração.

Fay ainda quer sair para dançar o tempo todo. A noite passada começou com a gente bebendo e dançando no White Horse Club e dali para o Benny's Hideaway e, então, para o Pink Slipper... depois disso, não me lembro de muitos lugares, mas nós dançamos até eu estar pronto para desmaiar. Minha tolerância a álcool deve ter aumentado, porque eu já tinha bebido muito quando Charlie fez sua aparição. Apenas consigo me lembrar dele sapateando ridiculamente no palco do Allakazam Club. Ele fez uma bela performance antes de o gerente nos pôr para fora, e Fay disse que todos acharam que eu era um excelente comediante e que todo mundo havia gostado da minha apresentação de imbecil.

O que diabos aconteceu depois? Sei que distendi as costas. Achava que era de dançar, mas Fay diz que eu caí da droga do sofá.

O comportamento de Algernon está se tornando errático de novo. Minnie parece ter medo dele.

9 de julho – Uma coisa terrível aconteceu hoje: Algernon mordeu Fay. Eu a havia avisado sobre brincar com ele, mas ela sempre gostou de alimentá-lo. Normalmente, quando Fay entrava em seu quarto, ele se animava e corria até ela. Hoje foi diferente. Ele estava num lado distante, enroscado como uma bolinha peluda. Quando ela colocou a mão no alçapão, ele se encolheu mais e forçou o corpo contra um dos cantos. Ela tentou persuadi-lo, abrindo a barreira para o labirinto, mas, antes que eu pudesse pedir a ela que o deixasse em paz, ela cometeu o erro de tentar pegá-lo. Algernon mordeu seu dedão. Então lançou um olhar intenso para nós e debandou de volta para o labirinto.

Encontramos Minnie no outro lado da caixa de recompensas. Ela sangrava de um corte no peito, mas estava viva. Assim que me aproximei para pegá-la, Algernon entrou na caixa de recompensas e me mordeu. Seu dente prendeu na minha manga e ele ficou pendurado até eu balançar para soltá-lo.

Ele se acalmou depois disso. Observei-o por mais de uma hora depois. Ele parecia apático e confuso e, apesar de ainda aprender novos problemas sem recompensas externas, sua performance anda peculiar. Em vez dos movimentos cuidadosos e determinados pelos corredores do labirinto, suas ações são apressadas e descontroladas. Em diversas ocasiões, ele entra em um lado muito rapidamente e bate de frente em uma barreira. Há um estranho senso de urgência em seu comportamento.

Hesito em fazer um julgamento precipitado. Pode significar muitas coisas. Mas agora preciso levá-lo de volta ao laboratório. Ouvindo ou não uma resposta da Fundação sobre meu financiamento especial, vou ligar para Nemur pela manhã.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 15

12 de julho – Nemur, Strauss, Burt e alguns outros do projeto estavam me aguardando no escritório de psicologia. Tentaram fazer eu me sentir bem-vindo, mas notei a ansiedade de Burt em pegar Algernon, e o entreguei. Ninguém disse nada, mas eu sabia que Nemur não perdoaria logo minha atitude de passar por cima dele e contatar a Fundação. Mas fora necessário. Antes de retornar a Beekman, precisei ter certeza de que me autorizariam a começar um estudo independente do projeto. Muito tempo seria perdido se eu tivesse de dar satisfações a Nemur para tudo que fizesse.

Ele fora informado da decisão da Fundação, e minha recepção foi fria e formal. Embora tenha estendido a mão, não havia sorriso em seu rosto.

– Charlie – ele disse –, estamos todos felizes que você voltou e vai trabalhar conosco. Jayson ligou e me avisou que a Fundação o estava colocando para trabalhar no projeto. A equipe e o laboratório estão à sua disposição. O centro de computação nos garantiu que o seu trabalho terá prioridade, e, é claro, se eu puder ajudar de qualquer...

Ele estava fazendo o melhor para ser cordial, mas eu conseguia ver pelo seu rosto que ele estava cético. Afinal de contas, que experiência eu tinha com psicologia experimental? O que eu sabia sobre as técnicas que ele passara anos desenvolvendo? Bom, como eu disse, Nemur parecia cordial e disposto a

suspender julgamento. Não há muito mais que ele possa fazer agora. Se eu não conseguir uma explicação para o comportamento de Algernon, todo o seu trabalho vai pelo ralo, mas, se resolver o problema, trago toda uma equipe comigo.

Fui ao laboratório onde Burt observava Algernon em uma das caixas de problemas múltiplos. Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Ele se esqueceu de muito. A maior parte de suas respostas complexas parece ter sido apagada. Ele está resolvendo problemas em um nível muito mais primitivo do que eu esperava.

– De que maneira? – perguntei.

– Bom, no passado ele conseguiu descobrir padrões simples naquela corrida com portas com persiana, por exemplo: uma porta sim, uma porta não; a cada três portas; apenas as portas vermelhas, ou apenas as verdes; mas agora ele atravessou esse labirinto três vezes e ainda está usando tentativa e erro.

– Pode ser por ele ter ficado tanto tempo fora do laboratório?

– Pode. Nós vamos deixar que se acostume com as coisas de novo e ver como ele trabalha amanhã.

Eu estivera no laboratório muitas vezes antes disso, mas agora estava ali para aprender tudo o que o lugar tinha a oferecer. Eu precisava absorver em poucos dias procedimentos que os outros demoraram anos a dominar. Burt e eu passamos quatro horas analisando o laboratório seção por seção, enquanto eu tentava me familiarizar com a imagem total. Quando havíamos terminado, notei uma porta que não investigáramos.

– O que tem ali?

– O freezer e o incinerador. – Ele empurrou a porta pesada para abri-la e ligou as luzes. – Congelamos nossos espécimes antes de descartar no incinerador. Ajuda a reduzir os odores se controlarmos a decomposição. – Ele se virou para sair, mas fiquei ali por um momento.

– Não Algernon – eu disse. – Olha... se e... quando... Quer dizer, não quero que ele seja largado aqui. Dê ele para mim. Eu mesmo dou um jeito nele. – Burt não riu. Apenas assentiu com a cabeça. Nemur lhe dissera que de agora em diante eu podia ter o que quisesse.

Tempo era a barreira. Se eu iria descobrir as respostas sozinho, teria de começar a trabalhar imediatamente. Peguei listas de livros com Burt e anotações com Strauss e Nemur. Então, a caminho da saída, tive um pensamento estranho.

– Diga-me – perguntei a Nemur. – Acabei de dar uma olhada no incinerador para descarte de animais experimentais. Que planos foram feitos para mim?

Minha pergunta o atordoou.

– O que você quer dizer?

– Tenho certeza de que, desde o início, você se planejou para todas as possibilidades. O que aconteceria comigo, então?

Quando ele ficou em silêncio, insisti:

– Tenho o direito de saber tudo relacionado ao experimento, e isso inclui meu futuro.

– Não há motivo para não saber. – Ele pausou e acendeu um cigarro já aceso. – Você entende, é claro, que, desde o começo, nós tínhamos as mais altas esperanças de continuidade e ainda temos... definitivamente temos...

– Tenho certeza de que sim – afirmei.

– É claro, utilizar você nesse experimento era uma responsabilidade séria. Não sei do quanto você se lembra ou quanto você juntou as peças sobre as coisas no começo do projeto, mas nós tentamos deixar claro para você que havia uma forte chance de que seria apenas temporário.

– Eu escrevi isso em meus relatórios de progresso da época – concordei –, apesar de não entender naquele momento o que queria dizer. Mas isso não importa, porque estou ciente disso agora.

– Bom, decidimos arriscar com você – ele seguiu – porque sentíamos que havia pouquíssimas chances de causar algum dano sério e tínhamos certeza de que havia grande chance de fazer bem pra você.

– Você não precisa justificar isso.

– Mas você percebe que tivemos que obter permissão de alguém da sua família imediata. Você era incompetente para decidir isso sozinho.

– Sei tudo sobre isso. Você está falando de minha irmã, Norma. Li sobre isso nos jornais. Pelo que me lembro dela, imagino que ela lhes daria aprovação para minha execução.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas deixou passar.

– Bom, conforme dissemos a ela, no caso de o experimento falhar, não poderíamos mandar você de volta à padaria ou àquele quartinho de onde veio.

– Por que não?

– Pra começar, você poderia não ser o mesmo. Cirurgia e injeções de hormônios poderiam ter efeitos não imediatamente evidentes. Experiências desde a operação poderiam deixar marcas em você. Quer dizer, possivelmente distúrbios emocionais para complicar o retardamento, você poderia não ser o mesmo tipo de pessoa...

– Isso é ótimo. Como se uma cruz não fosse suficiente para carregar.

– E outra coisa era que não tinha como sabermos se você retornaria ao mesmo nível mental. Poderia haver regressão para um nível ainda mais primitivo de funcionamento.

Ele estava me deixando ouvir o pior de tudo, livrando-se do peso na consciência.

– Agora que já estamos aqui, posso muito bem saber de tudo – eu disse –, enquanto ainda estou em posição para ter algo a dizer sobre isso. Que planos fizeram para mim?

Ele deu de ombros:

– A Fundação arranjou tudo para enviar você para a Residência Pública e Centro de Treinamento Warren.

– Mas que diabos!

– Parte do acordo com sua irmã era de que todos os custos da Residência seriam assumidos pela Fundação, e você receberia uma receita regular mensal destinada às suas necessidades pessoais pelo resto da vida.

– Mas por que lá? Eu sempre consegui me virar aqui fora, mesmo quando me internaram lá, depois da morte do tio Herman. Donner conseguiu me tirar imediatamente, para trabalhar e viver aqui fora. Por que tenho que voltar?

– Se conseguir se virar aqui fora, não precisa ficar na Warren. Os casos menos severos são autorizados a morar fora da área. Mas tivemos que fazer provisões para você, só no caso de...

Ele tinha razão. Eu não tinha do que reclamar. Eles pensaram em tudo.

Warren era o lugar lógico, o congelamento profundo para onde eu poderia ser enviado pelo resto dos meus dias.

– Pelo menos não é o incinerador – eu disse.

– O quê?

– Deixa para lá. Uma piada interna. – Então pensei em algo. – Diga-me, é possível visitar a Warren, quer dizer, passear pela área e avaliá-la como um visitante?

– Sim, acho que eles recebem pessoas lá o tempo todo, há visitas guiadas pela residência como algo pra relações públicas. Mas por quê?

– Porque quero ver. Tenho de saber o que vai acontecer enquanto ainda estou no controle para fazer algo a respeito. Veja se consegue uma visita para mim quanto antes.

Eu podia ver que ele se sentia incomodado com minha ideia de visitar Warren. Como se eu estivesse encomendando meu caixão para ficar sentado antes de morrer. Mas, por outro lado, não posso culpá-lo, porque ele não percebe que descobrir quem realmente sou – o significado de toda a minha existência – envolve conhecer as possibilidades do meu futuro e também do meu passado, aonde estou indo tanto quanto aonde já fui. Apesar de sabermos que, no fim do labirinto, a morte nos aguarda (e isso é algo que nem sempre soube, até pouco tempo atrás, pois o adolescente em mim pensava que a morte acontecia só com outras pessoas), vejo agora que o caminho escolhido pelo labirinto me faz quem sou. Não sou apenas uma coisa, mas também uma maneira de ser – uma das muitas maneiras –, e saber os caminhos que percorri e os que me restam vai me ajudar a entender o que estou me tornando.

Naquela noite e nos dias seguintes, imergi em textos de psicologia: clínica, personalidade, psicometria, aprendizagem, psicologia experimental, psicologia animal, psicologia fisiológica, behaviorista, gestalt, analítica, funcional, dinâmica, organicista e todas as facções e os sistemas de pensamentos antigos e modernos. A parte deprimente é que várias ideias em que psicólogos baseiam suas crenças sobre a inteligência humana, memória e aprendizagem são pensamento desejoso ou projeções.

Fay quer visitar o laboratório, mas eu disse que não. Tudo que não preciso agora é de Fay e Alice esbarrando uma na outra. Já tenho preocupações

suficientes sem isso.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 16

14 de julho – Foi um dia ruim para ir a Warren, frio e cinzento, e isso talvez explique a depressão que toma conta de mim quando penso no lugar. Ou talvez eu esteja me enganando, e era a ideia de possivelmente ser mandado para lá que me incomodava. Peguei o carro de Burt emprestado. Alice quis ir junto, mas eu precisava ver sozinho. Não disse a Fay que iria.

Era uma viagem de uma hora e meia até a comunidade de campos agrícolas de Warren, Long Island, e não tive dificuldade alguma para encontrar o lugar: uma propriedade cinza se alastrava, revelada ao mundo apenas por meio de uma entrada de dois pilares de concreto flanqueando uma rua lateral estreita e uma placa de bronze bem polida com o nome *Residência Pública e Centro de Treinamento Warren*.

A placa da rua dizia 20 quilômetros por hora, então dirigi devagar pelos blocos de edifícios, à procura dos escritórios administrativos.

Um trator atravessou o prado na minha direção e, além do homem ao volante, havia outros dois pendurados na traseira. Coloquei a cabeça para fora e gritei:

– Pode me dizer onde é o escritório do sr. Winslow?

O motorista parou o trator e apontou para a esquerda e em frente.

– Hospital principal. Vire à esquerda e vá para a direita.

Não consegui evitar e reparei no jovem suspenso na traseira do trator, segurando-se em um corrimão. Ele tinha a barba por fazer e os vestígios de um sorriso vazio. Usava um chapéu de marinheiro com a borda infantilmente puxada para baixo a fim de proteger os olhos, apesar de não haver sol. Miramo-nos por um instante – seus olhos imensos, curiosos –, mas tive de afastar o olhar. Quando o trator acelerou para a frente outra vez, pude ver no espelho retrovisor que ele olhava para mim, curiosamente. Isso me incomodou... porque ele me lembrava Charlie.

Impressionei-me ao descobrir que o chefe de psicologia era tão jovem: um homem alto, magro, com uma expressão cansada no rosto. Mas seus olhos azuis firmes sugeriam uma força por trás da aparência jovial.

Ele me levou no seu próprio carro pela propriedade e apontou o saguão de recreação, o hospital, a escola, os escritórios administrativos e os edifícios de dois andares de tijolo que ele chamava de *chalés*, onde os pacientes moravam.

– Não notei uma cerca em torno de Warren – observei.

– Não, apenas o portão na entrada e as cercas vivas para afastar os curiosos.

– Mas como vocês fazem para evitar que... eles... saiam por aí... que eles saiam da propriedade?

Ele deu de ombros e sorriu:

– Não conseguimos, na verdade. Alguns vagam por aí, mas a maioria volta.

– Vocês não vão atrás deles?

Ele olhou para mim como se tentasse descobrir o que estava por trás da pergunta.

– Não. Se eles se metem em problemas, nós logos ficamos sabendo pelas pessoas da cidade ou a polícia os traz de volta.

– E se nada disso acontecer?

– Se não ficarmos sabendo nada deles, ou se eles mesmos não aparecerem, assumimos que conseguiram se ajustar minimamente fora daqui. Você tem que entender, sr. Gordon, que isto não é uma prisão. Somos obrigados, pelo estado, a fazer todos os esforços razoáveis para recuperarmos nossos pacientes, mas não estamos equipados para supervisionar de perto 4 mil pessoas em todos os momentos. Os que conseguem sair são retardados de alto nível, não que ainda recebamos esses. Agora recebemos mais casos com dano neurológico, que requerem constante cuidado e custódia, mas os retardados de alto nível conseguem se mover mais livremente e, depois de mais ou menos uma semana do lado de fora, a maioria deles volta quando descobre que não há nada para eles lá. O mundo não os quer, e eles logo aprendem isso.

Saímos do carro e caminhamos para um dos *chalés*. Do lado de dentro, as paredes eram de azulejo branco, e o edifício cheirava a desinfetante. A entrada do primeiro andar desembocava em uma sala de recreação cheia, com cerca de 75 garotos sentados e esperando a sineta do almoço tocar. O que chamou minha atenção imediatamente foi um dos garotos maiores em uma cadeira no canto, embalando um dos outros garotos – 14 ou 15 anos – e abraçando-o. Eles todos se

viraram para olhar quando entramos, e alguns dos mais ousados se aproximaram e me encararam.

– Não se preocupe com eles – o homem disse, vendo minha expressão. – Não vão machucar você.

A responsável pelo andar, uma mulher bonita e de ossos saltados, com mangas levantadas e um avental de jeans na frente de sua camisa branca engomada, veio até nós. Em seu cinto havia um molho de chaves que balançava enquanto ela se movia, e, apenas quando ela se virou, vi que o lado esquerdo de seu rosto estava coberto por uma marca de nascença grande e cor de vinho.

– Não esperava companhia hoje, Ray – ela disse. – Você normalmente traz os visitantes às quintas.

– Esse é o sr. Gordon, Thelma, da Universidade de Beekman. Ele só quer dar uma olhada e ter uma ideia do trabalho que estamos fazendo aqui. Eu sabia que não faria nenhuma diferença, Thelma. Qualquer dia é bom pra você.

– É – ela riu sonoramente –, mas, às quartas-feiras, nós viramos os carpetes. O cheiro aqui é muito melhor na quinta.

Notei que ela ficava à minha esquerda para que a mancha em seu rosto ficasse escondida. Thelma me guiou pelos dormitórios, pela lavanderia, pela sala de suprimentos e pelo refeitório – agora arrumado e esperando a comida ser entregue da cozinha central. Ela sorria enquanto falava, e sua expressão e o cabelo preso em um coque alto na cabeça faziam que ela parecesse uma dançarina de Lautrec, mas ela nunca olhou diretamente para mim. Eu me perguntei como seria morar aqui com ela cuidando de mim.

– Eles são muito bonzinhos aqui neste prédio – ela disse. – Mas sabe como é... Trezentos garotos, setenta e cinco em um andar e apenas cinco de nós para cuidar deles. Não é fácil controlá-los. Mas já é muito melhor que os chalés dos *desalinhados*. Os funcionários *lá* não duram muito. Com bebês a gente não se irrita tanto, mas quando crescem e não conseguem se cuidar, as coisas ficam mais bagunçadas e nojentas.

– Você parece uma pessoa muito gentil – comentei. – Os garotos têm sorte de ter você como supervisora.

Ela gargalhou com vontade, ainda olhando diretamente para a frente, e exibiu os dentes brancos.

– Não sou melhor nem pior que o resto. Gosto muito dos meninos. Não é um trabalho fácil, mas é gratificante quando você pensa no quanto precisam de você. – O sorriso a deixou por um momento. – Crianças normais crescem muito rápido, param de precisar de você... vão embora sozinhas... esquecem-se de quem amou e cuidou delas. Mas essas crianças precisam de tudo que você pode dar durante toda a vida. – Ela riu de novo, envergonhada com a própria seriedade. – É um trabalho árduo, mas vale a pena.

De novo no primeiro andar, onde Winslow nos aguardava, a sineta soou e os garotos fizeram fila para o refeitório. Notei que o garoto grande que segurara o menor no colo agora o levava pela mão para uma mesa.

– Que imagem – comentei, apontando com a cabeça para aquela direção. Winslow acenou também.

– Jerry é o maior e aquele é Dusty. Nós vemos esse tipo de coisa por aqui. Quando ninguém mais tem tempo para eles, às vezes eles sabem o suficiente para buscar contato humano e afeto uns nos outros.

Enquanto passávamos pelos chalés a caminho da escola, ouvi um grito seguido de um gemido, acompanhado e ecoado por duas ou três outras vozes. Havia barras nas janelas.

Winslow parecia desconfortável pela primeira vez naquela manhã.

– Chalé de segurança especial – ele explicou. – Retardados emocionalmente perturbados. Quando é possível que se machuquem, ou aos outros, nós os colocamos no Chalé K. Trancado o tempo todo.

– Pacientes emocionalmente perturbados aqui? Eles não deveriam estar em um hospital psiquiátrico?

– Ah, claro – ele respondeu –, mas é algo difícil de controlar. Alguns, os quase perturbados emocionalmente, não se revelam até terem passado um tempo aqui. Outros foram internados por ordem judicial, e não tivemos nenhuma opção além de admiti-los mesmo que não haja realmente um lugar para eles. O problema real é que não há lugar pra ninguém em lugar algum. Sabe quão longa é a nossa lista de espera? Mil e quatrocentos. E nós *talvez* tenhamos espaço para vinte e cinco ou trinta deles até o final do ano.

– Onde estão esses 1 400 agora?

– Em casa. Do lado de fora, esperando por uma vaga aqui ou em alguma

outra instituição. Veja, o nosso problema de espaço não é como a superlotação comum de hospitais. Nossos pacientes normalmente vêm pra cá para ficar pelo resto da vida.

Enquanto chegávamos ao novo edifício da escola, uma estrutura de um andar feita de vidro e concreto com grandes janelas panorâmicas, eu me visualizei no meio de uma fila de homens e garotos esperando para entrar em uma sala de aula. Talvez eu fosse um desses empurrando outro menino numa cadeira de rodas ou guiando outra pessoa pela mão ou abraçando um garoto menor.

Em uma das salas de carpintaria, onde um grupo de garotos mais velhos fazia bancos sob a supervisão de um professor, eles se amontoaram em torno de nós, mirando-me curiosamente. O professor deixou a serra de lado e se aproximou de nós.

– Esse é o sr. Gordon, da Universidade de Beekman – Winslow disse. – Ele quer olhar alguns de nossos pacientes, pois está pensando em comprar a instituição.

O professor riu e acenou para seus pupilos.

– Bom, s-se ele comprar, ele t-tem que nos l-levar junto. E tem que a-arranjar mais madeira pra t-trabalhar.

Enquanto ele me mostrava a oficina, notei quão estranhamente quietos os garotos estavam. Eles seguiram com o trabalho de lixar e envernizar os bancos recém-feitos, mas não falavam.

– Esses são meus g-garotos s-silenciosos, sabe – ele disse, como se sentisse minha pergunta não dita. – S-surdos-m-mudos.

– Temos 106 deles aqui – explicou Winslow –, como um estudo especial patrocinado pelo governo federal.

Que coisa incrível! Quão pouco eles tinham, menos que tantos outros seres humanos. Mentalmente retardados, surdos, mudos, ainda avidamente lixando bancos.

Um dos garotos de viseiras que apertavam um bloco de lenha parou o que fazia, tocou Winslow no braço e apontou para um canto onde um número de objetos terminados secava em prateleiras de mostruário. O garoto apontou para uma base de lâmpada na segunda prateleira e então para si mesmo. Era um trabalho tosco, irregular, os remendos de massa de enchimento se sobressaíam,

além do verniz pesado e assimétrico. Winslow e o professor o elogiaram entusiasmadamente, e o garoto sorriu com orgulho e olhou para mim, esperando meu elogio.

– Sim – assenti com a cabeça, declamando as palavras de forma exagerada –, muito bom... muito bonito. – Eu disse porque ele precisava, mas me senti vazio. O garoto sorriu para mim e, quando nós nos viramos para ir embora, ele veio até nós e tocou meu braço como uma maneira de se despedir. Senti um forte nó na garganta e tive grande dificuldade em controlar minhas emoções até estarmos de volta aos corredores.

A diretora da escola era uma mulher atarracada, roliça e com ares maternais que me sentou em frente a um gráfico com letras bonitas que mostrava os diferentes tipos de pacientes, o número de funcionários designados para cada categoria e os conteúdos que estudavam.

– É claro – ela explicou –, nós não recebemos mais muitos dos Q.I.s um pouco maiores. Os com Q.I. em torno de 60 e 70 são cada vez mais cuidados nas escolas da cidade, com aulas especiais, ou, então, em instalações comunitárias que cuidam deles. A maioria dos que pegamos é capaz de viver fora, em famílias de criação, pensões, e de fazer trabalhos simples em fazendas ou trabalhos que exijam capacidades servis em fábricas ou lavanderias...

– Ou padarias – sugeri.

Ela franziu a testa:

– Sim, suponho que sejam capazes de fazer isso. Agora, nós também classificamos nossas crianças – eu chamo todos de crianças, não importa a idade, são todos crianças aqui – como *desalinhadas* e *alinhadas*. Facilita muito a administração de seus chalés se eles puderem ser mantidos com seus iguais. Alguns dos *desalinhados* têm danos cerebrais severos, são mantidos em berços e serão cuidados dessa maneira pelo resto da vida...

– Ou até a ciência encontrar uma maneira de ajudá-los.

– Ah – ela sorriu, explicando para mim cuidadosamente –, temo que esses estejam fora de alcance...

– Ninguém está fora de alcance.

Ela me olhou com o canto dos olhos, incerta.

– Sim, sim, é claro, você tem razão. Nós precisamos ter esperança.

Eu a deixara nervosa. Ri sozinho com o pensamento de como seria se me trouxessem de volta para cá como uma das crianças. Eu seria *alinhado* ou não?

De volta ao escritório de Winslow, tomamos café enquanto falávamos de seu trabalho.

– É um bom lugar – ele disse. – Não temos psiquiatras na equipe, apenas um consultor externo que visita a cada duas semanas. Mas é tão bom quanto. Cada um da equipe de psicologia é dedicado ao próprio trabalho. Eu poderia ter contratado um psiquiatra, mas, pelo preço que pagaria, consigo contratar dois psicólogos: homens que não têm medo de doar parte de si para essas pessoas.

– Como assim "doar parte de si"?

Ele me estudou por um momento e, por trás do cansaço, notei um lampejo de raiva.

– Existem muitas pessoas que darão dinheiro ou bens materiais, mas poucas que darão tempo e atenção. É isso que quero dizer. – Sua voz se tornou áspera, e ele apontou para uma mamadeira vazia na estante de livros do outro lado do escritório. – Está vendo aquela mamadeira?

Eu lhe disse que ela me intrigava desde quando entrara no escritório.

– Bom, quantas pessoas você conhece que estão preparadas para pegar um homem adulto no colo e deixar que mame da mamadeira? E assumir o risco de o paciente urinar ou defecar em cima deles? Você parece surpreso. Você não consegue entender, consegue, do alto de sua torre de marfim de pesquisa? O que você sabe sobre a experiência de ser excluído de todas as interações humanas, como aconteceu com nossos pacientes?

Não consegui conter um sorriso, que ele aparentemente interpretou errado, porque se levantou e terminou a conversa de modo abrupto. Se eu voltar aqui para ficar, e ele descobrir a história inteira, sei que entenderá. Ele é o tipo de homem que entenderia.

Enquanto saía dirigindo de Warren, não sabia o que pensar. Um sentimento frio e nebuloso me circundava – uma ideia de resignação. Não houve conversas sobre reabilitação, sobre cura, sobre algum dia mandar essas pessoas de volta para o mundo outra vez. Ninguém falara de esperança. A sensação era de viver a morte – ou, pior, de nunca ter estado realmente vivo e consciente. Almas

murchavam desde o início e estavam condenadas a encarar o tempo e o espaço do cotidiano.

Pensei na responsável por aquele chalé com o rosto manchado, no professor de marcenaria gago, na diretora maternal e nos psicólogos com rostos joviais e ares cansados e desejei saber como haviam desvendado seus caminhos até ali para trabalhar e se dedicar a essas mentes silenciosas. Como o garoto que segurava o mais novo nos braços, cada um encontrara uma satisfação em dar uma parte de si para quem tinha menos.

E como seriam as coisas que não tinham me mostrado?

Posso ir para Warren em breve para passar o resto de minha vida com os outros... esperando.

15 de julho – Tenho protelado uma visita à minha mãe. Quero e não quero vê-la. Não até ter certeza do que vai acontecer comigo. Vamos ver primeiro o andamento do trabalho e o que descubro.

Algernon se recusa a atravessar o labirinto; a motivação geral diminuiu. Passei no laboratório de novo para vê-lo, e dessa vez Strauss estava lá também. Tanto ele como Nemur pareciam perturbados ao ver Burt alimentá-lo à força. É estranho ver aquela bolinha branca afivelada na mesa de trabalho e Burt forçando-lhe comida garganta abaixo com um conta-gotas.

Se continuar nesse ritmo, vão ter que começar a alimentá-lo com injeções. Ao ver Algernon se contorcer sob as pequenas fivelas esta tarde, eu as senti em torno dos meus próprios braços e pernas. Senti aperto e vontade de vomitar, e precisei sair do laboratório para tomar ar fresco. Tenho de parar de me identificar com ele.

Fui até o Murray’s Bar e tomei alguns drinques. Então liguei para Fay e começamos os trabalhos. Ela está incomodada por eu ter parado de levá-la para dançar e ficou brava e saiu de súbito na noite passada. Ela não faz ideia do meu trabalho e não tem nenhum interesse nele, então, quando tento falar disso, ela não faz questão alguma de esconder seu tédio. Não se importa com nada disso, e não posso culpá-la. Até onde consigo ver, ela tem interesse em apenas três coisas: dançar, pintar e transar. E o nosso único ponto em comum é o sexo. É tolo da minha parte tentar fazer com que Fay se interesse por meu trabalho.

Então ela sai para dançar sem mim. Numa noite dessas, ela me contou sobre um sonho em que entrara no meu apartamento e pusera fogo em todos os meus livros e anotações, e que nós saímos dançando em torno das chamas. Tenho que ficar de olho. Ela está se tornando possessiva. Acabei de perceber hoje à noite que meu apartamento começa a lembrar o dela – uma bagunça. Preciso diminuir a bebida.

16 de julho – Alice conheceu Fay noite passada. Eu andava preocupado com o que aconteceria se elas se encontrassem. Alice veio me ver depois de descobrir sobre Algernon por meio de Burt. Ela sabe o que isso pode significar e ainda se sente responsável por, pra começo de conversa, ter me encorajado.

Tomamos café e conversamos até tarde. Eu sabia que Fay tinha saído para dançar no Stardust Ballroom, então não esperava que ela voltasse para casa tão cedo. Mas, por volta de 1h45 da manhã, fomos surpreendidos pela súbita aparição de Fay na saída de incêndio. Ela bateu no vidro, empurrou a janela parcialmente aberta e entrou valsando pela sala com uma garrafa na mão.

– Entrei de penetra – ela disse. – Trouxe minha própria bebida.

Eu contara a Fay sobre Alice trabalhar no projeto na universidade e havia mencionado Fay para Alice mais cedo, logo elas não estavam surpresas ao se encontrar. No entanto, depois de alguns segundos se analisando de cima a baixo, começaram a falar de arte e de mim, e, no que me envolvia, eu poderia estar em qualquer outro lugar no mundo. Elas gostaram uma da outra.

– Vou pegar o café – eu disse, e desapareci na cozinha para deixá-las sozinhas.

Quando voltei, Fay havia tirado os sapatos e estava sentada no chão, bebericando gim da garrafa. Ela explicava para Alice que, até onde sabia, não tinha nada mais valioso ao corpo humano que banhos de sol e que colônias naturistas eram a resposta para os problemas morais do mundo.

Alice ria histericamente da sugestão de Fay de todos nós nos juntarmos a uma colônia naturista e se inclinou, aceitando um drinque que Fay serviu para ela.

Nós nos sentamos e conversamos até o alvorecer, e insisti em levar Alice em casa. Quando ela protestou que não seria necessário, Fay insistiu que ela seria uma maluca de sair à noite na cidade àquela hora. Então nós descemos e

chamamos um táxi.

– Tem alguma coisa nela... – disse Alice a caminho de casa. – Não sei o que é. Sua franqueza, sua confiança súbita, seu altruísmo...

Concordei.

– E ela te ama – afirmou Alice.

– Não. Ela ama todo mundo... – insisti. – Eu sou só o vizinho de corredor.

– Você não está apaixonado por ela?

Balancei a cabeça.

– Você é a única mulher que já amei.

– Não vamos falar disso.

– Assim você me tira uma fonte importante de assunto...

– A única coisa que me preocupa, Charlie, é a bebida. Eu já ouvi sobre algumas dessas ressacas...

– Diga a Burt que guarde suas observações e relatórios em relação aos dados experimentais. Não vou permitir que ele envenene sua mente contra mim. Consigo lidar com a bebida.

– Já ouvi essa antes.

– Mas nunca de mim.

– Essa é a única coisa que tenho contra ela – Alice afirmou. – Ela faz você beber e interfere em seu trabalho.

– Consigo lidar com isso também.

– O trabalho é importante agora, Charlie. Não apenas para o mundo e para milhões de pessoas anônimas, mas pra você. Charlie, você tem que resolver essa coisa pra si mesmo também. Não deixe ninguém atar suas mãos.

– Então, agora vem a verdade – provoquei. – Você gostaria que eu a visse menos.

– Não foi o que eu disse.

– É o que quis dizer. Se ela interfere em meu trabalho, nós dois sabemos que preciso tirá-la da minha vida.

– Não... Eu não acho que você deveria tirar Fay da sua vida. Ela é boa com você. Você precisa de uma mulher que esteja por perto, como ela.

– Você seria boa comigo.

Ela virou o rosto.

– Não do jeito que ela é.

Alice me olhou de volta:

– Eu vim aqui hoje preparada pra odiá-la. Eu queria vê-la como a vadia estúpida e perversa com quem você tinha se envolvido, e eu tinha grandes planos de me colocar entre vocês dois e salvar você dela, mesmo contra sua vontade. Mas agora que eu a conheci, percebo que não tenho direito de julgar seu comportamento. Eu acho que ela é boa com você. Então isso realmente tira um peso das minhas costas. Gosto dela mesmo desaprovando. Mas, apesar disso, se você precisa beber com ela e passar todo o tempo em que estão juntos dançando em discotecas e cabarés, então ela está te atrapalhando. E esse é um problema que só você pode resolver.

– Mais um? – eu ri.

– Acha que consegue lidar com esse? Você está profundamente envolvido com ela. Consigo ver.

– Não tão profundamente.

– Você já contou a ela sobre você?

– Não.

Ela relaxou, quase imperceptivelmente. Ao manter esse segredo sobre mim mesmo, eu de alguma maneira não havia me comprometido com Fay completamente. Nós dois sabíamos que não importava quão incrível ela fosse, Fay jamais entenderia.

– Eu precisava dela – declarei –, e, de certa forma, ela precisava de mim, e, com um morando na frente do outro, ora, isso era muito prático, só isso. Mas eu não chamaria isso de amor, não é a mesma coisa que existe entre nós.

Ela baixou os olhos para as mãos e franziu a testa.

– Não tenho certeza do que existe entre nós.

– Alguma coisa tão profunda e significativa que o Charlie dentro de mim fica apavorado sempre que há qualquer possibilidade de eu fazer amor com você.

– E não com ela?

Dei de ombros:

– É assim que sei que não é importante com ela. Não significa o suficiente para Charlie entrar em pânico.

– Ótimo! – ela riu. – E irônico demais. Quando você fala dele dessa maneira, eu o odeio por se colocar entre nós. Você acha que algum dia ele vai deixar você... deixar a gente...

– Não sei. Espero que sim.

Eu a deixei na porta. Nós trocamos um aperto de mãos e, ainda assim, estranhamente, foi muito mais próximo e íntimo do que um abraço seria.

Fui para casa e fiz amor com Fay, mas continuei pensando em Alice.

27 de julho – Trabalho sem parar. Sob os protestos de Fay, pedi que instalassem uma cama de armar no laboratório. Ela se tornou muito possessiva e ressentida com meu trabalho. Acho que ela poderia tolerar outra mulher, mas não essa completa absorção em algo que não pode seguir. Eu tinha medo de que resultasse nisso, mas não tenho paciência para ela agora. Fico enciumado de cada momento fora do trabalho, impaciente com qualquer um que tente roubar meu tempo.

Apesar de a maior parte do meu tempo de escrita ser dedicado a anotações que guardo em uma pasta separada, de tempos em tempos preciso anotar meus estados de espírito e pensamentos por força do hábito.

O cálculo da inteligência é um estudo fascinante. De certa maneira, esse é o problema com o qual me envolvi a vida inteira. Aqui é o lugar para aplicar todo o conhecimento que adquiri.

O tempo assume outra dimensão agora – trabalho e absorção na busca por uma resposta. O mundo ao meu redor e meu passado parecem distantes e distorcidos, como se o tempo e o espaço fossem caramelo sendo esticado, enrolado e retorcido para um tamanho fora do original. As únicas coisas reais são as gaiolas, os ratos e o equipamento de laboratório aqui no quarto andar do prédio principal.

Não há noite ou dia. Tenho de amontoar uma vida inteira de pesquisa em apenas algumas semanas. Sei que deveria descansar, mas não consigo até saber a verdade sobre o que está acontecendo.

Alice é de muita ajuda agora. Ela me traz sanduíches e café, mas não pede nada em troca.

Sobre minha percepção: tudo está nítido, cada sensação aumentada e clara, de maneira que os vermelhos, amarelos e azuis brilham. Dormir aqui tem um efeito estranho. Os odores dos animais de laboratório, cachorros, macacos, ratos, me jogam para dentro de memórias, e é difícil saber se estou experimentando uma sensação nova ou me lembrando do passado. É impossível descobrir qual proporção é memória e o que existe aqui e agora, então uma mistura estranha de memória e realidade é composta; passado e presente; resposta a estímulos armazenados em meus centros neurológicos e resposta a estímulos neste cômodo. É como se tudo que aprendi se fundisse em um universo de cristal que gira à minha frente para que consiga ver todas as facetas disso refletidas em incríveis explosões de luz...

Há um macaco sentado no centro de sua gaiola, encarando-me com olhos sonolentos, esfregando as bochechas com mãozinhas enrugadas de velho... *xi*... *xiii*... *xiiiii*... e ricocheteando pelas barras da jaula, até o balanço na parte superior, onde o outro macaco se senta encarando estupidamente o vazio. Urinando, defecando, soltando gases, encarando e rindo... *xiiii*... *xiiiiii*... *xiiiii*...

E, lançando-se por tudo, pulando, saltando, para cima e para baixo, ele se balança e tenta agarrar a cauda do outro macaco, mas o que está na barra a afasta para longe, sem agitação, para fora do seu alcance. Macaco bonzinho... Macaco bonitinho... com olhos grandes e uma cauda balançando. Posso dar um amendoim para ele? Não, o homem briga. Aquela placa diz não alimente os animais. Isso é um chimpanzé. Posso fazer carinho nele? Não. Quero fazer carinho no chi-pá-zé. Deixa pra lá, vem ver os elefantes.

Lá fora, multidões de pessoas iluminadas e brilhantes estão vestidas para a primavera.

Algernon está deitado em sua própria sujeira, imóvel, e os odores são mais fortes que nunca. E o que sobra para mim?

28 de julho – Fay tem um novo namorado. Fui para casa ontem à noite para ficar com ela. Primeiro fui ao meu quarto pegar uma garrafa e depois fui até a saída de incêndio. Mas, por sorte, olhei antes de entrar. Estavam juntos no sofá. Estranho, não me importo de verdade. É quase um alívio.

Voltei para o laboratório a fim de trabalhar com Algernon. Ele tem momentos fora de sua letargia. Periodicamente, corre por um labirinto inconstante, mas, quando falha e se encontra em um beco sem saída, reage violentamente. Quando cheguei ao laboratório, olhei para dentro. Ele estava alerta e veio até mim como se me conhecesse. Ele estava disposto a trabalhar e, quando o passei pela portinhola para a malha de arame do labirinto, ele se moveu velozmente pelos caminhos possíveis até a caixa de recompensas. Duas vezes atravessou o labirinto com sucesso. Na terceira vez, chegou à metade, pausou em uma interseção e então, com um estremecimento, virou para o lado errado. Eu conseguia ver o que estava prestes a acontecer e queria pegá-lo e tirá-lo dali antes que ele acabasse em um beco sem saída. Mas me contive e assisti.

Quando ele percebeu que andava por um caminho estranho, diminuiu a velocidade, e suas ações se tornaram erráticas; começava, pausava, andava para trás, virava-se e depois seguia em frente, até que finalmente chegou ao *cul-de-sac*, que lhe informou que errara com um leve choque. Nesse ponto, em vez de se virar para procurar uma rota alternativa, ele começou a se mover em círculos, guinchando, como quando a agulha de um fonógrafo risca entre as ranhuras. Jogou-se contra as paredes do labirinto de novo e de novo, saltando para cima, retorcendo-se para trás e caindo, depois se jogando mais uma vez. Duas vezes ele prendeu as patas na tela metálica, ganindo descontroladamente, soltando e tentando de novo, em desespero. Então parou e se enrolou na forma de uma bolinha apertada.

Quando o peguei, ele não tentou se desenrolar, mas permaneceu naquele estado de estupor catatônico. Quando eu movia sua cabeça ou partes do corpo, elas ficavam como cera. Coloquei-o de volta na jaula e o observei até que o estupor passasse e ele começasse a se mover normalmente.

O que me frustra é a razão para essa regressão: seria um caso especial? Uma reação isolada? Ou existe algum princípio de falha geral básico a todo o procedimento? Tenho de descobrir a regra.

Se conseguir desvendar isso e se acrescentar, nem que seja uma coisa mínima, de informação para o que quer que tenha sido descoberto sobre retardo mental e a possibilidade de ajudar outros como eu, estarei satisfeito. O que quer que aconteça comigo, terei vivido mil vidas normais com os anos que adicionar aos que não nasceram ainda.

Já chega.

31 de julho – Estou quase lá. Eu sinto. Todos eles pensam que estou me matando nesse ritmo, mas o que não entendem é que estou vivendo em um pico de claridade e beleza que nunca soube que existia. Cada parte de mim está afinada para o trabalho. Eu o absorvo nos meus poros durante o dia e à noite – nos momentos antes de pegar no sono –, ideias explodem na minha cabeça como fogos de artifício. Não há alegria maior do que a solução para um problema.

Incrível que alguma coisa poderia acontecer e tirar essa energia borbulhante, o entusiasmo que preenche tudo que faço. É como se todo o conhecimento que absorvi durante os meses passados houvesse amalgamado e me erguido para um auge de luz e entendimento. Isso é beleza, amor e verdade, tudo unido em um só. Isso é alegria. E agora que a descobri, como posso abandoná-la? Vida e trabalho são as coisas mais maravilhosas que um homem pode ter. Estou apaixonado pelo que faço, porque a resposta para esse problema está bem aqui na minha mente e em breve – muito em breve – vai explodir na consciência. Deixe-me resolver esse problema. Rezo para Deus que seja a resposta que quero, mas, se não for, aceito qualquer resposta e tentarei ser grato pelo que recebi.

O novo namorado de Fay é um professor de dança do Stardust Ballroom. Não consigo culpá-la de fato, já que tenho tão pouco tempo para estar com ela.

11 de agosto – Beco sem saída nos últimos dois dias. Nada. Virei para um lado errado em algum lugar, porque consigo respostas para muitas perguntas, mas não para a mais importante de todas: como a regressão de Algernon afeta a hipótese básica do experimento?

Felizmente, sei o bastante sobre os processos da mente para não deixar esse bloqueio me preocupar demais. Em vez de entrar em pânico e desistir (ou, ainda pior, forçar demais respostas que não virão), tenho que tirar minha cabeça do problema por um tempo e deixá-lo de molho. Fui o mais longe que consegui em um nível consciente, e agora é a vez dessas operações misteriosas abaixo do nível de consciência. É uma dessas coisas inexplicáveis, como tudo que aprendi e experimentei é trazido para pesar no problema. Forçar demais vai apenas congelar as coisas. Quantos grandes problemas permaneceram sem solução

porque os homens não sabiam o suficiente, ou não tinham fé suficiente no processo criativo e neles mesmos, a fim de libertar a mente *inteira* para trabalhar nisso?

Então decidi ontem à tarde deixar o trabalho de lado por um tempo e ir ao coquetel da sra. Nemur. Era em honra aos dois homens no comitê da Fundação Welberg que haviam sido essenciais para conseguir a bolsa para seu marido. Eu planejara levar Fay, mas ela disse que tinha um encontro e preferia sair para dançar.

Comecei a noite com todas as intenções de ser agradável e fazer amigos. Mas ultimamente tenho problemas em me relacionar com pessoas. Não sei se sou eu ou elas, mas qualquer tentativa de conversa geralmente murcha em um minuto ou dois, e as barreiras são erguidas. Será que é por terem medo de mim? Ou é porque, bem no fundo, não se importam e eu me sinto da mesma maneira?

Tomei uma bebida e vaguei pelo salão. Havia pequenos círculos de pessoas sentadas em grupos de conversas, do tipo ao qual acho impossível me juntar. Finalmente, a sra. Nemur me acuou e me apresentou a Hyram Harvey, um dos membros do conselho. A sra. Nemur é uma mulher atraente, no começo dos 40 anos, cabelo loiro, muita maquiagem e longas unhas vermelhas. Estava de braços dados com Harvey.

– Como está indo sua pesquisa? – ela quis saber.

– Tão bem quanto se pode esperar. Estou tentando solucionar um problema difícil agora.

Ela acendeu um cigarro e sorriu para mim.

– Sei que todo mundo no projeto está grato por você decidir contribuir e ajudar. Mas imagino que preferiria muito mais estar trabalhando em algo só seu. Deve ser bastante maçante assumir o trabalho de alguém em vez de algo que você mesmo idealizou e criou.

Ela estava mordaz, pode acreditar. Ela não queria que Hyram Harvey esquecesse que seu marido tinha todo o crédito. Não resisti a rebater sua fala.

– Ninguém realmente começa algo novo, sra. Nemur. Todo mundo constrói em cima das falhas de outros homens. Não existe nada original de verdade na ciência. A contribuição de cada homem à soma de conhecimento é o que conta.

– É claro – ela concordou, falando mais com seu convidado idoso do que

comigo. – É uma pena que o sr. Gordon não estivesse por perto mais cedo para ajudar a resolver alguns desses probleminhas finais. – Ela riu. – Mas então, ah, eu me esqueci, você não estava em condições de fazer experimentação psicológica.

Harvey riu, e achei que era melhor ficar em silêncio. Bertha Nemur não me deixaria ficar com a última palavra, e, se as coisas esquentassem mais, eu ficaria realmente agressivo.

Vi o dr. Strauss e Burt falando com o outro homem da Fundação Welberg, George Raynor. Strauss dizia:

– O problema, sr. Raynor, é conseguir fundos suficientes para trabalhar em projetos como esse sem ter amarras ligadas ao dinheiro. Quando valores são destinados a propósitos específicos, não conseguimos realmente operar.

Raynor balançou a cabeça e acenou um grande charuto no pequeno grupo em torno deles.

– O problema real é convencer o comitê de que esse tipo de pesquisa tem valor prático.

Strauss balançou a cabeça.

– O que estou tentando dizer é que esse dinheiro é dirigido para pesquisa. Ninguém consegue saber de antemão se um projeto resultará em algo útil. Resultados são frequentemente negativos. Aprendemos o que algo não é; para o homem que assumir a partir daí, isso é tão importante quanto uma descoberta positiva. Pelo menos ele sabe o que não fazer.

Ao me aproximar do grupo, notei a esposa de Raynor, a quem eu fora apresentado mais cedo. Ela era uma mulher linda de cabelos escuros, com cerca de 30 anos. Encarava-me, ou pelo menos o topo da minha cabeça, como se esperasse que algo brotasse dali. Encarei de volta, e ela ficou desconfortável e se virou para o dr. Strauss.

– Mas e esse projeto atual? Vocês esperam usar essas técnicas em outros retardados? Isso é algo que o mundo conseguirá usar?

Strauss deu de ombros e apontou com a cabeça para mim:

– Ainda é muito cedo para dizer. Seu marido nos ajudou a colocar Charlie trabalhando no projeto, e muito disso ainda depende das soluções que ele

descobrir.

– É claro – acrescentou o sr. Raynor –, todos nós entendemos a necessidade de pesquisa *pura* em áreas como as suas. Mas seria um grande favor à nossa imagem se conseguíssemos produzir um método realmente prático de atingir resultados permanentes fora do laboratório, se pudéssemos mostrar ao mundo que existe um bem tangível saindo disso.

Comecei a falar, mas Strauss, que devia ter sentido o que eu diria, se ergueu e colocou o braço em meu ombro.

– Todos nós em Beekman sentimos que o trabalho que Charlie está fazendo é de máxima importância. Sua função agora é encontrar a verdade, não importa para onde ela leve. Nós deixamos a cargo de sua fundação lidar com o público, educar a sociedade.

Ele sorriu para os Raynors e me guiou para longe deles.

– Isso – falei – não é de maneira alguma o que eu ia dizer.

– Não achei que fosse – ele sussurrou, segurando meu ombro. – Mas eu podia ver pelo brilho dos seus olhos que você estava prestes a cortar todos em pedacinhos. E eu não podia permitir isso, podia?

– Acho que não – concordei, servindo-me de outro Martini.

– É uma boa ideia beber tanto?

– Não, mas estou tentando relaxar e pareço estar no lugar errado.

– Bom, vá com calma – ele advertiu – e não se meta em problemas hoje à noite. Essas pessoas não são bobas. Elas sabem como você se sente em relação a elas e, mesmo que você não precise delas, nós precisamos.

Fiz uma continência para ele:

– Vou tentar, mas é melhor você manter a sra. Raynor longe de mim. Eu vou atacar se encontrar aquele monstro de novo.

– Shiu! – ele sibilou. – Ela vai te ouvir.

– Shiu! – ecoei. – Desculpe. Vou ficar sentadinho num canto e me manter fora do caminho de todos.

A neblina começava a tomar conta de mim, mas através dela eu conseguia ver pessoas me encarando. Acho que eu falava comigo mesmo muito alto. Não me lembro do que disse. Um pouco depois, tive a sensação de que as pessoas

estavam indo embora inusitadamente cedo, mas não prestei muita atenção até Nemur se aproximar e parar na minha frente.

– Quem diabos você pensa que é para se comportar dessa maneira? Nunca vi tanta grosseria insuportável na minha vida.

Eu me levantei:

– Ué, por que você está falando essas coisas?

Strauss tentou segurá-lo, mas ele se sobressaltou e falou atabalhoadamente:

– Eu digo isso porque você não tem nenhuma gratidão ou compreensão da situação. Afinal de contas, tem uma dívida com essas pessoas, senão conosco, em mais de um aspecto.

– Desde quando um rato de laboratório deve ser grato? – gritei. – Eu servi aos seus propósitos e agora estou tentando resolver os erros de vocês, então como diabos isso me deixa endividado com essas pessoas?

Strauss começou a se mover para nos separar, mas Nemur o parou:

– Só um minuto. Quero ouvir. Acho que é hora de resolvermos isso.

– Ele bebeu demais – observou sua esposa.

– Não tanto assim – bufou ele. – Está falando bastante claramente. Eu aguentei muito dele. Ele pôs em risco, se não destruiu, na verdade, nosso trabalho, e agora quero ouvir da boca dele o que acha ser sua justificativa.

– Ah, esquece – eu disse. – Você não vai querer ouvir a verdade.

– Ah, eu quero sim, Charlie. Pelo menos a sua versão da verdade. Quero saber se você sente alguma gratidão por todas as coisas que foram feitas por você, as habilidades que desenvolveu, as coisas que aprendeu, as experiências que teve. Ou você acha que estava melhor antes?

– Em alguns pontos, sim.

Isso o chocou.

– Aprendi muito nos últimos meses – declarei. – Não apenas sobre Charlie Gordon, mas sobre a vida e as pessoas, e descobri que ninguém realmente se importa com Charlie Gordon, seja ele um imbecil ou um gênio. Então, que diferença faz?

– Ah – debochou Nemur. – Você está com pena de si mesmo. O que esperava? O experimento foi calculado para aumentar sua inteligência, não para

deixá-lo popular. Nós não tínhamos controle sobre o que aconteceria com a sua personalidade, e você se transformou de um jovem amável e retardado para um filho da mãe arrogante, autocentrado e antissocial.

– O problema, querido professor, é que você queria alguém que pudesse se tornar inteligente, mas continuasse numa jaula e fosse exibido, quando necessário, para colher as honras que você busca. O problema é que sou uma pessoa.

Ele estava bravo, e eu conseguia ver que se dividia entre acabar com a briga e tentar me nocautear mais uma vez.

– Você está sendo injusto, como sempre. Sabe que sempre o tratamos bem, fizemos tudo o que podíamos pra você.

– Tudo, exceto me tratar como um ser humano. Você se gabou várias e várias vezes de que eu não era nada antes do experimento, e eu sei por quê. Porque, se eu não era nada, então você foi responsável por me criar, e isso transforma você em meu senhor e mestre. Você se ressente por eu não mostrar minha gratidão a cada hora do dia. Ora, acredite se quiser, eu sou grato. Mas o que você fez por mim, incrível como pode ser, não lhe dá o direito de me tratar como um animal de laboratório. Sou um indivíduo agora, e Charlie também era antes de sequer entrar naquele laboratório. Você parece chocado! Sim, subitamente, nós descobrimos que eu sempre fui uma pessoa, inclusive antes, e isso desafia sua crença de que alguém com um Q.I. menor que 100 não merece sua consideração. Prof. Nemur, acho que, quando olha para sua consciência, isso incomoda você.

– Já ouvi o suficiente – ele surtou. – Você está bêbado.

– Ah, não – garanti. – Porque, se eu ficar bêbado, você verá um Charlie Gordon diferente daquele com que está acostumado. Sim, o outro Charlie que entrou na escuridão ainda está aqui conosco. Dentro de mim.

– Ele está maluco – disse a sra. Nemur. – Está falando como se houvesse dois Charlie Gordons. Você tem que cuidar dele, doutor.

O dr. Strauss balançou a cabeça:

– Não. Sei o que ele quer dizer. Surgiu recentemente nas sessões de terapia. Uma dissociação peculiar surgiu no último mês. Ele teve diversas experiências de se perceber como era antes do experimento, como um indivíduo separado e distinto ainda funcionando em sua consciência, como se o antigo Charlie

estivesse lutando pelo controle do corpo...

– Não! Eu nunca disse isso! Não lutando por controle. Charlie está aqui, tudo bem, mas não lutando comigo. Só esperando. Ele nunca tentou tomar conta ou me impedir de fazer algo que queria. – Então, eu me lembrei de Alice e mudei a frase. – Bom, quase nunca. O Charlie humilde e sem pretensões de que vocês tanto falaram agora há pouco está apenas esperando pacientemente. Admito que sou como ele de diversas maneiras, mas humildade e falta de pretensões não estão entre elas. Aprendi quão pouco essas qualidades trazem para uma pessoa neste mundo.

– Você se tornou cínico – disse Nemur. – É isso que essa oportunidade significou pra você. Sua genialidade destruiu a fé que tinha no mundo e nos outros homens.

– Isso não é completamente verdade – retruquei com suavidade. – Mas aprendi que apenas a inteligência não quer dizer porcaria nenhuma. Aqui na sua universidade, inteligência, educação, conhecimento, todas essas coisas viraram ídolos. Mas agora sei que existe algo que todos vocês negligenciaram: inteligência e educação sem doses de afeto humano não valem droga nenhuma.

Servi-me de outro Martini em um aparador próximo e continuei meu sermão.

– Não me entendam mal – eu disse. – Inteligência é um dos maiores presentes humanos. Mas muito frequentemente a busca por conhecimento exclui a busca por amor. Isso é outra coisa que eu mesmo descobri recentemente. Apresento a vocês como uma hipótese: inteligência sem a habilidade de dar ou receber afeto leva a um colapso mental e moral, para neurose, e possivelmente até para psicose. E digo que a mente absorvida e envolvida em si mesma como um fim autocentrado, a ponto de excluir relações humanas, só pode levar à violência e à dor. Quando eu era retardado, tinha muitos amigos. Agora não tenho ninguém. Oh, conheço várias pessoas. Várias e várias pessoas. Mas não tenho nenhum amigo de verdade. Não como costumava ter na padaria. Nenhum único amigo que signifique algo para mim, e ninguém para quem eu signifique algo. – Descobri que meu discurso estava se tornando arrastado, e sentia uma leveza na minha cabeça. – Isso não pode estar certo, pode? – Insisti. – Quer dizer, o que vocês acham? Vocês acham que... que está certo?

Strauss se aproximou e tomou meu braço.

– Charlie, talvez você deva se deitar um pouco. Você bebeu demais.

– Por que vocês todos estão me olhando assim? O que eu disse de errado? Eu disse algo de errado? Eu não quis dizer algo que não estivesse certo.

Ouvi as palavras engrossarem na minha boca, como se meu rosto tivesse sido injetado com novocaína por completo. Eu estava bêbado, completamente fora de controle. Naquele momento, quase com o apertar de um botão, eu assistia à cena da porta da sala de jantar e podia me ver como o outro Charlie, próximo do aparador, drinque nas mãos, olhos arregalados e assustado.

– Eu sempre tento fazer as coisas certas. Minha mãe sempre me ensinou a ser legal com as pessoas porque ela disse que desse jeito você não vai se meter em problemas e sempre vai ter muitos amigos.

Eu notei, pela maneira que Charlie se contraía e contorcia, que ele precisava ir ao banheiro. Ah, meu Deus, não ali na frente deles.

– Com licença, por favor – ele disse. – Tenho que ir... – De alguma maneira, naquele estupor bêbado, consegui afastá-lo deles e levá-lo até o banheiro.

Ele chegou a tempo e, depois de alguns segundos, eu estava de novo no controle. Apoiei minha bochecha na parede e lavei o rosto com água gelada. Continuava grogue, mas sabia que ia ficar bem.

Foi então que vi Charlie me assistindo do espelho atrás da pia. Não sei como eu sabia que era Charlie e não eu. Alguma coisa na expressão estúpida e curiosa em seu rosto. Seus olhos, arregalados e assustados, como se, com uma palavra minha, ele fosse se virar e sair correndo na dimensão do mundo espelhado. Mas ele não correu. Apenas me encarou de volta, boca aberta, mandíbula suspensa molemente.

– Olá – eu disse. – Então você finalmente decidiu me confrontar.

Ele franziu a testa só um pouquinho, como se não entendesse o que queria dizer, como se quisesse uma explicação, mas não soubesse pedir. Então, desistindo, deu um sorriso entortando o canto da boca.

– Fique bem aí na minha frente – gritei. – Estou exausto de me espiar de portas e cantos escuros onde não consigo alcançar você.

Ele me encarou.

– Quem é você, Charlie?

Nada além do sorriso.

Assenti com a cabeça, e ele assentiu de volta.

– Então o que você quer? – perguntei.

Ele deu de ombros.

– Ah, vamos lá – eu disse –, você deve querer algo. Está me seguindo...

Ele olhou para baixo, e eu olhei para minhas mãos a fim de ver o que ele estava mirando.

– Você quer isso de volta, não quer? Você me quer fora daqui para que você volte e assuma de onde parou. Não culpo você. É seu corpo e seu cérebro, e sua vida, mesmo que você não conseguisse fazer muito uso dela. Não tenho o direito de tirá-la de você. Ninguém tem. Quem pode dizer que minha luz é melhor que a sua escuridão? Quem pode dizer que a morte é melhor que a sua escuridão? Quem sou eu para dizer...? Mas vou dizer outra coisa para você, Charlie. – Eu me ergui e me afastei do espelho. – Não sou seu amigo. Sou seu inimigo. Não vou desistir da minha inteligência sem lutar. Não posso voltar para aquela caverna. *Eu* não tenho para onde ir agora, Charlie. Então você tem que ficar longe. Fique dentro do meu inconsciente onde você merece e pare de me seguir. Não vou desistir, não importa o que todos eles pensem. Não importa quão solitário seja. Vou ficar com o que me deram e fazer grandes coisas para o mundo e para outras pessoas como você.

Enquanto eu me virava para a porta, tive a impressão de que ele estendia a mão na minha direção. Mas a coisa toda era estúpida. Eu estava apenas bêbado e aquele era meu próprio reflexo no espelho.

Quando saí, Strauss queria me colocar num táxi, mas insisti que eu conseguiria chegar em casa bem. Tudo de que eu precisava era um pouco de ar fresco, e não queria que ninguém viesse comigo. Queria caminhar sozinho.

Eu estava me vendo como o que eu realmente me tornara, Nemur dissera. Eu era um filho da mãe arrogante e autocentrado. Ao contrário de Charlie, eu era incapaz de fazer amigos ou de pensar sobre as outras pessoas e seus problemas. Eu estava interessado em mim e em mim apenas. Por um longo momento no espelho, eu tinha me visto pelos olhos de Charlie; olhei para baixo, para mim mesmo, e vi o que eu realmente me tornara. E me envergonhei.

Horas depois, eu me encontrava em frente ao meu edifício e seguia pelas

escadarias e pelo corredor mal iluminado. Passando pelo apartamento de Fay, conseguia ver que havia uma luz acesa e comecei a me aproximar de sua porta. No entanto, assim que estava prestes a bater na porta, eu a ouvi rindo e um homem gargalhando em resposta.

Era tarde demais para aquilo.

Entrei no apartamento silenciosamente e parei ali por um instante no escuro, sem ousar me mover, sem ousar ligar as luzes. Apenas fiquei lá e senti o turbilhão em meus olhos.

O que aconteceu comigo? Por que estou tão sozinho no mundo?

4h30 – A solução me atingiu quando eu estava prestes a cair no sono. Iluminou-se! Tudo se encaixa, e vejo o que deveria ter sabido desde o começo. Chega de dormir. Tenho de voltar ao laboratório e testar isso com os resultados do computador. Isso, finalmente, é a falha no experimento. Eu a encontrei.

Agora o que resta de mim?

26 de agosto – Carta ao prof. Nemur (cópia)

Prezado prof. Nemur,

No envelope anexo, envio uma cópia do meu relatório intitulado "O efeito Algernon-Gordon: um estudo da estrutura e função de inteligência aumentada", que pode ser publicado se achar adequado.

Como sabe, meus experimentos estão completos. Incluí em meu relatório todas as minhas fórmulas, assim como as análises matemáticas dos dados no apêndice. É claro, elas devem ser conferidas.

Os resultados são transparentes. Os aspectos mais sensacionais de minha ascensão não podem obscurecer os fatos. As técnicas de cirurgia e injeção desenvolvidas por você e pelo dr. Strauss devem ser vistas como de pouca ou nenhuma aplicabilidade prática, no presente momento, para o aumento de inteligência humana.

Revisando os dados sobre Algernon: apesar de estar em juventude física, ele regrediu mentalmente. Atividade motora debilitada; redução geral de funcionamento glandular; perda acelerada de coordenação; e fortes indicativos

de amnésia progressiva.

Conforme demonstro em meu relatório, essas e outras síndromes de deterioração mental e física podem ser calculadas com resultados estatisticamente significativos com a aplicação de minha nova fórmula. Apesar de o estímulo físico ao qual nós dois fomos submetidos ter resultado em intensificação e aceleração de todos os processos mentais, a falha, a qual tomei a liberdade de chamar de "Efeito Algernon-Gordon", é a extensão lógica de todo o processo de aceleramento de inteligência. A hipótese aqui provada pode ser descrita da maneira mais simples nos termos a seguir:

INTELIGÊNCIA ARTIFICIALMENTE INDUZIDA DETERIORA EM UMA RAZÃO DE TEMPO DIRETAMENTE PROPORCIONAL À QUANTIDADE DO AUMENTO.

Enquanto eu puder escrever, vou continuar colocando meus pensamentos e ideias no papel, nestes relatórios de progresso. É um dos meus prazeres solitários e é certamente necessário à conclusão desta pesquisa. No entanto, dadas todas as indicações, minha própria deterioração mental será bastante rápida.

Verifiquei de novo e de novo meus dados uma série de vezes, na esperança de encontrar um erro, mas sinto informar que os resultados são válidos. Ainda assim, sinto-me grato pelo pouco que aqui acrescento ao conhecimento da função da mente humana e das leis que governam o aumento artificial de inteligência humana.

Na outra noite, o dr. Strauss dizia que uma falha experimental, a refutação de uma teoria, era tão importante para o avanço do aprendizado quanto um sucesso seria. Sei agora que isso é verdade. Sinto muito, no entanto, que minha própria contribuição ao campo descanse sobre as cinzas do trabalho desta equipe e especialmente daqueles que tanto fizeram por mim.

Sinceramente,
Charles Gordon

encaminhado: relatório
em cópia para: dr. Strauss

Fundação Welberg

1º de setembro – Não devo entrar em pânico. Logo haverá sinais de instabilidade emocional e esquecimento, os primeiros sintomas do esgotamento. Vou reconhecer isso em mim mesmo? Tudo o que posso fazer agora é seguir mantendo registro de meu estado mental o mais objetivamente possível, lembrando-me de que este diário psicológico será o primeiro de seu tipo, e possivelmente o último.

Na manhã de hoje, Nemur mandou Burt levar meu relatório e os dados estatísticos à Universidade de Hallston, para que alguns dos maiores especialistas no campo verifiquem meus resultados e a aplicação das fórmulas. Durante toda a semana passada fizeram Burt revisar meus experimentos e tabelas metodológicas. Eu realmente não deveria estar irritado com suas precauções. Afinal de contas, sou apenas um Charlie-que-chegou-agora, e é difícil para Nemur aceitar o fato de que meu trabalho esteja além dele. Ele começara a acreditar no mito de sua própria autoridade, e, afinal, sou um intruso na pesquisa.

Não me importo realmente com o que ele pensa, ou com o que qualquer um deles pensa, na verdade. Não há tempo. O trabalho está feito, os dados chegaram, e tudo o que resta é conferir se projetei corretamente a curva nos números de Algernon como uma previsão do que acontecerá comigo.

Alice chorou quando lhe dei as notícias. Depois saiu correndo. Preciso fazê-la entender que não há motivo para se sentir culpada por isso.

2 de setembro – Nada definitivo ainda. Movo-me no silêncio de uma luz branca e clara. Tudo em torno de mim aguarda. Sonho com ficar sozinho no topo de uma montanha, inspecionando a terra em torno de mim, verdes e amarelos, e o sol logo acima, transformando minha sombra em uma bolota compacta que segue minhas pernas. Conforme o sol baixa no céu de tarde, a sombra se descortina e se estende na direção do horizonte, longa e fina, e muito distante de mim...

Quero dizer aqui novamente o que já disse ao dr. Strauss. Ninguém tem culpa pelo que houve. Esse experimento foi preparado cuidadosamente,

extensivamente testado em animais e estatisticamente validado. Quando decidiram me usar como o primeiro teste humano, estavam razoavelmente certos de que não havia danos físicos envolvidos. Não havia maneira de prever as ciladas psicológicas. Não quero que ninguém sofra pelo que está acontecendo comigo.

A única pergunta é: a quanto posso me agarrar?

15 de setembro – Nemur diz que meus resultados foram confirmados. Quer dizer que a falha é central e põe toda a hipótese em dúvida. Em algum momento, talvez haja uma maneira de superar esse problema, mas essa hora não é agora. Recomendei que não se façam mais testes com seres humanos até que essas coisas sejam esclarecidas com pesquisa adicional em animais.

Pressinto que a linha de pesquisa mais bem-sucedida será a que for tomada por homens estudando desequilíbrio de enzimas. Como com muitas outras coisas, o tempo é um fator fundamental – velocidade em descobrir a deficiência e velocidade em administrar substitutos hormonais. Gostaria de ajudar nessa área de pesquisa e na busca por radioisótopos que sejam usados em controle cortical, mas sei que não terei tempo.

17 de setembro – Estou ficando distraído. Coloco coisas em lugares na minha escrivaninha ou nas gavetas do laboratório e, quando não consigo encontrá-las, perco a cabeça e fico furioso com todo mundo. Primeiros sinais?

Algernon morreu há dois dias. Eu o encontrei às 4h30 quando voltei para o laboratório depois de vagar pela beira-mar – deitado de lado, estendido no canto de sua gaiola. Como se estivesse correndo num sonho.

A dissecação revela que minhas previsões estavam certas. Comparado ao cérebro normal, o de Algernon tinha diminuído de peso e havia uma suavização geral dos enrolamentos neurológicos, além de aprofundamento e aumento de fissuras no cérebro.

É assustador pensar que a mesma coisa pode estar acontecendo comigo neste momento. Ver isso acontecer com Algernon torna o problema real. Pela primeira vez, sinto medo do futuro.

Coloquei o corpo de Algernon em um pequeno receptáculo de metal e o levei

para casa comigo. Eu não ia permitir que o despejassem no incinerador. É tolo e sentimental, mas ontem à noite, bem tarde, eu o enterrei no quintal. Chorei enquanto colocava um monte de flores selvagens sobre o túmulo.

21 de setembro – Vou para a rua Marks visitar minha mãe amanhã. Um sonho na noite passada foi o gatilho de uma sequência de memórias, acendeu toda uma seção do passado, e o mais importante é colocar tudo no papel rapidamente antes que me esqueça, porque pareço estar me esquecendo mais rápido das coisas agora. Tem a ver com minha mãe, e agora, mais do que nunca, quero entendê-la, saber como ela era e por que agia da maneira que agia. Não devo odiá-la.

Tenho que encontrar entendimento nela *antes* de vê-la para que eu não aja severa ou tolamente.

27 de setembro – Eu deveria ter anotado isso imediatamente, porque é importante deixar este registro completo.

Fui ver Rose três dias atrás. Finalmente, eu me forcei a pegar o carro de Burt emprestado outra vez. Estava com medo, mas ainda sabia que precisava ir.

A princípio, quando cheguei à rua Marks, pensei ter cometido um erro. Não era em nada do jeito que eu me lembrava dela. Era uma rua imunda. Terrenos vazios onde muitas das casas haviam sido demolidas. Na calçada, uma geladeira descartada com a parte da frente arrancada e, no meio-fio, um colchão velho com intestinos de mola saltando para fora de sua barriga. Algumas casas tinham janelas fechadas com tábuas de madeira, e outras mais pareciam cabanas remendadas do que lares. Estacionei o carro a uma quadra de distância da casa e caminhei.

Não havia crianças brincando na rua Marks, não como a imagem mental que eu trouxera comigo de crianças em todos os cantos, e Charlie as assistindo pela janela da frente (estranho que a maioria das minhas memórias da rua está emoldurada pela janela, comigo dentro de casa vendo as crianças brincarem). Agora havia apenas velhos em pé na sombra de varandas deterioradas.

Conforme me aproximei da casa, tive um segundo choque. Minha mãe estava na varanda da frente, usando um velho suéter marrom, lavando pelo lado de fora as janelas do térreo, mesmo estando frio e ventando. Ela sempre trabalhava para

mostrar aos vizinhos que boa esposa e mãe ela era.

A coisa mais importante sempre foi o que os outros pensavam – aparências acima dela mesma ou da família. E sentia-se honrada com isso. Mais de uma vez Matt insistira que o que os outros pensavam sobre você não era a única coisa na vida. Mas não adiantou. Norma tinha de se vestir bem; a casa tinha de ter bela mobília; Charlie tinha de ficar dentro de casa para que ninguém soubesse que havia algo de errado.

No portão, parei para observá-la se aprumar para respirar. Ver seu rosto me fez tremer, mas não era o mesmo rosto de que eu me esforçara tanto para lembrar. O cabelo se tornara branco e alisado a ferro, e a pele de suas bochechas magras estava enrugada. O suor fazia a testa brilhar. Ela me viu e encarou de volta.

Quis olhar para longe, virar-me e voltar pela rua, mas não poderia – não após ter chegado tão longe. Eu iria apenas pedir um endereço, fingindo que estava perdido em uma vizinhança estranha. Vê-la fora o suficiente. Mas tudo o que fiz foi ficar ali parado esperando que ela fizesse algo. E tudo que ela fez foi ficar em pé e me olhar.

– Você quer alguma coisa? – A voz, áspera, foi um eco inequívoco das profundezas da memória.

Abri a boca, mas nada saiu. Minha boca funcionava, eu sei, e tinha dificuldade de falar com ela, de deixar algo sair, porque naquele momento eu conseguia ver reconhecimento em seus olhos. Essa não era, de modo algum, a maneira como eu queria que ela me visse. Não imóvel na sua frente, obtusamente, incapaz de me fazer entender. Mas minha língua continuava se metendo no caminho, como uma grande obstrução, e minha boca estava seca.

Finalmente, algo saiu. Não o que eu pretendia (eu planejara algo tranquilizador e encorajante, para assumir controle da situação e apagar todo o passado e a dor com poucas palavras), mas tudo o que saiu da minha garganta apertada foi:

– Mããã...

Com todas as coisas que eu aprendera – em todos os idiomas que dominara –, tudo o que eu podia dizer a ela, parada na varanda me encarando era *Mãããã*. Como um cordeiro de boca seca pela teta.

Ela limpou a testa com o dorso da mão e franziu o cenho, como se não conseguisse me ver com clareza. Dei um passo à frente, passando o portão e indo para o jardim, e então no sentido dos degraus. Ela se afastou.

No início, não tive certeza se ela me reconheceu ou não, mas, então, suspirou:

– *Charlie...!*

Ela não gritou ou sussurrou. Simplesmente suspirou como alguém faria ao sair de um sonho.

– Ma... – Comecei a subir os degraus. – Sou eu...

Meu movimento a assustou, e ela deu passos para trás, derrubando um balde de água com sabão, e a espuma suja começou a escorrer pelos degraus.

– O que você está fazendo aqui?

– Só queria ver você... falar com você...

Minha língua continuava se metendo no caminho, então minha voz saía da garganta diferente, com um tom espesso e choroso, como eu poderia ter falado muito tempo atrás.

– Não vá embora – implorei. – Não fuja de mim.

Mas ela tinha entrado na antecâmara e trancado a porta. Um momento depois, eu conseguia vê-la me espiando de trás de uma fina cortina branca da janela da porta, os olhos aterrorizados. Atrás da janela, seus lábios se mexiam sem falar.

– Vá embora! Me deixe em paz!

Por quê? Quem era ela para me renegar dessa maneira? Com que direito ela me dava as costas?

– Deixe-me entrar! Quero falar com você! Deixe-me entrar! – Esmurrei a porta na altura do vidro com tanta força que rachou, e a rachadura se expandiu numa rede que prendeu minha pele por um instante e a segurou. Ela deve ter pensado que eu estava fora de mim e que viera machucá-la. Então soltou a porta da frente e saiu correndo em direção ao apartamento.

Empurrei de novo. O gancho cedeu e, despreparado para a súbita força, eu caí na antecâmara, desequilibrado. Minha mão sangrava por causa do vidro quebrado, e, sem saber o que mais fazer, coloquei minha mão no bolso para evitar que o sangue manchasse seu piso de linóleo recém-esfregado.

Entrei, passando pelas escadarias que tão repetidamente via em meus

pesadelos. Com frequência, eu havia sido perseguido por demônios naquela longa e estreita escada; eles agarravam minhas pernas e me puxavam para baixo até o porão, enquanto eu gritava sem voz, estrangulando a própria língua e amordaçado em silêncio. Como os garotos mudos em Warren.

As pessoas que moravam no segundo andar – nosso senhorio e senhoria, os Meyers – sempre foram gentis comigo. Eles me davam doces e me deixavam entrar, sentar na cozinha e brincar com o cachorro. Eu queria vê-los, mas, sem que me dissessem, eu sabia que estavam mortos e enterrados e que estranhos moravam no andar de cima. Aquela rota estava, agora, fechada para mim para sempre.

No final do corredor, a porta pela qual Rose escapara estava trancada, e por um momento parei, indeciso.

– Abra a porta.

A resposta foram os latidos agudos de um cachorro pequeno. Fui pego de surpresa.

– Tudo bem – eu disse. – Não pretendo machucar você nem nada assim, mas eu vim de muito longe e não vou embora sem falar com você. Se não abrir a porta, vou quebrá-la no meio.

Eu a ouvi dizer:

– Shhhh, Nappie... Aqui, você fica no quarto.

Um momento depois, ouvi o clique da fechadura. A porta abriu, e ela ficou parada me encarando.

– Mã – sussurrei. – Não vou fazer nada. Só quero falar com você. Você tem que entender, não sou o mesmo de antes. Eu mudei. Sou normal agora. Você não entende? Não sou mais retardado. Não sou um imbecil. Sou como qualquer pessoa. Sou normal, que nem você e Matt e Norma.

Tentei seguir falando, enrolando para que ela não fechasse a porta. Tentei contar-lhe a história inteira, de uma vez só.

– Eles me mudaram, fizeram uma cirurgia em mim e me deixaram diferente, do jeito que você sempre quis que eu fosse. Você não leu sobre isso nos jornais? Um novo experimento científico que muda sua capacidade para inteligência, e eu fui o primeiro em que o testaram. Você não consegue entender? Por que está me

olhando desse jeito? Sou inteligente agora, mais inteligente que Norma, ou tio Herman ou Matt. Sei coisas que até professores universitários não sabem. Fale comigo! Você pode ficar orgulhosa de mim e contar tudo para os vizinhos. Não precisa mais me esconder no porão quando tiver visita. Só fale comigo. Conte-me coisas, do jeito que fazia quando eu era um garotinho, é só o que quero. Não vou machucar você. Não odeio você. Mas tenho que saber sobre mim mesmo, para me entender antes que seja tarde demais. Você não entende? Eu não consigo ser uma pessoa completa se não puder me entender, e você é a única pessoa no mundo que pode me ajudar agora. Deixe-me entrar e sentar por um instante.

Era a maneira como eu falava em vez de o conteúdo que a hipnotizava. Ela ficou parada na porta e me olhava. Sem pensar, puxei minha mão sangrenta do bolso e cerrei o punho enquanto implorava. Quando ela viu, sua expressão se aliviou.

– Você se machucou... – Ela não sentia pena de mim, necessariamente. Era o tipo de coisa que ela teria sentido por um cachorro com a pata machucada, ou por um gato arranhado durante uma briga. Não era *porque* eu era o seu Charlie, mas *apesar* de eu sê-lo. – Entre e lave isso. Tenho umas bandagens e iodo.

Eu a segui até a pia rachada com o escorredor de louça sanfonado em que ela tinha tantas vezes lavado meu rosto e mãos depois de eu voltar do jardim, ou quando eu estava pronto para comer ou ir dormir. Ela me observou erguer as mangas:

– Você não devia ter quebrado a janela. O senhorio vai ficar irritado, e não tenho dinheiro pra pagar por ela. – Então, como se estivesse impaciente com o modo como eu me lavava, ela pegou o sabonete de mim e lavou minha mão. Enquanto fazia isso, concentrava-se tanto que me mantive em silêncio, com medo de quebrar o feitiço. Ocasionalmente, ela estalava a língua ou suspirava: – Charlie, Charlie, sempre se metendo em bagunça. Quando você vai aprender a se cuidar sozinho? – Ela voltava para 25 anos atrás, quando eu era seu pequeno Charlie e ela estava disposta a lutar pelo meu lugar no mundo.

Quando tinha lavado todo o sangue, ela secou minhas mãos com toalhas de papel. Então levantou o olhar para o meu rosto, e seus olhos se reviraram de medo:

– Ai, meu Deus! – ela arquejou e se afastou.

Comecei a falar novamente, doce e persuasivamente, para convencê-la de que nada estava errado e que eu não tinha más intenções. Mas, enquanto eu falava, conseguia ver que sua mente se afastava. Ela olhou para os lados vagamente, colocou a mão na boca enquanto grunhia e olhava de volta para mim.

– A casa está uma bagunça – ela disse. – Eu não esperava companhia. Olhe para essas janelas e aquelas carpintarias ali.

– Está tudo bem, mãe. Não se preocupe.

– Tenho que encerar esse chão de novo. Tem que ficar limpo. – Ela notou algumas marcas de dedos na porta e, pegando um pano, removeu-as com esfregões. Quando olhou para cima e me viu observando-a, ela franziu a testa. – Você está aqui por causa da conta de luz?

Antes que eu pudesse negar, ela sacudiu o dedo, ralhando:

– Eu vou enviar um cheque no primeiro dia do mês, mas meu marido está fora da cidade a negócios. Eu disse a eles todos que não precisam se preocupar com o dinheiro, porque minha filha vai ser paga esta semana e vamos conseguir dar um jeito em todas as contas. Então não precisa me incomodar por dinheiro.

– Ela é sua filha única? Você não tem outros filhos?

Ela começou, mas então seus olhos se distanciaram.

– Eu tinha um menino. Tão brilhante que todas as outras mães sentiam inveja dele. E então elas colocaram mau-olhado nele. Chamavam de Q.I., que diziam ser *Quociente de Inteligência*, mas eu sabia que queria dizer *Quanta Inveja*. Ele teria sido um grande homem, se não fosse por isso. Ele era muito esperto, *excepcional*, eles diziam. Ele podia ter sido um gênio... – Ela pegou uma escova de chão: – Agora, com licença. Tenho que aprontar as coisas. Minha filha vai trazer um jovem para jantar e preciso deixar este lugar limpo. – Ela se ajoelhou e começou a esfregar o chão já reluzente. Não ergueu os olhos de novo.

Ela, então, começou a murmurar para si mesma, e sentei-me à mesa da cozinha. Esperaria até ela sair do transe, até que me reconhecesse e entendesse quem eu era. Eu não poderia partir até que ela soubesse que eu era o seu Charlie. Alguém tinha de entender.

Então, ela começou a cantarolar tristemente sozinha, mas parou, seu pano de chão equilibrado no meio do caminho entre o balde e o chão, como se estivesse subitamente consciente de minha presença atrás dela. Virou-se, o rosto cansado e

os olhos cintilando, e empertigou a cabeça:

– Mas como pode ser? Não entendo. Me disseram que você nunca poderia ser mudado.

– Eles fizeram uma cirurgia em mim, e isso me mudou. Estou famoso agora. Falam de mim no mundo inteiro. Sou inteligente agora, mãe. Consigo ler e escrever e consigo...

– Graças a Deus – ela sussurrou. – Minhas orações, todos esses anos eu pensei que Ele não me ouvia, mas Ele me ouvia o tempo todo, apenas esperando Sua boa hora para fazer Sua vontade.

Ela esfregou o rosto no avental e, quando pus o braço em torno dela, ela chorou francamente em meu ombro. Toda a dor tinha sido lavada, e eu estava feliz de ter vindo.

– Tenho que contar a todos – ela disse, sorrindo –, todos aqueles professores na escola. Ah, espere pra ver a cara deles quando contar. E os vizinhos. E tio Herman, tenho que contar pro tio Herman. Vai ficar tão feliz. E espere até seu pai chegar em casa, e sua irmã! Ah, ela vai ficar tão feliz de ver você. Você não faz ideia.

Ela me abraçou, falando empolgadamente, fazendo planos para a nova vida que teríamos juntos. Não tive coragem de lembrá-la de que a maior parte dos meus professores da infância já tinha saído da escola, que os vizinhos haviam se mudado há muito tempo, que tio Herman morrera anos atrás e que meu pai a abandonara. O pesadelo de todos aqueles anos havia sido dor suficiente. Eu queria vê-la sorrindo e saber que fora eu quem a deixara feliz. Pela primeira vez em minha vida, eu havia colocado um sorriso em seus lábios.

Então, após um tempo, ela pausou pensativamente como se lembrasse de algo. Eu tinha a sensação de que sua mente estava prestes a vagar:

– Não! – gritei, assustando-a de volta para a realidade. – Espere, mãe! Tem mais uma coisa. Quero que você fique com uma coisa antes de eu ir.

– Ir? Você não pode ir embora agora.

– Tenho que ir, mãe. Tenho coisas a fazer. Mas vou escrever para você e vou lhe enviar dinheiro.

– Mas quando você vai voltar?

– Não sei ainda. Mas, antes de eu ir, quero que fique com isso.

– Uma revista?

– Não exatamente. É um relatório científico que escrevi. Muito técnico. Olhe, ele se chama *O efeito Algernon-Gordon*. Algo que descobri, e é parcialmente nomeado em minha homenagem. Quero que você guarde uma cópia do relatório para mostrar para as pessoas que seu filho, no fim das contas, acabou se tornando mais que um idiota.

Ela pegou o relatório e o olhou, em reverência:

– É... é o seu nome. Eu sabia que isso iria acontecer. Sempre disse que iria acontecer um dia. Tentei tudo que pude. Você era muito novo pra lembrar, mas eu tentei. Eu contei pra todo mundo que você iria para a universidade e se tornaria um profissional e deixaria uma marca no mundo. Eles riram, mas eu avisei.

Ela sorriu para mim entre lágrimas, e então, um momento depois, não estava olhando mais para mim. Pegou seu pano e começou a lavar a madeira em torno da porta da cozinha, cantarolando – mais alegremente, pensei –, como se em um sonho.

O cachorro começou a latir de novo. A porta da frente abriu e fechou, e uma voz avisou:

– Tudo bem, Nappie. Tudo bem, sou eu. – O cachorro pulava, empolgado, contra a porta do quarto.

Eu me sentia furioso por estar preso ali. Não queria ver Norma. Não tínhamos nada a dizer um para o outro, e eu não queria que minha visita fosse estragada. Não havia porta dos fundos. O único jeito seria sair pela janela que dava para o quintal e pular a cerca. Mas alguém poderia me confundir com um ladrão.

Quando ouvi a chave na porta, não sei por quê, sussurrei para minha mãe:

– Norma chegou. – Toquei seu braço, mas ela não me ouviu. Estava muito ocupada cantarolando enquanto lavava a madeira.

A porta se abriu. Norma me viu e franziu a testa. Ela não me reconheceu de início, estava escuro, e as luzes não tinham sido acesas. Ao deixar a sacola de compras que carregava, ela ligou a luz.

– Quem é você...?

Mas, antes que eu pudesse responder, sua mão cobriu a boca e ela apoiou as costas na porta.

– Charlie! – Ela disse da mesma maneira que minha mãe dissera, num suspiro. E ela tinha a aparência que minha mãe costumava ter: magra, traços acentuados, parecida com um pássaro, bonita. – Charlie! Meu Deus, que choque! Você poderia ter entrado em contato e me avisado. Você deveria ter ligado. Não sei o que dizer... – Ela olhou para minha mãe, sentada no chão perto da pia. – Ela está bem? Você não a assustou nem nada assim...

– Ela saiu um pouco da realidade. Nós conversamos.

– Fico feliz. Ela não se lembra de muito ultimamente. É a velhice, senilidade. O dr. Portman quer que eu a coloque em um asilo, mas não consigo. Não consigo pensar nela em uma dessas instituições. – Ela abriu a porta do quarto para soltar o cachorro, e, quando ele pulou e choramingou alegremente, ela o pegou do chão e o abraçou. – Eu simplesmente não consigo fazer isso com minha própria mãe. – Então ela sorriu para mim de maneira pouco firme. – Bom, que surpresa. Eu nunca sequer sonhei. Deixa eu olhar pra você. Eu nunca o teria reconhecido. Teria passado reto por você na rua. Tão diferente. – Ela suspirou. – Estou feliz em vê-lo, Charlie.

– Está mesmo? Não pensei que você quisesse me ver de novo.

– Oh, Charlie! – Ela tomou minhas mãos nas dela. – Não diga isso. *Estou* feliz em vê-lo. Tenho esperado por você. Não sabia quando, mas eu sabia que voltaria. Desde que li sobre sua fuga em Chicago. – Ela se afastou para me olhar. – Você não sabe quanto pensei em você e me perguntei por onde andava e o que estava fazendo. Até aquele professor vir aqui em... quando foi? Em março? Só sete meses atrás...? Eu não tinha ideia de que você estava vivo. Ela me disse que você tinha morrido em Warren. Eu acreditei nisso por todos esses anos. Quando me contaram que você estava vivo e precisavam de você para o experimento, eu não sabia o que fazer. O professor.... Nemur? É esse o nome dele? Ele não me deixava ver você. Ele tinha medo de incomodar você antes da operação. Mas, quando vi nos jornais que tinha funcionado e que você tinha se tornado um *gênio*, meu Deus! Você não sabe como me senti ao ler aquilo tudo. Contei para todas as pessoas no escritório – ela continuou – e para todas as garotas do clube de bridge. Eu mostrei pra elas sua foto no jornal e contei que você iria voltar

aqui para nos ver um dia. E você veio. Você realmente veio. Você não nos esqueceu.

Ela me abraçou de novo.

– Ah, Charlie. Charlie... É tão incrível descobrir, de repente, que tenho um irmão mais velho. Você não faz ideia. Sente, deixe-me preparar algo pra comer. Você tem que me contar quais são seus planos. Eu... eu não sei por onde começar a fazer perguntas. Devo soar ridícula, como uma garotinha que descobriu que o irmão é um herói ou uma estrela de cinema ou algo assim.

Eu estava confuso. Não tinha esperado um acolhimento assim de Norma. Nunca me ocorreu que todos esses anos sozinha com minha mãe poderiam mudá-la. E ainda assim, era inevitável. Ela não era mais a pirralha mimada das minhas memórias. Ela havia crescido, tornado-se acolhedora e compreensiva e afetiva.

Conversamos. Era irônico sentar ali com minha irmã, nós dois falando de minha mãe, que estava ao nosso lado na sala, como se ela não estivesse ali. Sempre que Norma se referia à vida delas juntas, eu espiava para ver se minha mãe estava escutando, mas ela estava mergulhada em seu próprio mundo, como se não entendesse nossa linguagem, como se nada daquilo lhe importasse mais. Ela flanava pela cozinha como um fantasma, pegando coisas, guardando outras, sem nunca ficar no caminho. Era assustador.

Observei Norma dar comida ao cachorro.

– Então você finalmente arranjou um. Nappie, diminutivo para Napoleão, não é?

Ela se aprumou e franziu as sobrancelhas:

– Como você sabe?

Expliquei minha lembrança: a vez que trouxera para casa a prova, esperando ganhar um cachorro, e como Matt proibira. Conforme contava, o franzido nas sobrancelhas se aprofundava.

– Eu não me lembro de nada disso. Ah, Charlie, eu era muito cruel com você?

– Há apenas uma lembrança sobre a qual tenho curiosidade. Não tenho muita certeza se é uma memória ou um sonho ou se simplesmente inventei tudo. Foi na

última vez que brincamos juntos como amigos. Estávamos no porão fazendo uma brincadeira com os quebra-luzes na cabeça, fingindo que éramos trabalhadores *coolies* chineses, pulando para cima e para baixo em um colchão velho. Você tinha 7 ou 8 anos, acho, e eu tinha cerca de 13. E, na minha memória, você pulou para fora do colchão e bateu a cabeça na parede. Não foi forte, só uma batida, mas mamãe e papai desceram correndo porque você estava gritando e disse que eu estava tentando matá-la. Ela culpou Matt por não ficar de olho em mim, por nos deixar juntos sozinhos, e me bateu com uma cinta até que eu ficasse quase inconsciente. Você se lembra disso? Isso realmente aconteceu assim?

Norma estava fascinada com minha descrição da memória, como se houvesse despertado imagens dormentes.

– É tudo tão vago. Sabe, eu pensava que isso era um sonho meu. Eu me lembro de nós com a parte de cima de abajures na cabeça, pulando pra cima e pra baixo nos colchões. – Ela olhou para fora da janela. – Eu odiava você porque eles ficavam nervosos por *sua* causa o tempo todo. Nunca batiam em você por não fazer a tarefa de casa direito, ou por não trazer as melhores notas pra casa. Você faltava às aulas na maior parte do tempo e ficava jogando joguinhos, e eu tinha que ir pras aulas difíceis na escola. Ah, como eu odiava você. Na escola, as crianças rabiscavam desenhos no quadro-negro, um garoto com um tampão de burro na cabeça, e escreviam *Irmão da Norma* embaixo. E rabiscavam coisas no chão do pátio da escola: *Irmã do imbecil* e *A Estúpida Família Gordon*. Daí um dia, não fui convidada para a festa de Emily Raskins, e eu sabia que era por sua causa. Então, quando nós estávamos brincando ali no porão com aqueles abajures, eu tinha que ficar quite. – Ela começou a chorar. – Então eu menti e disse que você tinha me machucado. Ah, Charlie, como fui idiota, que menininha mimada. Estou tão envergonhada...

– Não se culpe. Deve ter sido difícil encarar as outras crianças. Para mim, esta cozinha e aquele quarto ali eram o meu mundo. O resto não importava enquanto fosse seguro. Você tinha de encarar o resto do mundo.

– Por que mandaram você pra longe, Charlie? Por que você não pôde ficar aqui morando conosco? Eu sempre me perguntei isso. Quando eu perguntava à mamãe, ela dizia que era pro seu próprio bem.

– De certa forma, ela estava certa.

Norma balançou a cabeça:

– Ela mandou você pra longe por *minha* causa, não foi? Oh, Charlie, por que foi assim? Por que tudo isso aconteceu conosco?

Eu não sabia o que dizer a ela. Eu queria poder dizer que, como a Casa de Atreu ou de Cadmo, nós estávamos sofrendo pelos pecados de nossos antepassados, ou concretizando os dizeres de um antigo oráculo grego. Mas eu não tinha respostas para ela, ou para mim mesmo.

– É passado – eu disse. – Estou feliz de ter encontrado você de novo. Facilita um pouco.

Ela agarrou meu braço de súbito.

– Charlie, você não sabe pelo que passei todos esses anos com ela. O apartamento, essa rua, meu emprego. Tudo tem sido um pesadelo, vir para casa todos os dias me perguntando se ela ainda vai estar aqui, se ela se machucou, culpada por pensar sobre coisas assim.

Eu me levantei e a deixei descansar em meu ombro, e ela chorou.

– Oh, Charlie. Estou tão feliz por você ter voltado. Nós precisávamos de alguém. Estou tão cansada...

Eu sonhara com um momento assim, mas, agora que eu estava ali, que bem ele fazia? Eu não podia dizer a ela o que iria acontecer comigo. E, ainda assim, seria certo aceitar seu afeto sob pretensões falsas? Por que mentir para mim mesmo? Se eu ainda fosse o Charlie antigo, fraco de mente e dependente, ela não teria falado comigo da mesma maneira. Então que direito eu tinha a isso agora? Minha máscara logo cairia.

– Não chore, Norma. Vai ficar tudo bem. – Eu me ouvi falando banalidades tranquilizantes. – Vou tentar cuidar de vocês duas. Tenho um pouco de dinheiro guardado, e, com o que a Fundação tem me pagado, vou conseguir lhes enviar algum dinheiro regularmente, pelo menos por um tempo.

– Mas você não pode ir embora! Você tem que ficar conosco agora...

– Eu tenho que viajar, fazer pesquisa, algumas palestras, mas vou tentar voltar para visitar vocês. Cuide dela. Ela passou por muita coisa. Vou ajudar por quanto tempo puder.

– Charlie! Não, não vá! – Ela se agarrou em mim. – Estou com medo!

O papel que eu sempre quisera ter: o irmão maior.

Naquele momento, senti que Rose, que estivera silenciosamente sentada em um canto, nos observava. Alguma coisa em seu rosto mudara. Seus olhos estavam imensos, e ela se inclinou para a ponta da cadeira. Tudo em que eu conseguia pensar era em um falcão pronto para atacar violentamente.

Empurrei Norma para longe de mim, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Rose estava em pé. Ela havia tomado a faca de cozinha da mesa e a apontava para mim:

– O que você está fazendo com ela? Saia de perto dela! Eu disse o que iria fazer se eu pegasse você encostando em um fio de cabelo da sua irmã! Cabeça poluída! Você não pode ficar com gente normal!

Nós dois saltamos para trás e, por algum motivo insano, eu me senti culpado, como se capturado em flagrante, e eu sabia que Norma se sentia da mesma maneira. Era como se a acusação de minha mãe concretizasse aquilo, que nós dois estávamos fazendo algo obsceno.

Norma gritou para ela:

– Mãe! Largue a faca!

Ver Rose ali de pé com a faca me trouxe de volta a imagem da noite em que ela forçara Matt a me levar embora. Ela estava vivendo aqui agora. Eu não podia falar ou me mover. A náusea tomou conta de mim, a tensão sufocante, o zunido nos ouvidos, meu estômago se embrulhando e esticando como se quisesse ser arrancado do meu corpo.

Ela tinha uma faca, Alice tinha uma faca, meu pai tinha uma faca, o dr. Strauss tinha uma faca...

Felizmente, Norma teve a presença de espírito de tirar a faca dela, mas não conseguia apagar o medo dos olhos de Rose enquanto ela gritava comigo:

– Tire ele daqui! Ele não tem direito de olhar pra irmã com sexo na cabeça!

Rose gritou e afundou de volta na cadeira, chorando.

Eu não sabia o que dizer, e nem Norma. Nós dois estávamos envergonhados. Agora ela sabia por que eu tinha sido mandado embora.

Eu me perguntei se algum dia fizera algo que justificasse o medo da minha

mãe. Não havia tais memórias, mas como eu poderia ter certeza se não havia pensamentos terríveis reprimidos por trás das barreiras de minha consciência torturada? Nas passagens seladas, além dos becos sem saída, que eu jamais veria. Possivelmente jamais saberei. Qualquer que seja a verdade, não devo odiar Rose por proteger Norma. Devo entender a maneira como ela viu isso. A não ser que eu lhe perdoe, não terei nada.

Norma tremia.

– Vá com calma – eu disse. – Ela não sabe o que está fazendo. Não era comigo que ela estava brava. Era com o antigo Charlie. Ela tinha medo do que *ele* poderia fazer com você. Não posso culpá-la por querer proteger você. Mas não precisamos pensar nisso agora, porque ele foi embora para sempre, não foi?

Ela não estava me escutando. Havia uma expressão sonhadora em seu rosto:

– Acabei de ter uma dessas experiências estranhas em que alguma coisa acontece e você tem a sensação de que sabe que vai acontecer, como se tudo tivesse acontecido antes, exatamente da mesma maneira, e você assiste tudo acontecer de novo...

– Uma experiência muito comum.

Ela balançou a cabeça:

– Agorinha mesmo, quando eu a vi com aquela faca, foi como um sonho que tive há muito tempo.

Qual era a utilidade de lhe dizer que ela estivera, sem dúvida, acordada naquela noite quando criança e tinha visto a coisa toda do quarto? Que isso estivera reprimido e retorcido até o ponto de ela imaginar como uma fantasia? Não havia motivo para sobrecarregá-la com a verdade. Ela teria tristeza suficiente com minha mãe nos dias a seguir. Eu tomaria de boa vontade o fardo e a dor de suas mãos, mas não havia sentido em começar algo que não conseguiria terminar. Eu teria meu próprio sofrimento com o qual viver. Não havia como impedir as areias do conhecimento de deslizarem pela ampulheta da minha mente.

– Tenho que ir agora – eu disse. – Cuide-se e cuide dela. – Apertei sua mão. Quando saí, Napoleão latiu para mim.

Segurei o máximo que pude, mas, quando cheguei à rua, foi impossível. É difícil escrever isso, mas as pessoas se viraram para me olhar enquanto eu

caminhava de volta para o carro, chorando como uma criança. Eu não conseguia evitar e não me importava.

Conforme caminhava, as palavras ridículas batucavam em minha cabeça várias e várias vezes, atingindo o ritmo de um zumbido:

Três ratos cegos... três ratos cegos.
Como correm! Como correm!
Atrás da mulher do agricultor,
que lhes cortou as caudas, que dor!
Alguma vez se viu algo assim,
como três... ratos... cegos?

Tentei silenciar isso de meus ouvidos, mas não consegui, e, uma vez que olhei para a casa e para a varanda, vi o rosto de um garoto me encarando, a bochecha contra o vidro da janela.

RELATÓRIO DE PROGRESSO 17

3 de outubro – Declínio. Pensamentos suicidas para interromper tudo agora, enquanto ainda estou no controle e consciente do mundo em torno de mim. Mas então penso em Charlie, esperando na janela. Não tenho o direito de jogar sua vida fora. Eu apenas a peguei emprestada por um tempo, e agora estão me pedindo para devolvê-la.

Tenho que me lembrar que sou a única pessoa com quem isso aconteceu. Enquanto eu viver, preciso seguir anotando meus pensamentos e sentimentos. Esses relatórios de progresso são a contribuição de Charlie Gordon à humanidade.

Estou ficando impaciente e irritado. Tenho discutido com pessoas no prédio por tocar som alto tarde da noite. Tenho feito muito isso desde que parei de tocar piano. Não é certo deixar ligado o dia inteiro, mas faço isso para me manter acordado. Sei que deveria dormir, mas cobiço cada segundo de tempo acordado. Não é apenas por causa dos pesadelos; é porque tenho medo de me perder.

Digo a mim mesmo que haverá tempo suficiente para dormir mais tarde,

quando escurecer.

O sr. Vernon, do apartamento de baixo, não costumava reclamar nunca, mas agora está sempre batendo no encanamento ou no teto de seu apartamento para que eu ouça as batidas sob meus pés. Eu o ignorei a princípio, mas ontem à noite ele veio usando um robe. Nós discutimos, e eu bati a porta na cara dele. Uma hora depois ele voltou com um policial, que disse que eu não poderia tocar discos tão alto às 4h. O sorriso no rosto do sr. Vernon me enraiveceu tanto que a única coisa que eu podia fazer para não bater nele seria ouvir música de novo. Quando foram embora, quebrei todos os discos e a máquina. Eu tenho me enganado, de qualquer forma. Na verdade, não gosto mais daquele tipo de música.

4 de outubro – A sessão de terapia mais estranha que já tive. Strauss estava chateado. Era algo que ele também não esperava.

O que aconteceu – eu não ouso chamar de lembrança – foi uma experiência psicótica ou alucinação. Não vou tentar explicar ou interpretar, mas apenas registrar o que houve.

Eu estava irritado quando entrei no escritório dele, mas ele fingiu não notar. Eu me deitei no divã imediatamente, e Strauss, como de costume, sentou no assento um pouco atrás – só o suficiente para ficar fora de vista – e esperou que eu começasse o ritual de despejar todos os venenos acumulados da minha mente.

Espiei-o por cima do ombro. Ele parecia cansado, fraco e, de alguma forma, lembrava Matt, sentado em sua cadeira de barbeiro esperando por clientes. Contei a Strauss da associação, e ele assentiu e aguardou.

– *Você* está esperando por clientes? – perguntei. – Você deveria mandar fazer este divã igual a uma cadeira de barbeiro. Daí, quando quisesse livre associação, poderia esticar o paciente como um barbeiro faz para colocar espuma de barbear no cliente, e depois, quando os cinquenta minutos acabassem, você poderia girar a cadeira para a frente de novo e entregar-lhe um espelho para ele ver a própria aparência exterior depois de você barbear o ego dele.

Ele não disse nada, e, mesmo me sentindo envergonhado pela maneira como o estava tratando, eu não conseguia parar.

– Então seu paciente poderia vir a cada sessão e dizer “Vamos tirar um pouco

da ansiedade nas laterais, por favor” ou “Não apare demais o superego, se não se importar”, ou ele poderia ainda vir para fazer uma esconda do ego, quer dizer, uma *escova do ego*. Ahá! Você reparou nesse ato falho? Pode anotar aí. Eu disse que queria uma *esconda de ego* em vez de uma *escova de ego*. *Esconda... Escova...* são próximos, não são? Será que significa que quero que escovem meus pecados para longe? Alguma relação com renascer? Será um simbolismo para batismo? Ou estamos barbeando muito rente? Será que um *idiota* tem um *id*?

Esperei por uma reação, mas ele apenas se mexeu em sua cadeira.

– Você está acordado? – perguntei.

– Estou ouvindo, Charlie.

– Apenas ouvindo? Você nunca fica bravo?

– Por que você quer que eu fique bravo com você?

Suspirei.

– O imperturbável Strauss: impassível. Vou dizer uma coisa para você. Estou podre de cansado de vir aqui. Qual é o sentido de terapia agora? Você sabe tão bem quanto eu o que vai acontecer.

– Mas acho que você não quer parar – ele disse. – Você quer seguir com a terapia, não quer?

– É idiota. Um desperdício do meu tempo e do seu.

Fiquei deitado sob a luz difusa e encarei os padrões formados pelos quadrados no teto... tijolos que absorvem som como milhares de buraquinhos absorvendo cada palavra. Som enterrado vivo nos pequenos buracos do teto.

Eu percebi que começava a ficar tonto. Minha mente estava em branco, e isso é estranho porque, durante sessões de terapia, eu sempre tinha uma boa dose de material para trazer e analisar. Sonhos... memórias... associações... problemas... Mas agora eu me sentia isolado e vazio.

Apenas o imperturbável Strauss respirando atrás de mim.

– Eu me sinto estranho – confessei.

– Quer falar a respeito?

Ah, que brilhante, que sutil ele era! Que diabos eu estava fazendo ali, então, tendo minhas associações absorvidas por buraquinhos no teto e grandes buracos

no meu terapeuta?

– Não sei se quero falar a respeito – respondi. – Eu me sinto excepcionalmente hostil em relação a você hoje. – E então contei a ele sobre o que estava pensando.

Sem vê-lo, conseguia saber que ele assentia com a cabeça para si mesmo.

– É difícil explicar – eu disse. – Uma sensação que já tive uma ou duas vezes, um pouco antes de desmaiar. Uma tontura... tudo parece intenso... mas meu corpo se sente frio e dormente...

– Prossiga. – Sua voz tinha uma ponta de empolgação. – O que mais?

– Não consigo mais sentir meu corpo. Estou dormente. Tenho a sensação de que Charlie está próximo. Meus olhos estão abertos, tenho certeza disso, não estão?

– Sim, bem abertos.

– Mas ainda assim eu vejo um brilho branco-azulado vir das paredes e do teto se juntando em uma bola de luz difusa. Agora está suspensa no meio do ar. Luz... se forçando para dentro dos meus olhos... e meu cérebro... Tudo no quarto está inflamado... Tenho a sensação de flutuar... ou melhor, de *expandir* para cima e para fora... e ainda assim, sem olhar para baixo, sei que meu corpo continua aqui no sofá...

Isso é uma alucinação?

– Charlie, você está bem?

Ou as coisas descritas pelos místicos?

Ouço a voz dele, mas não quero responder. O fato de ele estar ali me irrita. Preciso ignorá-lo. Ser passivo e deixar isso, o que quer que seja, me preencher com luz e me absorver em mim mesmo.

– O que você está vendo, Charlie? Qual é o problema?

Para cima, movendo-me, como uma folha em uma corrente de ar quente. Acelerando, os átomos do meu corpo se chocando uns contra os outros. Eu me torno mais leve, menos denso e maior... maior... explodindo na direção do sol. Sou um universo em expansão, nadando para cima em um oceano silencioso. Pequeno a princípio, cercado pelo meu corpo, o quarto, o edifício, a cidade, o

país, até saber que, se olhar para baixo, verei minha sombra obscurecendo a Terra.

Leve e insensível. À deriva, expandindo pelo tempo e espaço.

E então, quando sei que estou prestes a perfurar a casca da existência, como um peixe voador saltando para fora do oceano, sinto um puxão vindo de baixo.

Ele me irrita. Quero afastá-lo com uma sacudidela. À beira de me misturar com o universo, ouço os sussurros em torno dos cumes de consciência. E aquele puxão tão leve me prende ao mundo finito e mortal abaixo.

Lentamente, como ondas recuam, meu espírito em expansão se encolhe de volta para dimensões terrenas: não voluntariamente, porque eu preferiria me perder, mas sou puxado, de volta para mim mesmo, para dentro de mim, então por apenas um momento estou de volta no sofá, encaixando os dedos da minha consciência na luva do meu corpo. E eu sei que, se quiser, posso mover esse dedo ou piscar aquele olho. Mas não quero me mover. Não vou me mover!

Espero, e me mantenho aberto, passivo, para o que quer que essa experiência queira dizer. Charlie não quer que eu perfure a cortina superior da mente. Charlie não quer saber o que o aguarda além.

Ele teme ver Deus?

Ou não ver nada?

Enquanto estou deitado aguardando, passa o momento durante o qual *sou* eu mesmo *dentro* de mim mesmo, e de novo perco toda a percepção de corpo ou sensações. Charlie está me trazendo de volta para mim mesmo. Fito o interior do meu olho vidrado no ponto vermelho que se transforma em uma flor de múltiplas pétalas – a flor cintilante, que rodopia e reluz e que se encontra profundamente no centro do meu inconsciente.

Estou encolhendo. Não no sentido dos átomos de meu corpo se tornando mais próximos e mais densos, mas numa fusão – os átomos do meu *eu* se fundem em um microcosmo. Haverá um grande calor e luz insuportável – o inferno dentro do inferno –, mas não olho para a luz, apenas para a flor, que *não* se multiplica, *não* se divide dos muitos para apenas um. E por um instante a flor cintilante se torna um disco dourado rodopiando em uma corda, e então uma bolha de diversos arco-íris em espiral, e finalmente estou de volta à caverna onde tudo é silencioso e escuro e nado pelo labirinto molhado à procura de um para me

receber... me envolver... me absorver... dentro de *si*.

Que eu possa começar.

No centro, vejo a luz novamente, uma abertura na mais escura das cavernas, agora minúscula e distante – através do lado errado de um telescópio –, brilhante, cegante, cintilante, e mais uma vez a flor de múltiplas pétalas (lótus em torvelinho, que flutua próxima da entrada do inconsciente). Na entrada daquela caverna, vou descobrir a resposta, se ousar voltar e mergulhar na gruta de luz além.

Ainda não!

Sinto medo. Não da vida ou da morte ou do nada, mas de desperdiçá-la como se eu nunca tivesse existido. Conforme me dirijo à abertura, sinto a pressão em torno de mim, me propelindo em movimentos violentos como ondas no sentido da boca da caverna.

É muito pequeno! Não consigo passar!

E subitamente sou arremessado contra as paredes, de novo e de novo, e forçado pela abertura de onde a luz ameaça arrebentar meus olhos. Novamente, sei que vou perfurar a casca para dentro daquela luz divina. Mais do que consigo aguentar. Dor como nunca senti, e frio, e náusea, e o imenso zunido na minha cabeça batendo como mil asas. Abro os olhos, cego pela luz intensa. E me debato no ar e tremo e grito.

Saí disso sob a insistência de uma mão me chacoalhando agitadamente. Dr. Strauss.

– Graças a Deus – ele disse quando olhei em seus olhos. – Você me deixou preocupado.

Balancei a cabeça.

– Estou bem.

– Acho que terminamos por hoje.

Eu me levantei e vacilei enquanto recuperava o controle. O quarto parecia muito pequeno.

– Não só hoje – eu disse. – Não acho que deveríamos ter mais sessões. Não quero ver mais nada.

Ele estava chateado, mas não tentou me dissuadir. Peguei meu chapéu e casaco e parti.

E agora as palavras de Platão riem de mim nas sombras das saliências atrás das chamas:

– ... os homens da caverna diriam que sua ascensão lhe causara a ruína da vista...

5 de outubro – Sentar para digitar esses relatórios é difícil, e não consigo pensar com o gravador ligado. Fico adiando isso na maior parte do dia, mas sei quão importante é, e tenho de fazê-lo. Eu disse a mim mesmo que não jantarei até me sentar e escrever alguma coisa – qualquer coisa.

O prof. Nemur mandou me procurarem novamente esta manhã. Ele me queria no laboratório para alguns testes, do tipo que eu costumava fazer. De início, imaginei que era justo, porque ainda estavam me pagando, e é importante manter o registro completo, mas, quando cheguei a Beekman e passei por tudo com Burt, eu sabia que seria demais para mim.

Primeiro foi o labirinto de papel e lápis. Eu me lembrei de como era antes, quando aprendi a resolvê-lo rapidamente, e então quando competi com Algernon. Eu conseguia notar que estava demorando muito mais tempo para resolver o labirinto agora. Burt estendeu a mão para pegar o papel, mas, em vez disso, eu o rasguei e joguei os pedacinhos no lixo.

– Chega. Cansei de correr pelo labirinto. Estou em um beco sem saída agora, e é só isso que existe.

Ele estava com medo de que eu ficasse exausto, então me acalmou.

– Está tudo bem, Charlie. Só vá com calma.

– O que você quer dizer com “vá com calma”? Você não sabe como é.

– Não, mas consigo imaginar. Todos nós nos sentimos muito mal por causa disso.

– Pode guardar a pena. Só me deixem em paz.

Burt estava constrangido, e então percebi que não era culpa dele, e que eu estava sendo cruel.

– Desculpa por explodir – eu disse. – Como estão as coisas? Conseguiu

terminar sua tese?

Ele assentiu.

– Mandei datilografar agora. Vou obter meu PhD em fevereiro.

– Bom garoto. – Eu lhe dei um tapinha no ombro para mostrar que não estava bravo com ele. – Continue pesquisando. Nada como a educação. Olhe, esqueça o que eu disse antes. Vou fazer qualquer outra coisa que você quiser. Só chega de labirintos, só isso.

– Bom, Nemur quer um novo Rorschach.

– Para ver o que está acontecendo nas profundezas? O que ele espera encontrar?

Eu devo ter parecido chateado, porque ele começou a se afastar.

– Não precisamos fazer. Você está aqui voluntariamente. Se não quiser...

– Está tudo bem. Vá em frente. Dê as cartas. Mas não me conte o que descobrir.

Ele não precisou.

Eu conhecia o suficiente sobre o teste de Rorschach para saber que não era o que você via nas cartas que contava, mas como reagia a elas. Como inteiros ou partes, com movimento ou apenas imagens estáticas, com atenção especial a partes coloridas ou ignorando-as, com muitas ideias ou apenas algumas respostas estereotipadas.

– Não é válido – falei. – Sei o que você está procurando. Sei o tipo de respostas que deveria ter, para criar certa imagem do que é minha mente. Tudo que tenho que fazer é...

Ele olhou para mim, esperando.

– Tudo que tenho que fazer é...

Mas então o fato de eu não me lembrar o que tinha que fazer me atingiu como um soco no rosto. Era como se eu estivesse olhando para a coisa toda com clareza no quadro-negro da minha mente, mas, quando me aproximava para ler, parte dela tinha sido apagada, e o resto não fazia sentido.

No começo, eu me recusei a acreditar. Passei pelas cartas em pânico, tão rápido que estava sufocando nas palavras. Queria separar e rasgar as manchas de tinta para fazer com que se revelassem. Em algum lugar daquelas manchas de

tinta, havia respostas que eu sabia pouco tempo atrás. Não realmente nas manchas de tinta, mas na parte da mente que lhes dava forma e significado e projetava minha impressão nelas.

E eu não conseguia fazer. Eu não conseguia me lembrar do que tinha que dizer. Tudo desapareceu.

– Isso é uma mulher... – eu disse – ... de joelhos, lavando o chão. Quer dizer, não, é um homem segurando uma faca. – E, mesmo enquanto eu dizia, eu sabia o que estava dizendo e mudava de resposta para começar de outra forma. – Duas sombras fazendo cabo de guerra com algo... como uma boneca... E cada uma está puxando para um lado, então parece que vão rasgá-la ao meio e... não! Quer dizer, são dois rostos se encarando pela janela e...

Eu empurrei as cartas para fora da mesa e me levantei.

– Chega de testes. Não quero fazer nenhum outro teste.

– Tudo bem, Charlie. Vamos parar por hoje.

– Não só por hoje. Não vou mais voltar aqui. O que quer que tenha sobrado de mim que vocês precisem, podem conseguir com os relatórios de progresso. Cansei de correr pelos labirintos. Não sou mais uma cobaia. Já fiz o suficiente. Quero ficar sozinho agora.

– Tudo bem, Charlie. Eu entendo.

– Não, você não entende porque não está acontecendo com você, e ninguém consegue me entender. Eu não o culpo. Você tem seu trabalho para fazer, seu PhD para conseguir, e, ah, sim, não me diga, eu sei que você está nisso puramente por amor à humanidade, mas ainda tem sua vida para viver e nós não calhamos de estar no mesmo nível. Passei pelo seu andar quando subia e agora estou passando quando desço, e não acho que vou pegar esse elevador outra vez. Então vamos apenas nos despedir aqui e agora.

– Você não acha que deveria falar com o doutor...

– Diga adeus para todos por mim, por favor? Não tenho vontade de encarar nenhum deles de novo.

Antes que ele dissesse mais alguma coisa ou me parasse, eu tinha saído do laboratório e pegado o elevador para o térreo e rumo à saída de Beekman pela última vez.

7 de outubro – Strauss tentou me ver de novo esta manhã, mas eu não abri a porta. Quero ficar sozinho agora.

É uma sensação estranha pegar um livro que você leu e apreciou apenas alguns meses atrás e descobrir que não se lembra dele. Eu me lembro de como achava Milton maravilhoso. Quando peguei *Paraíso perdido*, apenas conseguia me lembrar de que era sobre Adão e Eva e a Árvore do Conhecimento, mas não consegui ligar os pontos.

Eu me levantei e fechei os olhos e vi Charlie – eu mesmo – com 6 ou 7 anos de idade, sentado à mesa de jantar com um livro escolar, aprendendo a ler, repetindo as palavras de novo e de novo, com minha mãe sentada ao lado dele, ao meu lado...

– Tente de novo.

– *Veja Jack. Veja Jack correr. Veja Jack ver*.

– Não! Não *Veja* Jack *ver*! É *Corra*, Jack, *corra*! – Ela apontava com o dedo áspero de tanto esfregar.

– *Veja Jack. Veja Jack correr. Corra Jack ver*.

– Não! Você não está tentando. Faça de novo!

Faça de novo... Faça de novo... Faça de novo...

– Deixe o garoto em paz. Você deixa ele aterrorizado.

– Ele tem que aprender. Ele é muito preguiçoso pra se concentrar.

Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra...

– Ele é mais lento que as outras crianças. Dê um pouco de tempo.

– Ele é normal. Não tem nada de errado com ele. Só preguiça. Vou enfiar na cabeça dele até aprender.

Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra... Corra, Jack, corra...

E então, erguendo os olhos da mesa, parece que eu me vi, através dos olhos de Charlie, segurando *Paraíso perdido*, e percebi que estava pressionando a encadernação com as duas mãos, como se quisesse rasgar o livro ao meio. Rasguei a lombada, arranquei uma meia dúzia de páginas e atirei as folhas e o

livro pela sala, no canto onde estavam os discos quebrados. Deixei ficarem lá e suas línguas brancas riam de mim porque eu não conseguia entender o que diziam.

Tenho que tentar guardar algumas das coisas que aprendi. Por favor, Deus, não me tire tudo.

10 de outubro – Normalmente, à noite, saio para caminhadas, vago pela cidade. Não sei por quê. Para ver rostos, eu acho. Noite passada, não consegui me lembrar de onde morava. Um policial me levou para casa. Tenho a estranha sensação de que tudo isso já me aconteceu antes – há muito tempo. Não quero pôr isso no papel, mas sigo me lembrando de que sou o único no mundo que pode descrever o que acontece quando tudo vai embora.

Em vez de caminhar, eu flutuava pelo espaço, não claro ou nítido, mas com uma camada cinza sobre tudo. Eu sei o que está acontecendo comigo, mas não há nada que eu possa fazer. Eu caminho, ou apenas fico em pé na calçada, e vejo as pessoas passando. Algumas delas olham para mim, e algumas não, mas ninguém me diz nada, exceto uma noite em que um homem veio me perguntar se eu queria uma garota. Ele me levou a um lugar. Ele queria 10 dólares antes, e eu dei para ele, mas ele nunca voltou.

Então eu me lembrei do idiota que fui.

11 de outubro – Quando entrei em meu apartamento na manhã de hoje, encontrei Alice nele, adormecida no sofá. Tudo estava arrumado, e inicialmente pensei estar no apartamento errado, até que vi que ela não tinha tocado nos discos quebrados ou nos livros rasgados ou na partitura no canto do quarto. O chão rangeu, e ela acordou e me olhou.

– Oi – ela riu. – Que coruja.

– Não uma coruja. Mais como um dodô. Um dodô idiota. Como você entrou aqui?

– Pela saída de incêndio. Apartamento de Fay. Eu liguei pra ela pra saber sobre você, e ela disse que estava preocupada. Ela diz que você tem agido de um jeito estranho, criando confusão. Então, decidi que era hora de fazer uma visita. Eu ajeitei um pouco as coisas. Não achei que fosse se importar.

– Eu me importo... muito. Não quero ninguém vindo aqui, sentindo pena de mim.

Ela foi até o espelho pentear os cabelos.

– Não estou aqui porque sinto pena de você. É porque sinto pena de mim.

– O que isso quer dizer?

– Não tem significado. – Ela deu de ombros. – Apenas é. Como um poema. Queria ver você.

– Não seria melhor ir ao zoológico?

– Ah, para com isso, Charlie. Não seja espertinho. Esperei por tempo demais você ir me buscar. Decidi eu mesma vir buscar você.

– Por quê?

– Porque ainda há tempo. E quero passá-lo com você.

– Isso é uma música?

– Charlie, não ria de mim.

– Não estou rindo. Mas não posso me dar ao luxo de passar o tempo com alguém, mal resta tempo para mim.

– Não acredito que você queira ficar completamente sozinho.

– Quero.

– Nós passamos um pouco de tempo juntos antes de perdermos contato. Tínhamos coisas pra falar e fazer juntos. Não durou muito tempo, mas foi algo. Olha, nós sabíamos que isso poderia acontecer. Não era segredo. Não fui embora, Charlie, apenas estive esperando. Você está mais ou menos no meu nível agora, não está?

Eu esbravejei pelo apartamento.

– Mas isso é loucura. Não tem nada para esperarmos do futuro. Eu não ouso me permitir pensar no futuro, apenas no passado. Em alguns meses, semanas, dias, quem diabos sabe? Eu voltarei para Warren. Você não pode me seguir até lá.

– Não – ela admitiu –, e provavelmente nem vou visitar você lá. Uma vez que estiver em Warren, farei meu melhor para esquecer você. Não vou mentir sobre isso. Mas, até você ir, não há motivo para nenhum de nós estar sozinho.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela me beijou. Eu esperei, enquanto ela se sentava ao meu lado no sofá, descansando a cabeça no meu peito, mas o pânico não veio. Alice era uma mulher, mas talvez agora Charlie entendesse que ela não era sua mãe ou irmã.

Com o alívio de saber que tinha evitado uma crise, suspirei por não haver nada para me deter. Não era hora para medo ou fingimento, porque eu nunca poderia ser dessa maneira com qualquer outra pessoa. Todas as barreiras tinham sumido. Eu havia desenrolado a linha que ela me dera e encontrei o caminho para a saída do labirinto, onde ela me esperava. Eu a amava com mais do que o meu corpo.

Eu não finjo entender o mistério do amor, mas dessa vez foi mais do que sexo, mais do que usar o corpo de uma mulher. Foi ser erguido da terra, além do medo e da tormenta, ser parte de algo maior do que eu mesmo. Fui levantado da cela escura de minha própria mente para me tornar parte de outra pessoa – assim como eu tinha experimentado naquele dia no divã da terapia. Foi o primeiro passo para a frente no universo – além do universo –, porque nele e com ele nós nos fundimos para recriar e perpetuar o espírito humano. Expandindo e irrompendo para fora, e contraindo e modelando-se para dentro, isso era o ritmo de ser – da respiração, dos batimentos cardíacos, do dia e da noite –, e o ritmo de nossos corpos lançou um eco em minha mente. Era dessa maneira que havia sido no passado naquela estranha visão. As trevas cinzentas ergueram-se de minha mente, e através delas a luz perfurou em direção ao meu cérebro (que estranho que luz fosse capaz de cegar!), e meu corpo foi absorvido de volta em um grande oceano de espaço, lavado sob um esquisito batismo. Meu corpo estremeceu em doação, e o corpo de Alice estremeceu em aceitação.

Foi dessa maneira que amamos, até a noite se tornar um dia silencioso. E, enquanto me deitava lá com ela, conseguia ver quão importante o amor físico era, quão necessário era para nós estarmos nos braços um do outro, dando e recebendo. O universo explodia, cada partícula distante da outra, lançando-nos violentamente para o espaço escuro e solitário, eternamente nos separando um do outro – criança para fora do útero, amigo longe de amigo, mudando-se para lugares distantes, cada um com seu próprio caminho rumo à caixa de recompensas da morte solitária.

Mas esse era o contraponto, o ato de prender e segurar. Como quando

homens, para não serem jogados para fora do navio durante a tempestade, dão as mãos para evitar a destruição em pedacinhos, nossos corpos amalgamaram uma ligação na cadeia humana que nos impediu de ser varridos a um nada.

E, logo antes de pegar no sono, eu me lembrei da maneira como foi entre Fay e mim, e sorri. Não me espanta que tenha sido fácil. Tinha apenas sido físico. Isso com Alice era um mistério.

Eu me inclinei e beijei seus olhos.

Alice sabe tudo sobre mim agora e aceita o fato de que podemos ficar juntos por um curto período. Ela concordou em ir embora quando eu a mandar embora. É doloroso pensar assim, mas suspeito que o que temos é mais do que a maioria das pessoas encontra numa vida inteira.

14 de outubro – Acordo de manhã e não sei onde estou ou o que estou fazendo aqui, e então eu a vejo ao meu lado e me lembro. Ela pressente quando algo está acontecendo comigo e se move silenciosamente pelo apartamento, fazendo café da manhã, limpando a bagunça ou saindo e me deixando sozinho, sem nenhuma pergunta.

Nós fomos a um concerto no final da tarde de hoje, mas fiquei entediado e saímos no meio. Parece que não consigo mais prestar muita atenção. Eu fui porque sei que costumava gostar de Stravinsky, mas de alguma forma não tenho mais paciência para isso.

A única coisa ruim de ter Alice aqui comigo é que agora sinto que deveria lutar contra essa coisa. Quero parar o tempo, me congelar nesse nível e nunca a deixar.

17 de outubro – Por que não consigo me lembrar? Tenho que tentar e resistir a essa frouxidão. Alice me diz que fico na cama por dias, sem parecer saber quem sou ou onde estou. Então tudo volta, eu a reconheço e me lembro do que está acontecendo. Escapes de amnésia. Sintomas da segunda infância... como chamam? Senilidade? Eu consigo vê-la se aproximando.

Tudo tão cruelmente lógico, o resultado da aceleração de todos os processos da mente. Eu aprendi tanto tão rápido, e agora minha mente está deteriorando rapidamente. E se eu não deixasse acontecer? E se eu lutasse contra isso? Eu

penso naquelas pessoas de Warren, os sorrisos vazios, as expressões em branco, todos rindo deles.

Pequeno Charlie Gordon me encarando pela janela – esperando. Por favor, de novo não.

18 de outubro – Tenho esquecido coisas que aprendi recentemente. Parece estar seguindo o padrão clássico: as últimas coisas aprendidas são as primeiras esquecidas. É esse mesmo o padrão? Melhor procurar de novo.

Reli meu relatório sobre o efeito Algernon-Gordon e, mesmo que eu saiba que o escrevi, sigo sentindo que foi escrito por outra pessoa. A maior parte dele eu nem entendo.

Mas por que estou tão irritável? Especialmente quando Alice é tão boa comigo? Ela mantém o apartamento arrumado e limpo, sempre guardando minhas coisas e lavando louças e esfregando o piso. Eu não devia ter gritado com ela do jeito como gritei hoje pela manhã, porque a fez chorar, e eu não queria que isso acontecesse. Mas ela não devia ter pegado os discos quebrados e a música e o livro e colocado todos eles organizadamente numa caixa. Isso me enfureceu. Não quero que ninguém toque naquelas coisas. Quero vê-las se empilhando. Quero que elas me lembrem do que estou deixando pra trás. Chutei a caixa e espalhei as coisas por todo o chão e disse pra ela deixá-las exatamente onde estavam.

Tolo. Nenhum motivo pra isso. Acho que fiquei magoado por saber que ela pensava que era bobo guardar todas essas coisas, e ela não me contou que pensava que era bobo. Ela só fingiu que era perfeitamente normal. Ela está me agradando. E quando vi aquela caixa me lembrei do garoto em Warren e a base de lâmpada tosca que ele fez e o jeito como todos nós estávamos lhe agradando, fingindo que ele tinha feito algo incrível quando, na verdade, não tinha.

Era isso que ela fazia comigo, e eu não podia aguentar.

Então ela foi ao banheiro e chorou, e eu me senti mal a respeito disso e disse a ela que era tudo minha culpa. Eu não mereço alguém bom como ela. Por que não consigo me controlar só o suficiente pra seguir amando Alice? Só o suficiente.

19 de outubro – Atividade motora comprometida. Estou sempre tropeçando e deixando coisas caírem. De início, não pensei que fosse eu. Pensei que ela estivesse mudando o lugar das coisas. A lixeira estava no meu caminho, assim como as cadeiras, e eu pensei que ela as tinha mudado de lugar.

Agora percebo que minha coordenação está ruim. Tenho que me mover lentamente para acertar as coisas. E é cada vez mais difícil digitar. Por que sigo culpando Alice? E por que ela não discute? Isso me irrita ainda mais porque vejo a pena em seu rosto.

Meu único prazer agora é o aparelho televisor. Passo a maior parte do dia vendo os programas de perguntas e respostas, os filmes antigos, as novelas, e até os programas para criança com desenhos. E então não consigo me fazer desligar. Tarde da noite tem os filmes antigos, os filmes de terror, os programas de entrevistas, e então o pequeno sermão antes de o canal encerrar a programação e o hino nacional com a bandeira se agitando ao fundo, e finalmente o padrão de teste do canal que me encara de volta pela janelinha quadrada com seu olho que não fecha...

Por que estou sempre olhando pra vida por trás de uma janela?

E depois que tudo acaba fico enojado comigo mesmo porque há tão pouco tempo para ler e escrever e pensar e porque eu deveria ser mais consciente do que ficar drogando minha mente com essas coisas desonestas que miram na criança em mim. Especialmente eu, porque a criança em mim está reocupando minha mente.

Eu sei de tudo isso, mas, quando Alice diz que eu não deveria desperdiçar meu tempo, fico bravo e a mando me deixar em paz.

Tenho a sensação de que estou assistindo porque é importante para mim não pensar, não me lembrar da padaria, de minha mãe, de meu pai e de Norma. Não quero me lembrar de nada mais do passado.

Tive um choque terrível hoje. Peguei uma cópia de um artigo que usara na minha pesquisa, *Über Psychische Ganzheit*, de Krueger, para ver se me ajudaria a entender o artigo que escrevi e o que eu tinha feito nele. Pensei que havia algo de errado com meus olhos. Então percebi que não conseguia mais ler alemão. Me testei em outros idiomas. Todos foram embora.

21 de outubro – Alice partiu. Vamos ver se me lembro. Começou quando ela disse que a gente não poderia viver desse jeito com os livros rasgados e os artigos e os discos, tudo espalhado pelo chão e a casa inteira nessa bagunça.

– Deixe tudo do jeito que está – eu alertei.

– Por que você quer viver desse jeito?

– Quero tudo onde eu deixo. Quero ver tudo espalhado. Você não sabe como é ter algo que você não consegue ver ou controlar acontecendo dentro de você, e saber que está escapando por seus dedos.

– Você está certo. Eu nunca disse que conseguia entender as coisas que estavam acontecendo com você. Não quando você se tornou inteligente demais pra mim, e nem agora. Mas vou lhe dizer uma coisa. Antes de fazer a cirurgia, você não era assim. Você não afundava na própria sujeira e em pena de si mesmo, você não poluía a própria mente ficando sentado na frente da televisão dia e noite, você não rosnava e surtava com as pessoas. Tinha algo que nos fazia respeitar você, sim, mesmo como você era. Você tinha algo que eu nunca tinha visto em uma pessoa retardada antes.

– Eu não me arrependo do experimento.

– Eu também não, mas você perdeu algo que tinha antes. Você tinha um sorriso...

– Um sorriso estúpido e vazio.

– Não, um sorriso real e acolhedor, porque você queria que as pessoas gostassem de você.

– E elas pregavam peças em mim e riam de mim.

– Sim, mas, mesmo sem entender por que estavam rindo, você sentia que, se riam de você, elas iriam gostar de você. E você queria que gostassem de você. Você agia como uma criança e até mesmo ria de si mesmo junto com elas.

– Não sinto vontade de rir de mim mesmo neste momento, se você não se importar.

Ela estava tentando não chorar. Acho que eu queria fazê-la chorar.

– Talvez fosse por isso que para mim era tão importante aprender. Eu pensava que faria as pessoas gostarem de mim. Pensei que teria mais amigos. Isso é um motivo pra rir, não é?

– É mais complexo do que apenas ter um Q.I. alto.

Isso me deixou bravo. Provavelmente porque eu não entendia de fato aonde ela queria chegar. Cada vez com mais frequência ultimamente ela não era direta e não dizia exatamente o que queria dizer. Ela sugeria coisas. Ela as contornava e então esperava que eu soubesse o que ela estava pensando. E eu ouvia, fingindo que entendia, mas por dentro eu temia que ela enxergasse que eu não acompanhava a sequência completamente.

– Acho que é hora de você partir.

Seu rosto ficou vermelho.

– Ainda não, Charlie. Não está na hora ainda. Não me mande embora.

– Você está dificultando pra mim. Você segue fingindo que consigo fazer e entender coisas que estão muito além de mim agora. Você está me empurrando. Exatamente como a minha mãe...

– Isso não é verdade!

– Tudo que você faz diz isso. O jeito como você recolhe e limpa minhas coisas, o jeito como deixa livros por aí pensando que vou me interessar por ler de novo, o jeito como me fala do noticiário pra me fazer pensar. Você diz que não importa, mas tudo que faz mostra quanto importa. Sempre a professora. Eu não quero ir a concertos ou museus ou ver filmes estrangeiros ou fazer qualquer coisa que vá me fazer lutar pra pensar sobre a vida ou sobre mim mesmo.

– Charlie...

– Só me deixe em paz. Não sou eu mesmo. Estou me despedaçando e não quero você aqui.

Isso a fez chorar. Na tarde de hoje, ela arrumou as malas e foi embora. O apartamento parece silencioso e vazio agora.

25 de outubro – Deterioração progride. Desisti de usar a máquina de escrever. Coordenação está muito ruim. De agora em diante, vou ter que escrever esses relatórios à mão.

Pensei muito nas coisas que Alice disse, e então percebi que, se eu seguisse lendo e aprendendo coisas novas, mesmo enquanto estivesse esquecendo as antigas, eu conseguiria manter alguma inteligência. Eu estava em uma escada

rolante pra baixo agora. Se eu ficasse parado, iria direto pra baixo, mas, se eu começasse a subir a escada, talvez conseguisse ao menos ficar no mesmo lugar. O importante era seguir me movendo pra cima independentemente do que acontecesse.

Então fui à biblioteca e peguei muitos livros pra ler. Tenho lido muito agora. A maior parte dos livros é muito difícil pra mim, mas não me importo. Enquanto eu seguir lendo, vou aprender coisas novas e não vou esquecer como ler. Essa é a coisa mais importante. Se eu seguir lendo, talvez eu consiga me sustentar.

O dr. Strauss veio me visitar no dia depois que Alice foi embora, então acho que ela contou a ele sobre mim. Ele fingiu que tudo que queria eram os relatórios de progresso, mas eu lhe disse que os enviaria. Não quero que ele venha aqui. Eu disse a ele que não tem com o que se preocupar porque, quando eu achar que não vou conseguir mais tomar conta de mim mesmo, vou entrar num trem e ir pra Warren.

Eu disse a ele que preferia simplesmente ir sozinho quando a hora chegasse.

Tentei falar com Fay, mas consigo ver que ela sente medo de mim. Acho que ela imagina que enlouqueci. Noite passada ela veio pra casa com uma pessoa – ele parecia muito jovem.

Na manhã de hoje, a senhoria, sra. Mooney, veio com uma tigela de sopa de frango quente e um pouco de frango. Ela disse que apenas pensou em me visitar pra ver se estava tudo bem. Eu disse a ela que tinha muita comida pra comer, mas, mesmo assim, ela deixou a sopa, e estava boa. Ela fingiu que estava fazendo por vontade própria, mas eu ainda não sou tão burro assim. Alice ou Strauss devem ter avisado pra ela ficar de olho em mim e se certificar de que eu estava bem. Bom, isso não é problema. Ela é uma boa velhinha com um sotaque irlandês e gosta de falar tudo sobre as pessoas no prédio. Quando ela viu a bagunça no chão dentro do meu apartamento, não disse nada a respeito. Acho que gosto dela.

1º de novembro – Uma semana desde que ousei escrever de novo. Não sei pra onde o tempo vai. Hoje é domingo eu sei porque consigo ver pela janela as pessoas indo pra igreja do outro lado da rua. Acho que fiquei deitado na cama a semana toda, mas me lembro da sra. Mooney me trazendo comida algumas vezes

e perguntando se eu estava doente.

O que vou fazer comigo mesmo? Não posso ficar por aqui sozinho olhando pela janela. Tenho que tomar controle de mim. Sigo dizendo de novo e de novo que tenho que fazer algo mas então me esqueço ou talvez seja só mais fácil não fazer o que digo que vou fazer.

Ainda tenho alguns livros da biblioteca mas muitos deles são difíceis demais pra mim. Eu leio muitas histórias de mistério agora e livros sobre reis e rainhas de tempos passados. Li um livro sobre um homem que pensava que ele era um cavaleiro e saiu por aí com um cavalo velho e seu amigo. Mas não importava o que ele fizesse, ele sempre acabava apanhando e ficando machucado. Como quando ele pensou que moinhos de vento fossem dragões. No começo achei que era um livro meio bobo porque se ele não era maluco ele conseguia ver que os moinhos não eram dragões e que não existe nada de feiticeiras e castelos encantados mas então eu me lembrei que tinha outra coisa que tudo aquilo devia significar alguma coisa que a história não dizia só apontava. Como se tivesse outros significados. Mas eu não sei quais. Isso me deixou bravo porque acho que eu costumava saber. Mas estou mantendo minhas leituras e aprendizagem de novas coisas todos os dias e sei que isso vai me ajudar.

Sei que deveria ter escrito uns relatórios de progresso antes disso pra que saibam o que está acontecendo comigo. Mas escrever é mais difícil. Tenho que procurar até mesmo palavras simples no dicionário agora, e isso me deixa bravo comigo mesmo.

2 de novembro – Esqueci de colocar no relatório de ontem sobre a mulher do edifício do outro lado da rua um andar pra baixo. Eu vi ela pela janela da cozinha semana passada. Não sei seu nome, e nem como é a aparência dela na parte de cima mas toda noite em torno de 23 horas ela entra no banheiro pra tomar banho. Ela nunca baixa a veneziana e pela janela quando apago minhas luzes consigo ver ela do pescoço pra baixo quando ela sai do banho pra se secar.

Isso me deixa excitado, mas quando a mulher apaga a luz eu me sinto desapontado e solitário. Eu queria poder ver qual é a aparência dela às vezes, se ela é bonita ou o quê. Sei que não é legal assistir uma mulher quando ela está assim mas não consigo evitar. De qualquer forma que diferença faz pra ela se ela

não sabe que estou assistindo.

São quase 23h. Hora do banho dela. Então é melhor eu ir ver...

5 de nov – A sra. Mooney está muito preocupada comigo. Ela diz que o jeito como fico deitado o dia inteiro não fazendo nada lembra ela do filho dela antes de ela colocar ele pra fora de casa. Ela disse que não gosta de vagabundos. Se estou doente é uma coisa mas se sou vagabundo isso é outra coisa e ela não tem nada que fazer comigo. Eu disse pra ela que achava que estava doente.

Tento ler um pouco todos os dias, na maioria histórias, mas às vezes tenho que ler a mesma coisa de novo e de novo porque não sei o que quer dizer. E é difícil escrever. Eu sei que deveria procurar todas as palavras no dicionário, mas estou tão cansado o tempo inteiro.

Então tive a ideia de que só vou usar as palavras fáceis em vez das palavras compridas e difíceis. Isso gasta menos tempo. Está ficando frio na rua mas eu ainda boto flores no túmulo de Algernon. A sra. Mooney pensa que sou bobo de colocar flores no túmulo de um rato mas eu disse pra ela que Algernon era um rato especial.

Fui até a casa de Fay do outro lado do corredor para fazer uma visita. Mas ela me mandou ir embora e não voltar. Ela colocou uma nova tranca na porta.

9 de nov – Domingo de novo. Não tenho nada pra me ocupar agora porque a TV está quebrada e eu fico esquecendo de mandar consertar. Acho que perdi o cheque da universidade desse mês. Eu não me lembro.

Tenho dores de cabeça péssimas e aspirina não parece ajudar. A sra. Mooney agora acredita que estou realmente doente e ela sente muito por mim. Ela é uma mulher incrível sempre que alguém está doente. Está ficando frio na rua então tenho que usar dois suéteres.

A senhora do outro lado da rua baixa a veneziana agora, então não posso mais assistir ela. Que azar o meu.

10 de nov – A sra. Mooney chamou um médico estranho pra me ver. Ela estava com medo que eu fosse morrer. Eu disse pro médico que não estava doente e que só me esqueço às vezes. Ele perguntou se eu tinha amigos ou parentes e eu disse

não não tenho nenhum. Eu disse pra ele que antes tinha um amigo chamado Algernon mas ele era um rato e a gente costumava correr corridas juntos. Ele olhou pra mim meio engrassado como se pensasse que eu era maluco.

Ele sorriu quando eu contei pra ele que costumava ser um gênio. Ele falou comigo como se eu fosse um bebê e ele piscou pra sra. Mooney. Fiquei bravo porque ele estava tirando sarro de mim e rindo de mim e eu botei ele pra fora e tranquei a porta.

Acho que sei por que tenho tido tanto azar. Porque perdi meu pede coelio e minha feradura. Tenho que consiguir um outro pede coelio rápido.

11 de nov – O doutor Strauss veio até a porta hoje e Alice tambéim mas eu não deixei eles entrarem. Eu disse pra eles que não queria que ninguém me visse. Quero ficar em paz. Depois a senhora Mooney veio com um pouco de comida e ela me disse que eles pagaram o aluguel e deixaram dinheiro pra ela comprar comida e qualquer coisa que eu precisasse. Eu disse a ela que não queria mais usar o dinheiro deles. Ela disse que dinheiro é dinheiro e alguém tem que pagar ou vou ter que botar você pra fora. Então ela disse por que eu não arranjo um emprego em vez de ficar parado sem fazer nada.

Eu não sei fazer nenhum trabalho depois do trabalho que costumava ter na padaria. Não quero voltar lá por que todos eles me conheciam quando eu era esperto e talvez eles vão rir de mim. Mas eu não sei onde mais conseguir dinheiro. E eu quero pagar por tudo sozinho. Sou forte e consigo trabaliar. Se eu não conseguir me cuidar, vou pra Warren. Não quero caridadi de ninguém.

15 de nov – Estava olhando uns relatórios de progresso antigos e é muito estranho mas não consigo ler o que escrevi. Consigo identificar algumas das palavras mas elas não fazem sentido. Eu acho que escrevi elas mas não me lembro muito certo. Fico cansado muito rápido quando tento ler alguns dos livros que comprei na farmácia. Esseto os que tem fotos de meninas bonitas. Gosto de olhar pra elas mas tenho sonhos engraçados com elas. Não é legal. Não vou mais comprar elas. Vi em um desses livros que eles tem um pó mágico que pode te deixar forte e inteligente e fazer um monte de coisa. Acho que vou mandar dinheiro pelo correio e compra um pouco pra mim.

16 de nov – Alice veio de novo mas eu disse vai embora não quero ver você. Ela choro e eu chorei tambéim mas eu não quis deixar ela entrar porque não queria que ela tirasse saro de mim. Eu disse pra ela que não gostava mais dela e não queria mais ser esperto. Mas isso não é verdade. Eu ainda amo ela e ainda quero ser intelijente mas eu tinha que dizer isso pra ela ir embora. A senhora Mooney me contou que Alice trousse um pouco mais de dinheiro pra cuida de mim e do aluguel. Não quero isso. Tenho que arranjar um emprego.

Por favor... por favor... não mim deixe esquecer como le e escreve...

18 de nov – O senhor Donner foi muito gentil quando voltei e pidi pra ele meu antigo emprego na padaria. Primeiro ele ficou meio suspeitu mas eu disse pra ele o que aconteceu comigo e então ele parecia muito triste e colocou a mão no meu ombro e disse Charlie você tem culhão.

Todu mundo olhou pra mim quando desci as escadas e comecei a trabalhar limpando o banheiro como costumava. Eu disse pra mim mesmo Charlie si eles tirarem saro de você não fique chateado por que você se lembra que eles não são tão intelijentes como você costumava achar que eles eram. E além disso eles foram uma vez seus amigos e se eles riam de você isso não significa nada porque eles gostavam de você tanbém.

Um dos homens que veio trabaliar lá depois que fui em bora o nome dele é Meyer Klaus fez uma coisa ruim comigo. Ele chegou perto de mim quando eu estava carregando os sacos de farinha e ele disse ei Charlie ouvi diser que você é um cara muito inteligente um sabi tudo mesmo. Diga alguma coisa intelijente. Eu me senti mal porque conseguia ver pelo jeito que ele falava que ele estava tirando saro de mim. Então eu segui trabaliando. Mas então ele se aprossimou e me pegou pelo braço com força e gritou comigo. Quando eu falo com você garoto é melhor você ouvir. Ou eu posso quebrar seu braço pra você. Ele torceu meu braço então doeu e eu fiquei assustado que ele ia quebrar como disse que ia. Fiquei tão assustado que achei que ia chora mas não chorei e então eu tive que ir no banheiro uma coisa ruim. Meu estomago estava todo se revirando dentro de mim como se eu fosse espludir senão fosse naquele mesmo momento... porque eu não conseguia segurar.

Eu disse pra ele por favor me deixa ir tenho que ir no banheiro mas ele estava

só rindo de mim e eu não sabia o que fazer. Daí comecei a chorar. Me deixa ir. Me deixa ir. E então eu fiz. Eu fiz tudo nas calças e cheirava mal e eu estava chorando. Ele me soltou e fez uma cara de nojo e ele parecia assustado. Ele disse pelamordedeus eu tava só brincando Charlie.

Mas então Joe Carp entrou e pegou Klaus pela camisa e disse deixa ele em paz seu filho da mãe folgado ou vou quebrar seu pescoço. Charlie é um bom garoto e ninguém vai inventa nada com ele sem responder por isso. Eu me senti envergonhado e corri pro banheiro pra me limpar e trocar de ropas.

Quando voltei Frank estava lá tambéim e Joe estava contando pra ele sobre o que tinha acontesido e Gimpy entrou e eles contaram pra ele a história e ele disse que tinham que se livrar de Klaus. Eles iam contar pro senhor Donner pra demitir ele. Eu disse pra eles que não achava que ele devia ser demitido e ter que arranjar outro emprego porque ele tinha uma esposa e um filho. E além disso ele disse que sentia muito pelo que tinha feito. E eu me lembro de como eu fiquei triste quando fui demitido da padaria e tive que ir embora. Eu disse que Klaus meresia uma segunda chance porque agora ele não ia faze mais nada ruim comigo.

Mais tarde Gimpy se aproximou mancando na perna ruim e ele disse Charlie se alguém te incomodar ou tenta tirar vantagem de você chame eu ou o Joe ou o Frank e nós vamos dar um geito nele. A gente quer que você lembre que tem amigos aqui e nunca se esqueça disso. Eu disse obrigado Gimpy. Isso faz eu me sentir bem.

É bom ter amigos...

21 de nov – Fiz uma coisa burra hoje eu me esqueci que não estava mais na aula da profª. Kinnian no centro pra adultos como eu costumava estar. Eu entrei e sentei no meu lugar antigo no fundo da sala e ela me olhou engrassado e disse Charlie onde você estava. Então eu disse olá senhora Kinnian estou pronto pra minha lissão hoje mas eu perdi o livro que a gente tava usando.

Ela comessou a chorar e correu pra fora da sala e todo mundo olhou pra mim e eu vi que muitos deles não eram as mesmas peçoas que estavam na minha aula antes.

Então do nada eu me lembrei umas coisas sobre a operação e eu ficando

esperto e disse minha nossa eu realmente dei uma de Charlie Gordon naquela vez. Eu fui embora antes de ela voltar pra sala.

É por isso que estou indo embora daqui pra sempre pra escola da Residência Warren. Não quero que nada assim aconteça comigo denovo. Não quero que a senhora Kinnian sinta pena di mim. Sei que todo mundo senti pena de mim na padaria e não quero isso tambéim então vou pra um lugar onde tem um monte de gente como eu e ninguém liga que Charlie Gordon já foi um jênio e agora ele nem consegui le um livro ou escreve direito.

To levando uns livros comigo e mesmo que eu não sei ler eles vou pratica muito e tal ves um dia ainda ficar um pouquinio mais esperto do que era antes da operassão sem uma operassão. Tenho um novo pede coelio e moeda da sorte e até um pouco daquele pó e tal vez eles me ajudem.

Si você ler isso algum dia senhora Kinnian não sinta pena de mim. Estou filiz que tive uma segunda chanse na vida como você disse pra ser intelijente por que aprendi muintas coisas que nunca nem sabia que existiam nesse mundo e me sinto grato de ter visto tudo nem que seja um poquinho. E estou felis que descubri tudo sobre minha familia e eu. Era como se eu nem tivesse uma familia até eu me lembrar deles e ver eles e agora eu sei que tinha uma família e era uma peçoa quinem todu mundo.

Não sei por que sou burro denovo ou o que que fiz erado. Tal vez seja por que não tentei com vontade sufisiente ou porque alguém botou mau oliado em mim. Mas si eu tenta e pratica muito mesmo tal vez eu fique um poco mais in telijente e vo saber o que são todas as palavras. Eu me lembro um poco de como me sentia bem com o livro azul que eu li com a capa rasgada. E quando fexo os olhos penso no homem que rasgo o livro e eli paresse comigo só que ele paresse diferenti e ele fala diferenti mas eu não axo que sou eu porque é como ver ele da janela.

De qualquer forma é por iço que vou tenta continua ficando intelijente pra eu poder ter aquela sensassão boua de novo. É bom sabe coisas e se intelijente e eu quiria sabe tudo que esiste nu mundo intero. Eu quiria pode ser intelijenti de novo agora mês mo. Se eu pudesse eu ia missentar e le o tempo inteiro.

De qualque forma aposto que sou a primera peçoa bura no mundo que discobriu algo importante pra siência. Eu fiz algo mas não lembro o que. Intão

axo que é como se eu tivesse feito isso pra todas as peçoas buras como eu na residênsia Warren e em todu mundo.

A deus professora Kinnian e dotor Strauss e todo mundo...

P.S. porfavor digam pro professor Nemur não ser tão mau umorado quando as peçoas riem dele e ele vai ter mais amigos. É fásil ter amigos si você dexa as peçoas rirem de você. Vo faze muitos amigos onde vou.

P.S. porfavor si você tive uma opoturnidadi colo qui umas flores no tumulo du Algernon nu quintau.

Sobre o autor

Nascido no Brooklyn, em Nova York, Daniel Keyes foi graduado e mestre pela Brooklyn College. Publicou oito livros, e o seu maior sucesso foi *Flores para Algernon*, com mais de 5 milhões de cópias vendidas. Também trabalhou como comerciante marinho, editor, professor de ensino médio e professor universitário na Universidade de Ohio, onde foi condecorado como Professor Emérito em 2000. Ganhou os prêmios Hugo e Nebula por seu trabalho como escritor e, em 2000, foi escolhido como Autor Emérito pela Science Fiction and Fantasy Writers of America (Escritores de Ficção Científica e Fantasia da América). Faleceu em 2014.

FLORES PARA ALGERNON

TÍTULO ORIGINAL:
Flowers for Algernon

COPIDESQUE:
Tássia Carvalho

REVISÃO:
Giselle Moura
Hebe Ester Lucas
Pausa Dramática

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Desenho Editorial

CAPA:
Adalis Martinez

DIREÇÃO EXECUTIVA:
Betty Fromer

DIREÇÃO EDITORIAL:
Adriano Fromer Piazzi

EDITORIAL:
Daniel Lameira
Bárbara Prince
Andréa Bergamaschi
Renato Ritto

COMUNICAÇÃO:
Luciana Fracchetta
Pedro Henrique Barradas
Leandro Saioneti

COMERCIAL:
Lidiana Pessoa
Roberta Saraiva
Ligia Carla de Oliveira
André Castilho

FINANCEIRO:
Roberta Martins
Sandro Hannes

Copyright © Daniel Keyes, 1966, 1959 e copyright renovado
© Daniel Keyes, 1994, 1987
Copyright © Editora Aleph, 2018
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
VAGNER RODOLFO CRB-8/9410

K44f Keyes, Daniel
Flores para Algernon [recurso eletrônico] / Daniel Keyes ; traduzido por Luisa Geisler. - São Paulo : Aleph, 2018.
288 p. : ePUB ; 1,43 MB.

Tradução de: Flowers for Algernon
ISBN: 978-85-7657-399-9 (Ebook)

1. Literatura norte-americana. 2. Ficção científica. I. Geisler, Luisa. II. Título.

2018-802 CDD 813.0876
CDU 821.111(73)-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura : Ficção Norte-Americana 813.0876
2. Literatura norte-americana : Ficção 821.111(73)-3

EDITORA ALEPH

Rua Tabapuã, 81, cj. 134
04533-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br



Eu, robô

Asimov, Isaac
9788576572039
320 páginas

Compre agora e leia

Sensíveis, divertidos e instigantes, os contos de Eu, robô são um marco na história da ficção científica, seja pela introdução das célebres Leis da Robótica, pelos personagens inesquecíveis ou por seu olhar completamente novo a respeito das máquinas. Vivam eles na Terra ou no espaço sideral; sejam domésticos ou especializados, submissos ou rebeldes, meramente mecânicos ou humanizados,

os robôs de Asimov conquistaram a cabeça e a alma de gerações de escritores, cineastas e cientistas, sendo até hoje fonte de inspiração de tudo o que lemos e assistimos sobre essas criaturas mecânicas. Verdadeiro marco na história da ficção científica, "Eu, robô" reúne os primeiros textos de Isaac Asimov sobre robôs, publicados entre 1940 e 1950. São nove contos que relatam a evolução dos autômatos através do tempo, e que contêm em suas páginas, pela primeira vez, as célebres Três Leis da Robótica: os princípios que regem o comportamento dos robôs e que mudaram definitivamente a percepção que se tem sobre eles na literatura e na própria ciência.

Compre agora e leia



Cama de gato

Vonnegut, Kurt
9788576573883
280 páginas

Compre agora e leia

Cama de Gato, clássico do reverenciado autor Kurt Vonnegut, é uma divertida sátira do homem moderno e de suas loucuras. As desventuras de seu protagonista começam quando ele decide escrever um livro sobre o dia do bombardeio em Hiroshima. Em sua pesquisa sobre o inventor da bomba atômica, o escritor entrevista diversas pessoas que conviveram com o cientista, e essas

interações o fazem descobrir histórias e lugares inusitados e conhecer personagens cômicos. Guiada por uma controversa religião fictícia cheia de ensinamentos sarcásticos, sua narrativa fala sobre moral, ciência, política, e o fim do mundo. O humor de Vonnegut é subversivo e incômodo. Com seu estilo inigualável, ele criou, em Cama de gato, a mais peculiar ficção apocalíptica já escrita.

Compre agora e leia



As Brigadas Fantasma

SCALZI, JOHN
9788576573784
376 páginas

Compre agora e leia

Na continuação do premiado livro Guerra do Velho, a tenente Jane Sagan descobre uma armadilha sendo tramada contra a humanidade e um plano para a subjugação e a erradicação de sua espécie inteira. É um genocídio planejado detalhadamente com base na cooperação, até então inédita, entre três raças. E um ser humano. Para lidar com essa trama, as Brigadas Fantasma, com soldados que já nascem com o propósito de proteger a raça humana, precisam entrar em ação.

Passando por conflitos de identidade, mas com um forte senso de companheirismo, esses soldados serão liderados por Jane Sagan, que precisa impedir uma guerra entre espécies enquanto lida com um fato preocupante: em meio a suas fileiras, pode haver um traidor. Com a escrita dinâmica, leve e inteligente característica de John Scalzi, As Brigadas Fantasma discute questões éticas e de identidade enquanto envolve o leitor na história de uma grande conspiração política e bélica.

Compre agora e leia



Cultura da Conexão

Jenkins, Henry
9788576572541
408 páginas

Compre agora e leia

Essa máxima simples, mas definitiva, norteia a análise de três renomados pensadores atuais da mídia moderna - entre eles Henry Jenkins, autor do referencial Cultura da Convergência (Aleph) - sobre o futuro da circulação de conteúdo nos meios de comunicação social e digital. Vivemos uma mudança de paradigma na mídia: a passagem de uma mentalidade regulada pela lógica da radiodifusão, que dominou todo o século 20, para outra em que o controle sobre

a produção e a distribuição cultural já não é tão rígido; uma nova proposição que permite e valoriza o engajamento das audiências. Hoje, as pessoas não se limitam ao simples papel de consumidor. Discutem, reagem, espalham seus interesses e críticas pelas diferentes modalidades de mídia. Querem ser ouvidas, atendidas, recompensadas. Entre as muitas possibilidades dessa cultura cada vez mais ligada em rede, há pelo menos uma grande certeza: será mais bem-sucedido quem souber lidar melhor com as aspirações e desejos de um público ávido por participar e opinar.

Compre agora e leia



A Arte de Fazer Escolhas

Burlamaqui, Louis
9788576572527
232 páginas

Compre agora e leia

A Arte de Fazer Escolhas reúne mais de 10 anos de estudo e treinamento em processos de aprendizagem de Louis Burlamaqui no Brasil e no exterior. O autor nos apresenta assuntos complexos, que envolvem física e mecânica quântica, de forma simples e direta para serem aplicados no dia a dia. Em textos que funcionam como ensinamentos, o leitor é convidado a repensar sua maneira de

encarar a vida, aprendendo a ter uma atitude mais positiva e a fazer escolhas assertivas. Em um mundo cada vez mais competitivo, as dicas de Louis são de grande utilidade prática e irão "conversar com a alma" dos leitores

Compre agora e leia